



SUSANA VARELA FLOR
PEDRO FLOR

PINTORES
DE LISBOA

Séculos XVII-XVIII
A Irmandade de S. Lucas

SCRIBE

PINTORES DE LISBOA

Séculos XVII-XVIII

A Irmandade de S. Lucas

SUSANA VARELA FLOR

PEDRO FLOR

O presente livro *Pintores de Lisboa do século XVII e XVIII – a Irmandade de S. Lucas* trata do universo de artistas que laborou nesta cidade e que se dedicou à arte da pintura e à prática do *debuxo*. Desde pintores nascidos e formados nas principais oficinas da capital até estrangeiros que estanciaram ou se fixaram no nosso país, atraídos pela oportunidade de trabalhar para a Coroa portuguesa, detentora de um vasto Império, todos satisfizeram encomendas para a clientela lisboeta, ávida pelo consumo de obras de arte. Em comum, artistas nacionais e estrangeiros tiveram a devoção ao Santo Patrono, o Evangelista S. Lucas, cuja confraria instituída no antigo Mosteiro da Anunciada regulou, por quase dois séculos, a actividade de pintores de cavalete, de brutescos, de dourado, de quadratura, de azulejo, de iluminura e dos demais ofícios relacionados com a arte do desenho. As fontes documentais subjacentes à realização deste livro encontram-se à guarda da Academia Nacional de Belas-Artes, que já tinham conhecido uma primeira publicação em 1931, de autoria do Coronel Garcez Teixeira. Considerando que tal obra apresentava apenas extractos da informação contida nesse fundo documental, tornava-se imperiosa a publicação da história da Irmandade ainda inédita, numa versão mais completa e alargada, no ano em que a Academia Nacional de Belas-Artes completa 180 anos de existência.

PINTORES DE LISBOA

Séculos XVII-XVIII
A Irmandade de S. Lucas

SUSANA VARELA FLOR
PEDRO FLOR

PINTORES DE LISBOA

Séculos XVII-XVIII
A Irmandade de S. Lucas

SCRIBE

À memória de
Cyrillo Volkmar Machado,
Pedro Alexandrino de Carvalho
e
Francisco Augusto Garcez Teixeira

FICHA TÉCNICA

AUTORIA

Susana Varela Flor
Pedro Flor

REVISÃO

Fernando Milheiro

DESIGN

TVM Designers

IMPRESSÃO

AGIR – Produções Gráficas Lda.

ISBN 978-989-8410-54-2

DEPÓSITO LEGAL 403364/16

© dos autores

© Scribe, Produções Culturais, Lda.

Rua Miguel Lupi, 12D

1200-275 Lisboa

info@scribe.pt

www.scribe.pt

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais
através da FCT – Fundação para a Ciência e a
Tecnologia no âmbito do Projecto Estratégico.
UID/PAM/00417/2013



CAPA

Eugénio Frias Serrão

Compromisso da Irmandade de São Lucas

Frontespício

Século XVII [1609]

Pintura a têmpera sobre pergaminho

A. 33,4 × L. 25cm

Museu Nacional de Arte Antiga

Inv. 23/I Ilum

Fotografia: Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de
Documentação Fotográfica (DGPC/ADF) – Carlos Monteiro, 1994

ÍNDICE

PREFÁCIO	8
INTRODUÇÃO	13
I. A IRMANDADE DE S. LUCAS – BREVE ESTADO DA QUESTÃO	17
II. REVER A OBRA A IRMANDADE DE S. LUCAS (1931) DE GARCEZ TEIXEIRA. UMA NECESSIDADE HISTORIOGRÁFICA?	18
III. O MOSTEIRO DA ANUNCIADA E A FUNDAÇÃO DA IRMANDADE DE S. LUCAS: SOB A PROTECÇÃO DA CASA DOS CONDES DE ERICEIRA E DOS CONDES DE LINHARES	25
IV. A IDOLATRIA OU A SOMBRA DA PINTURA	35
V. D. LUÍS DE MENEZES, 3.º CONDE DE ERICEIRA	37
VI. AS ACADEMIAS LITERÁRIAS: OS SINGULARES E OS GENEROSOS	41
VII. FÉLIX DA COSTA MEESEN (1638-1712)	45
VIII. A IRMANDADE DEPOIS DE 1712	49
IX. ORGÂNICA E FUNCIONAMENTO DA IRMANDADE DE S. LUCAS	53
X. A COBRANÇA DE ESMOLAS E A CONCESSÃO DE EMPRÉSTIMOS	56
XI. PARCERIAS DE TRABALHO	58
XII. INTERCOMUNICABILIDADE ARTÍSTICA	61
CONCLUSÃO	64
ANEXOS	
1. Lista da composição das Mesas da Irmandade de S. Lucas	66
2. Registo das entradas na Irmandade de S. Lucas	96
3. Notas sobre alguns pintores da Irmandade de S. Lucas	128
4. Regimentos da Irmandade de S. Lucas de 1681 e 1706	164
5. Registo da colecta de esmolos nos Bairros da Irmandade de S. Lucas	166
ÍNDICE ONOMÁSTICO	177
BIBLIOGRAFIA	196

PREFÁCIO

Como a investigação no domínio da Arte só é plenamente exequível com o contributo das instituições guardiãs das fontes documentais – os Arquivos – em que aquela se baseia para construir a sequência histórica, quando foi apresentada à Academia, pelos Doutores Susana Varela Flor e Pedro Flor, o pedido de autorização de consulta da documentação relativa à Irmandade de S. Lucas, de imediato não só deferi como reconheci interesse nacional no projecto de edição.

A estreita relação entre a Irmandade e a Academia assim o justificou porque a Irmandade, num crescendo de exigência quer no recrutamento de artistas e no estabelecimento de hierarquias e de funções, quer na preocupação com o ensino qualificado ou com a disciplina e ética profissionais, lutou para alcançar todos os objectivos que viriam a constar dos estatutos da Academia de Belas Artes de Lisboa, cerca de três décadas antes desta ser criada, em 1836, à excepção dos que se enquadravam no contexto de cariz religioso e caritativo de Setecentos, mas não já no espírito liberal em que esta surge.

Cyrillo Volkmar Machado, o grande cronista e crítico de arte *avant-la-lettre*, numa tentativa de modernização da Irmandade que «contentasse a todos», recorda (na «Advertência» escrita em 1808) que «sempre desejou muito que os Pintores Portugueses tivessem huma Academia da Arte, como tem os de todas as naçoens polidas». Estavam por ele, delineados, conjuntamente com Pedro Alexandrino, os novos rumos académicos, sem que no entanto as convulsões políticas permitissem que fossem cumpridos pela sua geração.

Se o Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa foi o primeiro beneficiado com a reabertura da Biblioteca Histórica da Academia esta decisão ficará também associada a idêntica autorização concedida posteriormente a outros investigadores que, nalguns casos, aguardavam há duas décadas que a documentação fosse facultada para benefício de dissertações de mestrados e doutoramentos suspensos apenas por esse motivo.

Quebrou-se deste modo um silêncio soturno, por decisão da actual «Mesa» eleita em Novembro de 2014, retomando a Academia esta função que entre outras lhe incumbe em prol da Cultura, como organismo público, honrando compromissos estatutários. Decisão tanto mais significativa quando se completam 180 anos de fundação, pela Rainha D. Maria II, coadjuvada pelo Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Passos Manuel.

São por conseguinte devidos os agradecimentos da Academia, com plena justiça, ao referido Instituto, aos Autores do estudo e a quantos com estes colaboraram, assim como ao Dr. Manuel de Bragança e ao Dr. Pedro Maria de Alvim pela disponibilidade em promoverem a edição, com a exigência científica e a qualidade gráfica habituais da Scribe, Produções Culturais, Lda.

NATÁLIA CORREIA GUEDES

Presidente da Academia Nacional de Belas Artes

«Contudo quero vos propor o que em sonhos esta noite passada se me representou: Parecia-me estar vendo o Presepio de Belem e achar-me nele (...). Estava o nosso pintor S. Lucas, que eu logo conheci pella sua Victima Sacerdotal que inseparavelmente o acompanha e julguei que estava oferecendo o pincel, que na mão tinha, à Virgem Sereníssima Senhora Nossa & a Senhora metia-lhe na outra mão, uma pena de escrever muito bem aparada e dourada. Junto a ele se me representou hum galhardíssimo e fermosíssimo mancebo com os pés descalços, a cabeça descuberta, sem venda nos olhos, vestido de roupas pobres que assim está mais honesto e mais vem a significar o mesmo que os antigos deram a entender com o despirem que é a liberalidade, o lado aberto, na testa umas letras, que dizia ver hyems, por baixo do coração outras, vita mors, na bordadura do vestido estas, longe, prope. E tinha na mão também um pincel com prevenção, palheta e tintas para pintar a óleo. E estava com os olhos fitos e pregados no Menino Jesus como quem o pretendia retratar; logo me dei a entender que era o Amor Divino, que foi o soberano Apeles, que na instituição do Divínissimo Sacramento nos deixou feito um vivo e natural retrato da morte e paixão de Cristo Senhor Nosso. Pois Padre, e desdo Presépio de Belem começou o divino Amor essa Pintura? O pois não sabem que Belem domus panis interpretatur, & que se pode por esta questão, chamando se Belem casa do pão se quis o Verbo Eterno que primeiro o considerássemos nascido, se sacramentado, e que já então aquelas faixas e mantilhas infantis que o cobrião estavam simbolizando aquelas espécies sacramentais, que no lo escondem? Todas são imaginações colhidas de Santos & a Virgem Senhora Nossa dando a pena a São Lucas significa aver sido a Virgem Santíssima particularmente a Mestra de Sam Lucas e que lhe ensinou o que devia escrever (...) E o mistério de São Lucas, estar oferecendo á Virgem Santíssima o seu pincel, que vem a inculcarmos? Mostra o ser na verdade Sam Lucas o Chronista per excellencia & como automaticamente da infância de Christo Senhor Nosso, & das cousas della e das virtudes, & das prerrogativas da Senhora, & e assim falou de rodas as miudezas, do nascimento & infância de Christo, que parece escrevia pintando ou pintava escrevendo & por isso a Virgem Serenissima lhe entregava a pena & elle comedida, se afectuosamente lhe ostentava o pincel.»

Sermão que pregou o P. Fr. Thomas Aranha Religioso da Ordem dos Pregadores e Mestre em Sancta Theologia na Igreja D'Anunciada de Lisboa. Dia do Glorioso Evangelista S. Lucas no anno de 1644 estando o Divínissimo Sacramento Exposto.

INTRODUÇÃO

Desde há muito que solicitávamos autorização para prospectar o fundo documental da antiga Irmandade de S. Lucas na igreja do Convento da Anunciada em Lisboa, à guarda da Biblioteca da Academia Nacional de Belas-Artes. As circunstâncias permitiram-nos finalmente consultar tal manancial de informação, de modo a colmatar lacunas históricas que necessitávamos para a conclusão do projecto de investigação, sediado no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, intitulado «Lisbon in Tiles before 1755 earthquake» (PTDC/EAT-EAT/099160/2008) e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Esta oportunidade só se concretizou, graças à inextinguível boa vontade e visão da Prof.^a Doutora Natália Correia Guedes, a quem agradecemos penhoradamente. De igual modo, para a prossecução desta tarefa afigurou-se fundamental o apoio prestado pela Dr.^a Teresa Catarina Figueiredo, além da Dr.^a Andreia Cunha da Silva e o Dr. Pedro Gaurim Fernandes, no manuseamento de parte dos livros pertencentes ao fundo.

O contacto directo com as fontes primárias, passo primordial obrigatório numa investigação em História da Arte, e a comparação com a obra de 1931 de Francisco Augusto Garcez Teixeira, intitulada *A Irmandade de S. Lucas – Estudo do seu Arquivo*, cedo nos revelaram inúmeras discrepâncias e omissões pelo que a publicação deste livro tornou-se para nós um imperativo de consciência. O estado frágil em que se encontra a documentação e o reduzido acesso ao seu manuseamento, motivado pelo estado de conservação, estimularam-nos a reconstituir os elencos das Mesas eleitas em cabido entre 1637-1793, bem como a aprofundar a investigação em torno da vida e obras dos pintores activos em Lisboa nos séculos XVII e XVIII.

Na impossibilidade de consultar convenientemente todo o espólio do arquivo da Irmandade, o nosso principal objectivo foi o de recolher o maior número possível de informações, para que o entendimento sobre a corporação dos pintores do Barroco ajudasse ao real avanço científico. Para o efeito, tivemos a oportunidade de cruzar dados diversos, entre as fontes arquivísticas do Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, da Biblioteca da Ajuda, da Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga, da Biblioteca Nacional de

Portugal e da Torre do Tombo e a vasta bibliografia disponível (artigos de revistas, livros e teses académicas).

O presente livro foi estruturado em duas partes: uma primeira de carácter introdutório, onde se (re)faz a história da Irmandade de S. Lucas na Anunciada, salientando-se os principais momentos, intervenientes e dinâmicas; uma segunda parte complementar, na qual se integraram em anexo a constituição das Mesas, a lista dos assentos dos irmãos na confraria, as notas sobre alguns pintores mais relevantes para a história da pintura em Portugal, os regimentos aduzidos ao *Compromisso de 1609*, as informações contidas nos canhenhos do arquivo sobre a colecta de esmolas pelos Bairros de Lisboa e, por último, a bibliografia de apoio à execução da investigação. A prospecção efectuada incidiu sobretudo na segunda metade do século XVII e o primeiro terço do século XVIII, derivado do projecto que temos em mãos, razão pela qual se verifica um maior investimento da nossa parte nesse período cronológico. A quantidade de estudos que se conhece sobre o século XVIII e o contributo prestado por Cyrillo Volkmar Machado nas *Memórias* ajudam a entender melhor a centúria de Setecentos, o que não acontece com a antecedente. Por este motivo, as notas sobre alguns pintores foram mais desenvolvidas do que outras. Além disso, deparámo-nos com dois problemas: a ausência documental para o período cronológico 1602-1637, penalizadora para o estudo da época, bem como a questão das homonímias entre pintores e artistas que nem sempre foi possível dirimir.

Apesar de tudo, a obra agora dada à estampa contempla a totalidade da baliza cronológica da actividade da confraria de S. Lucas, desde 1602 até 1793, e a investigação à volta do seu acervo de memórias. Não invalida, porém, a continuidade da consulta da obra de Garcez Teixeira de 1931, sobretudo no que concerne à descrição do espólio, à leitura do compromisso e escrituras fundacionais e à história da Irmandade narrada por Cyrillo.

Este trabalho não teria sido possível se não resultasse de um esforço de parcerias. Gostaríamos de agradecer por isso a todos os colegas que aceitaram participar no Seminário «Irmãos por devoção: Artistas e relações de trabalho no tempo da Irmandade (séculos XVI-XVIII)», organizado por nós no Instituto de História da Arte (FCSH/NOVA), em 14 de Setembro de 2015: Dr. Celso Mangucci, Dr. Hugo Crespo, Dr. Pedro Gaurim Fernandes e Profs. Doutores Isabel Mendonça, Miguel Figueira de Faria, Sandra Costa Saldanha, Maria João Pereira Coutinho e Sílvia Ferreira. A estas duas últimas colegas, também investigadoras no projecto «Lisbon in Tiles before

1755 earthquake», demonstramos o nosso reconhecimento pela (assídua) partilha documental.

Ao Instituto de História da Arte, nas pessoas da sua Directora (Prof.^a Doutora Raquel Henriques da Silva) e Comissão Executiva (Dr.^a Ana Paula Louro e Dr.^a Mariana Gonçalves) o nosso agradecimento por todo o apoio concedido para que esta obra fosse publicada. À Dr.^a Ana Celeste Glória, queremos retribuir a ajuda prestada na divulgação do Seminário acima mencionado e salientar a sua sempre disponibilidade.

À editora Scribe, nas pessoas dos Dr. Manuel de Bragança, Dr. Pedro Alvim e Dr. Miguel Cabral Moncada, deixamos o nosso reconhecimento pelo entusiasmo colocado no projecto que apresentámos, desejando que no futuro mantenha o interesse na edição de temas desta natureza.

À Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, os nossos agradecimentos sinceros pela autorização da consulta do espólio do fundo Luís Reis-Santos, em particular à Dr.^a Ana Paula Gordo, Dr.^a Constança Rosa e ao Dr. Carlos Morais.

Ao Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, deixamos uma menção especial pelas facilidades concedidas na consulta dos fundos paroquiais à sua guarda, em especial ao Dr. Ricardo Aniceto e à Dr.^a Teresa Ponces. Ao Museu Nacional de Arte Antiga, agradecemos o especial cuidado manifestado no apoio à nossa investigação pelo Prof. Doutor António Filipe Pimentel, pela Doutora Alexandra Markl e a Dr.^a Celina Bastos.

Aos amigos Leonor Santos Silva e André Jorge pelo apoio (constante) na língua italiana a propósito do pintor Feliciano de Almeida e Cosme de Medici. À Joana por todos os apoios. À Rita que acompanha sempre com muita vivacidade as investigações dos pais.

Uma palavra especial dirigida ao Prof. Doutor Vítor Serrão que revelou caminhos e cuja paixão pela História da Arte nos serve de estímulo, todos os dias.

Lisboa, 8 de Dezembro de 2015

A Irmandade de S. Lucas – breve estado da questão

A história da Irmandade de S. Lucas foi escrita no essencial através do laborioso trabalho de Cyrillo Volkmar Machado (1823), Francisco Augusto Garcez Teixeira (1631) e Vítor Serrão (1983). Ao primeiro devemos a protecção documental e a preservação da memória da corporação dos pintores, numa época em que se tentou revitalizar a Irmandade, após a decadência provocada pelo Terramoto de Lisboa de 1755. Para além disso, Cyrillo foi o primeiro autor a usar a informação contida no fundo de documentos daquela corporação de pintores para enriquecer a obra dada à estampa em 1823. Este facto é bem visível nos apontamentos feitos nos próprios livros da Irmandade (as encadernações ou as notas nos manuscritos dos séculos XVII e XVIII), partindo também da bibliografia disponível na Biblioteca do Convento de Mafra onde trabalhou para D. João VI.

Na qualidade de bibliotecário da Academia de Belas-Artes, Garcez Teixeira foi responsável pela transcrição parcial de algumas matérias contidas no fundo documental da Irmandade. Nas suas próprias palavras, alguns conteúdos não chegaram a ter estatuto de «transcrição», mas apenas de extracto, pelo que muito dessa informação apresenta-se, na actualidade, muito incompleta e desordenada. No entanto, Garcez Teixeira teve o mérito de proceder à publicação de fontes primárias (contratos de obrigação, compromissos, quitações, etc.) e a obra, entretanto publicada, permitiu a gerações de historiadores e interessados nesta matéria a obtenção de uma base, algo incompleta, para traçar a história da Irmandade.

Em 1983, Vítor Serrão dava à estampa a obra *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*, resultante da tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na qual procurou explicar a história da Irmandade de S. Lucas no quadro mais vasto do estatuto social do pintor e dos movimentos reivindicativos da elevação da pintura como arte liberal. Neste sentido, acrescentou novos documentos e dados biográficos dos artistas envolvidos na construção desta associação de profissionais e de apaixonados pelo exercício do debuxo.

Rever a obra *A Irmandade de S. Lucas* (1931) de Garcez Teixeira Uma necessidade historiográfica?

Quando em 1931, Francisco Augusto Garcez Teixeira publicou a obra acerca da Irmandade de S. Lucas, corporação lisboeta de artistas com actividade compreendida entre 1609 e 1793, dava início a um ciclo renovado no estudo sobre ***todos os pintores, assi de olio como de tempera, architectos, sculptores, iluminadores, ou outras quaisquer pessoas que professarem debuxo que quizerem ser irmãos desta Irmandade*** para citar o *Compromisso de 1609* (Teixeira, 1931). A herança historiográfica recebida por aquele autor remetia-o no essencial para o conhecimento biográfico dos artistas, seguindo a ancestral tradição de Giorgio Vasari com *Le Vitè* (1550-1568). No caso português, o trabalho desenvolvido pelos antecessores de Garcez Teixeira baseou-se na descrição das vidas de artistas que desenvolveram a sua acção nos séculos xv e xvi, ainda que pontualmente se encontrassem nestas, registos importantes para a compreensão do percurso biográfico de gerações posteriores.¹ Podemos, por isso, afirmar que o autor iluminava através da sua publicação um período histórico de certo modo ofuscado tanto pelo ciclo artístico dos Descobrimentos e da Expansão, como pelo Barroco de D. João V.

Socorrendo-se especialmente das *Memórias* de Cyrillo (1823) para entender melhor o contexto do aparecimento e organização da Irmandade de S. Lucas, sita outrora no antigo mosteiro dominicano da Anunciada em Lisboa, Garcez Teixeira centrou as atenções no estudo e na análise do fundo de arquivo, à guarda da Biblioteca da Academia Nacional de Belas-Artes.² Vale

¹ Recordemos por exemplo os testemunhos prestados por Francisco de Holanda na *Pintura Antiga* (1548); Félix da Costa Meesen na *Antiguidade da Arte da Pintura* (1696); Pellegrino Antonio Orlandi e Pietro Guarienti no *Abecedario Pittorico* (1753); José da Cunha Taborda na obra *Regras da Arte da Pintura de Prunetti* (1786) e na *Memoria dos mais famosos pintores portugueses...* (1815); Cyrillo Volkmar Machado na *Collecção de Memórias ...* (1823); Cardeal Saraiva em *Lista de artistas* (1839); Conde Raczyński em *Les arts en Portugal e Dictionnaire historique...* (1846-47); Sousa Viterbo em *Notícia de alguns pintores...* (1903-13) e Vergílio Correia em *Pintores portugueses...* (1928) entre outros.

² À data de 1931, o acervo intitulava-se Biblioteca do Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª Circunscrição. Só em 1932 é que passa a designar-se como Academia Nacional de Belas-Artes.

a pena sublinhar que a obra de 1931 não tinha o carácter de um estudo em profundidade sobre a Irmandade, com a identificação exaustiva dos seus membros, a determinação do modo de funcionamento ou a análise do calendário das festividades religiosas que marcavam o quotidiano dos confrades. Garcez Teixeira pretendia, acima de tudo, e apenas através de extractos documentais, dar a conhecer a relevância artística e cultural da Irmandade de S. Lucas entre 1609 e 1793 (datas do início e do fim da actividade), bem como a riqueza histórica do fundo arquivístico, fornecendo assim úteis informações biográficas sobre pintores (e não só) que pertenciam a esta importante confraria da capital.

A documentação relativa à Irmandade foi sumariamente inventariada por Garcez Teixeira, o que lhe viria a facilitar o desempenho de funções de bibliotecário na Academia entre 1930 e 1939. Tal arrolamento documental foi inserido na obra de 1931 e constitui ainda hoje um precioso instrumento de descrição para a consulta do espólio. Neste conjunto, datável dos séculos XVII e XVIII, cujo estado inspira cuidados redobrados devido às vicissitudes por que passou, acham-se vários livros e canhenhos encadernados, bem como um maço de documentos diversos, este último em particular mau estado de conservação pelo que não foi, infelizmente, incluído nesta publicação.³

Deste fundo documental fez parte ainda o *Compromisso da Irmandade*, manuscrito iluminado em 1609, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga, bem como o *Livro de Entradas na Irmandade (anno de 1791)*, hoje na Biblioteca Nacional de Portugal.⁴ Sobre as circunstâncias da entrada deste último espécime nesta Biblioteca, não conseguimos apurar nenhum elemento, mas o teor do códice em excelente estado de conservação não parece oferecer dúvidas quanto à sua proveniência.

³ Fazem parte do fundo documental os seguintes volumes: *Livro do Rezumo do velho compromisso e das memórias que existem na Irmandade de S. Lucas desde o anno de 1602 até 1790*; *Livro Original de todas as memórias da Irmandade de S. Lucas desde 1637 até 1790* (organizado por Cyrillo); *Livro dos assentos dos irmãos que prometeram guardar os estatutos desta Irmandade de S. Lucas* (1712); *Livro dos acordãos da Mesa* (1791 e seguintes) *Livro de Receita e Despesa de 1791*. Existem ainda sete canhenhos encadernados de apontamentos, entre os quais alguns dedicados ao registo da colecta de esmolas das várias circunscrições da cidade de Lisboa, como adiante se verá.

⁴ O *Compromisso da Irmandade de S. Lucas*, c. 1609 (334 × 250 mm), n.º inv. 23 Ilum, Museu Nacional de Arte Antiga, possui notável iluminura na portada que é da autoria do arquitecto e iluminador Eugénio de Frias Serrão, filho do pintor régio Domingos Vieira Serrão (1570-1632), um dos fundadores da Irmandade. O *Livro de Entradas* é o códice 1591 da Colecção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal. Foi transcrito na totalidade por Garcez Teixeira no final da obra.

Já sobre o *Compromisso da Irmandade* foi possível coligir alguns elementos históricos menos citados que passamos a enunciar. Cyrillo menciona esta obra de arte nas *Memórias* de 1823, não indicando a pertença do volume, mas por aquilo que sabemos acerca da história do património remanescente da Irmandade, após a sua extinção, presumimos que o livro estaria na posse do pintor (Machado, 1823: 104).⁵ Alguns anos mais tarde, Raczyński no *Dictionnaire* (1847) informa-nos, no verbete dedicado a Eugénio de Frias Serão, autor da portada do *Compromisso* e assinada pelo próprio, que a obra se encontrava à guarda da Torre do Tombo (Raczyński, 1846: 104). Não sabemos como terá integrado o «Archivo Real» e em que circunstâncias históricas, mas não temos razão para duvidar do testemunho de Raczyński a este propósito que, inclusivamente, chega a indicar o dia 11 de Maio de 1846 como a data da consulta do livro manuscrito. No entanto, em 1860, Abade de Castro e Sousa assevera que a posse do *Compromisso* pertence à Academia de Belas-Artes de Lisboa, o que significa que este manuscrito iluminado foi transferido da Torre em data incerta, entre o final da década de 40 e toda a década de 50, para a nova guarda (Sousa, 1860: 11). Se terá ficado na Academia a título de depósito, junto da documentação da Irmandade, sendo propriedade da Torre do Tombo, é detalhe que não conseguimos apurar.

No ano de 1876, já se regista o manuscrito nas colecções da Academia, de acordo com o relato publicado no *Boletim Architectonico e d'Archeologia*.⁶ Voltamos a ter notícia do *Compromisso da Irmandade* no ano de 1881, momento em que figura na célebre exposição ornamental de arte portuguesa e espanhola no South Kensington Museum em Londres.⁷ Com efeito, é muito provável que a qualidade do manuscrito e a raridade de que se revestia não tivessem passado despercebidas a John Charles Robinson (1824-1913), um dos mais importantes *connaisseurs* de arte europeia e responsável pela aquisição de inúmeras peças para o Museu londrino de South Kensington (Neto, 2007: 403-442 e Ferreira, 2014: 221-232). Profundo conhecedor da arte portuguesa pelo assíduo contacto mantido com o nosso país e

⁵ De salientar que parte dos canhenhos anteriormente referidos foram aproveitados para apontamentos históricos e artísticos de Cyrillo, reforçando-se assim a ideia de que a documentação da Irmandade de S. Lucas ficou mesmo à sua guarda.

⁶ *Boletim Architectonico e d'Archeologia* de 1876, p. 86, regista-se que: «a Academia Real de Bellas-Artes guarda o livro do *Compromisso*, iluminado por Eugénio de Frias.»

⁷ Cf. *Catalogue of the special loan exhibition of Spanish and Portuguese ornamental art*, John Charles Robinson (ed.), London, Chapman and Hall, 1881, p. 60. Com o n.º 144 de entrada do catálogo, o *Compromisso* surge descrito deste modo: «*Manuscript book*, “*Compromisso da Irmandade* (sic.) de S. Lucas” – *Academy of the Fine Arts, Lisbon*.»

com figuras da maior relevância no campo aristocrático e artístico, de que destacamos o rei consorte Fernando II ou o Marquês de Sousa Holstein, Vice-Inspector da Academia Real de Belas-Artes de Lisboa, além de pertencer a esta instituição como membro honorário, Robinson chegou mesmo a publicar um importante texto seminal sobre a pintura primitiva portuguesa e a questão do Grão Vasco. Os contactos estabelecidos com a elite cultural da época (onde se contavam também Delfim Guedes, António Tomás da Fonseca e Alfredo de Andrade), bem como o olhar pleno de *expertise* na análise de obras de arte nacionais terão estado na origem da escolha do manuscrito iluminado da antiga Irmandade de S. Lucas para figurar em tamanho certame em Londres. A inclusão do *Compromisso* nesta exposição internacional valorizou-o do ponto de vista patrimonial, tornando-se por isso uma peça apetecível e admirável pela crítica, a partir de então.

A obra regressou a Lisboa no final da mostra mas parece não ter integrado o lote da «Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola» de 1882, réplica do evento realizado no ano anterior na capital do Reino Unido. Anos mais tarde (1899), Sousa Viterbo informa-nos que o *Compromisso da Irmandade* estava no «Museu de Belas Artes» (antepassado do actual Museu Nacional de Arte Antiga), instituição museológica que, como é sabido, dependia então da Academia Real de Belas-Artes, detendo ainda hoje o precioso espécime iluminado (Viterbo, 1899: 376). A reforçar esta ideia, existe o testemunho prestado por Vítor Ribeiro em 1907 e publicado no *Archivo Historico Portuguez*, onde se lê, a propósito da investigação que o autor empreendeu na Academia sobre o pintor setecentista André Gonçalves, que «alguns livros e papéis da Irmandade de S. Lucas existem ainda hoje na bibliotheca da Academia de Bellas Artes (...)», não se referindo contudo especificamente ao *Compromisso* e sequer à sua existência, decerto por estar já nas colecções do Museu (Ribeiro, 1907: 35). As datas de 1881 e 1889 serão pois decisivas em pesquisa futura para determinar o momento exacto da passagem do *Compromisso* de Belas-Artes para as Janelas Verdes.

Regressemos por ora à análise do conteúdo da obra publicada por Garcez Teixeira em 1931. A orgânica interna do livro baseia-se em três partes essenciais: uma primeira onde se identifica a constituição do fundo documental; uma segunda dedicada à história da Irmandade, citando as adendas de Cyrillo Volkmar Machado presentes nos vários livros do fundo; uma terceira e última correspondente à transcrição de extractos desses volumes, onde se inclui a transcrição do primeiro compromisso da confraria;

dos contratos notariais celebrados no momento da fundação da Irmandade; dos assentos dos Irmãos e de outros que «*não figuram no Livro dos assentos*» (Teixeira, 1931: 115).

Todavia, ao proceder à transcrição parcial dos documentos, em particular quando se debruçou sobre o *Livro original de todas as memórias da Irmandade de S. Lucas (1637-1790)*, Garcez Teixeira não deu a entender, involuntariamente, que se tratava de um códice composto por vários livros (assim descritos), de conteúdo e significado distintos. Com efeito, o autor identificou apenas três, deixando de parte os restantes quatro que compõem a totalidade da obra.

O *Livro original* é assim ordenado por vários livros (ou cadernos) de várias naturezas: o número 1 regista esmolas, receitas e despesas da Mesa da Irmandade entre 1657 e 1687; o número 2 é no essencial um registo das eleições, contendo também assento de esmolas entre 1637 e 1678; o número 3 assinala as eleições ocorridas entre 1681 e 1703 e a cobrança efectuada pelos bairros de Lisboa; o número 4 ocupa-se das eleições realizadas entre 1705 e 1719; o número 5 regista as despesas da Irmandade entre os anos de 1719 e 1755 e por seu turno o número 6 as receitas de 1719 e 1757; por último, o número 7 aponta as eleições e outras memórias relativas a contas, pautas e outros papéis avulsos de 1724 a 1794.

Acresce ainda que, de toda a documentação, apenas transcreveu na íntegra o *Compromisso*, o *Livro dos assentos dos Irmãos...* de 1712 e o *Livro das entradas...* de 1791 da Biblioteca Nacional de Portugal, ficando a publicação deste *Livro original de todas as memórias...* de 1637-1791, talvez o mais importante de todo o fundo, reduzida a um mero «extracto dos nomes dos irmãos que não figuram no Livro dos Assentos».

Por conseguinte, os leitores da obra de Garcez Teixeira ficaram até agora com uma visão fragmentada da verdadeira constituição e da dimensão da Irmandade de S. Lucas e foram induzidos a julgar que a informação prestada pelo autor correspondia, de facto, aos dados existentes. Só a leitura na íntegra do *Livro original* permitiu doravante completar significativamente as lacunas deixadas por aquele autor, além de corrigir alguns erros paleográficos que sempre ocorrem em trabalhos desta natureza. Para mais, beneficiamos hoje do conhecimento mais alargado dos nomes dos pintores e dos factos a eles associados que, em 1931, ainda não existia, o que nos permitiu também discorrer melhor acerca de uma das confrarias mais importantes do período moderno em Portugal. A título meramente exemplificativo, refira-se que o pintor João

Nasbranches, assim designado no *Livro original* e no livro de Garcez Teixeira, não é mais do que João Gresbante, activo em Portugal na década de 50 e 60 do século XVII e pertencente à geração de Marcos da Cruz ou de Bento Coelho.

Para se aferir a extensão das omissões e dos lapsos de transcrição de Garcez Teixeira, tomemos como exemplo a p. 117 do seu livro que corresponde à transcrição dos primeiros fólios do *Livro original de todas as memórias*. Depois de indicar os nomes de Gabriel Pereira, tesoureiro, e de Soutto, o autor refere o de Dinis Brás de Pina. Ora, no confronto com o original, verificamos que a correcta leitura deste é apenas «Brás de Pina» e o nome anterior alude tão somente à função que desempenhava na Mesa da Irmandade, isto é, a de Juiz (e não Dinis). Ainda nesta página, o autor não data a constituição da Mesa, colocando-a como sendo anterior à de 1637. Todavia, é possível ler o ano de 1670 no fólio, um pouco mais abaixo, verificando-se a mesma caligrafia e tinta. Sobre a data de 1637 indicada por Garcez Teixeira, e no cotejo com o original, verifica-se de que se trata de um lapso, uma vez que a datação correcta da Mesa é de 1657. Escusado será realçar a enorme diferença que faz para a história da Irmandade (e seus agentes) este género de erros de transcrição, uma vez que tais enganos adulteram por completo a verdade dos acontecimentos e mudam o sentido dos factos. Entre outros exemplos, refira-se o da colocação da data de 1644 (Teixeira, 1931: 121-122) numa Mesa composta por pintores que sabemos hoje distribuídos por vários anos do último quartel do século XVII a qual deturpam com gravidade a análise correcta dos factos.

É certo que este tipo de falhas ocorre sobretudo na transcrição relativa ao século XVII, dada a maior dificuldade oferecida na leitura da caligrafia dos escrevães/secretários da Irmandade. Além disso, confrontado com a dimensão do livro e com os obstáculos criados pela decifração da escrita, Garcez Teixeira optou pela publicação de extractos, ficando ao seu critério os hiatos temporais e não informando os leitores dessa opção deliberada. Assim se justifica, por exemplo, que na p. 119 do livro o ano de 1676 não seja contemplado na listagem, surgindo unida à de 1675; ou na p. 121 os anos transcritos correspondam a 1639, 1641 e 1644, deixando de parte inexplicavelmente os de 1640 e os de 1642 até 1643 que lá se encontram arrolados; ou ainda na p. 125, onde registou a constituição da Mesa de 1698 com apenas três pintores, a mesma seja efectivamente composta por onze elementos no total; entre outros exemplos que se poderiam aduzir.

Em qualquer dos casos, e identificados alguns dos maiores problemas relativos à obra de Garcez Teixeira, o livro de 1931 não deixa de ser por um

lado um marco fundamental para a historiografia da arte portuguesa, dado o carácter pioneiro pleno de ineditismo, numa época em que as fontes para o estudo da pintura barroca eram escassas. Por outro lado, o restante conteúdo do livro, que resulta da transcrição integral de documentação, permanece válida e não carece de actualização significativa. Como ficou demonstrado, o trabalho de revisão profunda do *Livro original* impõe-se como um dever de consciência e uma necessidade historiográfica imperiosa e, neste sentido, a presente investigação procurará deste modo colmatar as falhas identificadas e tornar-se num manual de consulta sobre a vida dos pintores (e outros) que se reuniram na influente confraria dedicada ao Santo patrono da sua actividade artística: São Lucas.

III

O Mosteiro da Anunciada e a fundação da Irmandade de S. Lucas: sob a protecção da Casa dos Condes de Ericeira e dos Condes de Linhares

Como é do nosso conhecimento, a Irmandade do «Glorioso S. Lucas» nasceu no mosteiro dominicano da Anunciada, cuja fundação inicial ficou a dever-se à vontade de D. Manuel I. Este monarca quis instituir no lugar de uma antiga mesquita junto «*ao monte do Castelo ao norte onde o monte fica mais empinado e menos comunicado com a cidade*» um mosteiro dedicado à Anunciação da Virgem corria o ano de 1515. Em 1519, vieram do Mosteiro de Jesus de Aveiro várias religiosas, a que se juntaram senhoras de origem nobre que ali se instalaram durante 23 anos para grande regozijo de Frei Luís de Sousa, cronista de S. Domingos que considerou «*grandes são em todo o tempo os poderes da virtude... e com tudo se acontece juntar-se nobreza de sangue, he sol em ceu claro, he esmalte em ouro fino. Com tal priora*» [D. Joana da Silva, filha do Conde de Penela] começou o Mosteiro da Anunciada *hum*a vida celestial, na casa que fora cova de ladrões, quero dizer, morada de Mafamede, escola de infidelidade» (Sousa [1622-78], 1866: 28).

A localização geográfica deste mosteiro tornou-se um impedimento para o bom viver das religiosas, pois estava sujeito a todo o tipo de intempéries. As freiras solicitaram protecção ao poder real e D. João III cedeu-lhes um convento situado no Vale e estrada que ligava as Portas de Santo Antão às de Nossa Senhora da Luz. A este amparo do Rei não deve ter sido alheia a acção do seu capelão-mor, o Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. Em 1539, na véspera do dia da Ascensão de Cristo, mudaram-se, com grande solenidade, para o novo convento «*de fabrica antiga, pobre e mal composta... tudo paredes velhas, sobrados e madeiramento podres e hum*a igreja de telha vã» (Sousa [1622-78], 1866: 30;32). Muito desconsoladas com a mudança, pois só o sítio lhes parecia uma boa alternativa, rapidamente moveram as suas influências familiares, junto ao Arcebispo de Lisboa, tio da Priora do convento, à época D. Brites de Menezes ou Soror Brites da Anunciada, filha do Conde D. João de Menezes. Assim,

milagrosamente (ou talvez não), surge, na história do Mosteiro da Anunciada, um benfeitor – Fernão Álvares de Andrade (?-1554?), fidalgo espanhol descendente dos Condes de Andrade na Galiza. Dele se contava que «*alguns lhe chamavam [Fernão Álvares de] Portugal pelo muito poder que teve no reinado de D. João III.*»⁸ Com efeito, desempenhou os cargos de tesoureiro e escrivão da Fazenda do Piedoso, para além de ter sido Capitão donatário do Maranhão e Ceará. Foi também o condutor da Imperatriz Isabel Portugal (Sousa, 1738, Tomo v: 151-152) a Sevilha por ocasião do matrimónio com Carlos V (1526). Senhor de avultada fortuna, ergueu em 1533 um grande palácio no sítio da Anunciada e «*edificado do espírito com que sofriam se oferecço à prioriza pera ajudar e servir o convento*» (Durval, 1972: 331). No ano de 1542, D. João III concedeu um alvará, no qual permitia que o seu tesoureiro tomasse a capela-mor do convento como panteão familiar «*tendo respeito às muitas esmolas e boas obras que ele tem feito e cada dia faz ao dito Mosteiro e a estar reedificado quase de novo por sua industria e esmolas*» (Durval, 1972: 331). Assim, ao falecer, Madre Brites da Anunciada (1587?) podia orgulhar-se da obra deixada, pois no seu tempo o edifício foi reedificado, incluindo-se a construção de dois dormitórios e oficinas capazes de albergar cinquenta freiras, além da igreja toda forrada.

Embora todos estes feitos sejam narrados pelo Cronista da *História de S. Domingos* como miraculosos, da leitura atenta das fontes, ficamos informados sobre a influência exercida pelas Casas dos Condes de Ericeira e de Linhares ao longo do historial do cenóbio da Anunciada e, como consequência, na Irmandade de S. Lucas. Com efeito, analisando a genealogia de Fernão Álvares de Andrade (Sousa, 1738, Tomo v: 151-152) verificamos que dois dos seus filhos (tidos com Isabel de Paiva) vão unir-se à futura Casa dos Condes de Ericeira e à Casa dos Condes de Linhares, respectivamente. O primeiro a aludir é Álvaro Peres de Andrade (comendador de S. Pedro de Torres Vedras na Ordem de Santiago) que se casou com D. Isabel de Castro, filha do 3.º Conde da Feira. Desta união nasceu D. Henrique de Menezes, 5.º Senhor do Lourçal que será pai do famoso D. Luís de Menezes, 3.º Conde de Ericeira, figura que voltaremos a aludir.

Da descendência de Fernão Álvares de Andrade teremos ainda de citar D. Violante de Andrade (1522-?) que, por contrato de casamento assinado em

⁸ Segundo a *História Genealógica* fez testamento em 1549 e através da *Crónica de S. Domingos* sabemos que em 1554 nasceu-lhe Madre Soror Maria de Jesus «filha da velhice» (Sousa, 1738, Tomo V: 151-152). Soror Maria de Jesus faleceu em 1585, passando catorze anos como religiosa no mosteiro que seu pai protegera (Sousa, [1622-1678] 1868: 35).

1535, se uniu a D. Francisco de Noronha, 2.º Conde de Linhares. Com o dote do casamento foi constituído um morgado de grande valor, colocado pelo pai em seu nome. Senhora de grande fortuna, dama da Casa da Imperatriz D. Isabel, D. Violante ficou também conhecida na História como a amada do poeta Luís de Camões.

Da união entre D. Francisco e D. Violante nasceram catorze filhos, cinco das quais foram freiras no Mosteiro da Anunciada: a saber, D. Joana de Noronha, a fundadora do panteão dos Linhares na capela-mor do Mosteiro de S. Bento de Xabregas. Esta neta de Fernão Álvares deixou ao Mosteiro da Anunciada uma herança de 183 mil-réis em padrões de juro pedindo para ser enterrada *«por sua modéstia e cortesia no coro debaixo, fronteiro da janela e grade que fica na igreja»*, desejo contrariado pelas freiras que a sepultaram na Sala do Capítulo.

Além de D. Joana, mais quatro irmãs ali fizeram votos: D. Maria de Noronha; D. Brites de Noronha (Soror Brites da Madre de Deus); D. Margarida de Noronha (Soror Margarida de S. Paulo) e D. Catarina de Noronha (Madre Catarina de S. João).

Para história da Irmandade de S. Lucas, estas duas últimas freiras interessam-nos sobremaneira. Soror Margarida de S. Paulo *«era perita na língua latina e em outras: escreveo com elegância na Portuguesa excelentes Discursos e Tratados Espirituais e traduzio de Latim em Portuguez a “Regra e Constituições” que professarão as Religiosas da sua Ordem que se imprimirão em Lisboa no anno de 1615»* (Sousa, 1738, Tomo V: 153). Também pela mesma fonte, ficamos a saber que foi Soror Margarida de S. Paulo quem escreveu a *«Relação do modo como se descobriu a fingida Santidade de Maria da Visitação»*, uma freira que pintava chagas na cabeça e mãos à imitação de Cristo. Frei Luís de Sousa refere-se às freiras que descobriram a fraude como sendo as *«religiosas mais importantes della [Casa da Anunciada], no zelo que sempre houve de religião verdadeira e honra de Deus. Eram do melhor do Reino por sangue e do melhor do Mosteiro por partes de virtude e de entendimento. Começaram a fazer escrúpulo do que viam obrigadas de sua consciência e reverencia de deus e respeito da mesma Soror Maria que muito amavam. Passarão a considerar suas cousas profundamente e virão a achar nellas taes contradições que assentarão serem as chagas pintadas e pelo consequente tudo o que mais se dizia falso e fingido»* (Sousa [1622-1678], 1868: 70).

Concluimos assim ter sido esta representante da Casa de Linhares, quem denunciou as falsas chagas. Esta denúncia ocorreu junto do Inquisidor do Reino, o Cardeal-Arquiduque Alberto (1559-1621), que instruiu um processo

no Tribunal do Santo Ofício, ao qual foi testemunhar o pintor que fornecia as tintas para o embuste engendrado pela freira: Fernão Gomes (1548-1612), artista de origem espanhola, à época a trabalhar no programa decorativo da Sala do Capítulo do Mosteiro da Anunciada (Serrão, 1983: 106 e Markl, 2000: 16), mais concretamente uma pintura do «Triunfo da Obediência» no espaço que iria albergar o túmulo de D. Joana de Noronha.

Parece-nos ainda oportuno trazer à colação o testemunho prestado por Froes Perim em 1740 sobre D. Margarida de Noronha: *«foi huma das heroínas portuguesas que adquirirão creditos à pátria, emulações ao sexo. Conhecerão lhe seus pays o engenho nos primeiros anos, e lhe derão mestres de quem aprendeu as letras, linguas e artes liberais, que exercitou com aplauso e vulgar fama. Fallava com boa intelligencia as linguas Latina, Franceza, Ingleza e Italiana, deixando na Portuguesa muitos escritos, sendo o principal empenho discursos espirituais e eruditos. Na pintura de oleo e iluminação admirava os peritos professores que floresciaão naquela idade. Debuxava e escrevia com igual primor; e se mostravaõ seus escritos pela rara forma do invento, singular ideia do artificio, fermosura da composição. Quando se fundou o Convento da Anunciada deu a ideia e risco da igreja, officinas e varandas; fazendo-se crível que os retabulos antigos que ali se conservão sejam obras de seu pincel, originaes da sua mão. Aprendeu Aritmética e Solfa com todos os preceitos do contraponto, que lhe fizerão mais facil o uso dos instrumentos que tocava, sendo tão destra em cantar, como em tanger viola de arco. Escreveo nas linguas latinas e Portuguesa excelentes discursos, cheyos de doutrina e erudição sagrada e, ainda que lhe faltou o benefício da estampa, se conserva na tradição mais que nos escritos esta abreviada memoria. ...Trasladou e traduzio de latim em Português a Regra e Constituições da Ordem com a forma de lançar o habito, fazerem profissõa e Capitulo. No fim escreveu dez orações à honra das Dores e lagrimas com que a Senhora acompanhou seu Filho na Paixão, em que mostra eloquencia e piedade. O livro he em quarto, impresso em Lisboa no anno de 1611 na officina de Pedro Craesbeck. Teve huma dilatada vida, e cheia de annos, falleceo em 2 de Janeiro de 1636 contando oitenta e seis anos. Duarte Nunes de Leão in Descriptione Lusitanae lhe faz um merecido elogio e o Padre Pacheco na Vida da Infanta D. Maria»* (Perim, 1740: 123-125).

A última das Noronha que nos interessa destacar é Madre Catarina de S. João, duas vezes priora do convento, numa das quais teve oportunidade de assinar, em conjunto com mais sete religiosas, a célebre escritura de 17 de Outubro de 1602 que concedeu aos pintores a capela na igreja conventual da Anunciada, na qual se fundou a Irmandade do Santo Evangelista.

A razão pela qual esta Irmandade se instalou na Anunciada ainda hoje permanece por clarificar. Na *Crónica de S. Domingos*, Frei Luís de Sousa referindo-se às grandes obras do Mosteiro (1619) escreve: «*este concerto exterior da igreja junto com o interior da religião deu ocasião de se fundarem nella algumas Irmandades, que a tem muito frequentada de sacrificios e festas solemnes*» (Sousa [1622-78], 1868: 64), citação que nos parece insuficiente para justificar uma opção de tanta responsabilidade. Acresce que a localização do mosteiro das freiras dominicas situava-se, nos finais de Quinhentos, fora dos muros da cidade e afastada das zonas mais movimentadas: o Bairro do Rossio ou o de Alfama, onde morava um grande número de pintores.

Parece-nos que é na influência dos descendentes da Casa de Fernão Álvares de Andrade que poderá estar a resposta da escolha pelos pintores em 1602 do Mosteiro da Anunciada, em particular no pintor acima referido, o insigne Fernão Gomes, cuja relação pessoal com os membros da família era longa. Sublinhe-se, neste momento, a execução, entre 1573-75 da «vera efígie» de Camões, retrato a vermelho (desenho a sanguínea para gravura aberta a buril) recolhido, depois do Terramoto de 1755, da Casa dos Condes de Ericeira, à Anunciada (Serrão/Moura, 1989: 17, 41) e também a ligação que o próprio Luís de Camões tinha ao primogénito do 2.º Conde de Linhares, D. António de Noronha (?-1553), a quem o poeta chora a morte: «*Em flor vos arrancou, de então crescida, Ah Senhor D. António!/A dura sorte, donde fazendo andava o braço forte,/ A fama dos antigos esquecida*» (Sousa, 1738: 151). Como ficou dito, também no final da década de 80, a presença de Fernão Gomes é detectada na Anunciada na execução da pintura da Sala do Capítulo, quando testemunhou no Tribunal do Santo Ofício. A presença de tantos membros da descendência de Andrade (filha e netas – tanto do lado dos Menezes como dos Noronha), bem como a ligação ao pintor espanhol configuram um contexto explicativo para a instalação da Irmandade naquele convento feminino da Ordem dos Pregadores.

Na transição do século XVI para o século XVII, o mosteiro foi engrandecido em património e magnificência e, por volta do ano de 1619, Frei Luís de Sousa deixou-nos um balanço das obras: «*nesta igreja se tem feito tanta obra de poucos anos a esta parte [1619], de dourados e pintura e boa pedraria que em seu tamanho está templo rico e perfeito. O tempo deste aumento e o que estas madres tomam posse e lhe derao nome se declara em huma letra entalhada sobre o fontespicio da porta 'DEDICOU-SE ESTE TEMPLO À ANUNCIAÇÃO DA VIRGEM MARIA MAI DE DEUS NO ANO DO SENHOR DE 1539. E FOI DE NOVO AMPLIADO NO DE 1607'.*

A sacristia está provida de muita prata e ornamentos ricos de telas, brocados e bordados: e o que vele mais que tudo de reliquias de Santos muito provadas e oroadas de engaste ricos: entre as quaes vê a cabeça de huma das 11 mil virgens dada a estas madres pela Rainha D. Catarina. ... Este concerto exterior da igreja junto com o interior da religião deu ocasião de se fundarem nella algumas Irmandades, que a tem muito frequentada de sacrificios e festas solemnes. Há uma de nosso santo milagroso de Polonia S. Jacinto, cuja capela compoz e pouco depois da canonização huma religiosa [Madre Maria das Chagas priora que assinou também a escritura da Irmandade] obrigada de hum grande milagre, que por ela fez... Neste estado soube que se assentava o retabolo na capela que as Madres tinham levantado ao Santo no coro de baixo. Pedio que a levassem a ela e encomendando-se ao Santo, fez propósito de não admitir mais remedio da física e esperá-lo de sua intercessão e valia com Deus. ... agradecida do benefício, procurou que se dedicasse ao Santo a Capela da Igreja [coro de baixo] ornou-a do necessário à sua custa e com huma formosa imagem que a ela trouxerao em solemne procissão os nossos irmaos do Convento de Lisboa. He o sítio desta capela debaixo do coro e, por isso, de tao pouco gosto dos irmãos que pedirão lugar para a imagem em outra capela. Assim fica o Santo com três sítios em hum só mosteiro que são duas capellas, huma dentro e outra fora e a que ocupa com a imagem no cruzeiro» (Sousa [1622-78], 1678: 64).⁹

No que diz respeito à capela da Irmandade de S. Lucas sabemos, através da leitura do contrato e obrigação, localizar-se na banda do Evangelho, «a par de N. Sr.^a do Rosário que he a do Cabo da banda do Coro». Perante as freiras, os pintores comprometiam-se a pagar 400 mil rs desdobrados da seguinte forma: «300 mil sob a forma de pintura e feitio de ouro que na dita igreja as religiosas mandarem fazer e dourar» e os restantes 100 mil rs através dos trabalhos dos pintores que «pintarão e dourarão o retábulo da dita capela e tecto dela com ouro e feitio que for necessário» (Teixeira, 1931: 57). A madeira do retábulo seria como a dos outros, presentes nas restantes capelas.

As obras da Capela de S. Lucas terão decorrido entre os anos de 1603-06, se tivermos em conta os prazos estipulados. Em primeiro lugar, as religiosas eram obrigadas a dar a capela acabada com grades, azulejos e retábulo, à excepção da pintura e douramento. Só depois desta fase teriam seis meses para pintar a igreja e dourar madeira (retábulos) e «no ano seguinte, depois dos seis meses pintarão e dourarão o retábulo e tecto da dita capela de S. Lucas»

⁹ Nesta citação colocámos a data de 1619, pois percebemos pelo texto da I.^a Parte da Crónica que Frei Luís de Sousa a escreveu no ano de 1619 numa passagem, na p. 369: «por dezembro do ano passado de 1618».

(Teixeira, 1931: 60). Em 1609, a Capela de S. Lucas ainda não estava pronta pois, no Capítulo Terceiro do *Compromisso*, no qual se trata «da Festa que cada anno se hade fazer ao Sancto», o secretário da Irmandade escreveu: «do dia Glorioso S. Lucas se celebrará a sua festa aonde os officiaes daquele Ano determinarem (em quanto não ouver Capela Própria)» (Teixeira, 1931: 41).

Paulatinamente, a vida da Irmandade dos pintores foi-se organizando e, a 21 de Novembro de 1608, regista-se novo Instrumento de contrato e obrigação entre as religiosas e a Irmandade (representadas por Domingos Vieira Serrão, Domingos Pacheco, Diogo Bernardes, Luís Álvares de Andrade, Gregório Antunes, Miguel de Paiva, António Simões, António Soares) «para doação de seis sepulturas daquelas que estão mais juntas a dita capela em as quais poderão eles irmãos enterrar-se com as suas mulheres e filhos...» (Teixeira, 1931: 63). Em troca, os pintores eram obrigados a pintar o painel do retábulo da Capela da Cruz, localizada na banda do Evangelho, ou seja, a primeira daquele lado. O prazo estipulado seria até ao Dia de Natal, facto que nos comprova que as obras terminaram muito depois do que se anunciava no portal da igreja, descrito por Frei Luís de Sousa.

Testemunho da solidez desta confraria é a elaboração do seu *Compromisso* pela Mesa, a 5 de Outubro de 1609, às vésperas de mais uma festividade do Santo patrono. Assinaram, nesse ano, Gregório Antunes, o pintor régio de têmpera Luís Álvares de Andrade (1599-1601), António Soares e António Simões da Silva e que contou como colaborador (e irmão?) para a iluminação da portada, o pintor Eugénio de Frias, além de um guia espiritual, o Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro. Esta iluminura é uma síntese visual das várias modalidades artísticas presentes na Irmandade: a pintura de cavalete na representação de S. Lucas no acto de retratar a Nossa Senhora do Pópulo ou das Neves; a têmpera (e o douramento) no episódio da Glória de S. Lucas no frontão; e por fim a arte do desenho ou do debuxo, com a colocação do tinteiro em destaque no plinto da estrutura arquitectónica enquadadora. A iluminura não esquece ainda a alusão à moagem dos pigmentos, personificada na imagem do jovem ajudante, à direita de S. Lucas, como bem viu Garcez Teixeira (Teixeira, 1931: 3).

Dois anos passados após a produção do *Compromisso*, isto é, a 3 de Dezembro de 1611, as freiras da Anunciada dão plena quitação aos irmãos de S. Lucas «da satisfação da sua capela nesta nossa Igreja e das seis sepulturas que nela lhe demos: porquanto estamos pagas e satisfeitas deles de tudo o que se obrigão a dar assi polla dita capela como pelas sepulturas conforme as escrituras de

concerto e obrigação» (Teixeira, 1931: 64), informação que nos permitiu situar a conclusão da capela da Irmandade de S. Lucas.

A partir de 1611, a existência de um lugar permanente e uma corporação organizada em volta de condições essenciais de sobrevivência de uma profissão – recolha de esmola e protecção na pobreza e na velhice – foram o embrião para troca e debate sobre o estatuto do pintor em processo de mudança. De facto, depois desta data, a confraria foi o esteio para o surgimento da petição de 1612 (protestos, requerimentos, pedimentos, testemunhos, libelos...), «sendo certo que a maioria dos artistas e artífices intervenientes nestes pleitos eram membros da Irmandade de S. Lucas» (Serrão, 1983: 162-163).

Com efeito, a 7 de Fevereiro de 1612, dezasseis pintores assinavam uma procuração para ser presente ao Senado da Câmara Municipal de Lisboa, reivindicando o foro de nobreza para a sua arte e os privilégios de classe: *«que eles querem demandar à Câmara desta cidade e porem-se com ela a direito sobre a arte de pintar de que usam e tratar da nobreza dela, para ficarem isentos de todas as cousas a que estão sujeitos os oficiais mecânicos, antes servirem officios e cargos nobres e usar os privilégios deles, como usam outros pintores da mesma arte em muitas cidades e vilas deste reino e fora dele.»* A lista de pintores é conhecida e aqui a deixamos elencada: António André; António de Moura; António da Costa; António Lobato; Manuel de Figueiredo; António Simões; Agostinho de Aguiar; Gregório Antunes; Miguel de Paiva; André Peres; André Pinheiro; Fernão Gomes. Como procuradores: Jerónimo de Aguiar; António Ramos; Domingos Pacheco e Nicolau de Pontes (Serrão, 1983: 274).

Só a 13 de Dezembro de 1613 voltamos a ter conhecimento de um novo testemunho documental na vida da Irmandade muito importante, dado tratar-se da regulação económica desta comunidade mesteiral. Trata-se da acta da reunião da Irmandade de S. Lucas que se juntou em cabido para eleger os novos oficiais da Mesa daquele ano de 1613 e *«pera se tratar sobre as cousas convenientes ao bem e proveito della se praticou em Cabido o muito trabalho que os oficiais que servem a Confraria padeciao em tirarem todos os Sábados as esmolos por Casa dos Irmãos para a sustentação della conforme ao Compromisso, Cap. IV»*. A resolução deste encontro foi no sentido de facilitar a cobrança das esmolos: *«acordarão de comum consentimento que a esmola que os oficiais da Mesa costumão tirar ao Sábado se tire junta cada mêz e que cada irmão dará a esmola que quizer conforme a sua possibilidade contando que não descera de 2 vinténs para baixo...»* Assinam este acórdão quarenta e um pintores e, embora não tenhamos a discriminação total da direcção da Mesa,

o número de irmãos que se juntou em capítulo, nesse ano, é bem revelador do crescimento da confraria: Manuel Álvares; Domingos Vieira Serrão (escrivão da Confraria); Agostinho de Aguiar; António Carvalho Teixelo; João Conrado; Gregório Antunes; Nicolau de Pontes; António Soares; João Roiz de Setúbal; Miguel de Paiva; Francisco Antunes; Francisco da Cruz; Sebastião Ribeiro; André Francisco; António Bartolomeu; António Ramos; Francisco Gomes de Sousa; António Lobato; Diogo Machado; António Simões; Sebastião Antunes; Simão Roiz; Estêvão da Silva; António Roiz; Miguel de Matos; João Ribeiro; António Luís; Pedro Cordeiro; Diogo Bernardes; Romão Mendes; António Pereira; Luís de Frias; Luís Álvares de Andrade; António Ferreira; Simão Duarte; Mateus Vieira; Jerónimo de Aguiar; Brás de Pina Cavide; Pedro Correia; António Gomes e Manuel Pereira (Teixeira, 1931: 51).

Também os pintores dedicados à modalidade de têmpera experimentaram apresentar uma petição a 21 de Agosto de 1614. Nomearam como procuradores os mestres douradores Domingos Pacheco, Manuel da Costa, António Álvares e Luís Álvares de Andrade. Assinaram os pintores António Carvalho, Nicolau de Pontes, Francisco Ferraz, Francisco Antunes, Gaspar Mendes, Manuel Álvares, Luís Álvares de Andrade, António Rodrigues, Manuel Jorge, Simão Francisco, Bastião Moreira, Pedro Cordeiro, Diogo Bernardes, Bastião Antunes, Francisco Peres, Salvador Mendes, António Ferreira, Romão Mendes, Bastião Ribeiro, Luís de Abreu, Gaspar da Costa, Domingos Nogueira e Miguel de Matos. Esta acção foi, segundo Vítor Serrão, votada ao insucesso (Serrão, 1983: 96).

Em paralelo à vida da Irmandade (ou talvez não), ocorreu um facto importante para a história artística portuguesa e para o debate em torno da pintura que consideramos ser obrigatório referir: a publicação da obra de Filipe Nunes *A Arte da Pintura*, em 1615, figura da qual pouco sabemos. Apenas que era perito nas artes da pintura e da poética, natural de Vila Real, e ter ingressado como religioso no Convento de S. Domingos de Lisboa, em 1591, sob o nome de Filipe das Chagas (Ventura, 1982: 15). Somos da opinião que a eventual ligação familiar com o antigo cosmógrafo da Coroa e conhecido matemático Pedro Nunes (1502-1578), pela coincidência de apelidos, explicaria em parte a vantagem intelectual e artística no domínio da geometria e da perspectiva aplicada, vectores essenciais para a redacção do tratado da *Arte da Pintura*. Qual o contacto que manteve com o Convento da Anunciada, também ele domínico? Qual o impacto causado pelo tratado, junto à comunidade de S. Lucas? Teria o Padre Filipe das Chagas pertencido à Irmandade

e, no convívio com os irmãos, a sua obra colmatasse as lacunas dos pintores que testemunhava: *«quando aprendi estes princípios e pratica da pintura, não foy minha tenção saindo com ella a luz ensinar os Sabios e peritos na Arte, mas só aos que a aprendem, e aos curiosos dela. Moveu me a isto ver a falta que ha de quem trate esta matéria, e assim quis dar motivo aos que mais sabem, de saírem à luz com mais experiencia, para que assim não custe tanto aos aprendizes a quem ordinariamente o Mestres escondem os segredos da Arte e para que assi mais depressa se saiba»* (Ventura, 1982: 123). São questões para as quais não obtivemos resposta, embora tivéssemos feito aturada pesquisa para suprir esta lacuna informativa.¹⁰

Dos anos da Irmandade de S. Lucas até ao período da Restauração, as notícias não abundam e será necessário esperar pela década de 40 para que tenhamos actividade documental a registar.

¹⁰ Sobre a figura de Filipe Nunes e restantes tratadistas consultem-se ainda os trabalhos de Nuno Saldanha (1998: 85-105) e Luís de Moura Sobral (1996: 159-172).

A idolatria ou a sombra da pintura

No ano de 1646, os pintores devotos a S. Lucas viram publicado, pela oficina do impressor Domingos Lopes Rosa, o sermão que Frei Tomás de Aranha (1588-1663) havia pronunciado no dia 17 de Outubro de 1644, durante a festa ao Santo patrono (Barbosa, 1752 7397/40). A obra foi editada com a ajuda financeira do irmão José de Avelar Rebelo (Serrão, 1992: 2.º vol.: 209). Avelar Rebelo foi justamente juiz da Irmandade no ano de 1643-44, além de ser pintor do Rei D. João IV. Em nossa opinião, estes pormenores não estiveram ausentes do discurso de *Magister* Aranha quando, no sermão, explicou que o centro da mentira «*he a corte e o Paço*», embora o fizesse em termos figurativos. Dotado de um poder retórico excepcional (confirmado também pelo elogio que fez a Frei Luís de Sousa nas licenças para a publicação da obra da *História da Ordem de S. Domingos*), Frei Tomás de Aranha publicou uma prédica que é simultaneamente uma exaltação ao culto do Santíssimo Sacramento (do qual só o Amor Divino poderá pintar), um código de conduta que todos os pintores deveriam seguir e, finalmente, um elogio da pintura como arte liberal. Dividido em nove temas e citando uma plêiade de autores desde os clássicos aos religiosos, o pregador anunciou que a empresa do discurso seria «*o diviníssimo sacramento do altar, e concorrendo também a justa e honesta obrigação de dizermos da nobilíssima e com razão sempre estimada e prezada arte da pintura que sae hoje, e campea tanto acostada aos merecimentos, glórias e grandezas do Gloriosos Evangelista São Lucas*» (Aranha, 1644). Ao longo de todo o sermão, e perante uma igreja repleta de pintores, Aranha incidiu sobre o tema da idolatria e o mau uso dos pincéis, sempre que os artistas empregavam o seu tempo em representar ídolos. O enaltecimento da Pintura enquanto Arte Liberal, e assim tida como arte boa, é sempre exposto em oposição aos efeitos de uma má pintura/sombra que confunde os espíritos e «*solicita o desejo dos ignorantes*». Em plena época da Restauração, Aranha actuava como censor visual, pressentindo os tempos conturbados que se avizinhavam com a criação da Companhia Geral do Comércio do Brasil, a integração de judeus novos como investidores e o medo do Perdão Geral conflito que opôs a Coroa ao Paço dos Inquisidores, ao Rossio (Flor, 2016a).

O pecado da idolatria (cuja raiz havia nascido no Egipto e na Assíria) é de facto o grande aviso, que do alto do púlpito, Frei Tomás de Aranha deixava aos pintores da Irmandade, condenando, em linguagem codificada, toda a *«falsidade e engano das iguarias aparentes & pintadas»*.

Para os pintores recomendava o exemplo do médico S. Lucas que curava as almas com a pintura e traçava um perfil de honestidade, discrição e bom entendimento capaz de enfrentar os adutores da corte e a lisonja, fonte de todo o mal. Acima de tudo deveriam exercitar o seu ofício segundo o bem divino para no final alcançar uma pintura perfeita capaz de atingir a estimação e o juízo que todo o bom artista deseja. A nobreza da arte da pintura saiu também reforçada, ponto essencial para os artistas que o ouviam naquela tarde de Outubro e, dois anos mais tarde, a publicação do texto com o apoio do juiz da Irmandade reflecte bem a necessidade de os mesmos possuírem um *«corpus legal»* a favor da mesma: *«concluamos o Sermão com satisfazer-mos brevemente a obrigação que temos de dizer da Arte da Pintura que o dia he seu, a principal raiz & fonte de toda a estimação & preço desta arte, he parecerse mais no seu modo de obrar com os hábitos intelectuais, que as mais artes cujos hábitos residem nas mãos ou dependem dellas; para a produção dos seus actos. E assim como o sentido da Vista he o mais perfeito, entre os cinco sentidos, porque no tocar do seu objecto he mais semelhante á potencia do entendimento que os mais; assim esta nobilíssima arte parece que excede as outras pella dependência particular, que tem da viveza da fantasia; os outros artífices em chegando a saberem a perfeição da sua arte, parece que não tem mais esfera, & que se podem igualar huns aos outros no primor dos seus artefactos. Hum pintor não tem limites, nem esfera determinada, neste particular, porque sempre se pode exceder em si mesmo, & aos mais em fazer, que as pinturas representem mais, ou menos os affectos das almas & interiores sentimentos; que parece professa esta arte fazer visíveis os pensamentos humanos; por isso lhe chamão muitos Poesia muda e á Poesia Pintura que falla.»*

D. Luís de Menezes, 3.º Conde de Ericeira

Na ausência de fontes directas que nos elucidem mais sobre a vida da Irmandade, várias articulações deverão ser feitas com os acontecimentos históricos e as figuras da época mais marcantes. Na década de 70 do século xvii, a personagem do 3.º Conde de Ericeira (1632-1690) surge-nos clarividente para a explanação do que pretendemos fazer. Este facto não é tanto pela aproximação geográfica que o palácio de D. Luís de Menezes e de sua mulher D. Joana de Menezes apresentava em relação ao Convento da Anunciada, embora seja aqui de relembrar que durante as obras que projectou para a sua morada, relatadas em Londres pelo embaixador D. Francisco de Melo Manuel (1626-1678), D. Luís recorreu a dois artistas da Irmandade, Bento Coelho da Silveira e Marcos da Cruz, para lhe pintarem cenas de batalhas relativas à Restauração portuguesa (Vale, 2004: 163).

Também a presença da mãe de D. Luís de Menezes, D. Margarida de Lima, é detectada na documentação da Irmandade: «aos 12 dias do mes de janeiro de 1670, recebeu o tesoureiro Gabriel Pereira 400 rs de um asento da Condesa daidriceira sic (...) recebeu o tesoureiro Gabriel Pereira 1500 rs do guião? preto e mil reis que deu a sra d. margarida seis tostois para a ajuda da cruz e hum cruzado do seu acento».¹¹

Em nossa opinião, a influência que o 3.º Conde de Ericeira exerceu sobre a Irmandade de S. Lucas foi mais pelo cargo que desempenhou de «vedador da Fazenda da Repartição da Índia com o título de Conselheiro de Estado e superintendência das Armadas, armazéns, Casa da Moeda e manufacturas de todo o Reyno» (Costa, 1738, vol. III: 44). Conta-nos Tristão da Cunha de Ataíde, 1.º Conde de Povolide, que tal cargo se ficara a dever ao amigo D. Luís Manoel de Ataíde, 4.º Conde da Atalaia, que depois de vir de Turim (1675) e de ter sido ferido, «sua Alteza [D. Pedro II] uã noite o foi ver da ferida a sua casa e a seu rogo fez Arcebispo de Lisboa a D. Luís de Souza e vedor da Fazenda o Conde da Ericeira...» (Saldanha/Radulet, 1990: 117). Quer fosse por influência de outrem ou por mérito próprio (D. Luís havia sido criado no Paço da Ribeira), certo é que vemos este nobre à frente da tomada de grandes decisões reguladoras da actividade artística portuguesa.

¹¹ Livro original de todas as memorias, Livro 2, fl. 16.

Em primeiro lugar, o recurso a pintores da Irmandade de S. Lucas para a execução de arcos, de arquitectura fingida, de painéis, de tarjas e de emblemas, etc., para o engalanar da cidade de Lisboa sempre que surgia a celebração de um acontecimento régio. Por exemplo, nas festas de esponsais da Infanta D. Isabel Luísa Josefa com o Duque Vítor Amadeu II, sabemos ter sido o vedor D. Luís quem esteve à frente da organização,¹² não só das estruturas efémeras erigidas na cidade, como também da decoração das naus que compunham a Armada para Sabóia em 1682.¹³ Pelas memórias do Conde de Povolide, apurámos que a frota era composta por doze naus e um patacho e toda dourada e pintada. A câmara da capitânia *S. Francisco de Assis*, na qual se haveria de recolher Vítor Amadeu durante a viagem, era assoalhada de pau-preto e marfim e pintada por mãos de artistas como Manuel da Silveira, Bento Coelho da Silveira, Feliciano de Almeida e António de Oliveira Bernardes.¹⁴ Para além destes artistas, é também conhecida a participação, nesta empreitada, do pintor Fernão Álvares de Paiva, uma vez que em testamento refere «*nos armazéns de Sua Magestade andão huns papéis porque consta as obras que fis na armada de Saboya de que conforme as contas da despeza que fis se me estão devendo sinco mil cruzados, poco mais ou menos*» (Simões, vol. II, 2002: 33).

Em segundo lugar, gostaríamos de (re)afirmar que a acção de D. Luís de Menezes foi marcante no estímulo dado à pintura nacional sobre azulejo, em particular através da emanção do Conselho da Fazenda da proibição de importar azulejaria holandesa (1687-1698), destinada a revestir o interior dos edifícios civis e religiosos em Portugal. Santos Simões já havia referido este facto (Simões, 1959: 29), mas cabe-nos a nós acentuar melhor essa faceta.

Desde o final do ano de 1674 que o Conselho da Fazenda nomeara Duarte Ribeiro de Macedo como Conselheiro, pedindo-lhe pareceres (Faria, 2005: 130) reflectidos a partir do exemplo francês, país onde permanecia como residente (1668-76). Logo a 11 de Dezembro, o Conselho da Fazenda organizou uma

¹² «... as festas e jardim de fogo, que houve na mesma praça correrão por direcção do conde de Ericeira: seu filho D. Francisco Xavier de Menezes ja naqueles anos era tão favorecido pelas musas que foy feito Apollo acompanhada dellas em um carro triunfante por mar cheio de luzes e desembarcando na ponte que já se achava feita para o Duque de Sabóia, subio pelo jardim da Corte Real à Casa em que as Suas Magestades o esperavam debaixo do docel onde rectou huma loa...» (Padilha, 1748: 158).

¹³ «Já a armada portuguesa estava pronta estava pronta estava prompta, em que o Conde de Ericeira, como Vedor da fazenda da Repartição do Mar, pôs grande cuidado pela pressa que a Rainha dava a que partisse para Sabóia» (Saldanha/Radulet, 1990: 119).

¹⁴ Inácio de Vilhena Barbosa, «Batéis, Galés, bergantins, galeotas, e outras embarcações de gala», in *Archivo Pittoresco*, vol. X, Lisboa (1867). Citado por Gonçalves, 2102: 149. Tentámos encontrar a fonte desta informação, tarefa que se revelou difícil, pois Barbosa apenas nos informa que recolheu a notícia de uma obra de Abade de Castro e Sousa, baseada, por sua vez, em testemunhos de Manuel Franco de Sequeira.

série de consultas sobre «se evitar o prejuízo que se segue de se levar o dinheiro para fora do Reino» e Duarte Ribeiro de Macedo envia o seu parecer: «Os franceses metem hum numero extraordinário de fazendas, como são tafetás, estofas de seda e lam... Deixo hum número infinito de outras couzas a que elles chamão bagatellas de que não he a menor, obras de pedras falças, cabelleiras, relojos, espelhos... A Olanda, Suecia e Hamburgo metem no Reino toda as couzas necessárias para a fabrica das naos... A Olanda grande quantidade de sarja, estamenhas, Duquezes particularmente de cor de grãa, ho que mais lastima as drogas da India e tendo nós as melhoras madeiras do mundo hua grande quantidade de fabricas de madeira como armários e contadores. **Pela sua mão nos vem as armações de Flandres, as pinturas e outros comuns adornos de cazas.** A grande riqueza da Flandres procede unicamente de que tendo muitos frutitos necessários as outras nações porcura ter todas as artes que há nas outras nações por que o dinheiro que lhe entra pellos frutitos não saya pellas artes. E Passa este cuidado a tanto que **El Rey manda Francezes as escolas de Pintura e escultura de Lombardia e Roma dando aos Mestres que as incinão por receberem os obreiros francezes grossas penções.**»¹⁵

Estas afirmações constituíram base de reflexão entre os membros do Conselho e corpus legal para justificar as Pragmáticas durante a regência de D. Pedro. Por outro lado, é conhecida a correspondência trocada entre o Conde de Ericeira e Duarte Ribeiro de Macedo. Na ocasião, anteriormente referida, em que D. Luís de Menezes procedeu a obras no seu Palácio da Anunciada (1672), este encomendou através do residente em Paris pinturas sobre as batalhas da Restauração: «dous quadros em panos do sítio do Degebe e sítio de Vallença na forma que mostram as duas plantaz inclusas», além de uma tapeçaria representando César escrevendo os Comentários, em cujo rosto pedia a inclusão do seu retrato. Os artistas franceses responsáveis pela execução de tais pedidos foram o pintor de Luís XIV – Charles le Brun, Hubert le Seur (para o retrato na tapeçaria) e o tapeceiro Jean le Fabure (Flor, 2002: 39-40).

Na conjuntura destas aquisições no estrangeiro, o 3.º conde de Ericeira comentou com Duarte Ribeiro de Macedo: «fizerão me aqui a Batalha do Canal [Batalha do Ameixial] e o sítio de Évora, e a ocasião em que derrotei o Duque de Ossuna: porem ainda que ficaram bem feitos porque os pintou Bento Coelho e Marcos da Cruz, como não val senão a voz e pluma estrangeiras não conseguem a estimação que eu desejava» (Vale, 2004: 163). Esta referência é muito importante pelo facto de revelar várias informações preciosas no estabelecimento

¹⁵ Biblioteca da Ajuda, cód. 49-X-21, «Papel de Duarte Ribeiro e he o que a Carta emtecedente acusa» fl. 49; 72v.

de um quadro analítico. Desde logo, ela confirma as parcerias de trabalho celebradas entre Marcos da Cruz e Bento Coelho da Silveira. Acresce ainda que, para o Palácio da Anunciada, Menezes chamou os melhores artistas do tempo, facto declarado na informação generalizada «*porem ainda que ficaram bem feitos porque os pintou Bento Coelho e Marcos da Cruz*». Depois, o Conde recorreu ao labor de dois pintores com presença assídua e relevante na Irmandade de S. Lucas: Marcos da Cruz como juiz em 1657 e Bento Coelho da Silveira como juiz em 1648-9/1667-8, entre outras funções não menos importantes. Finalmente, D. Luís expressou o valor e a consideração que a arte estrangeira gozava em Portugal. Com efeito, a frase «*não val senão a voz e pluma estrangeiras*» não se refere apenas à pintura sobre tela, mas a toda produção artística externa (pintura, azulejaria, tapeçaria e mobiliário) que todos os anos dava entrada na Alfândega Portuguesa e, por isso, constituía um meio «*de se levar dinheiro pera fora dos Reinos*». Perante o conhecimento deste estado da arte, só podemos concluir que na política proteccionista do 3.º Conde como vedor da Fazenda se inclui a decisão de activar a manufatura portuguesa com a dupla estratégia de embargar a azulejaria holandesa, estimular os pintores da modalidade de óleo e, principalmente os da modalidade de têmpera a investir na produção de pintura sobre azulejo.

Em 1698, foi levantado esse embargo, talvez porque o seu maior defensor tivesse falecido em 1690, e substituído no cargo por D. Manuel Teles da Silva, 1.º Marquês do Alegrete (Troni, 2012: 334), ou talvez porque as Pragmáticas, verdadeiramente não foram cumpridas. Para o azulejo não conhecemos caso de excepção (embora a azulejaria do Convento dos Cardaes levante dúvidas quanto à data em que foi aplicada), mas para a pintura encontrámos um exemplo que deixamos transcrito.¹⁶

¹⁶ «Senhor = Diz Fernão Roiz de Brito Pereira que por despacho deste Conselho fez o supplicante alealdamento/ dealdamento? na Alfandega desta cidade de varias Alfayas que lhe erão necessárias para ornato de sua caza, e entre elas forão sincoenta lâminas com molduras douradas grandes e sincoenta pequenas de França, e chegando as mesmas e contado dentro da Alfandega o Provedor lhe denegou o despacho as sincoenta pequenas com fundamento de que no papelão em que vem excul/fol. 161/pida **a pintura dos retratos são vestidos de prata e ouro**, e ser ouro delle prohibido pella Pragmática de Vossa Magestade, porém a tal prohibição **não he feita na dita Pragmatica aos Retratos** mas sim o uso dos Vestidos com prata e ouro aos vassallos de Vossa Magestade para o não poderem usar em os trages delles, e por assim ser não há duvida se lhe deve mandar dar o despacho das ditas laminas portanto P.a V. Magestade lhe faça mercê mandar ao dito Provedor da Alfandega que sem embargo da sua duvida lhe mande dar despacho das ditas laminas que se para elle não serve de impedimento o terem as molduras douradas também o não deve ser **o serem as figuras das pinturas dellas illuminadas de prata e ouro** pois na Pragmatica se não faz prohibição do uso de huma e outra couza senão para os vestidos dos Vassallos de Vossa Magestade= Informe o Provedor de Alfandega, Lx. Outo de Novembro de 1700. Com 5 rubricas = O Provedor de Alfandega dê despacho visto estas couzas senão comprihenderem na proibição da Ley, Lx. 22.01.1701. com 7 rubricas= Registado se cumpra. Lx. 24 de Janeiro de 1701 – Vanvassem » (Flor, 2016b).

As academias literárias: os singulares e os generosos

A importância das Academias Literárias no contexto artístico já mereceu, na nossa historiografia, investigação importante e reveladora de dados inéditos sobre um dos pintores mais activos do final do século XVII como seja Bento Coelho da Silveira, aclamado na Academia dos Singulares (Sobral, 1998). Desde o laborioso trabalho de Edgar Prestage, em 1914, passando por Elze Vonk Mathias, João Palma-Ferreira, até aos trabalhos mais recentes de Clarinda Santos, que o mundo disperso da produção literária das Academias tem sido reunido, explicado e interpretado, cabendo também ao historiador da arte continuar a construção de elos de ligação entre os mundos artístico e literário, processo iniciado por Moura Sobral.

A vida cultural das Academias Literárias conheceu sempre maior dinamismo por ocasião de acontecimentos político-diplomáticos, de eventos sociais ou de tragédias pessoais. Para o século XVII, elenca-se a Restauração de Portugal (1640); o falecimento de D. Duarte de Bragança (1649); os casamentos dos Infantes da Casa de Bragança (D. Catarina, D. Afonso, D. Pedro); o baptizado da Infanta Isabel Luísa Josefa; o falecimento do Marquês de Távora etc., para os quais se conhecem obras textuais, gravuras e, cada vez mais, associações a artistas que intervieram nelas.

A Restauração de Portugal é um bom exemplo para iniciarmos esta nossa articulação entre as Academias Literárias e a Irmandade de S. Lucas. Em Coimbra, à sombra de uma academia literária, Academia Proliberata Lusitania (?), celebrou-se a festa da aclamação régia. Com efeito, D. Manuel de Saldanha, Reitor da Universidade de Coimbra, em carta escrita a D. João IV, fez uma relação de todos os acontecimentos na cidade do Mondego perante as notícias do primeiro de Dezembro de 1640, bem como de todos os eventos protocolares e festivos informando que a Universidade de Coimbra «*avantajou-se nestes aplausos como muito obrigada*» (Saldanha, 1641).

Mais tarde, somos informados que a 1 de Janeiro de 1641, em grande pompa e circunstância, o corpo universitário em procissão solene levou o Santo Lenho, desde o Mosteiro de Santa Cruz até à capela da Universidade

«ricamente adereçada & cercada de epigramas... A noite se festejou com hum luzido fogo de diversos artificios & muitas figuras & engenhos... Na outra noite ouviu hua mascara de trinta e duas parelhas, todas de lentes Doutores & e Estudantes... **Decretarão-se prémios (festa particular das Academias) a quem melhor louvasse a Sua Magestade em Poemas & Epigramas latinos, Canções e Sonetos & todo o Género de versos nas três línguas, Portugues, Espanhol e Italiana. Em oito de Fevereiro seguinte se publicarão os prémios aos que se aventejarem nas Poesias... fesse esta solemnidade na Sala Grande dos Autos que estava armada de panos de rás & rodeada de Epigramas e poezias de tanta arte e engenho...**» (Aplausos, 1641, sublinhado nosso).

Destes certames publicou-se uma obra, a qual incluía todos os poemas, panegíricos, epigramas, acrósticos, etc., em português, latim e italiano, além das cartas trocadas entre D. Manuel de Saldanha e D. João IV. A decorar o livro foi inserida uma gravura de uma portada de ordem clássica, com dois anjos a segurar o escudo das sacras quinas, conjunto que poderíamos descrever como a narrativa visual de todos os acontecimentos relatados pelo Reitor ao Rei. Ao centro, duas cortinas afastadas revelam, cenicamente, o retrato marcial de D. João IV e ouvimos a canção panegírica: **«E vós Douta Academia que altamente/Primeira nos Aplausos aclamastes/Ao novo protector tão Dezejado/Endoudeci de alegre justamente,/ Que se apezar dos textos, que ensinastes/ Vieis o cetro aos Duques usurpada; Decreto superior de oculto fado/Lho estitue agora;/E a Caza de Bragança vencedora/Que se o Reino lhe dais com vossa pena/Lho sabeis defender com vossa lança./Dai pois hum corte à pena outro À espada/Sereis com duas palmas laureada,/Hua eternisse o nome Lusitano,/Outra derrame o sangue castelhano; Cantando ao Luso o Espanhol vos sinta/Hua mão verta o sangue e a outra a tinta. Para ouzada canção, que tanto empenho,/ Excede o discursar de humano engenho/sosseguesse a Camena,/Que he tempo mais da espada que da pena./Parte pois reverente ouzada parte/A adorar o crucigero estandarte,/E em tantos vai clamando em ser distinto: /Seja o Quarto João Planeta Quinto»** (Saldanha, 1641: 72).

A afiliação da gravura é conhecida: José de Avelar Rebelo pintou e Agostinho Soares Floriano abriu (Soares/Lima, 1948: 198). Antes da década de 40, a formação e o passado artístico de José de Avelar Rebelo ainda hoje não estão completamente esclarecidos, conquanto seja provável que a ligação do pintor à Casa de Bragança fosse anterior à Restauração (Serrão, 1992: 206).¹⁷ Não sabemos se Avelar participou nas festas da Universidade de Coimbra, embora

¹⁷ No testamento de José de Avelar Rebelo surge-nos como testemunha António Correia de Azevedo, Arcediago de Penela. Quererá esta informação traduzir uma ligação do pintor à zona de Coimbra? (Viterbo, 1903, 53).

se assinale a presença na cidade de Frei Tomás de Aranha, como vimos, seu amigo e Reitor do Colégio de São Tomás por esta época (Barbosa, 1752: 740). Quatro anos depois são publicadas as «*Poesias Compostas na ocasião da Felicissima & Milagrosa Aclamação & Coroação d'El Rei Nosso Senhor Dom João o Quarto de Portugal, que se não oferecerão no Certamen Poético, que na dita Universidade ouve nem andão no livro dos seus Aplausos*» (Barbosa, 1752: 740, sublinhado nosso), na qual foi incluído um soneto «ao pintor José de Avelar Rebelo, autor do quadro dos Reis Magos que el-Rei lhe mandou fazer» (Viterbo, 1903: 21). Este verso é coincidente com o tempo em que Avelar surge na Irmandade de S. Lucas, na qualidade de juiz, e que pinta o retrato de D. João IV, hoje no Paço Ducal de Vila Viçosa: «*Lograi pois (o grão Rei) ditosamente,/Tão divino presságios começando/o governo felis, que vos espera. Ia de ouvir Dom João quarto, titubando o próprio Marte está, & como Tridente/Rendido a vossos pés...*» (Poesias, 1645: 10).

Na Irmandade dos pintores de S. Lucas, António Serrão de Castro (1610-1684) boticário, poeta e presidente na Academia dos Singulares em Janeiro de 1664 e Fevereiro de 1665 (Palma-Ferreira, 1982: 22, 25) surge-nos como mordomo da Mesa nas datas de 1665-66 e escrivão em 1653-54 e 1667-68, associado a anos onde serviram, por exemplo, os pintores Tomé da Costa Resende e Diogo Pereira Cardoso. No preciso ano de 1667-68, foi escrivão sob o mandato de Bento Coelho da Silveira estando, assim, estabelecido o contacto directo entre o futuro pintor régio e a Academia dos Singulares. Nesse ano de 1668, Bento Coelho desenhou para a publicação daquela agremiação literária o emblema, cuja gravura, foi aberta «toscamente por André Leitão de Faria, poeta calígrafo e, segundo Barbosa Machado, “não menos insigne na arte da pintura, ou fosse de óleo ou de iluminação”» (Sobral, 1994: 24-5). André de Leitão de Faria será mordomo sob a presidência da Mesa de Bento Coelho em 1690 e membro muito activo na Academia dos Generosos. Por exemplo, em 1674, D. Luís de Menezes, 3.º Conde de Ericeira, académico onde adoptou o nome de *Felizardo*, escreveu «Compêndio Panegírico da Vida e acções do Exc. Senhor Luís Alverez de Távora Conde de S. João, Marquez de Távora» em homenagem ao seu amigo que havia falecido.

Neste compêndio foi incluída uma gravura com um retrato do Marquês de Távora, aberta por André Leitão de Faria (And. Leit. Facieb) (Soares, 1971: 254), bem como uma portada, na qual podemos observar «entre quatro ciprestes que se erguem aos pares vê-se assente sobre leões uma urna funerária na frente da qual se abre o brasão de armas do Marquês de Távora», assinada Joam Baptista Fecit (Soares, 1971: 254).

Por seu turno, D. António Álvares da Cunha, Senhor de Tábua e secretário da Academia dos Generosos, tinha o seu palácio na Rua Direita das Chagas, entre a Travessa da Laranjeira e a Travessa do Sequeira, na freguesia de Santa Catarina (Prestage, 1914: 300/305/6). No início da década de 60, resolveu fazer obras na residência, construindo um «quarto» novo e, junto ao jardim, instalou «a nova aula da Academia dos Generosos para a qual organizou os «Jogos Olímpicos das Musas Lusitanas», a fim de celebrar o evento (Prestage, 1914: 306). Desta campanha de obras temos pouca informação, no entanto duas referências documentais cruzadas poder-nos-ão esclarecer um pouco mais sobre a decoração deste espaço. Desde 1914 que Edgar Prestage nos deixou a informação, por ele considerada «de valor científico», que D. Lucas de Portugal (académico e mestre-de-sala no Paço da Ribeira) escrevera uma «*Oração de hum bom Juízo secundum Lucam*», na qual informa: «*Hua mercê peço ao Sr. Dom Antonio e he que me não mande retratar, porque o seu pintor retrata muito ao natural e isso não me está bem, porque não quero que vejam os vindouros que nas nossas idades houve homens tão feios: o que poderão dizer por alguns amigos meus. E ainda que sempre invocamos a S. António para que nos depare o que se não acha, bom sera pedirmos lhe que não depare estes retratos*» (Prestage, 1914: 306). Deste trecho concluímos que D. António havia mandado fazer uma galeria de retratos dos Académicos Generosos, uma série de *Uomini Illustri*, a fim de decorar a nova morada das musas. Quem seria(m) o(s) retratista(s)? Domingos Vieira, «o Escuro»? Feliciano de Almeida? Uma indicação documental revelada por João Simões em 2002 poder-nos-á dar uma pista de investigação sobre a autoria. A 20 de Outubro de 1686, numa casa da Rua do Cabral, o pintor Fernão Álvares de Paiva, mordomo e escrivão da Irmandade na década de 70 e 80, deixava escrito o seu testamento, no qual declarava que D. António da Cunha «*lhe estar a dever 16 mil réis das obras que lhe fiz*» (Simões, 2002, 2.º vol.: 32).

Para finalizar esta breve reflexão em torno das relações estabelecidas entre a Irmandade de S. Lucas e as Academias Literárias, lembremo-nos que no século XVIII, seguindo uma prática corrente, Vieira Lusitano trabalhou proximamente com *Cândido Lusitano* (ou Francisco José Freire) da Arcádia Lusitana ou Olisiponense (Palma-Ferreira, 1982: 90) fornecendo a ilustração da Tragédia e Poesia para a tradução da tragédia *Méropé* de Scipione Maffei, realizada pelo académico (Saldanha, 1995: 72). No final do século XVIII, Cyrillo Volkmar Machado realizava uma alegoria à pintura na Sala da Academia do palácio do 2.º Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança Sousa e Ligne Tavares Mascarenhas da Silva (1719-1806), mais tarde um dos grandes mentores da Academia de Ciências (Braga, 2015: 61-69).

Félix da Costa Meesen (1638-1712)

A figura de Félix da Costa Meesen surge-nos na documentação do fundo da Irmandade com renovada importância. Esta constatação deriva, por um lado, do assentamento do seu nome, contabilizado mais nove vezes do que Garcez Teixeira havia feito (1671-72, 1673-74, 1674-75, 1680-81, 1681-82, 1682-83, 1683-84, 1685-86, 1694-95, 1695-96, 1701 e 1712).

Por outro lado, consideramos que o papel desempenhado é tão relevante pelo número de vezes em que surge, como pela (re)organização que quis imprimir à vida e negócios da confraria do Mosteiro da Anunciada. Desde logo, o rigor da letra (reconhecível através do *Tratado da Antiguidade da Arte da Pintura* que nos ficou manuscrito) em contraste com letras de escrivães anteriores, cuja ausência de desenho cuidado e tinta já repassada tornam, por vezes, difícil a tarefa do historiador da arte. Não é esse o caso quando se trata de ler a documentação deixada por Félix organizativo e rigoroso, tanto no lançamento das eleições, como no inventário das peças a transferir para Mesa seguinte. **À época, a Irmandade também sentiu necessidade de clarificar os procedimentos burocráticos e tornar mais inteligíveis os registos escritos, razão pela qual assistimos à elaboração de dois regimentos (1681 e 1706), publicados em anexo.**

Já no *Tratado da Antiguidade da Arte da Pintura*, Félix da Costa havia deixado expresso que «os caracteres das letras he o mesmo que o debuxo material e visível da Pintura com que hão de ilustrar todas as monarchias que conquistarão as armas...» (Kubler/Costa, 1696: 20v). O cargo ocupado de pintor **régio de têmpera** (Flor, 2012: 140) e a educação artística recebida pelo pai, o pintor Luís da Costa, bem como a cultura adquirida em grandes capitais europeias (Londres e Madrid) conferiram-lhe a autoridade e o respeito entre os pares. É precisamente nesse sentido que se justifica que, na eleição de 21 de Outubro de 1711, portanto um ano antes de falecer, seja eleito como definidor (conselheiro) da Irmandade. Para além deste estatuto, adquire ainda outro (partilhado com António de Oliveira Bernardes, Francisco Coelho e Pascoal da Silva), o de eleitor *ad perpetuam*.

Lendo o *Tratado de Antiguidade da Arte da Pintura* facilmente nos apercebemos da razão para tal influência, pois ali ficou inscrita a personalidade de

Meesen e o conceito que tinha sobre a nobreza de ser pintor. Podemos considerá-lo assim um conselheiro de almas mais jovens quando afirma «a mais nobre couza que deve aprender a mocidade, he a sciencia, porquanto a occupação della serve de evitar as más obras a que o ócio nos encaminha» e lhes mostra o verdadeiro caminho da profissão: «quero formar hum cabal pintor com as qualidades que lhe são necessárias»: entendimento, engenho dócil, coração nobre, espírito levantado, com boa disposição e perfeita saúde, bem proporcionado e de bom talhe, aturador em aplicação, amoroso para com a sua arte e, «por último estar obediente a um Artífice sábio porque tudo depende dos bons princípios e sempre se acostuma à boa ou má maneira de pintura de seu Mestre» (Kubler/Costa, 1696: 44v/45). O seu discurso é amplo, pois aos colegas de profissão recomenda as condições necessárias para a aquisição de um bom entendimento artístico: imitando Miguel Ângelo em tudo até na frugalidade dos alimentos e no pouco descanso, quando pintou o tecto da Capela Sistina (Kubler/Costa, 1696: 38v).

Em paralelo, Félix da Costa analisava esclarecidamente a situação artística conjunctural do final de Seiscentos, não só porque estava a par das dificuldades inerentes ao exercício da arte de pintar, como também intervinha na resolução de questões e de dificuldades, como orgulhosamente afirma. Com efeito, a ligação à Irmandade de S. Lucas colocou-o no centro dos problemas e no conhecimento das condições precárias de muitos colegas de profissão: «se bem que oje em Portugal são pintores penitentes por força, que o sustento que eles avião de repartir com si mesmos, com moderação conveniente, a Pintura lhes dá tão pouco que padecem pela muita limitação do premio, não tendo que negar a si próprios; regulando-se a pintura não como actos do entendimento, mas como couza que tem seu preço certo» (Kubler/Costa, 1696: 38v). Esta posição é tanto mais admirável, se tivermos em conta que o cargo exercido junto da Coroa não lhe proporcionava, com toda a certeza, situação idêntica à que acima deixava descrita. Nesse sentido, todo o discurso reforça a nobreza da arte da Pintura e funciona como meio de pressão para que o artista se desvincule dos ofícios considerados «baixos». Ao referir-se criticamente à política artística de D. João III, cuja Provisão anexou os pintores à bandeira de S. Jorge, afirmou: «eu de outra sorte, e pelo contrário julgara que os Professores da arte da Pintura a vião de ser isentos de todas as occupações, ofícios baixos e servis e de todos os encargos pessoas» (Kubler/Costa, 1696: 88v). Como demonstração da sua influência e da justiça como um meio de libertação, Félix da Costa informa-nos dos avanços obtidos nesta matéria, quando participou como conselheiro no processo movido pelo pintor Pedro Vieira,

a par do Dr. Diogo de Brito, cujo parecer foi de «*excuso do tal officio por causa do privilegio da arte*» (Kubler/Costa, 1696: 89).¹⁸ Como culminar deste processo anunciou a acção do Desembargo do Paço em emanar o «Acórdão em favor da Pintura e da Escultura» de 14 de Maio de 1689. Vale a pena vermos quem foram os principais subscritores de tal medida: o monteiro-mor do Reino, D. Garcia de Melo (1626-1706) e Diogo Marchão Themudo (1700), fidalgo da Casa de Sua Majestade e sogro de D. Tomás de Noronha e Nápoles. Por sua vez, este era filho de D. Tomás de Noronha e Nápoles, o nobre que presidiu à Mesa da Irmandade entre 1686 e 1688. Acresce o facto de Marchão Themudo possuir uma pinacoteca com obras de Mattia Pretti (1613-1699), pintor cavaleiro da Ordem de Malta, de Miguel Ângelo da Caravaggio, uma outra de Miguel Ângelo «Buonarrote» ou ainda de Rafael Sanzio (Simões, 2002: 275-288). Por outras palavras, os assinantes do Acórdão pertencem à nobreza esclarecida (e aliada) para aconselhar o Rei D. Pedro II a consolidar a liberalidade da Pintura.

Por último, resta-nos dizer que Félix da Costa Meesen uniu à análise objectiva e crítica da arte da Pintura o sentimento religioso não se desvinculando na obra escrita desse propósito: «*tenho relatado o principio da Pintura, sua Antiguidade, sua excelência, partes della, Monarchas que a exercitarão e honras que receberão seus professores: mostrarei agora como o mesmo Christo, Anjos e Santos a executarão, decendo do Ceu a esse fim...*» (Kubler/Costa, 1696: 111).

É neste sentido que demonstra preocupação em estabelecer a genealogia da retratística da Virgem «*e he opinião antiga, qua aonde não chegou o Evangelho de Sam Lucas, obrarão as pinturas de sua mão, treslados de Cristo Salvador Nosso, e de sua May Sanctissima; a que deu principio este Evangelista, à instancia de Sam Dionísio o Aeropagista que procurava movessem os retratos aos que não conheciaos originaes, sendo o primeiro da Virgem Senhora Nossa...*» (Kubler/Costa, 1696: 36) e de filtrar da Arte as boas imagens à semelhança do que Frei Tomás de Aranha havia feito no passado.

Perante esta exposição, estamos em condições de afirmar que Félix da Costa de Almeida ou Meesen, como também assinou nos livros da

¹⁸ No *Tratado da Antiguidade da Arte da Pintura*, Félix da Costa é peremptório em afirmar que participou no processo. Tratar-se-á de um homónimo, quiçá filho, de Pedro Vieira activo no início do século XVII e estudado por Vitor Serrão? (Serrão, 1992, 2.º vol.: 603/13) «*Depois desta sentença em hum agravo de hum Pedro Vieira Pintor da Vila de Torres Novas, o qual fora eleito para hum officio baixo da Republica, o mesmo Doutor Diogo de Brito julgou devia ser excuso do tal officio por cauza do privilegio da arte, e deste parecer fui eu também. E assim o julgamos sendo o escrivão João Baptista Chaves*» (Kubler/Costa, 1696: 88v-89).

Irmandade, deixou uma marca indelével na vida dos irmãos de S. Lucas, visível não só pelo legado de conhecimento artístico que possuía, mas também pela capacidade de organização burocrática a que Teodoro da Silva Paz (act. 1703-1744), João Nunes de Abreu (act. 1695?-1738) e, mais tarde, o próprio Cyrillo Volkmar Machado darão seguimento, numa clara atitude, até de ordem prática, de desvincular a Pintura da confusão e ausência de memória das artes ditas mecânicas.

A Irmandade depois de 1712

No início do século XVIII, a capela dos irmãos de S. Lucas conheceu novo impulso tanto a nível espiritual como artístico, um e outro interligados no sentido do aumento da magnificência do espaço tutelado pelos executores de uma Arte Liberal.

Assim de 11 de Junho de 1712 conhecemos um «Instrumento de Contrato e Obrigação concernente à fábrica da Capela do Evangelista S. Lucas». Assinado entre as freiras e o representante dos irmãos, o Procurador Lourenço da Silva Paz (1666-1718), morador ao Rossio da feira, no qual declarava que *«a sua Irmandade tinha na dita capela que era a que ficava da banda da esquerda, a primeira junto à Capela do Sacramento das Comunhões, na qual capela tinham colocado o dito Santo e feito capellam para nella dizer missa todos os dias pela sua Irmandade para cujo efeito de se dizerem nela missa pelo dito seu capelam... lhe era necessário guisamento [vinho e hóstias] e ornamentos todos os dias para o dito seu capelão se revestir e dizer missa»* (Teixeira, 1931: 56). Em troca desta solicitação às freiras da Anunciada, os irmãos comprometiam-se a pagar 3000 rs anualmente. Os pintores André Gonçalves e Manuel dos Reis testemunharam neste acto tabeliônico e assinaram as religiosas e ainda o Juiz José Ferreira de Araújo e parte da restante Mesa, além de outros irmãos: António Lobo, António de Oliveira Bernardes, Francisco Coelho de Gouveia, Félix da Costa Meesen; Mateus de Sousa, Julião Barbosa e José Gonçalves Soares. Em paralelo, através da documentação existente no fundo documental da Irmandade, conhece-se todo o «gasto com a capela».¹⁹

¹⁹ «aparelhos de gessos e mais aviamentos para se dourar... 4760; José Gonçalves 23 dias; Tomé de Sousa 13 dias; hum rapaz que trouxe José Gonçalves; em ouro; seis milheiros e hum livro; para o arco e aduelas; José Teixeira 21 dias; Gonçalo Mesquita 10 dias; André Gonçalves 4 dias; Francisco de Barros 12 dias; António Lobo 30 dias; Manuel Francisco 10 dias; gastouse em cores com suas quitas (guitas) que fez Manuel Galvão; outras que comprou António Lobo; o Santo grande concertou o irmão Manuel Machado e não quis nada; estofou o nosso irmão Félix da Costa fez de gasto 6720 rs o mais deu de esmola; as grades da capela que se comcertarão; ao pedreiro concertou a capela e cortou a volta do arco; ao carpinteiro José de Melo de fazer a banquetta, credencias e concertar a Mesa; ao mesmo pelo andaime com o aluguer de huas madeiras; ao entalhador João Vicente de concertar o retábulo e fazer hua sacra» (Livro original de todas as memórias, n.º 4, 1712, fl. 233-234v). Nuno Saldanha assinala ainda a presença de Julio Cezar Temine a pintar para a igreja (Saldanha, 1995: 22).

Por esta época, o Mosteiro da Anunciada conhecia grande campanha de obras, assinalando-se a presença de vários artistas em trabalhos que não os da Capela de S. Lucas. Em 1704, António Pereira Ravasco encarregou-se de fazer e reformar o tecto da igreja e o frontispício da capela-mor da Anunciada, executado por Domingos Vieira Serrão (Serrão, 2001: 132). Também as festividades organizadas por ocasião das entradas de rainhas em Portugal corresponderam a tempos de grande azáfama no meio da Irmandade. Assim, para a festa do Arco do Triunfo da Rainha D. Maria Ana de Áustria (entre Outubro e Dezembro de 1708), vemos a participação de pintores presentes na corporação de S. Lucas, a saber Mateus de Sousa, Raimundo do Couto, Miguel Lobo, Domingos das Neves, António Carvalho, Vicente Nunes, Manuel Francisco, José de Almeida, Manuel Rodrigues, Francisco Paulo (Abril?), António da Rinha, Manuel Vaz, Manuel Monteiro, Manuel Lima, Caetano de Almeida; Manuel Simões, António Rodrigues, Manuel da Penha, Manuel Ribeiro (Raggi, 2004: 1135). O mesmo se verificou em 1733, onde o Tesoureiro Félix Travaços «recebeu 20.030 rs da mao do procurador da Mesa Luis da Silva; dos quais 20.030rs são de acrescismos do que se deu para a fatura do arco que se fez para a entrada da serenissima princesa do brasil em Mesa 31 de mayo de 1733 e como recebeu e assignou comigo o Secretário Manuel de Sousa».²⁰

Ao longo do século XVIII, a vida da Irmandade decorreu com as tarefas próprias ao seu Compromisso: eleições com a consequência de inventariação de bens, cobrança de esmolos, assento de irmãos, empréstimo de dinheiro a juros, etc. Por esta documentação, conseguimos restituir um pouco do dia-a-dia e apercebermo-nos, por exemplo, do recheio da capela, dos irmãos que faleceram e do estado das finanças.²¹

²⁰ Fl. 373v.

²¹ Tomemos como exemplo a data de 1721: «*Livro em que se hade lançar o inventario de todas as pessoas e movens pertencentes à Irmandade do S. S. Lucas cita em a igreja da annunciada desta cidade de Lisboa occidental efeito este ano de 1721*» – «*hua imagem de S. Lucas que está no altar com seu resplendor de prata; outra imagem do mesmo santo, mais pequena, com seu resplendor de prata; hua lamina de prata com o retrato de N. Senhora; cruz de prata outavada e esmaltada; duas imagens uma do Salvador do Mundo e outra de NS do Populo que estão nos nichos do altar; estante de missal com o nome de S. Lucas*». Em relação a contas, sabemos que no cofre estavam uns escritos «*juro de seis e quatro por sento que tomou a juro hum Manuel dos Santos ja falecido casado que foi com Luisa Frca a qual a tornou a casar com Francisco Rodrigues*» e oito livros um de despesa, outro de receita, outro dos inventários, outro dos acórdãos, mais dois em que se lançam as missas dos defuntos ou suas certidões e de recibos da missa quotidiana, um grande encadernado em pasta que serve dos assentos da Irmandade e outro encadernado em veludo verde com suas brochas de prata que serve de compromisso. Em 1730 são registadas despesas com o resplendor do Santo e ourives (*Livro original de todas as memórias...* fl. 332v).

No entanto, o número de assentos e o aumento das receitas provenientes das colectas dos Bairros de Lisboa não faziam prever que, na década final do reinado de D. João V, a Irmandade perdesse parte do fulgor de outras temporadas e que a entrada de irmãos se fizesse com tanta irregularidade, como podemos verificar através da lista em anexo, em que as décadas de 20 e 40 contrastam com a primeira e terceira de menor adesão. Sublinhe-se ainda que o século XVII viu envolvidos na Irmandade nomes estatutariamente maiores da arte da pintura, em particular aqueles que mais destaque obtiveram e número de obras executaram. Ao invés, no século XVIII, parece que o facto da maior parte da decoração pictórica ter sido executada fora de Portugal por artistas de formação francesa e/ou transalpina, para não mencionar o aumento crescente pela arte da escultura e da talha, em substituição dos antigos retábulos onde dominava a pintura, contribui para um certo esmorecimento da Irmandade que, mesmo assim, foi contando com a colaboração activa de André Gonçalves, os Lobos, os Serras, Valentim de Almeida, Brás de Oliveira e Lourenço da Cunha entre outros. Em paralelo, a aprendizagem do tipo oficial, onde o sistema de cópias de modelos gravados, mantinha-se em funcionamento.

O terramoto de 1755 foi verdadeiramente devastador para a história da Irmandade de S. Lucas. O falecimento de pintores, a grande destruição do Mosteiro da Anunciada, os tempos conturbados que se seguiram à tragédia levaram à suspensão das atividades correntes por mais de vinte anos. Para dar resposta às encomendas no pós-1755, as oficinas lisboetas que permaneceram como locais preferenciais da formação foram satisfazendo as empreitadas, contando, porém, com a concorrência de outras artes decorativas em função das mudanças do gosto: o caso do emprego dos estuques e a continuidade do esplendor do azulejo e da talha dourada.

Sabe-se por testemunho de Cyrillo Volkmar Machado que, da Capela de S. Lucas, foi salvo o arquivo, o quadro do retábulo executado por Amaro do Vale, a estátua do Santo patrono, as pratas, as jóias, as alfaias religiosas e as patentes, tudo distribuído pela igreja do Convento de Santa Joana (painel) ou de irmãos (a estátua em casa de Gregório Madeira e prata e jóias na de Jerónimo Gomes Teixeira). Em 1781, alguns deles tentaram restabelecer a Confraria e festejaram o Glorioso S. Lucas na Igreja de Santa Justa, onde colocaram a estátua do Santo patrono, tendo-se alistado novos irmãos pela ocasião, mas sem assento nas patentes, pois estavam em casa de Jerónimo Gomes Teixeira. A instâncias deste último, a imagem do Evangelista foi transferida

para a Igreja de Santa Joana (1788), juntando-se ao painel *«egregiamente pintado por Amaro do Vale»*, e, assim, o Santo foi festejado nos anos seguintes até 1793 (Teixeira, 1931: 5).

A década de 90 assistiu a novo fôlego em torno da re-fundação da Irmandade de S. Lucas. Logo em 1791 os pintores procederam a eleições com a presidência de Pedro Alexandrino e secretariado de Cyrillo Volkmar Machado que, nessa qualidade, organizou o arquivo: *«e como tal, tomei conta do Compromisso velho, do Livro de entradas e de mais sete livros e alguns papéis todos mutilados em hua extrema desordem. Forão todos encadernados em hum e eu lhe fiz o seguinte Index que aponte a folha em que se acha cada uma das clarezas nelle conteúdas»* (Teixeira, 1931: 4). Em paralelo, seguiram-se reuniões em casa de Pedro Alexandrino, a fim de discutir a reforma do novo *Compromisso*. No ano seguinte, firmava-se a escritura feita nas notas do tabelião Francisco Xavier Vieira Henriques com a tomada de posse de uma nova capela, desta vez sita no Convento de Santa Joana, estando o novo compromisso terminado, infelizmente, sem a aprovação de todos, como lamentou Cyrillo.

Em 1807, as Invasões Francesas infligiram a machadada final na associação dos agentes de S. Lucas, a qual contava com mais de 200 anos e 100 pintores registados no último assento. Com efeito, o roubo da lâmpada da Capela de S. Lucas em 1808, provocou tal temor entre os pintores que Pedro Alexandrino mandou fundir a cruz de prata e repartiu o valor pelos irmãos.

A extinção da Irmandade de S. Lucas há muito que estava vaticinada, não pelas tragédias naturais e históricas, mas pelo profundo desentendimento no seio dos pintores, a propósito da concepção de Irmandade que se projectava à entrada para o século XIX, como nos deixou em memória Cyrillo Volkmar Machado, aquando da discussão dos vários projectos de *Compromisso*: *«sobre essa reforma houve taes desavenças que o resultado foi ficar tudo anihilado.»*

Orgânica e funcionamento da Irmandade de S. Lucas

No *Compromisso* da Irmandade surge-nos bem explicitado o motivo pelo qual, em 1602, nove pintores (cinco de modalidade de óleo e quatro de modalidade de têmpera) resolveram criar uma confraria de mester: «*Considerando os pintores desta cidade a muita obrigação que a este Santo e Mestre seu [S. Lucas] têm por os deixar ser seus **agentes e fazer despenseiros destes divinos retratos reais**, ordenarão fazer esta Irmandade de invocação de Nossa Senhora do Pópulo e do glorioso S. Lucas, não somente pera si, mas também pera os que professão a arte do debuxo*» (Teixeira, 1931: 40). Também pelo citado documento, somos informados acerca da composição e Direcção da mesma, à qual podiam pertencer: «*os pintores todos assim de óleo como de tempera, arquitetos, escultores, iluminadores ou outras quais quer pessoas que professarem debuxo que quizerem ser irmãos, contando que sejam conhecidos por pessoas de boas consciências.*» É esta abertura a todos os que professassem debuxo, a razão pela qual encontramos artistas que se dedicaram maioritariamente a outros ofícios como sejam por exemplo os da Arquitectura/Engenharia Militar (Sebastião Elias Pope, Eugénio dos Santos de Carvalho), da Escultura (Manuel Andrade, Manuel da Costa e Francisco da Mata), da Iluminura (Luís Nunes Tinoco), da Ourivesaria (João Frederico Ludovice), da Gravura (João Baptista, Gaspar Fróis de Machado, Eleutério Manuel de Barros), da arte da Impressão (Pascoal da Silva). Uma última palavra para os letrados da Academia dos Generosos (o P.^e Jorge Cardoso, autor do *Agiológio Lusitano* e António Serrão de Castro, autor dos *Ratos da Inquisição*); para os Religiosos (o P.^e António Madeira, o Arcediago José Antunes da Costa, o Cónego Manuel Martins da Rocha, o P.^e Francisco de Miranda Teixeira e muitas freiras do Convento da Anunciada que não seguem discriminadas); para a Nobreza titulada (a Duquesa de Aveiro, D. Maria de Guadalupe, o Correio-Mor do Reino, D. Tomás Nápoles de Noronha, a Condessa de Ericeira, os Duques de Lafões). Todo o mais são pintores de formação. Nunca será demais enfatizar que a Irmandade de S. Lucas é a associação de pintores, independentemente do *medium* utilizado para a expressão da sua arte. Por consequência, nesta mais vasta categoria

artística se incluem os pintores de cavalete (a óleo), além dos que se dedicaram a outras modalidades como seja a têmpera, a pintura de azulejo, a pintura a fresco, a iluminação, o desenho, etc.

Os pintores tinham bem consciência desse estatuto, orgulhosos que estavam, desde 1612, do título de Arte Liberal reivindicado para a sua arte. O documento do «pleito entre Miguel da Fonseca e a Câmara do Porto» publicado por Vítor Serrão vem ilustrar o apego à sua matriz de formação. Este pintor, executante das modalidades de óleo, imaginária, de têmpera e de dourado apresentou, em 1622, uma petição de agravo solicitando a libertação da nova provisão da Procissão do Corpo de Deus. Nela justificava a escusa desse encargo ao Rei Filipe II de Portugal porque «*além de pintor de ollio e imaginária dourava e estofava... contudo bastava ser pintor de olleo e imaginaria pera que nello **prevalecesse a que era mais digna e mais nobre***» (Serrão, 1983: 278, sublinhado nosso). Também um documento seiscentista da Biblioteca da Ajuda corrobora o que dissemos. Trata-se de uma relação dos ofícios subordinados ao Provedor de Obras do Paço da Ribeira, na qual existe uma recomendação para que «*o pintor de óleo se pode escusar em o pintor de tempera e quando necessário faça a obra o melhor e o mais barato*», o que significa que a polivalência era uma contingência obrigatória no processo criativo.²²

Que a separação entre modalidades de pintores a óleo e têmpera existia, não temos dúvida desse facto, mas receamos que seja apenas no papel. Se observarmos atentamente o Capítulo 22 do *Compromisso*, a propósito das eleições, verifica-se que a alternância entre modalidade a óleo e têmpera foi, estatutariamente, assegurada «*pera quietação da Irmandade e não haver diferenças em as eleições dos juizes delas, as quais se farão em a Anunciada... ordenarão que fosse um ano juiz da confraria pintor de óleo e outro ano de têmpera, e assim serão sempre alternatim...*» (Teixeira, 1931: 48). No entanto, pela análise da documentação e da experiência que tivemos em organizar a lista das Mesas, esta obrigatoriedade de alternância afigura-se impossível de comprovar. A razão não está tanto na desorganização existente do processo eleitoral e o cumprimento do calendário do ano do Santo patrono. Com efeito, as eleições deveriam ser realizadas todos os meses de Outubro «*até o Domingo antes do dia do Glorioso S. Lucas*», mas ao longo do século XVII e também na centúria seguinte, vemos Mesas a prolongarem a sua vigência ou a tomarem posse

²² Biblioteca da Ajuda, Cód. 51-IX-3 «*E o medidor que passa as çertidoes das empreitadas seja de pedreiro será o seu?, ou seja de ladrilhar ou asuleijar ou do que for*» fls. 210v.

em Janeiro ou Junho do ano seguinte. Os falecimentos de irmãos em funções (ex. Tomé da Costa Resende em 1666), a desistência do lugar ocupado por surgimento de encomendas (talvez o caso de André Reinoso), a substituição de funções (no caso de escrivães e procuradores, razão pela qual às vezes surgem dois nomes numa Mesa), os desentendimentos no seio da Irmandade (o destratamento de José Ferreira de Araújo em 1705-06) são tudo vicissitudes da vida pessoal e profissional dos pintores que nos ajudam a entender as mudanças face aos ciclos eleitorais. A razão de não conseguirmos comprovar o *alternatim* reside sobretudo na multiplicidade de modalidades às quais os pintores se dedicavam.

Tentámos fazer o exercício de entender se existia essa alternância, mas deparámo-nos com imensas dificuldades. Na verdade, a lista da composição das Mesas não inclui toda a década de 30 do século XVII por estar incompleta. Na década de 40, por exemplo, o juiz José de Avelar Rebelo (1643-44) assegurou que modalidade: a de pintor de têmpera (ou a fresco que sabemos ter cumprido para o Paço da Ribeira) ou a de óleo (uma vez que pintou o retrato de D. João IV e os caixotões do tecto da Igreja dos Mártires (?)). Para o ano seguinte, surge-nos a dificuldade de não termos a eleição de 1644-45. O ano de 1645-46 funcionou sob a direcção de António Pereira, o pintor de óleo e de têmpera dos Mestrados das Três Ordens Militares? (Serrão, 1983: 335). Qual a modalidade que representava nesse ano?

Verificamos as mesmas dificuldades para o final do século XVII. A Mesa de 1681-82 teve como juiz Félix da Costa, pintor de têmpera (também pintor a óleo no género de retrato). No ano seguinte, Miguel Mateus de Cardenas assegura os destinos da Mesa. A agravar esta nossa análise, deparamo-nos com outra circunstância relacionada com a repetição do cargo de juiz por vários mandatos. Por exemplo, as Mesas de 1664-65 e 1665-66 são presididas pelo mesmo juiz, Manuel de Lima Flores; as de 1683-84 e 1684-85 repetem também presidência, desta vez pelo pintor de têmpera Francisco Ferreira de Araújo. O mesmo acontece com o pintor Luís Gomes Falcato, juiz entre 1690 e 1692 sucessivamente. No século XVIII, a questão também se coloca e por isso vemos António Lobo a desempenhar as funções de juiz por três anos consecutivos e Brás de Oliveira Velho foi juiz durante quatro.

A cobrança de esmolos e a concessão de empréstimos

Os documentos agora revelados sobre a cobrança de esmolos e a organização dos pintores por bairros (ou circunscrições) constituem outra surpresa face ao material anteriormente publicado. A arrecadação de esmolos era cláusula essencial na sobrevivência de uma Irmandade e o seu cumprimento estava assegurado no Capítulo 4 do *Compromisso*: «os mordomos, escrivão e procurador serão obrigados a pedirem de dous em dous alternatim cada Sabado esmola por os irmãos pera a despesa da Irmandade» (Teixeira, 1931: 51). Já anteriormente referimos o facto de, em 1613 e em dia de eleições da Mesa, se ter decidido mudar a forma de se cobrarem as esmolos, sinal que o processo não estaria a decorrer da melhor forma: «pera se tratar sobre as cousas convenientes ao bem e proveito della se praticou em Cabido o muito trabalho que os oficiais que servem a Confraria padeciao em tirarem todos os Sabados as esmolos por Casa dos Irmãos para a sustentação della conforme ao Compromisso.» A resolução dos Irmãos de S. Lucas foi no sentido de acordar «de comum consentimento que a esmola que os oficiais da Mesa costumão tirar ao Sábado se tire junta cada mêz e que cada irmão dará a esmola que quizer conforme a sua possibilidade contando que não descerá de 2 vinténs para baixo».

Recorde-se também que cada pintor que integrava a Irmandade era suposto pagar uma esmola (mais tarde designada também por jóia) que variava consoante o lugar ocupado na Mesa: o valor mais elevado cabia ao juiz e os valores mais baixos ficavam para os mordomos, havendo oscilações nas quantias pagas por escrivães/secretários, procurador, apontador e assistentes, etc.

A colecta das esmolos por circunscrições definidas pela Irmandade, bem como algumas notícias sobre as suas presidências, a saber Alfama (e Castelo), Mouraria, Rossio, Chiado, Bairro Alto, a que se juntaram mais tarde o Bairro do Meio e a Ajuda, seguem em anexo. De realçar que tais circunscrições de perímetro variado, e criadas «artificialmente» pela Irmandade, não encontravam directa correspondência com a divisão habitual por freguesias, a base organizativa mais relevante da cidade de Lisboa. A título de exemplo, veja-se que a

circunscrição do Bairro Alto abrangia uma área correspondente, pelo menos, às freguesias de Santos, Santa Catarina e Mercês. O apelidado Bairro do Meio agrupava parte das freguesias de São José, Anjos, Mouraria e Pena, reflectindo este novo limite a dinâmica de expansão da capital ao longo do século XVIII. A recolha de esmolos parece constituir actividade anual no seio da Irmandade e, para uma maior eficácia na gestão administrativa e financeira da mesma, eram escolhidos, de entre os irmãos, os presidentes dos Bairros. Estes serviam-se de assistentes para efectivar as cobranças. Infelizmente não chegaram até nós todos os registos dessa angariação e os canhenhos remanescentes não foram preenchidos na totalidade, pelo que deixamos em anexo a informação disponível. O prestígio alcançado e o elevado número de irmãos permitiram à Irmandade assumir-se entidade financiadora em ocasiões excepcionais. Na lista da constituição das Mesas, fomos dando conta dos empréstimos contraídos não só por irmãos da confraria mas também por outros artistas exteriores. Para assegurar a boa liquidação dos empréstimos, a Irmandade exigiu por vezes a hipoteca de bens ou penhores e sobretudo de escritos que atestassem a dívida contraída. Os registos apenas foram perpetuando os irmãos em falta e os cumpridores desapareciam dos róis de devedores quando liquidavam o encargo. Para o primeiro caso, cite-se o exemplo de Manuel Vicente, oleiro; e para o segundo o de Gabriel del Barco.

No *Compromisso da Irmandade*, nos capítulos 1 e 9, está prevista a angariação de verbas através da avaliação das pinturas executadas pelo irmão que se propunha integrar a confraria, bem como da avaliação e exame de pintura e ouro que qualquer irmão fizesse na cidade de Lisboa (e arredores). Sobre o cumprimento destes dois capítulos, nada encontramos na documentação consultada, embora no fundo da Academia Nacional de Belas Artes permaneçam ainda algumas fontes, cujo frágil estado de conservação não permitiu ainda a sua devida leitura. Além disso, a Irmandade acolhia tanto os pintores que iniciavam a carreira, como os possuidores de experiência, não se tornando por isso obrigatória a vinculação imediata, logo que principiavam o ofício.

Parcerias de trabalho

A sistematização documental dos livros da Irmandade de S. Lucas e o elenco, agora refeito, das Mesas eleitas entre os anos de 1637-1793 permitem-nos verificar a existência de parcerias de trabalho entre os seus membros.

Este facto não configura um dado novo na nossa historiografia, uma vez que Félix da Costa ao referir-se ao pintor Marcos da Cruz explicou que este artista «do seu tempo fazia parelha aos mais». A expressão «parelha» refere-se a um trabalho de parceria, prática conhecida e experienciada por Meesen e documentada, por exemplo, no palácio do Conde de Ericeira como vimos.

Vários são os casos detectados e que aqui deixamos apenas exemplificados. A empreitada do tecto da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, profundamente documentada na nossa historiografia (Serrão, 2001 e Raggi, 2004). Sabemos que, a partir de 1675, já se encontrava Marcos da Cruz a tomar o seguro da obra e a receber por tarjas decorativas (Flor, 2011: 299). Posteriormente, em 1676, são arrolados nas despesas os nomes de Félix da Costa Meesen, Domingos Ferreira, Miguel Mateus de Cardenas e Manuel Correia, pintores responsáveis pela obra de óleo e de têmpera, pelo estofamento de imagens e de «pinturas de painéis em madeira ao brutesco e respectivo douramento, bem como pela execução do retábulo de tribuna fingido de pedra» (Flor, 2011: 299). Curioso é verificar que esta equipa parece ter saído, quase por inteiro, da Mesa eleita da Irmandade de S. Lucas em 1673-74, a qual tem como eleitores Marcos da Cruz, Félix da Costa e Domingos Ferreira, além de João Baptista França e de Miguel Mateus de Cardenas que também nos aparece documentado nas contas da Igreja do Loreto (Serrão, 2001: 150).

Um pouco mais tarde, a parceria Miguel dos Santos, Amaro Pinheiro e Lourenço Nunes Varela surge-nos em três igrejas de Lisboa: na igreja conventual de Santa Marta (1692)²³, Igreja de S. Miguel de Alfama (1699-1700) e Igreja de S. Cristóvão (1702/3) (Serrão, 2001: 148 e 124). Uma vez mais encontramos

²³ Na igreja do Convento de Santa Marta só nos aparece documentado os nomes de Miguel dos Santos e Lourenço Nunes em 1692 (Serrão, 1977: 28).

esta parceria reflectida na documentação da Irmandade: em 1672, Amaro Pinheiro e Lourenço Nunes, em 1681-82 Amaro Pinheiro e Miguel dos Santos e, todos eles, na Mesa de 1698, sempre na qualidade de mordomos.

No início do século XVIII (1711-13), verifica-se a mesma situação com a campanha de obras da Igreja dos Anjos em Lisboa, cujo tecto é executado pela parceria António Lobo/Gonçalo Mesquita (Pinto, 2015), sendo o último, escrivão da Mesa da Irmandade e António Lobo um dos mordomos, decorria o ano de 1710-11. Também surgem associados às Mesas entre 1716 e 1718. Acresce a notícia das telas da nave, altares e coro-alto da igreja serem executadas por António Machado Sapeiro entre 1716-19 e tanto este pintor como António Lobo cumprirem tarefas na Mesa da Irmandade no ano de 1712. Ao longo do segundo quartel do século XVIII, a mesma situação ocorre, visível por exemplo nas empreitadas do Convento da Graça ou na Igreja do Menino Deus da década de 30, cujos protagonistas são justamente alguns dos que participam nas Mesas de 1730-1732: Valentim de Almeida e Jerónimo da Silva no primeiro caso; Jerónimo da Silva e Vitorino Manuel da Serra no segundo. Em Setecentos, torna-se evidente a coincidência do trabalho desenvolvido pelos pintores no âmbito das cenografias e dos teatros régios e a composição das Mesas, por exemplo de 1753: Lourenço da Cunha, Feliciano Narciso e Simão Caetano Nunes .

Em todos os casos enunciados, e outros ocorridos ao longo da vida da Irmandade, perpassa a ideia de que as Mesas eleitas (cinco oficiais numa primeira fase e uma dúzia em fase posterior) constituíam o local ideal não só para reforçar elos pessoais (familiares e de amizade) como também para o estabelecimento de cumplicidades agilizadoras na tarefa de arrematar as empreitadas ou as obras que decorriam. O facto de pertencer à Mesa da Irmandade significava que os seus membros detinham estatuto social e profissional elevados, capaz de lhes proporcionar a hipótese de serem os contratados. O *Compromisso* define o perfil de cada um dos membros da confraria e respectivas funções. A reunião entre os irmãos decorria em cabido, pelo menos uma vez por ano, havendo obrigatoriedade de quórum. Todos os presentes (e não somente a Mesa em exercício) assinavam as resoluções tomadas e a contabilidade apresentada pelo tesoureiro.

Apesar de se complexificar com o decorrer dos anos, a estrutura da Mesa é piramidal, baseada em mordomos que auxiliam indistintamente o procurador, o escrivão (ou o secretário) e o juiz, personalidade mais prestigiada entre todos, que terá alçada e poder para fazer pagar desvios de bens ao

inventário ou apaziguar conflitos entre os irmãos. Os registos revelam-nos pelos menos duas situações em que houve lugar a desentendimentos, cujos motivos não são, infelizmente, perceptíveis, casos dos pintores José Ferreira de Araújo e Feliciano Narciso. Por conseguinte, a Irmandade de S. Lucas serviria como uma plataforma, diríamos hoje, de relações pessoais profundas e de intercomunicabilidade artística à disposição de quem desejava obter uma pala de altar, um retábulo dourado, um silhar de azulejos ou um tecto em quadratura.

Intercomunicabilidade artística

A intercomunicabilidade entre artistas existiu em toda a actividade e dessa troca e disseminação beneficiaram os processos criativos de pintores a óleo, têmpera, a fresco, de azulejo, iluminadores, gravadores, entalhadores, arquitectos, imaginários, escultores, estucadores, etc.

Hoje em dia não é mais possível obstaculizar essa perspectiva, iniciada por Santos Simões e enfatizada por José Meco, Vítor Serrão, Celso Mangucci, Maria João Pereira Coutinho, Sílvia Ferreira, Isabel Mendonça, entre outros autores.

A «descompartimentação de modalidades» (Serrão, 2012: 186), para a qual contribuíram as trocas de desenho, gravuras, livros, receitas, experiências artísticas e até cedência de obras de arte antigas, cabe nesta feliz designação e contribui para a riqueza e especificidade da cultura material portuguesa. Para o último exemplo, refiram-se os casos de Marcos da Cruz, em cuja colecção existia um quadro de Gaspar Dias (Serrão, 2001: 81), ou de André Gonçalves detentor de um grande espólio, o qual resultava na sua maior parte das colecções de Bento Coelho da Silveira (Saldanha, 1995: 30). Na segunda metade do século XVIII, Vieira Lusitano não resistiu aos modelos dos pintores maneiristas, tendo copiado uma «Nossa Senhora das Barracas» de um original de Fernão Gomes (Saldanha, 2005: 72).

Em processo de obra, estas trocas também se efectuavam, algumas das quais documentadas pelos «actores» da Irmandade, uma vez que pintavam em simultâneo a óleo, a têmpera, sobre azulejo, além do douramento de retábulos de talha e da encarnação de imaginária. Marcos da Cruz, Manuel Soares e Vitorino Manuel da Serra são tão-somente três exemplos bem documentados nessa transmissão de saberes interartes.

Como vimos anteriormente, Marcos da Cruz está documentado na Igreja de Nossa Senhora do Loreto e no Livro de Receitas e Despesas do ano de 1676, surge um pagamento feito pela Mesa da Irmandade ao pintor «*pelo padronio do azulejo do lavatório da Sacristia*», demonstrativa portanto dessa intercomunicabilidade artística. Devemos enfatizar que a expressão «padronio» refere-se claramente ao desenho que Marcos da Cruz cede para a concepção

das figuras pintadas sobre a azulejaria que reveste o lavabo da sacristia da Igreja do Loreto, dado que «padronio» ou «padrão» corresponde, à época, ao termo usado sempre que se trata de desenho a aplicar numa obra.

Para que não restem dúvidas, citemos outro exemplo também do período barroco. Em 1712, João Gomes da Silva, 4.º Conde de Tarouca, escreveu a seu cunhado, Filipe de Sousa, a partir da cidade de Utreque, na qual residia como embaixador de D. João V. O assunto principal versou sobre a aquisição de azulejos holandeses por parte de Filipe de Sousa e de todas as diligências que, nesta cidade holandesa, Tarouca havia tomado: visita a fábricas, inquirição de preços e apreciação dos valores conforme a espessura. Após a explanação destes dados, Tarouca informa o cunhado que «*será necessário dizer me o **padrão** que desejais, porque a grande moda agora he pintar cada azulejo à parte porque quebrando-se hum, se mete qualquer outro em seu lugar*» e, mais à frente na carta, sublinha que «*como nós uzamos os **padrões de história com figuras grandes***» (Câmara, 2011: 280, sublinhado nosso). Estas expressões vêm confirmar não só o uso do termo «padrão» para designar indistintamente o desenho ou motivo, como também clarificam que a palavra «padrão» serve ainda para designar os elementos figurativos. Tarouca chega mesmo a utilizar a expressão «padrões de pintura», «escolher os padrões para saber o custo», «mandar vos algumas amostras», «*e azulejo azul que pende de ser melhor ou peor o pintor que os debuxar e de ter mais ou menos fabrica no desenho*» (Câmara, 2011: 281/282). Aduz-se a esta certeza o facto de o vocabulário padrão ser aplicado não apenas para a encomenda de desenhos a pintar sobre azulejo, mas também à tapeçaria, como bem demonstram as cartas trocadas entre o embaixador Francisco de Melo Manuel em Londres para o Marquês de Fronteira: «*os outros [panos] se ficam já fazendo e como temos já esgotado todas as acções da Historia humana para as aplicar a Alexandre nos he necessário recorrer às Letras Divinas e ir desenterrar Salomão para lhe vestirmos a cotta de Alexandre e tirar da sua história os **padrões** que são necessários para esta*» (Soro-menho, 2011: 51).

Pela mesma época, o pintor de brutesco Manuel Soares, presente na Irmandade entre 1679-95, era também pago pela Igreja da Misericórdia de Torres Novas «do feitio das linhas», ou seja do serviço prestado com o debuxo fornecido aos artífices de azulejo, uma vez que esta conta surgia junto aos seus pagamentos (Serrão, 2012: 187).

Em pleno século XVIII, este mutualismo artístico estendeu-se aos pintores a óleo e quadraturistas como Vitorino Manuel da Serra que «desse novo

estilo [quadratura] pintou muito nas casas de Custódio Vieira, e lhe deu riscos para os azulejos, empresa da sua ideia e novo primor dos seu discurso. (...) Manifestam os pintores de azulejo quantas vezes o atenderem e receberem da sua própria mão os riscos, sem que nisso interessasse alguma conveniência» (Viterbo, 1903: 138-9).

O processo contrário de influência artística também se verificou pois, na sua obra *Insigne Pintor e Leal Esposo*, Vieira Lusitano narra-nos como D. Francisca Teresa de Almeida lhe mostrou uns azulejos para que se inspirasse na concepção de ornatos: «Naquelle quarto mostrou-lhe/ A Senhora huns azulejos/Dignamente historiados/Por artífices Flamengos/Havia uns vasos galantes/ De flores por entremeios/Dos essenciais assumptos/Naqueles frisos expressos» (Simões, 1979: 268).

Em síntese «padronio», «padrão», «debuxo» ou «risco» são termos equivalentes neste contexto das artes decorativas, concorrendo para o mesmo significado, ou seja, o meio através do qual se produz a comunhão artística, tanto em local de obra, como na Irmandade de S. Lucas: «a intercomunicação entre estas modalidades é um facto absolutamente comprovado, a atestar a unicidade artística (particularmente bem evidenciada durante o reinado de D. Pedro II) entre talha lavrada e dourada, imaginária estofada, *entarsia* de embutidos marmóreos, azulejo e pintura de brutesco, modalidades integradas entre si em prol de discursos homogéneos» (Serrão, 2012: 188).

Conclusão

A esperança de reactivar o papel decisivo que a Irmandade desempenhara nos séculos XVII e XVIII, como lugar primordial não só para fins assistenciais e mutualistas, mas também como lugar de encontro propício à constituição colaborativa de parcerias, tendo em vista as encomendas de obras de pintura, foi-se desvanecendo em Cyrillo, fracassando em última análise o projecto da constituição de uma Academia de Pintura na cidade de Lisboa. O fundo documental da Irmandade que se encontra hoje na Academia Nacional de Belas-Artes foi reunido por pelo pintor régio logo após a suspensão da actividade em 1808. Terá estado em sua posse até 1823, data da morte, visto que o mesmo utiliza amiúde os dados documentais nele contidos para a redacção das suas *Memórias*.

A Irmandade de S. Lucas constitui-se como uma academia «à portuguesa», ou seja uma corporação de artífices que foi impondo saberes e transmitido conhecimentos de forma não instituída sob a cobertura da tutela religiosa e assistencial. Desse facto nos dá, amargamente, conta Cyrillo Volkmar Machado quando reflectiu sobre as várias propostas de Compromisso executadas no ano de 1793, quando a Irmandade conheceu o último sinal de vitalidade para depois se extinguir: *«como a maior parte dos pareceres se inclinam essencialmente para objectos de devoção e caridade q quase nada para melhoramento e utilidade da arte eu disse em outro discurso: se aparecesse agora um compromisso de Irmandade sem tratar todo, desde o princípio até o fim de missas, festas, esmolas e sufrágios talvez que muitos poucos irmãos o aprovassem; mas podem haver, como efectivamente existem Irmandades de artistas aonde convenha que sem omitir as leis relativas à prática das virtudes se cuide também nos seus temporaes e lícitos interesses e esta seja inquestionavelmente a parte essencial dos seus estatutos, sendo eles provavelmente mais doutos nas suas faculdades do que na Teologia»* (Teixeira, 1931: 15).

Lista da composição das Mesas da Irmandade de S. Lucas

1602

JUIZ: Simão Rodrigues
Luís Álvares de Andrade
Manuel da Costa
Fernão Gomes
Domingos Vieira Serrão
Bastião Moreira
Sebastião Antunes
André de Morales
Jerónimo de Aguiar²⁴

1608

JUIZ: Domingos Vieira Serrão
Domingos Pacheco
Diogo Bernardes
Luís Álvares de Andrade
Gregório Antunes
Miguel de Paiva
António Simões
António Soares²⁵

1609

Gregório Antunes
Luís Álvares de Andrade
António Soares
António Simões da Silva
Diogo Soares²⁶

1613

Manuel Álvares
ESCRIVÃO: Domingos Vieira Serrão
Agostinho de Aguiar
António Carvalho Teixelo
João Conrado
Gregório Antunes
Nicolau de Pontes
António Soares
João Ruiz de Setúbal
Miguel de Paiva
Francisco Antunes
Francisco da Cruz
Sebastião Ribeiro
André Francisco
Afonso Bartolomeu
António Ramos
Francisco Gomes de Sousa
António Lobato
Diogo Machado
António Simões
Sebastião Antunes
Simão Roiz
Estêvão da Silva
António Roiz
Miguel de Matos
João Ribeiro

²⁴ Em 1602, a constituição da Mesa da Irmandade é conhecida através do contrato entre as freiras do Mosteiro da Anunciada e o Juiz e Mordomos da Irmandade de S. Lucas, publicado por (Teixeira, 1931: 57-62). Além dos pintores presentes, foram ainda testemunhas Vicente Machado, moço da câmara do rei Filipe II de Portugal; António da Costa, procurador do Convento da Anunciada; Pedro Martins, comprador do dito Convento; António Gonçalves e Manuel Luís carpinteiros.

²⁵ Em 1608, a partir da leitura de um instrumento de contrato e obrigação entre as freiras da Anunciada e os pintores de óleo e de têmpera da Irmandade de S. Lucas, consegue-se determinar a constituição da Mesa desse ano. (Teixeira, 1931: 63).

António Luís
Pedro Cordeiro
Diogo Bernardes
Romão Mendes
António Pereira
Luís de Frias
Luís Álvares de Andrade
António Ferreira
Simão Duarte
Mateus Vieira
Jerónimo de Aguiar
Brás de Pina Cavide
Pedro (?) Correia
António Gomes
Manuel Pereira²⁷

1637

ESCRIVÃO: Álvaro de Avelar
TESOUREIRO: Gaspar dos Reis
António Pereira
Salvador João²⁸

1638

JUIZ: José Mendes
TESOUREIRO: José Mendes
ESCRIVÃO: Luís Nunes
ESCRIVÃO: António Pereira

PROCURADOR: Salvador João
MORDOMO: Luís da Costa
MORDOMO: Romão Mendes
André Mendes Banha²⁹

1638-1639

JUIZ: António Carvalho
ESCRIVÃO: Bartolomeu Fernandes
PROCURADOR: Manuel Álvares
MORDOMO: João Monteiro de Magalhães
MORDOMO: Jorge Soares
António Pereira (mordomo?)³⁰

1639-1640

JUIZ: Manuel da Costa
TESOUREIRO: Manuel Álvares
ESCRIVÃO: Bartolomeu Fernandes
ESCRIVÃO: Gaspar dos Reis
PROCURADOR: António Ramos
PROCURADOR: Manuel Álvares
MORDOMO: João Correia
MORDOMO: Brás de Pina³¹

1640-1641

JUIZ: André Reinoso, não aceitou
ficando Brás Pinheiro
ESCRIVÃO: Gaspar dos Reis

²⁶ Informação retirada do alvará de confirmação do *Compromisso* da Irmandade de S. Lucas em 1609, à guarda do Museu Nacional de Arte Antiga (leitura rectificada).

²⁷ Em Serrão, 1983: 289-290, a leitura de um acórdão da Mesa da Irmandade de S. Lucas, datado de 13 de Outubro de 1613, corrige alguns dos nomes transcritos por Teixeira, 1931: 50. A partir da leitura do original, conseguimos acrescentar ao nome de Manuel, o apelido Álvares (Alz), ao apelido Silva, o nome Estêvão. Temos dúvidas na leitura de António Ferreira (António Pereira?).

²⁸ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Trata-se de um inventário dos bens da Irmandade.

²⁹ As duas primeiras referências foram recolhidas no livro *Rezumo do velho compromisso e das memórias*. As restantes foram transcritas do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Assento de uma encomenda de um castiçal de prata para servir na Irmandade.

³⁰ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

³¹ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. No *Rezumo do velho compromisso*, regista-se que Luís Álvares de Andrade deu esmola no ano de 1639. A eleição está registada em conjunto com a passagem dos bens da Irmandade para a nova Mesa eleita.

ESCRIVÃO: João Correia
ESCRIVÃO: José Pinheiro
PROCURADOR: Manuel Ribeiro
MORDOMO: Salvador João
MORDOMO: Luís da Costa³²

1641-1642

JUIZ: Simão Duarte
ESCRIVÃO: José Pinheiro
ESCRIVÃO: Gonçalo Peres
PROCURADOR: Manuel da Silva
MORDOMO: João de Paiva
MORDOMO: Mateus Vieira³³

1643-1644

JUIZ: José de Avelar Rebelo
ESCRIVÃO: João Correia
PROCURADOR: António Ramos
MORDOMO: Luís da Costa
MORDOMO: Simão Duarte
Jorge Cardoso³⁴

1645-1646

JUIZ: António Pereira
ESCRIVÃO: Pedro Rodrigues
ESCRIVÃO: Jorge Cardoso
TESOUREIRO E PROCURADOR: Manuel Ribeiro
PROCURADOR: Mateus Carvalho
MORDOMO: João Baptista de França
MORDOMO: Manuel da Silva³⁵

1646-1647

JUIZ: Gonçalo Peres
TESOUREIRO: Gonçalo Peres
ESCRIVÃO: António Correia
PROCURADOR: Manuel de Campos
PROCURADOR: Simão Nunes Aranha
MORDOMO: António Francisco
MORDOMO: Brás de Pina
João Baptista de França
IRMÃO: Gaspar Lopes³⁶

1647-1648

JUIZ: João Correia
ESCRIVÃO: João Baptista de França
MORDOMO: Bento Coelho
MORDOMO: João Gonçalves
MORDOMO: Simão Nunes Aranha³⁷

1648-1649

Bento Coelho
ESCRIVÃO: João Baptista de França
TESOUREIRO: Francisco Nunes
Marcos da Cruz
António Carvalho
Simão Nunes Aranha³⁸

1650

PROCURADOR: Gabriel da Silva
Roque Ferreira
João Gresbante

³² Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Acta da eleição que se fez a 18 de Outubro de 1640 para vigorar até Outubro de 1641. A eleição está registada em conjunto com a passagem dos bens da Irmandade para a nova Mesa eleita.

³³ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A eleição fez-se a 19 de Outubro de 1641 para vigorar até Outubro de 1642.

³⁴ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

³⁵ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

³⁶ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

³⁷ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

³⁸ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

Domingos Ferreira
Gaspar Lopes
Manuel Álvares
António de Freitas
Bento Coelho³⁹

1650-1651

JUIZ?: Brás de Pina Cavide
ESCRIVÃO: Manuel Álvares
PROCURADOR: Gabriel da Silva da Paz
Roque Ferreira
João Gresbante
Domingos Ferreira
Gaspar Lopes
António de Freitas
Bento Coelho
Silvestre de Alvelos⁴⁰

1651-1652

João Gonçalves
Diogo Cardoso
Tomé da Costa
António Ferreira de Castro
Manuel do Souto
Luís da Costa
Francisco Rodrigues
Gaspar Lopes
Salvador Ribeiro
António Ramos
João Gresbrante⁴¹

1653-1654

ESCRIVÃO: António Serrão de Castro
PROCURADOR: Manuel do Souto
MORDOMO: João Baptista Fernandes
MORDOMO: Diogo Pereira Cardoso
Tomé da Costa⁴²

1655-1656

JUIZ: António Carvalho
ESCRIVÃO: Mateus Vieira
PROCURADOR: António Gomes
MORDOMO: Pedro de Monte Frio
MORDOMO: António de Sousa
Matias Vieira
Roque Ferreira⁴³

1656-1657

JUIZ: Marcos da Cruz
ESCRIVÃO: António de Sousa Tavares
PROCURADOR: Sebastião da Costa
MORDOMO: Manuel da Costa
MORDOMO: Domingos Ferreira⁴⁴

1658

JUIZ: Brás de Pina
ESCRIVÃO: Diogo Pereira Cardoso
TESOUREIRO: Gabriel Pereira
PROCURADOR: António Ribeiro
MORDOMO: António de Paiva
MORDOMO: Manuel Duarte⁴⁵

³⁹ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴⁰ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴¹ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Não dispomos da informação sobre os cargos desempenhados por estes artistas.

⁴² Informação retirada dos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. É provável que a Mesa do ano de 1653 tenha conhecido a mesma composição, visto não termos dados concretos sobre essa matéria.

⁴³ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴⁴ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴⁵ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

1659

JUIZ: D. Maria de Guadalupe de Lencastre

ESCRIVÃO: Luís da Costa

TESOUREIRO: António de Sousa

PROCURADOR: Domingos Rodrigues

MORDOMO: Bernardo Correia

MORDOMO: António de Lastrosas⁴⁶

1659-1660

JUIZ: António de Freitas

ESCRIVÃO: João Gresbante

ESCRIVÃO: Roque Ferreira não aceitou
e ficou Pedro Rodrigues

PROCURADOR: Domingos Álvares

PROCURADOR: Francisco Pestana

MORDOMO: António de Sousa

MORDOMO: Manuel do Souto

MORDOMO: Diogo Antunes

MORDOMO: Gabriel da Silva Paz⁴⁷

1660

ESCRIVÃO: Tomé da Costa⁴⁸

1661

MORDOMO: Gabriel da Silva

MORDOMO: Domingos Antunes⁴⁹

1661-1662

JUIZ: Paulo Esteves

ESCRIVÃO: Domingos Ferreira

PROCURADOR: Pedro Moreira

MORDOMO: Manuel Rodrigues

MORDOMO: Silvestre dalvelos⁵⁰

1662-1663

JUIZ: António Carvalho

ESCRIVÃO: Marcos da Cruz

PROCURADOR: Manuel dos Santos

MORDOMO: Manuel Coelho (Valadares)

MORDOMO: Roque Ferreira⁵¹

1663-1664

JUIZ: Luís da Costa

ESCRIVÃO: João Gresbante

ESCRIVÃO: Marcos da Cruz

PROCURADOR: Manuel dos Santos

MORDOMO: Manuel Duarte

MORDOMO: Manuel do Souto

MORDOMO: António de Sousa⁵²

1664-1665

JUIZ: Manuel de Lima Flores

ESCRIVÃO: Bernardo Correia

PROCURADOR: Manuel Correia

MORDOMO: Luís da Costa

MORDOMO: João Nasbranches (Gresbante)⁵³

⁴⁶ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴⁷ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴⁸ Informação retirada do Livro n.º 1 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁴⁹ Informação retirada do Livro n.º 1 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵⁰ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵¹ Informação retirada do Livro n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵² Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵³ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)* e no *Rezumo do velho compromisso*.

1665-1666

JUIZ: Manuel de Lima Flores

JUIZ: Paulo Esteves

JUIZ: Tomé da Costa – a 15 de Nov. era esta a composição

ESCRIVÃO: Mateus Vieira

PROCURADOR: Francisco Ferreira de Araújo

PROCURADOR: João Pereira de Araújo

PROCURADOR: António de Paiva

MORDOMO: Agostinho Alvenis

António Serrão

Luís Gomes⁵⁴

1667-1668

JUIZ: Bento Coelho

ESCRIVÃO: António Serrão de Castro

PROCURADOR: Francisco Ferreira

MORDOMO: António de Sousa

MORDOMO: António de Paiva⁵⁵

1668-1669

JUIZ: António de Freitas Franco

ESCRIVÃO: Silvestre de Alvelos

PROCURADOR: Luís Gomes (Falcato?)

MORDOMO: João Diniz

MORDOMO: Luís Ribeiro⁵⁶

1669-1670

JUIZ: João Correia

ESCRIVÃO: Manuel do Souto

ESCRIVÃO: António Tomás

TESOUREIRO: Gabriel Pereira

PROCURADOR: Marcos da Cruz

PROCURADOR: Aleixo de Faria

MORDOMO: Filipe Lobo

IRMÃO: Mateus Pereira

IRMÃO: António de Sousa⁵⁷

1670-1671

JUIZ: Salvador Ribeiro da Cunha

ESCRIVÃO: António Tomás (moço escrivão, o ajudante)

TESOUREIRO: Gabriel Pereira

PROCURADOR: Aleixo de Faria

MORDOMO: José Teixeira de Matos

MORDOMO: João Rodrigues

João Nunes⁵⁸

1671-1672

JUIZ: Domingos Ferreira

ESCRIVÃO: Félix da Costa de Almeida

PROCURADOR: António Rodrigues

MORDOMO: Miguel Mateus

MORDOMO: Manuel Pires

MORDOMO: João de Moraes

MORDOMO: Manuel da Costa imaginário

Mordomo por devoção: José Ribeiro⁵⁹

1672-1673

JUIZ: António de Sousa

ESCRIVÃO: António de Paiva

PROCURADOR: Manuel da Silveira

MORDOMO: Francisco da Mata imaginário

MORDOMO: Julião Henriques

MORDOMO: Lourenço Nunes

MORDOMO: Amaro Pinheiro⁶⁰

⁵⁴ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵⁵ Informação comum nos Livros n.º 2 e *Rezumo do velho compromisso*.

⁵⁶ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵⁷ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵⁸ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁵⁹ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁶⁰ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Registam-se ainda despesas com o irmão João de Abreu que, contudo, não pertence à Mesa e com a mulher de Manuel da Costa.

1673-1674

JUIZ: João Baptista Fernandes

ESCRIVÃO: Francisco Ferreira de Araújo

TESOUREIRO E PROCURADOR: António de Sousa

PROCURADOR: Manuel da Silveira

MORDOMO: Pedro de Freitas

MORDOMO: Domingos Álvares

MORDOMO: Francisco de Coimbra

MORDOMO: Francisco de Moraes

ELEITOR: Marcos da Cruz

ELEITOR: Félix da Costa

ELEITOR: Domingos Ferreira

ELEITOR E IRMÃO: Filipe Lobo

IRMÃO DEFUNTO: Aleixo de Faria

António de Paiva

Joseph Ribeiro

Manuel Álvares⁶¹

1674-1675

JUIZ: Duarte de Sousa Correia da Mata –
Correio-Mor

ESCRIVÃO: Francisco Ferreira de Araújo

TESOUREIRO: Domingos Álvares

PROCURADOR: Diogo Álvares

IRMÃO: Félix da Costa de Almeida

IRMÃO: José Mendes

Manuel Nunes

Brás de Almeida

António Gomes (Leitão?)

António Tomás

José de Sousa

Manuel da Paz e Silva

Manuel Coelho

Simão Gonçalves

Gabriel da Silva

António de Paiva

António de Oliveira

Belchior da Fonseca

Julião Henriques

Aleixo de Faria falecido⁶²

1675-1676

JUIZ: não indicado

ESCRIVÃO: Gabriel Pereira

TESOUREIRO E PROCURADOR: António de Sousa

MORDOMO: João Jorge

MORDOMO: Dionísio da Silva

MORDOMO: José Gresbrante de Gusmão

MORDOMO: Matias Henriques (Grande)

MORDOMO: Simão Gonçalves

IRMÃO: Filipe Lobo

IRMÃO: Domingos Ferreira

IRMÃO: Manuel da Silveira⁶³

1676-1677

JUIZ: Bartolomeu de Sousa

ESCRIVÃO: Domingos Nogueira

ESCRIVÃO: Jorge Cardoso

TESOUREIRO: António de Sousa

PROCURADOR: Manuel dos Santos

PROCURADOR: António Ramos

PROCURADOR POR DEVOÇÃO: António de Sousa

MORDOMO: António de Sousa em vez

de João Baptista por não querer aceitar

⁶¹ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Os três últimos artistas não têm função atribuída neste ano.

⁶² Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. No ano de 1675, surgem como devedores à Irmandade Brás de Almeida, António Gomes Leitão (?) e Manuel Nunes. Regista-se ainda o falecimento de Manuel da Costa, morador ao Arco dos Pregos.

⁶³ Informação comum nos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. O nome de Matias surge-nos de maneira diferenciada: Matias Grande e Matias Henriques. Deduzimos tratar-se do mesmo.

MORDOMO: Belchior de Morais
MORDOMO: Fernão Álvares de Paiva
MORDOMO: João Ferreira
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Manuel Correia
MORDOMO POR DEVOÇÃO: António dos Santos
Julião Henriques
João Jorge⁶⁴

1677-1678

JUIZ: Bento Coelho
ESCRIVÃO: Manuel Coelho de Valadares
MORDOMO: João Pereira de Araújo
MORDOMO: Luís Gomes Falcato
MORDOMO: Belchior da Fonseca
MORDOMO: João da Mota
MORDOMO: Nicolau Antunes
MORDOMO: José Mendes
MORDOMO: Francisco Coelho de Gouveia
MORDOMO: Nicolau Antunes
MORDOMO: João Alves
MORDOMO: Belchior de Morais
PROCURADOR: Luís da Silva⁶⁵

1678-1679

JUIZ: Manuel Coelho de Valadares
ESCRIVÃO: Bento Coelho
TESOUREIRO: António de Sousa
MORDOMO: António Gomes Leitão
MORDOMO: António de Paiva
MORDOMO: José Mendes
MORDOMO: Luís de Freitas
MORDOMO: Belchior da Fonseca

MORDOMO: Estêvão Gelhoz
MORDOMO: Jerónimo de Penha
Gabriel Pereira
Nicolau Antunes
João da Mota
Frei Luís Ribeiro⁶⁶

1679-1680

JUIZ: José Mendes
ESCRIVÃO: Lourenço Nunes Varela
TESOUREIRO: António de Sousa
PROCURADOR: José de Sousa
MORDOMO: P.^e António Madeira
MORDOMO: Manuel da Silva
MORDOMO: Paulo da Bella Luz
MORDOMO: Miguel dos Santos
MORDOMO: Domingos do Rigo (do Rego)
MORDOMO: Cristóvão Correia
MORDOMO: Leonardo Pacheco
MORDOMO: Manuel de Miranda
MORDOMO: Manuel Soares⁶⁷

1680-1681

JUIZ: Silvestre Arvelos
ESCRIVÃO: Francisco Pereira de Barbuda
ESCRIVÃO: Félix da Costa
TESOUREIRO: António de Sousa
PROCURADOR: Manuel da Silva
MORDOMO: Francisco de Freitas
MORDOMO: Agostinho da Costa
MORDOMO: Cristóvão Correia
MORDOMO: Luís da Silva

⁶⁴ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Assentam-se as entradas dos irmãos Feliciano de Almeida, Salvador Coelho e Luís de Freitas (700 rs cada). Regista-se que Francisco Ferreira recebera mais do que devia neste ano (1000 rs).

⁶⁵ Informação retirada do Livro n.º 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)* e do *Rezumo de todas as memorias*. Neste ano de 1678 (3 de Outubro), o pintor Marcos da Cruz dá uma esmola (20 000 rs) para a criação de uma missa quotidiana, sendo a promessa assinada pelo Juiz Manuel Coelho de Valadares.

⁶⁶ Informação retirada dos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁶⁷ Informação retirada dos Livros n.º 1 e 2 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)* e do *Rezumo do velho compromisso*.

MORDOMO: André de Matos
MORDOMO: Leonardo Pacheco⁶⁸

1681-1682

JUIZ: Félix da Costa
ESCRIVÃO: Fernando Álvares
TESOUREIRO: Manuel da Silva
PROCURADOR: Manuel da Silva
MORDOMO: António Gonçalves
MORDOMO: João Carvalho
MORDOMO: Miguel dos Santos
MORDOMO: Paulo da Bella Luz
MORDOMO: Manuel Soares
MORDOMO: Domingos do Rego
MORDOMO: Amaro Pinheiro
MORDOMO: António de Freitas
MORDOMO: Pedro Coelho
MORDOMO: Francisco de Torres
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Francisco de Freitas
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Agostinho da Costa⁶⁹

1682-1683

JUIZ: Miguel Mateus de Cardenas
ESCRIVÃO: António de Oliveira de Louredo
TESOUREIRO: José de Sousa
PROCURADOR: José de Sousa
PROCURADOR: Manuel da Silva
MORDOMO: Simão de Sousa
MORDOMO: Manuel Álvares
MORDOMO: Manuel da Costa
MORDOMO: Luís de Oliveira

MORDOMO: Tomás de Aquino (e Melo ass.)
MORDOMO: Francisco Machado
MORDOMO: Santos Marques
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Félix da Costa
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Manuel da Silva⁷⁰

1683-1684

JUIZ: Francisco Ferreira de Araújo
ESCRIVÃO: Feliciano de Almeida
PROCURADOR: António Gomes (Leitão)
MORDOMO: Dionísio Campelo
MORDOMO: António Rangel
MORDOMO: Gabriel del Barco
MORDOMO: João Coelho
MORDOMO: Belchior da Fonseca
MORDOMO: Amaro Nunes
MORDOMO: António Pereira, pintor
MORDOMO: Manuel Pereira
MORDOMO: João Carvalho
MORDOMO: João Esteves
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Félix da Costa
MORDOMO POR DEVOÇÃO: António de Oliveira
MORDOMO POR DEVOÇÃO: José de Sousa
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Manuel da Silva
Manuel Pereira⁷¹

1684-1685

JUIZ: Francisco Ferreira de Araújo (?)
ESCRIVÃO: Luís Gomes Falcato
ESCRIVÃO: Feliciano de Almeida (?)
TESOUREIRO: António Gomes Leitão
PROCURADOR: Miguel dos Santos

⁶⁸ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁶⁹ Informação retirada dos Livros n.º 1 e 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Félix da Costa também desempenhou funções de escrivão, a 30 de Novembro e 6 de Dezembro de 1682.

⁷⁰ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Em 1683, Gabriel del Barco assentava-se como Irmão, pagando 1000 rs. Na festa de Nossa Senhora das Neves, Manuel da Silva, Manuel Álvares e Luís de Oliveira deram esmolos.

⁷¹ Informação retirada dos Livros n.º 1 e n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Feliciano de Almeida aparece também a substituir Francisco Ferreira de Araújo como Juiz, durante a entrega dos bens da Irmandade.

MORDOMO: Raimundo do Couto

MORDOMO: Florêncio Pereira

Manuel da Silva

Francisco Bezerra Delgado

Pascoal de Araújo

António Pereira

Belchior da Fonseca

Félix da Costa⁷²

1685-1686

JUIZ: D. Tomás de Noronha e Nápoles

ESCRIVÃO: António de Sousa (defunto
no dito ano)

TESOUREIRO: António Gomes Leitão

PROCURADOR: Miguel dos Santos

PROCURADOR: Francisco Lobo

MORDOMO: Francisco de Torres

MORDOMO: Manuel de Miranda

MORDOMO: António de Oliveira Bernardes

MORDOMO: João Pereira de Évora

MORDOMO: Pascoal da Silva

António Lastroza⁷³

1686-1687

JUIZ: D. Tomás de Noronha e Nápoles
deu de esmola...

ESCRIVÃO: António Pereira pintor de óleo

PROCURADOR: Francisco Ferreira de Araújo

MORDOMO: Pascoal da Silva

MORDOMO: José da Silva

MORDOMO: João de Abreu

MORDOMO: Luís Gomes Falcato

MORDOMO: Miguel dos Santos

MORDOMO: José Mendes

MORDOMO: Manuel Franco

MORDOMO: José Gresbante (de Gusmão)

MORDOMO POR DEVOÇÃO: José Ferreira
de Araújo

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Manuel Miranda⁷⁴

1688-1689

JUIZ: Lourenço Nunes Varela

ESCRIVÃO: Silvestre de Arvelos

ESCRIVÃO: Francisco Ferreira de Araújo

PROCURADOR: Francisco Ferreira de Araújo

MORDOMO: Luís Nunes Tinoco

MORDOMO: André Simões

MORDOMO: Pedro Coelho

MORDOMO: Agostinho da Costa

MORDOMO: José de Sousa

MORDOMO: Manuel da Penha

MORDOMO: José da Silva (Pereira)

MORDOMO: Pascoal da Silva

MORDOMO POR DEVOÇÃO: António Pereira

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Manuel Soares

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Gonçalo de
Mesquita

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Miguel dos Santos⁷⁵

⁷² Informação retirada dos Livros n.º 1 e n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)* e do *Rezumo do velho compromisso*. Dão esmola Fulgêncio Pereira, Raimundo do Couto, Belchior da Fonseca, António Pereira e Félix da Costa.

⁷³ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. D. Tomás de Noronha e Nápoles era Senhor da Quinta do Contador (Alenquer) e Morgado da Requeixada (Costa, 1712: 57).

⁷⁴ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. O assento de entrada de António de Oliveira Bernardes é registado em 1686 (ainda que no *Livro dos Assentos* surja datado de Agosto de 1684, e é referido como António de Oliveira Bernardes do Alentejo, dando 4400 rs. Registam-se as esmolas dadas por António Pereira do Lago (2000 rs), Manuel Franco, mordomo (3000 rs), João de Abreu (300 rs) e a receita de 3000 rs da madeira que se achou da varanda que se fez da entrada da rainha [D. Sofia de Neuburgo]. Note-se também o pagamento ao P.º Capelão António Madeira pela festa de Nossa Senhora das Neves. As informações sobre a Mesa de 1687/1688 não se encontram discriminadas no livro.

⁷⁵ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Em 1689, despendeu-se verba com a cera para os enterros de Miguel Mateus de Cardenas e de Jerónimo da Penha.

1689-1690

JUIZ: Bento Coelho

ESCRIVÃO: Francisco Ferreira de Araújo

PROCURADOR: António de Paiva

MORDOMO: André Leitão de Faria

MORDOMO: Manuel dos Santos

MORDOMO: António Pereira Ravasco

MORDOMO: António Dias

MORDOMO: José de Sousa

MORDOMO: Manuel Pereira

MORDOMO: António da Serra

MORDOMO: André de Castro (Craсто)

MORDOMO: Manuel de Cardenas

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Gonçalo de Mesquita

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Manuel da Penha Lourenço Nunes Pascoal da Silva⁷⁶

1690-1691

JUIZ: Luís Gomes Falcato

ESCRIVÃO: Miguel dos Santos

PROCURADOR: António de Paiva

MORDOMO: Francisco Ferreira de Araújo

MORDOMO: Francisco Correia Plácido

MORDOMO: João dos Santos

MORDOMO: José Neto

MORDOMO: Jerónimo da Costa

MORDOMO: José da Silva

MORDOMO: João de Araújo

MORDOMO: Manuel de Andrade⁷⁷

1691-1692

JUIZ: Luís Gomes Falcato

ESCRIVÃO: Francisco Coelho de Gouveia

PROCURADOR: Manuel Pereira

MORDOMO: Santos Marques

MORDOMO: Gabriel del Barco y Minusca

MORDOMO: Damião Matoso

MORDOMO: Francisco de Sousa

MORDOMO: Brás de Almeida

MORDOMO: João Pereira

MORDOMO: Cristóvão Mendes

MORDOMO: Amaro Álvares

MORDOMO: José da Cruz

MORDOMO: Estêvão Gellos

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Francisco Ferreira de Araújo

MORDOMO POR DEVOÇÃO: António da Serra⁷⁸

1692-1693

JUIZ: Luís Gomes Falcato

ESCRIVÃO: Francisco Coelho de Gouveia

ESCRIVÃO: José de Sousa

PROCURADOR: João Esteves

PROCURADOR: Manuel Pereira

MORDOMO: João Pereira Araújo

MORDOMO: Raimundo do Couto

MORDOMO: Manuel Nunes

MORDOMO: Manuel do Monte

MORDOMO: Diogo Simão

MORDOMO: Simão de Brito

MORDOMO: Lázaro da Penha

⁷⁶ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Num registo de receita de 1690, surge a referência a João Baptista Fernandes.

⁷⁷ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. No ano de 1691, os mordomos Jerónimo da Costa, José da Silva, João dos Santos e Francisco Correia deviam à Irmandade.

⁷⁸ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. O mordomo Gabriel del Barco deu de esmola 3260 rs no ano de 1692. Este artista assina com o apelido Minusca, cujo decalque já tinha sido publicado em (Correia, 1918: 169). Também deram esmola Jerónimo da Costa (3000 rs) e Francisco Correia (1020 rs)

MORDOMO: José Antunes
MORDOMO: João Carvalho
MORDOMO: Francisco de Freitas
MORDOMO: Manuel Peixoto
MORDOMO POR DEVOÇÃO: António da Serra
MORDOMO POR DEVOÇÃO: Brás de Almeida⁷⁹

1693-1694

JUIZ: António Pereira Ravasco
ESCRIVÃO: António de Oliveira Bernardes
PROCURADOR: Manuel Franco
MORDOMOS: (está vazio)⁸⁰

1694-1695

JUIZ: António Pereira Ravasco
ESCRIVÃO: António de Oliveira Bernardes
ESCRIVÃO: Félix da Costa
PROCURADOR: António Pereira Ravasco
PROCURADOR: Manuel Franco
MORDOMO: Lourenço de Sousa
MORDOMO: Miguel da Silva
MORDOMO: Manuel Soares
Mordomo das pautas velhas⁸¹

1695-1696

JUIZ: Silvestre de Arvelos
ESCRIVÃO: Félix da Costa
PROCURADOR: António Pereira Ravasco⁸²

1696-1697

JUIZ: António de Oliveira Bernardes
ESCRIVÃO: António Gomes de Leitão
PROCURADOR: Miguel dos Santos⁸³

1698

JUIZ: Bento Coelho
ESCRIVÃO: Francisco de Freitas
PROCURADOR: António Francisco
MORDOMO: António de Oliveira Bernardes
MORDOMO: António Gomes Leitão
MORDOMO: Miguel dos Santos
MORDOMO: Lourenço Nunes
MORDOMO: José de Sequeira
MORDOMO: Manuel dos Reis
MORDOMO: Amaro Pinheiro
MORDOMO: Lourenço de Sousa⁸⁴

1699

JUIZ: Francisco Coelho de Gouveia
ESCRIVÃO: Manuel Pereira
PROCURADOR: Manuel Andrade

⁷⁹ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Registam-se as esmolas dadas pelos irmãos: Simão de Brito e seu cunhado (não discriminado), Raimundo do Couto, Amaro Alves, Damião Matoso, Francisco de Freitas, José Antunes, João Carvalho, Luís Gomes, João Pereira de Araújo, José de Sousa, Francisco Coelho, Manuel do Monte e Manuel Nunes. Os canhenhos de Simão de Brito, Manuel Nunes e Francisco Ferreira renderam 3690 rs, não sendo identificados os bairros respectivos.

⁸⁰ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁸¹ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Trata-se de um registo de esmolas.

⁸² Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁸³ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A Mesa apenas termina funções no início de 1698. A partir desta data, a constituição da Mesa passa quase sempre a coincidir com o ano civil e não com o ano religioso da Irmandade que festejava o seu patrono a 18 de Outubro. Em 1697, nos documentos (ou papéis) entregues à Mesa seguinte, consta um escrito de Manuel Vicente, oleiro, morador no Terreiro do Paço junto à porta do Açougue, que declara possuir uma dívida à Irmandade. Arrolam-se ainda outros escritos de dívida por saldar de António Pinheiro do Lago, Feliciano de Almeida (já falecido), Pascoal de Araújo e Gabriel del Barco.

⁸⁴ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

PROCURADOR: António Francisco
como procurador de Francisco Roiz
MORDOMO: José de Sousa⁸⁵
MORDOMO: José da Silva
MORDOMO: Francisco da Costa
MORDOMO: Manuel Ribeiro
MORDOMO POR DEVOÇÃO: António da Serra⁸⁶

1700

JUIZ: Luís Gomes Falcato
ESCRIVÃO: António da Serra
PROCURADOR: Simão de Brito
MORDOMO: Manuel Francisco
MORDOMO: António Dias
MORDOMO: Marcos da Silva
MORDOMO: Mateus Ribeiro
MORDOMO: António da Cunha (Cidrão?)
MORDOMO: José Baptista
MORDOMO: João Rodrigues
MORDOMO: Pascoal de Sousa
MORDOMO: Henrique Ferreira
Luís Baldem⁸⁷

1701

JUIZ: José Ferreira de Araújo
ESCRIVÃO: Pascoal de Sousa
PROCURADOR: António Dias
MORDOMO: Pedro Gomes
MORDOMO: Henrique Ferreira
MORDOMO: Manuel de Jesus
MORDOMO: Manuel de Sousa
MORDOMO: José da Cruz
MORDOMO: José Teixeira
MORDOMO: Bento de Bairós (Barros)
MORDOMO: Domingos Francisco
MORDOMO: Manuel Freire
MORDOMO: António Nunes
MORDOMO: Teotónio da Costa
Vicente de Sousa – prometeu mas não pagou
Manuel Henriques – prometeu mas não pagou⁸⁸

1701-1702

JUIZ: Miguel dos Santos
ESCRIVÃO: João de Araújo

⁸⁵ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

⁸⁶ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. O P.º Frei Francisco da Piedade deu o sermão de Misericórdia. Deram esmolas neste ano de 1699 Damião Matoso, José de Sequeira (Freire?), André de Castro, António de Freitas, P.º António Cardoso, António da Serra (750 rs), Francisco Coelho de Gouveia, Jerónimo da Costa, Manuel do Monte, Manuel Nunes, Silvestre de Arvelos, Manuel Gomes da Silva, Lourenço de Sousa, Vicente Ferreira, João Pereira, Manuel da Penha, Miguel da Silva, Diogo Simões, Félix da Costa (480 rs), Bento Coelho (240 rs), Francisco Ferreira de Araújo, Francisco da Mata, José Antunes, Luís Gomes Falcato, Miguel dos Santos, Manuel Machado, Raimundo do Couto (750 rs), João de Araújo, António de Oliveira Bernardes? (240 rs)

⁸⁷ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Deram esmola Mateus Ribeiro, António da Cunha, José Baptista, João Rodrigues, Pascoal de Sousa, Henrique Ferreira, Luís Baldem.

⁸⁸ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Esta Mesa vigorou apenas até dia 18 de Outubro de 1701, data em que se regista a eleição de nova Mesa. Ainda sob a presidência de José Ferreira de Araújo, registam-se os seguintes escritos no cofre da Irmandade: uma hipoteca do Juiz Ferreira de Araújo de umas casas de 480 000 rs, valor fiado por Manuel de Andrade; outro escrito de 20 000 rs que tomou a juro António Roiz de Lima marceneiro; outro escrito de 16 000 rs que tomou a juro Manuel Andrade, escultor; outro escrito de 25 000 rs que tomou a juro Jerónimo da Costa, pintor, de que deu um cordão de ouro que passa de 30 000 rs como penhor. Do cofre em poder do Juiz e assim os demais em poder do novo procurador constavam também outros escritos e certidões de contrato, escrituras e títulos e penhores de prata e ouro. Além disso, ficavam ainda uns escritos de dívida, a saber: um de quantia de 3930 rs que devia Manuel Franco do juro de 25 000 rs que teve em seu poder; um de 6000 rs que devia Gabriel del Barco; um de 2000 rs de Pascoal de Araújo; e um de 9100 rs que ficou por saldar por Feliciano de Almeida, entretanto falecido. Deram esmolas por assentamento na Irmandade, neste ano de 1701, Domingos Francisco, Henrique Ferreira, José de Sousa, José Teixeira, José da Silva, António da Cunha Cidrão, José da Cruz, Manuel de Jesus e Vicente de Sousa.

PROCURADOR: Jerónimo da Costa

MORDOMO: António da Serra

MORDOMO: João Teixeira

MORDOMO: Estêvão de Freitas

MORDOMO: Manuel do Vale

MORDOMO: João Carvalho

MORDOMO: Manuel dos Santos

MORDOMO: Caetano de Almeida

MORDOMO: Pedro da Silva

MORDOMO: Manuel de Sousa

MORDOMO: José de Almeida

MORDOMO: Manuel dos Reis

MORDOMO: Domingos da Costa

MORDOMO: Estêvão de Sousa

MORDOMO: José de Campos

MORDOMO: Manuel da Fonseca

MORDOMO: Manuel da Silva⁸⁹

1702-1703

JUIZ: Rdo. Cónego Manuel Martins da Rocha

ESCRIVÃO: Raimundo do Couto

PROCURADOR: Diogo Simões

MORDOMO: José de Almeida

MORDOMO: Manuel Lopes

MORDOMO: João de Araújo

MORDOMO: Jerónimo da Costa⁹⁰

1703-1704

JUIZ: Lourenço da Silva Paz

ESCRIVÃO: Manuel de Andrade

PROCURADOR: António Dias

MORDOMO: António da Serra

MORDOMO: José Teixeira

MORDOMO: Luis Travaços (França?)

MORDOMO: António Machado

MORDOMO: Lourenço de Sousa

Manuel Gomes da Silva

José Ferreira

João Teixeira

João de Araújo

Pascoa da Ressurreição

Paula Teresa⁹¹

1705-1706

JUIZ: Lourenço da Silva Paz

ESCRIVÃO: Manuel de Andrade

PROCURADOR: António Machado Sapeiro

MORDOMO: Raimundo do Couto

MORDOMO: Henrique Ferreira

MORDOMO: António da Serra

MORDOMO: José Ferreira de Araújo

MORDOMO: António de Oliveira Bernardes

MORDOMO: José de Sousa

MORDOMO: João Pereira

MORDOMO: José Teixeira

⁸⁹ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Referem-se despesas em 1701 com as missas pela alma de Francisco Ferreira de Araújo. No ano seguinte (1702), parte do juro (20 000 rs) de Manuel Vicente (oleiro) foi liquidado sobre o empréstimo contraído (400 000 rs). Como penhora do remanescente, alude-se a uns títulos relativos a uma oficina de louça que seria obrigado a entregar caso não pagasse a dívida. No conjunto de escritos existente no cofre, já não consta o de Gabriel del Barco e a dívida contraída com a Irmandade de 6000 rs, presumindo-se que tenha liquidado, entretanto, tal importância.

⁹⁰ Informação retirada do Livro n.º 3 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A dívida de Manuel Vicente continua por saldar. A Irmandade mantém por isso em seu poder os títulos da oficina de louça. No escrito relativo à dívida contraída de 480 000 rs por José Ferreira de Araújo que tomou à razão de juro. Por último, João Fonseca, pedreiro, morador à Calçada de Santa Ana, deu um cordão de ouro como penhora por um empréstimo.

⁹¹ No ano de 1703, Pedro Peixoto dá de esmola 240 rs e entregará 540 rs em 1705. Esta Mesa terá vigorado até à eleição para o ano de 1705/1706. No que concerne à dívida de Manuel Vicente, oleiro, sabemos que em 1703 a viúva Luzia Pereira detém os títulos da mesma que continua, por isso, por liquidar. Referem-se ainda outras dívidas de Manuel de Andrade, escultor, António Roiz de Lima, marceneiro, e João Fonseca, pedreiro.

MORDOMO: João Tavares
MORDOMO: Manuel Nunes
MORDOMO: Félix da Costa
MORDOMO: P.^e Frei Francisco
de Andrade
MORDOMO: Lourenço de Sousa⁹²

1707

JUIZ: Manuel de Andrade
ESCRIVÃO: João Pereira Pegado
TESOUREIRO: Manuel de Sousa
PROCURADOR: Henrique Ferreira
PROCURADOR: José de Sousa⁹³

1708

JUIZ: João Pereira Pegado
ESCRIVÃO: António da Serra
TESOUREIRO: Manuel de Andrade
PROCURADOR: João Tavares⁹⁴

1711

JUIZ: António Francisco Carvalho
ESCRIVÃO: Gonçalo de Mesquita
ESCRIVÃO: António da Serra
TESOUREIRO: António da Serra

PROCURADOR: Lourenço da Silva Paz
MORDOMO: Manuel de Andrade
MORDOMO: Pascoal da Silva (eleitor
ad perpetuam)
MORDOMO: Raimundo Gomes de Faro
MORDOMO: Julião Barbosa Leitão
MORDOMO: Manuel Roiz
MORDOMO: Manuel Gomes da Silva
MORDOMO: Manuel Francisco
MORDOMO: António Lobo
MORDOMO: Amaro Pinheiro
Félix da Costa Meesen (como definidor
e eleitor *ad perpetuam*)
António Oliveira Bernardes (eleitor
ad perpetuam)
Francisco Coelho (eleitor *ad perpetuam*)
Manuel Nunes
P.^e António Madeira Monteiro⁹⁵

1712

JUIZ: José Ferreira de Araújo
ASSISTENTE DO JUIZ: António de Oliveira
Bernardes
ESCRIVÃO: António Lobo
TESOUREIRO: Manuel Francisco

⁹² Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Deram esmolas Henrique Ferreira, Manuel do Monte, António de Freitas e António Dias (quando foi para o Algarve) Cobraram-se restos de dívida de Luís Baldem e de Brás de Almeida (3000 rs), aquando dos seus falecimentos. Regista-se o dinheiro que se cobrou de um *destratamento* que se fez em António Roiz de Lima que levou os seus pintores e réditos que se cobraram de dinheiro que temos a razão de juro. No cofre da Irmandade estão dívidas de Manuel Carvalho de Bucelas e Amaro de Freitas de Macedo em Almeirim.

⁹³ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A Mesa de 1706 só acaba de servir a 30 de Abril de 1707. Estão registadas para o ano de 1706/1707 as despesas com missas de sufrágio por José Teixeira, Manuel de Souto, Brás de Almeida, Manuel do Monte, Manuel dos Santos, Luís Baldem.

⁹⁴ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Para os anos de 1709 e 1710, não encontramos a constituição da Mesa.

⁹⁵ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Nesta data, assentaram-se como irmãos António Lobo, Manuel dos Reis, Julião Barbosa (Leitão), Manuel da Fonseca, António Ferreira, Tomé de Sousa Vilar, Jerónimo da Silva, Manuel Galvão, Manuel de Sequeira Mendes, Joseph de Gomes, Manuel Rodrigues, André Gonçalves, Mateus de Sousa, João Esteves, Manuel Paz (Pereira?). Deram esmolas António de Oliveira Bernardes (1380 rs), Manuel Pereira, Lourenço da Silva Paz (720 rs), Francisco Coelho e Lourenço de Sousa. Neste ano, assistiu-se ao *destratamento* (ou a rescisão, segundo P.^e Raphael Bluteau – 1712: vol. III, 256) de José Ferreira de Araújo e João Carvalho. Fizeram-se despesas com as missas de Raimundo do Couto e das mulheres de João Pereira Pegado e Francisco Coelho.

PROCURADOR: Lourenço da Silva Paz
MORDOMO: António Machado Sapeiro
MORDOMO: Manuel dos Reis
MORDOMO: António Ferreira
MORDOMO: Manuel da Penha
MORDOMO: Mateus de Sousa
MORDOMO: André de Castro
MORDOMO: Manuel de Sequeira Mendes
MORDOMO: José Gonçalves
MORDOMO: André Gonçalves
MORDOMO: João Carvalho faleceu⁹⁶

1713

JUIZ: Francisco de Freitas
ESCRIVÃO: Manuel de Sousa Pereira
TESOUREIRO: Gonçalo de Mesquita
PROCURADOR: José Teixeira
MORDOMO: Manuel Caetano
MORDOMO: Manuel Galvão
MORDOMO: Francisco Xavier
MORDOMO: Francisco Paulo
MORDOMO: Mateus Ribeiro
MORDOMO: Lourenço de Sousa
MORDOMO: Brás de Oliveira (Velho?)

MORDOMO: Jerónimo da Silva
MORDOMO: Manuel Dias
MORDOMO: José Bernardo
MORDOMO: Luís da Silva
MORDOMO: Vicente de Sousa⁹⁷

1714

JUIZ: Pascoal da Silva
ESCRIVÃO: Manuel Cerqueira Mendes
TESOUREIRO: André de Castro
PROCURADOR: José Teixeira
MORDOMO: José da Costa
MORDOMO: Manuel da Costa
MORDOMO: Tomás José
MORDOMO: Francisco de Barros
MORDOMO: Vicente Nunes
MORDOMO: José Nogueira
MORDOMO: António de Abreu
MORDOMO: Luís Travaços
MORDOMO: Félix Travaços
MORDOMO: António Ferreira
MORDOMO: Cipriano de Almeida
MORDOMO: Silvestre de Araújo
Tomé de Sousa⁹⁸

⁹⁶ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Foram efectuadas cobranças a Clara Monteiro e João de Freitas de Macedo em Almeirim; Manuel de Carvalho de Bucelas, João Fonseca, pedreiro, Manuel de Andrade e Francisco Roiz, oleiro, de três anos que devia de 400 000 rs que tem da Irmandade, dos anos de 1709, 1710 e 1711. Este oleiro casou-se com Luzia Pereira e assumiu a dívida de Manuel Vicente, anteriormente referenciada. Cobrou-se também a João Tavares com a demanda que a Mesa teve com ele, sendo este preso em consequência; a Miguel Velez Carneiro, morador à Carreira dos Cavalos; a João de Mesquita de Miranda pelo assento e a José de Sequeira Freire, preto. A referência a um assistente do Juiz, neste caso a António de Oliveira Bernardes, deverá estar relacionada com o *destratamento* que José Ferreira de Araújo sofrera no ano transacto de 1711. Em 1712, são lançados os gastos com as missas de sufrágio de António Pereira Ravasco e do P.º António Madeira, bem como com as cerimónias fúnebres de Félix da Costa. Lourenço da Silva Paz foi ressarcido de uma dívida que a Mesa com ele contraía.

⁹⁷ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Cobrou-se a Manuel Velez Carneiro do juro; a Miguel Avelles Carneiro de um quartel procedido dos 400 000 rs, relativos a Francisco Roiz. Este pagou o resto que ficou da venda. Carregou-se em receita as cobranças das esmolos anuais de José Gonçalves, Luís Travaços, Manuel de Sousa Pereira (ambos dos anos atrasados), de Manuel Roiz, de Manuel Pereira, de Manuel de Sequeira, de José da Cruz, de António de Oliveira Bernardes (240 rs), de Tomé de Sousa Vilar, de Frei Manuel da Encarnação, de António Lobo, de António da Serra, de André Gonçalves, do Juiz Francisco de Freitas e restante Mesa. Os assentos de Francisco Paulo Abril, José Ferreira, Gonçalo de Mesquita, Manuel Francisco, Manuel da Penha e Manuel Caetano (Pereira) foram igualmente lançados.

⁹⁸ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Cobraram-se as mordomias de Vicente Nunes, Tomás José, Silvestre Araújo, António Ferreira, Cipriano de Almeida, André de Castro, Manuel da Costa, Manuel Caetano (pela presidência de um bairro não discriminado) e Tomé de Sousa.

1715-1716

JUIZ: Pascoal da Silva

ESCRIVÃO: Manuel Cerqueira Mendes

TESOUREIRO: André de Castro

PROCURADOR: José Teixeira

MORDOMO: Manuel Roiz

MORDOMO: Manuel Coelho da Costa

MORDOMO: Francisco Xavier

MORDOMO: Dionísio Correia

MORDOMO: Domingos da Costa

MORDOMO: António Pereira

MORDOMO: Guilherme da Costa

MORDOMO: Manuel Carvalho

MORDOMO: Don Manuel dos Santos

MORDOMO: Julião Ferreira

MORDOMO: Vicente Bacherelli

MORDOMO: Inácio António

MORDOMO: António Pimenta

MORDOMO: Filipe Gomes

MORDOMO: Teodoro da Silva Paz

MORDOMO POR DEVOÇÃO: João de Mesquita de Miranda

MORDOMO POR DEVOÇÃO: Domingos dos Santos

MORDOMO POR DEVOÇÃO: André Gonçalves⁹⁹

1716-1717

JUIZ: António Lobo

ESCRIVÃO: André Gonçalves

TESOUREIRO: Pascoal de Sousa

PROCURADOR: Gonçalo de Mesquita

Pachcoal de Aviburgo

MORDOMO: Valentim de Almeida

MORDOMO: D. Júlio César (Temine)

MORDOMO: Manuel da Silveira

MORDOMO: Elias da Costa

MORDOMO: José Correia

MORDOMO: Vitorino Manuel da Serra

MORDOMO: Policarpo de Oliveira Bernardes

MORDOMO: José António

MORDOMO: Inácio António

MORDOMO: Estêvão Ferreira

MORDOMO: Pascoal Ferreira

MORDOMO: Teodoro Ferreira

MORDOMO: José Baptista

MORDOMO: Silvestre Ribeiro¹⁰⁰

1718

JUIZ: António Lobo

ESCRIVÃO: André Gonçalves

TESOUREIRO: Pascoal de Sousa

PROCURADOR: Gonçalo de Mesquita

MORDOMO: João Federico Ludovico

MORDOMO: D. Lourenço Espoleto

MORDOMO: Brás de Oliveira Velho

MORDOMO: Estêvão da Palma não aceitou

MORDOMO: Caetano Nunes

MORDOMO: Henrique de Sousa Miranda

MORDOMO: Manuel Carvalho

MORDOMO: Guilherme da Costa

MORDOMO: José Nogueira

MORDOMO: João de Matos

⁹⁹ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Cobrança das esmolas da Mesa de Pascoal da Silva, Manuel Cerqueira Mendes, André de Castro, José Teixeira, António Pereira, D. Manuel dos Santos, Filipe Gomes e Vicente Bacarele (*sic*). Miguel Avelles (Velez) paga o juro de dois anos vencidos. Manuel Cerqueira Mendes recebeu de esmolas que tirou na capela real por vários pintores (1330 rs). Gonçalo de Mesquita cobrou 9000 rs de vários pintores na capela real para a devoção de S. Lucas. Jerónimo da Silva salda a mordomia em atraso.

¹⁰⁰ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Deram esmola por assento Silvestre Ribeiro, Pascoal Ferreira, Valentim de Almeida (480 rs), Vicente Nunes, Manuel Coelho da Costa e Estêvão Ferreira. Cobraram-se juros de mora a Francisco Roiz dos anos de 1716 e 1717 e a Miguel de Avelles Carneiro (morador ao Campo do Curral) do ano de 1717. A receita regista o pagamento de meia-moeda que João Pereira Pegado havia prometido para as obras da Capela de S. Lucas, na Anunciada.

MORDOMO: Inácio de Oliveira Bernardes
MORDOMO: António Pereira da Silva
MORDOMO: Teotónio dos Santos
MORDOMO: António Pereira¹⁰¹

1719

JUIZ: Manuel Ferreira
ESCRIVÃO: Teodoro da Silva Paz
TESOUREIRO: António da Serra
PROCURADOR: André Gonçalves
MORDOMO: José da Costa e Silva
MORDOMO: Manuel de Sousa
MORDOMO: Manuel Francisco
MORDOMO: António Simões
MORDOMO: Francisco Lopes
MORDOMO: Caetano Brandão
MORDOMO: Domingos Roiz Ramos
MORDOMO: Inácio Vieira
MORDOMO: António Gonçalves
MORDOMO: António da Silva
MORDOMO: Jorge da Costa
MORDOMO: Félix José Travaços
MORDOMO: António Francisco
MORDOMO: Brás de Oliveira Velho¹⁰²

1720

JUIZ: Amaro Pinheiro
JUIZ: Manuel Francisco
ESCRIVÃO: Teodoro da Silva Paz
TESOUREIRO: António da Serra
PROCURADOR: André Gonçalves
MORDOMO: P.^e Francisco de Miranda Teixeira

MORDOMO: Domingos do Pra (Domenico Duprà)
MORDOMO: Francisco Vieira
MORDOMO: José Ferreira de Araújo
MORDOMO: Brás de Oliveira Velho
MORDOMO: António Carvalho
MORDOMO: Francisco Xavier
MORDOMO: João de Abreu
MORDOMO: Tomé de Sousa
MORDOMO: João de Mesquita de Miranda
MORDOMO: Félix da Cruz
MORDOMO: Francisco Pinto
MORDOMO: Manuel Lopes
MORDOMO: Cristóvão da Silva
MORDOMO: Luís da Silva
MORDOMO: Manuel Pinto
MORDOMO: Pedro de Barros
MORDOMO: José Esteves da Silva
MORDOMO: Manuel de Sousa¹⁰³

1721

JUIZ: D. Júlio César de Temine
ESCRIVÃO: D. Manuel dos Santos
ESCRIVÃO: António Pereira da Silva
TESOUREIRO: António Pereira da Silva
PROCURADOR: Tomé de Sousa Vilar
MORDOMO: P.^e Fr. Manuel da Estrela
MORDOMO: António da Serra
MORDOMO: André Gonçalves
MORDOMO: Teodoro da Silva Paz
MORDOMO: Manuel de Andrade
MORDOMO: Brás de Oliveira Velho

¹⁰¹ Informação retirada do Livro n.º 4 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Foram cobradas esmolos a Francisco Xavier, Manuel Roiz, Francisco Roiz e Miguel de Avelles (Carneiro?)

¹⁰² Informação retirada do Livro n.º 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Regista-se a receita do tesoureiro António da Serra que recebeu 77 000 rs de uma «deixa» de 100 000 rs do irmão António de Sousa. O dinheiro em falta foi gasto na demanda que trouxeram à Mesa os herdeiros do dito irmão. O irmão António Gonçalves deu esmola à Irmandade.

¹⁰³ Informação retirada do Livro n.º 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Seguem carregados em receita várias esmolos que deram os irmãos dos livros vazios da obra do Senado; os juros de 400 rs de Francisco Roiz oleiro e de 400 rs de Miguel de Avelles Carneiro, entretanto destratado, por procuração.

MORDOMO: Francisco Pinto
MORDOMO: Manuel dos Reis
MORDOMO: Francisco Paulo
MORDOMO: Manuel João
MORDOMO: Inácio António
MORDOMO: Francisco de Barros
MORDOMO: Tomás José
MORDOMO: António Ferreira
MORDOMO: José Correia Plácido
MORDOMO: José António
MORDOMO: Filipe Néri
Brás da Silveira¹⁰⁴

1722

JUIZ: D. Júlio César de Temine
ESCRIVÃO: D. Manuel dos Santos
TESOUREIRO: António Pereira da Silva
PROCURADOR: Tomé de Sousa Vilar
MORDOMO: O Arcediago José Antunes da Costa
MORDOMO: André Gonçalves
MORDOMO: Brás de Oliveira Velho
MORDOMO: António da Serra
MORDOMO: Teodoro da Silva Paz
MORDOMO: António Vinhati
MORDOMO: Tomás José
MORDOMO: Caetano Nunes Pacheco
MORDOMO: Alberto de Oliveira
MORDOMO: José Coelho
MORDOMO: José de Campos
MORDOMO: Manuel Francisco
MORDOMO: Matias Soares
MORDOMO: Francisco Lopes
MORDOMO: José Antunes

MORDOMO: Manuel Ferreira
MORDOMO: António Pereira Farinha
MORDOMO: Manuel de Andrade
MORDOMO: José Bernardes
MORDOMO: António Simões
MORDOMO: Manuel Galvão
MORDOMO: Valentim de Almeida
MORDOMO: José Baptista
MORDOMO: Francisco Pinto¹⁰⁵

1723-1724

JUIZ: André Gonçalves
ESCRIVÃO: Brás de Oliveira Velho
TESOUREIRO: Valentim de Almeida
PROCURADOR: Teodoro da Silva Paz
MORDOMO: Francisco Pinto Pereira
MORDOMO: Jerónimo da Silva
MORDOMO: Manuel Pereira
MORDOMO: Elias da Costa
MORDOMO: Sebastião Thomas
MORDOMO: Luís da Silva
MORDOMO: Julião Barbosa Leitão
MORDOMO: António Ferreira
MORDOMO: José Teixeira
MORDOMO: Inácio da Silva
MORDOMO: José Alves
MORDOMO: Francisco Xavier
MORDOMO: António de Sousa de Macedo
MORDOMO: Teodoro Ferreira
MORDOMO: Estêvão Ferreira
MORDOMO: Pedro Baptista
MORDOMO: João Antunes
MORDOMO: José Correia

¹⁰⁴ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Registam-se em receita os assentos de António Pimenta e de Francisco Correia; as esmolos de André Gonçalves, António Machado, Domingos da Costa (em atraso) e do juro de Francisco Rodrigues. Declaram-se ainda as esmolos de Pascoal da Silva, quanto fora Juiz, e de António Machado (em atraso).

¹⁰⁵ Informação retirada do Livro n.º 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. São lançados em receita uma esmola de Manuel Coelho, referido como estante no Brasil; e dos juro de Francisco Rodrigues e de Leonardo Gouveia.

MORDOMO: Manuel Pereira Galvão
D. Manuel dos Santos¹⁰⁶

1724-1725

PREFEITO: André de Castro
ASSISTENTE: Francisco Xavier
SEGUNDO ASSISTENTE: João Nunes de Abreu
SECRETÁRIO: António Pereira Farinha
SEU ASSISTENTE: Francisco Pinto Pereira
PROCURADOR DA IRMANDADE: Valentim de Almeida
PROCURADOR DA MESA: Manuel Roiz de Sousa
ENFERMEIRO: Jerónimo da Costa
TESOUREIRO: Manuel Dias
PRIMEIRO MORDOMO: André Gonçalves
SEGUNDO MORDOMO: Teodoro da Silva Paz
APONTADOR: Manuel de Andrade¹⁰⁷

1726

PREFEITO: Francisco Xavier
PRIMEIRO ASSISTENTE: Brás de Oliveira Velho
SEGUNDO ASSISTENTE: João de Mesquita de Miranda
SECRETÁRIO: João Nunes de Abreu
SEU ASSISTENTE: António Pereira Farinha

PROCURADOR DA IRMANDADE: Manuel Roiz de Oliveira

PROCURADOR DA MESA: André Gonçalves

ENFERMEIRO: Manuel Dias

TESOUREIRO: António da Serra

PRIMEIRO MORDOMO: Inácio António

SEGUNDO MORDOMO: José Gonçalves

APONTADOR: Pascoal de Sousa¹⁰⁸

1727

PREFEITO: Francisco Xavier
PRIMEIRO ASSISTENTE: António Pimenta Rolim
SEGUNDO ASSISTENTE: António Simões Ribeiro
SECRETÁRIO: Manuel Pereira dos Santos
SEU ASSISTENTE: Manuel Antunes Sepúlveda
PROCURADOR DA IRMANDADE: António Pereira da Fonseca
PROCURADOR DA MESA: Manuel dos Reis
ENFERMEIRO: João de Mesquita de Miranda
TESOUREIRO: Vicente de Sousa
PRIMEIRO MORDOMO: José António
SEGUNDO MORDOMO: Guilherme da Costa Cam
APONTADOR: Manuel de Cerqueira Mendes¹⁰⁹

¹⁰⁶ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Em 1723, pagaram-se missas por alma de Francisco Correia e das mulheres de Francisco de Bairros e Silvestre Ribeiro. José Ferreira satisfaz a dívida que contraíra com o procurador Tomé de Sousa Vilar (18 430 rs). Valentim de Almeida lança ainda os recebimentos de mordomias antigas (1722) de António da Serra, José Bernardes, António de Sousa Macedo, António Simões e dos juros de Francisco Roiz e de Brás de Oliveira Velho (de uma esmola).

¹⁰⁷ Informação retirada dos Livros n.º 6 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A partir deste ano, as designações dos membros constituintes da Mesa são por vezes alteradas, conforme se indica. O tesoureiro Manuel Dias recebeu esmola por missas de sufrágio de Manuel de Sousa, Mateus Ribeiro, Filipe Gomes e pela mulher de Manuel de Sequeira e também do juro de Francisco Roiz.

¹⁰⁸ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Despesa com a demanda que a Irmandade trazia com Leonardo de Gouveia e com as missas de António Ferreira da Costa, Tomás José, Manuel Galvão e das mulheres de Vicente de Sousa e Agostinho Ferreira. Recebeu mais 80 000 de juro de Leonardo de Gouveia. O cofre continua a conter os papéis relativos ao empréstimo de Francisco Roiz.

¹⁰⁹ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Despendeu-se com as missas por alma das mulheres de André Gonçalves (Josefa Maria da Encarnação) e António de Sousa e pelos irmãos António da Serra, Francisco Xavier (de Sousa?) e Gonçalo Mesquita. Regista-se uma despesa de 2 de Fevereiro de 1728 de um título que se deu no valor de 400 000 rs a juro (6 e quarto%), ao irmão Manuel Nunes, que corresponde a umas casas que fazia no Cardal da Cantareira a S. José. Lançam-se ainda as esmolos de Manuel Nunes, de António Machado do que devia da presidência (2600 rs)

1728

PREFEITO: José Teixeira

PRIMEIRO ASSISTENTE: Sebastião da Silva Franco

SEGUNDO ASSISTENTE: Domingos de Pra (Domenico Duprà)

SECRETÁRIO: Manuel de Sousa

SEU ASSISTENTE: Francisco de Bairros

PROCURADOR DA IRMANDADE: André Gonçalves

PROCURADOR DA MESA: Julião Barbosa Leitão

ENFERMEIRO: Bernardo Alves (Álvares) de Sena

TESOUREIRO: Lourenço de Sousa

PRIMEIRO MORDOMO: Vitorino Manuel da Serra

SEGUNDO MORDOMO: Teodoro Ferreira Henriques

APONTADOR: Manuel Caetano Pereira

APONTADOR: Sebastião da Silva Franco? António Gonçalves Lopes¹¹⁰

1729

PREFEITO: Brás de Oliveira Velho

PRIMEIRO ASSISTENTE: Valentim de Almeida

SEGUNDO ASSISTENTE: D. Manuel dos Santos

SECRETÁRIO: Manuel de Sousa

SEGUNDO SECRETÁRIO: Francisco de Bairros

PROCURADOR DA IRMANDADE: João de Mesquita de Miranda

PROCURADOR DA MESA: Luís da Silva

ENFERMEIRO: Bernardo Alves de Sena

TESOUREIRO: Jerónimo da Silva

PRIMEIRO MORDOMO: José Correia Plácido

SEGUNDO MORDOMO: José Bernardes

APONTADOR: Vitorino Manuel da Serra¹¹¹

1730

JUIZ: Brás de Oliveira Velho

PRIMEIRO ASSISTENTE: D. Manuel dos Santos

SEGUNDO ASSISTENTE: Valentim de Almeida

SECRETÁRIO: Manuel de Sousa

SEGUNDO SECRETÁRIO: Francisco de Barros

PROCURADOR DA IRMANDADE: João de Mesquita de Miranda

PROCURADOR DA MESA: Luís da Silva

ENFERMEIRO: Bernardo Alves de Sena

TESOUREIRO: Jerónimo da Silva

PRIMEIRO MORDOMO: José Correia Plácido

SEGUNDO MORDOMO: José Bernardes

APONTADOR: Vitorino Manuel da Serra¹¹²

1731

PREFEITO: Brás de Oliveira Velho

PRIMEIRO ASSISTENTE: Valentim de Almeida

SEGUNDO ASSISTENTE: D. Manuel dos Santos

SECRETÁRIO: Manuel de Sousa

SEGUNDO SECRETÁRIO: Francisco de Bairros

PROCURADOR DA IRMANDADE: João de Mesquita de Miranda

PROCURADOR DA MESA: Luís da Silva

ENFERMEIRO: Bernardo Alves de Sena

TESOUREIRO: Jerónimo da Silva

PRIMEIRO MORDOMO: José Correia Plácido

SEGUNDO MORDOMO: José Bernardes

APONTADOR: Vitorino Manuel da Serra¹¹³

¹¹⁰ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Recebeu-se do tempo atrasado de José Nogueira pela alma da mulher. O juro de Francisco Roiz e Leonardo Gouveia prolonga-se ainda por este ano de 1728.

¹¹¹ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

¹¹² Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A designação de Juiz volta a aparecer neste ano para designar a presidência da Mesa.

1732

PREFEITO: Brás de Oliveira Velho

PRIMEIRO ASSISTENTE: Valentim de Almeida

SEGUNDO ASSISTENTE: D. Manuel dos Santos

SECRETÁRIO: Manuel de Sousa

SEGUNDO SECRETÁRIO: Francisco de Bairros

PROCURADOR DA IRMANDADE: João de
Mesquita de Miranda

PROCURADOR DA MESA: Luís da Silva

ENFERMEIRO: Bernardo Alves de Sena

TESOUREIRO: Jerónimo da Silva

PRIMEIRO MORDOMO: José Correia Plácido

SEGUNDO MORDOMO: José Bernardes

APONTADOR: Vitorino Manuel da Serra¹¹⁴

1733

JUIZ: Francisco Pinto Pereira

PRIMEIRO ASSISTENTE: Julião Barbosa

SEGUNDO ASSISTENTE: João Crisóstomo
Ribeiro

PRIMEIRO SECRETÁRIO: João Nunes de Abreu

SEGUNDO SECRETÁRIO: José de Matos

PROCURADOR DA IRMANDADE: José Freire
de Andrade

PROCURADOR DA MESA: José António

ENFERMEIRO: João dos Santos

TESOUREIRO: Félix José Travaços

PRIMEIRO MORDOMO DA CAPELA: Sebastião
da Silva Franco

SEGUNDO MORDOMO: José de Sousa

APONTADOR: José Teixeira

Manuel da Encarnação

João Teixeira

Manuel Pereira dos Santos¹¹⁵

1734-1735

JUIZ: Francisco Pinto Pereira

PRIMEIRO ASSISTENTE: Policarpo Oliveira
Bernardes

SEGUNDO ASSISTENTE: João Crisóstomo
Ribeiro

SECRETÁRIO: João Nunes de Abreu

ASSISTENTE: Manuel Cerqueira Mendes

PROCURADOR DA MESA: José António

PROCURADOR DA IRMANDADE: José Baptista

TESOUREIRO: Félix José Travaços

ENFERMEIRO: João dos Santos

PRIMEIRO MORDOMO: Manuel Gonçalves

SEGUNDO MORDOMO: Cipriano Gomes

APONTADOR: Manuel Pereira dos Santos
José Teixeira¹¹⁶

¹¹³ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Regista-se a despesa do dinheiro que se deu a juro a José Álvares Sereno como consta da escritura e com a prisão de Leonardo de Gouveia (que tinha ainda a quinta de penhor).

¹¹⁴ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Os títulos da fazenda de José Álvares Sereno que se deram 800 000 rs à razão de juro são mencionados no ano de 1732. Despesas com missas por alma de Manuel Pereira, António Oliveira Bernardes e Manuel Antunes, Manuel dos Reis (ano de 1732/1733). Regista-se que Jerónimo da Silva recebeu do seu antecessor procurador (de 1729 a 19 de Outubro de 1732) 1 248 480 rs e mais de Leonardo de Gouveia e do Presidente do Bairro Alto. Cipriano Gomes, João Teixeira e Bernardino Álvares pagaram a anuidade a que eram obrigados. O juro de José Álvares venceu em Fevereiro de 1733.

¹¹⁵ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Missas por alma de Lourenço de Sousa e Manuel Antunes e pela alma da irmã Ana de Miranda. Registam-se esmolas de João Crisóstomo Ribeiro e Valentim de Almeida, este último por conta da jóia dos anos antecedentes que serviu (6400 rs).

¹¹⁶ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Assenta Janeiro José de Almada (480 rs), José Freire entregou verba não discriminada que tinha em seu poder e José Alves de Sereno pagou de juro 150 000 rs.

1735-1736

PREFEITO: Tomé de Sousa Vilar
PRIMEIRO ASSISTENTE: Inácio António
SEGUNDO ASSISTENTE: Manuel Roiz de Oliveira
SECRETÁRIO: Vicente de Sousa
ASSISTENTE: Henrique de Sousa Miranda
TESOUREIRO: Manuel Dias
PROCURADOR DA MESA: José António
PROCURADOR DA IRMANDADE: José Baptista
PRIMEIRO MORDOMO: Feliciano Narciso da Silva
SEGUNDO MORDOMO: Rodrigo António de Mesquita
ENFERMEIRO: João dos Santos
APONTADOR: António Pimenta Rolim¹¹⁷

1736-1737

PREFEITO: Inácio António
PRIMEIRO ASSISTENTE: Jerónimo da Silva
SEGUNDO ASSISTENTE: João de Mesquita de Miranda
SECRETÁRIO: José Freire de Andrade
ASSISTENTE: Vicente de Sousa
TESOUREIRO: Manuel Dias
PROCURADOR DA MESA: Domingos Alves
PROCURADOR DA IRMANDADE: Cipriano Gomes
PRIMEIRO MORDOMO: Feliciano Narciso da Silva
SEGUNDO MORDOMO: Rodrigo António de Mesquita
ENFERMEIRO: José Bernardes
APONTADOR: Henrique de Sousa de Miranda¹¹⁸

1740-1741

JUIZ: Brás de Oliveira Velho
PRIMEIRO ASSISTENTE: Don Manuel dos Santos
SEGUNDO ASSISTENTE: Cipriano Gomes
SECRETÁRIO: Vitorino Manuel da Serra
SEGUNDO SECRETÁRIO: Francisco de Barros
TESOUREIRO: José Correia Plácido
ENFERMEIRO: Luís da Silva
PROCURADOR DA IRMANDADE: José António
PROCURADOR DA MESA: João de Mesquita de Miranda
MORDOMO: José Bernardo
MORDOMO: Bernardo Álvares
APONTADOR: Julião Barbosa Leitão¹¹⁹

1741-1742

JUIZ: Brás de Oliveira Velho
PRIMEIRO ASSISTENTE: Don Manuel dos Santos
SEGUNDO ASSISTENTE: Cipriano Gomes
SECRETÁRIO: Vitorino Manuel da Serra
SEGUNDO SECRETÁRIO: Francisco de Barros
TESOUREIRO: José Correia Plácido
ENFERMEIRO: Luís da Silva
PROCURADOR DA IRMANDADE: José António
PROCURADOR DA MESA: João de Mesquita de Miranda
MORDOMO: José Bernardo
MORDOMO: Bernardo Álvares
APONTADOR: Julião Barbosa Leitão
Elias Barbosa¹²⁰

¹¹⁷ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Assinala-se a esmola do irmão João Antunes e o juro de José Álvares Sereno (50 000 rs)

¹¹⁸ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Junto ao procurador, está escrito: «em segundo lugar: José Bautista».

¹¹⁹ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Recebeu de José Álvares Sereno do juro que pagou 2 mil cruzados.

¹²⁰ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Ficou carregado em receita a jóia de Bernardino Álvares.

1744-1745

JUIZ: António Pereira da Silva

PRIMEIRO ASSISTENTE: Félix José Travaços

SEGUNDO ASSISTENTE: Vicente de Sousa

SECRETÁRIO: Vitorino Manuel da Serra

SEGUNDO ASSISTENTE: Feliciano Narciso da Silva

TESOUREIRO: José Correia Plácido

ENFERMEIRO: Bernardino Alves

PROCURADOR DA IRMANDADE: José António

PROCURADOR DA MESA: José da Costa Cadaval

PRIMEIRO MORDOMO: Rodrigo António de Mesquita

SEGUNDO MORDOMO: Lourenço da Cunha

APONTADOR: Luís da Silva¹²¹

1745-1746

JUIZ: António Pereira da Silva

PRIMEIRO ASSISTENTE: António Pereira Farinha

SEGUNDO ASSISTENTE: Félix José Travaços

SECRETÁRIO: Vitorino Manuel da Serra

SEU ASSISTENTE: Feliciano Narciso da Silva

TESOUREIRO: José Correia Plácido

PROCURADOR DA MESA: José da Costa Cadaval

PROCURADOR DA IRMANDADE: José António

ENFERMEIRO: Bernardino Álvares

PRIMEIRO MORDOMO: Rodrigo António de Mesquita

SEGUNDO MORDOMO: Lourenço da Cunha

APONTADOR: André Gonçalves¹²²

1746-1747

JUIZ: André Gonçalves

PRIMEIRO ASSISTENTE: Manuel Dias

SEGUNDO ASSISTENTE: José Gonçalves Soares

SECRETÁRIO: Lourenço da Cunha

SEGUNDO SECRETÁRIO: Rodrigo António de Mesquita

TESOUREIRO: António Pereira

PROCURADOR DA MESA: António Caetano da Silva

PROCURADOR DA IRMANDADE: Joaquim José Gomes

ENFERMEIRO: José Bernardes

PRIMEIRO MORDOMO: Agostinho Ferreira Garcia

SEGUNDO MORDOMO: Bento de Sousa Campelo

APONTADOR: Capitão António Pereira da Silva¹²³

1747-1748

JUIZ: José Gonçalves Soares

PRIMEIRO ASSISTENTE: Inácio António

SEGUNDO ASSISTENTE: Cipriano Gomes

SECRETÁRIO: António Caetano da Silva

SEGUNDO SECRETÁRIO: Lourenço da Cunha

TESOUREIRO: Bento de Sousa Campelo

PROCURADOR DA MESA: José da Costa Cadaval

PROCURADOR DA IRMANDADE: Joaquim José Gomes

ENFERMEIRO: José Bernardes

¹²¹ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

¹²² Informação retirada dos Livros n.º 6 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. A 5 de Dezembro de 1745, a Mesa fez o termo do ajuste de contas de 1740 até 1744. José Teixeira deu duas esmolas à Irmandade; Vicente de Sousa pagou a jóia relativa ao cargo de assistente do Juiz de 1744-1745. O assento dos irmãos André Lucas, Manuel Dinis, Inácio Meireles, Sebastião Elias Pope, Eugénio dos Santos de Carvalho (480 rs). O tesoureiro José Correia Plácido recebeu de Nicolau Correia Pinto 50 000 do juro de 2000 cruzados e do assento de vários irmãos, entre os quais Simão Caetano Nunes (480 rs).

¹²³ Informação retirada dos Livros n.º 5 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Em 1747, rezaram-se missas pelas almas de Vitorino Manuel da Serra e José Teixeira.

PRIMEIRO MORDOMO: Capitão António Pereira da Silva
SEGUNDO MORDOMO: Bernardo Pereira Pegado
APONTADOR: André Gonçalves¹²⁴

1748-1749

JUIZ: Lourenço da Cunha
PRIMEIRO ASSISTENTE: Sebastião da Silva Franco
SEGUNDO ASSISTENTE: Feliciano Narciso da Silva (não pagou a jóia)
SECRETÁRIO: Manuel Gonçalves Vital
ASSISTENTE DO SECRETÁRIO: José dos Santos de Carvalho
PROCURADOR DA IRMANDADE: Inácio de Meireles
PROCURADOR DA MESA: Manuel Francisco Barroso
ENFERMEIRO: José Bernardes
TESOUREIRO: Manuel Alves
PRIMEIRO MORDOMO: Guilherme da Costa
SEGUNDO MORDOMO: João Antunes de Abreu
APONTADOR: José Gonçalves Soares¹²⁵

1749-1750

JUIZ: Lourenço da Cunha
PRIMEIRO ASSISTENTE: não houve quem
SECRETÁRIO: Manuel Gonçalves Vital
ASSISTENTE DO SECRETÁRIO: José dos Santos de Carvalho
TESOUREIRO: Manuel Alves
PROCURADOR DA IRMANDADE: Inácio de Meireles
PROCURADOR DA MESA: Manuel Francisco Barroso
ENFERMEIRO: José Bernardes
PRIMEIRO MORDOMO: Jerónimo de Andrade
SEGUNDO MORDOMO: Manuel dos Santos Coimbra
APONTADOR: José Gonçalves Soares¹²⁶

1751

JUIZ: Félix José Travaços
PRIMEIRO ASSISTENTE: Francisco Pinto Pereira
SEGUNDO ASSISTENTE: Jerónimo da Silva
SECRETÁRIO: Manuel Gonçalves Vital
ASSISTENTE DO SECRETÁRIO: José dos Santos
PROCURADOR DA IRMANDADE: Francisco de Moura

¹²⁴ Informação retirada dos Livros n.º 6 e 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Fizeram-se despesas com as missas das mulheres de António José Gomes e João dos Santos Ala e com o irmão João Baptista de Freitas. Indica-se a existência de um escrito de dívida de António Gomes Teles, cabeleireiro, morador junto a Sintra, no valor de 50 000 rs.

¹²⁵ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Gasto lançado com a missa de intenção por alma do irmão Álvaro José. Deram-se esmolas aos irmãos Jorge da Costa e Manuel de Cerqueira Mendes. Recebeu a Mesa a liquidação da dívida de Brás de Oliveira Velho de 72 000 rs, que tomara a 22 de Junho de 1747, a juros de 6 e quarto por cento, de acordo com um escrito existente. António Gomes Teles voltou a pagar 50 000 rs a razão do mesmo juro, da dívida contraída a 1 de Novembro de 1740. Assenta-se como irmão Jerónimo Gomes (960 rs.). São arroladas as esmolas que se tiraram para se fazerem os sírios que acompanhavam os defuntos. Além dos mesários, indicam-se outros nomes de irmãos, a saber: Luís António, Jerónimo de Andrade, José Gonçalves, Capitão António Pereira da Silva, Inácio Pereira da Silva, Henrique de Sousa, Francisco de Moura, Francisco Mendes Preto, Jerónimo da Silva, José António Bochecha, Valentim de Almeida, André Gonçalves, Manuel José Gonçalves (filho do anterior), António Pereira (Bairro Alto), Francisco Pinto, Gregório Madeira, Inácio de Oliveira (Bernardes), Pascoal Ferreira, António dos Santos, António de Sousa, José António, Francisco António, Vitorino José, João Baptista, Manuel Alvez.

¹²⁶ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Despendeu-se verba com as missas por intenção de António Marques e Manuel da Costa Negreiros que ainda pagou o devido da presidência de um dos Bairros (240 rs). Cobrou-se a esmola para os sírios de Inácio Meireles e ficou ainda a dever João dos Santos Ala. São lançados os pagamentos das jóias das presidências dos Bairros.

PROCURADOR DA MESA: Manuel Francisco Barroso
ENFERMEIRO: José Bernardo
TESOUREIRO: Gregório Madeira
PRIMEIRO MORDOMO: Jerónimo Gomes
SEGUNDO MORDOMO: Manuel José
APONTADOR: Lourenço da Cunha¹²⁷

1752-1753

JUIZ: Capitão António Pereira da Silva
PRIMEIRO ASSISTENTE: André Gonçalves
SEGUNDO ASSISTENTE: António Pereira
SECRETÁRIO: Gregório Madeira
COMPANHEIRO DO SECRETÁRIO: José da Costa Cadaval
PROCURADOR DA IRMANDADE: Francisco Mendes Preto
PROCURADOR DA MESA: José António Neves
TESOUREIRO: Lourenço da Cunha
ENFERMEIRO: José Bernardes
PRIMEIRO MORDOMO: Diogo José Monteiro
SEGUNDO MORDOMO: Martinho José Laureano
APONTADOR: Francisco Pinto Pereira¹²⁸

1753

JUIZ: Capitão António Pereira da Silva
PRIMEIRO ASSISTENTE: André Gonçalves
SEGUNDO ASSISTENTE: Feliciano Narciso da Silva
SECRETÁRIO: António Caetano da Silva
COMPANHEIRO DO SECRETÁRIO: Simão Caetano Nunes
PROCURADOR DA IRMANDADE: António Vilela dos Santos
PROCURADOR DA MESA: José António
TESOUREIRO DA IRMANDADE: Lourenço da Cunha
ENFERMEIRO: José Bernardo
PRIMEIRO MORDOMO: José de Sousa
SEGUNDO MORDOMO: Gregório Madeira (riscado Francisco Nunes)
APONTADOR: Francisco Pinto Pereira¹²⁹

1753-1754

JUIZ: Feliciano Narciso da Silva
PRIMEIRO ASSISTENTE: André Gonçalves
SEGUNDO ASSISTENTE: Simão Caetano Nunes
SECRETÁRIO: António Caetano da Silva
SEGUNDO SECRETÁRIO: José de Sousa

¹²⁷ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Rezaram-se missas pelas almas dos irmãos defuntos Manuel de Cerqueira Mendes, Francisco Dionísio de Aguiar e Manuel Pinto.

¹²⁸ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Na eleição do Tesoureiro, surge o nome de João Ricardo que está riscado. Acrescenta o escrivão que: «na falta dos tesoureiros nomeados fica digo nomeado foi eleito com os eleitos de fora em mesa o nosso irmão o sr. Lourenço da Cunha.» O tesoureiro regista ainda a despesa pelo enterro das mulheres de João Crisóstomo e Francisco Pinto e pelas almas de Sebastião da Silva Franco, Domingos Alves e Manuel António. O assento de Joaquim Manuel da Rocha (600 rs), Joaquim José Lobo, Jerónimo de Andrade rendeu à Irmandade 1800 rs. Os irmãos deram ainda para o cofre dos pobres 760 rs. Este ano termina em Maio de 1753.

¹²⁹ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Registam-se em 1753-1754 as despesas de missas por alma de (Manuel?) José Gonçalves, Tomé de Sousa Vilar, Jerónimo da Silva e Manuel Ribeiro e da mulher de Manuel Dias. Carregaram-se ainda várias esmolos pelo assentamento de irmãos (como Domingos da Rosa) ou simplesmente dadas por eles, entre os quais Francisco Pereira e alguns presidentes dos Bairros.

PROCURADOR DA IRMANDADE: António Francisco
PROCURADOR DA MESA: Bento de Sousa Campelo
TESOUREIRO: António Vilela dos Santos
ENFERMEIRO: Vitorino José da Silva
PRIMEIRO MORDOMO: Inácio Pereira da Silva
SEGUNDO MORDOMO: Caetano Francisco de Sousa
APONTADOR: António Pereira da Silva¹³⁰

1757

SECRETÁRIO: Gregório Madeira
TESOUREIRO: António Vilela dos Santos¹³¹

1757-1758

SECRETÁRIO: António Caetano da Silva
TESOUREIRO: António Vilela dos Santos¹³²

1759

SECRETÁRIO: Gregório Madeira
TESOUREIRO: António Vilela dos Santos¹³³

1777

JUIZ: Simão Caetano Nunes
PRIMEIRO ASSISTENTE DO JUIZ: António dos Santos faleceu e foi em seu lugar Jerónimo Gomes Teixeira

SEGUNDO ASSISTENTE DO JUIZ: Jerónimo Gomes Teixeira, para Segundo Assistente Francisco de Moura
SECRETÁRIO: Manuel Gonçalves Vital
SEGUNDO SECRETÁRIO: Gregório Madeira
PROCURADOR: Capitão Inácio Meireles
PROCURADOR DA MESA: Bento de Sousa Campelo
TESOUREIRO: Manuel Alves
ENFERMEIRO: Martinho José
PRIMEIRO MORDOMO NA CAPELA: Jerónimo de Andrade
SEGUNDO MORDOMO: Nicolau de Sousa
APONTADOR: Cipriano Gomes faleceu e é Apontador Manuel José Vasconcelos¹³⁴

1780 – esmolas (8 de Setembro de 1780)

JUIZ: Simão Caetano
TESOUREIRO: Manuel Álvares
APONTADOR: Manuel José de Vasconcelos
Francisco Xavier Denis (da Rua da Paz)
Ventura Duarte (Rua dos Cavaleiros)
António Diogo
Manuel José (de N. Snra. da Ajuda)
Francisco José
Manuel Roiz
Bento de Sousa Campelo
José António Ramalho

¹³⁰ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Em papéis avulsos, encontra-se a pauta dos irmãos eleitos para a Mesa de 1753-1754. Além dos eleitos, registam-se os nomes dos outros candidatos ao desempenho das funções: Lourenço da Cunha, José dos Santos Ávila, Francisco Pinto Pereira, Manuel Álvares, Manuel Francisco Barroso, Inácio António da Cruz, António dos Santos Joaquim, António Gonçalves, Simão Caetano Nunes, Jerónimo de Andrade, António Bernardo Pereira, Gregório Madeira, José dos Santos de Carvalho, António Pereira da Silva, António Caetano da Silva, Jerónimo Gomes, José Freire de Andrade, José da Costa Negreiros, Cipriano Gomes, Joaquim José Lobo, Joaquim Manuel da Rocha, Félix José Travaços e António Pereira.

¹³¹ Informação retirada do Livro n.º 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

¹³² Informação retirada do Livro n.º 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

¹³³ Informação retirada do Livro n.º 6 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

¹³⁴ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Esclarece-nos o registo que: «esta eleição julgou que não teve efeito por então e só se veio a concluir em parte em 1781.»

Cyrillo Volkmar Machado
José Patrício Pires
Manuel Joaquim Leão Gomes
José de Oliveira
Francisco da Silva
Fernando José de Oliveira
João Rodes
Manuel da Costa
Luís Pedro
Domingos da Costa Barreto
por mão de Manuel Álvares, Francisco
José Ricardo
Capitão Inácio Meireles (mais no fim)
António Ferreira
Miguel Rodrigues
Januário Marques
Joaquim Alonço
Domingos Nunes
Francisco Gonçalves
Joaquim António
João da Silva
José Leocádio
António José de Andrade
Jerónimo Gonçalves
Estanislau de Almeida
Matias Correia
António Sonier
Tomás de Brito
José de Sousa
António dos Santos Alfama
Vitorino dos Santos
António da Costa
Constâncio José
Luís Nobre
Francisco Xavier Matoso
Agostinho José Guedes
Joaquim José Dias
João Guilherme
Isidoro do Vale

João Pereira
Manuel Inácio
Francisco da Silva
Cristiano José da Silva
Francisco Xavier Lobo
Manuel da Paixão
Eusébio Lopes
Luís Baptista
João Crisóstomo
Manuel da Fonseca Barroca
Francisco António Lima
Francisco da Silva
José de São Boaventura
Domingos da Rosa
Francisco Pais
Francisco Moniz
Jerónimo de Andrade
Gregório Madeira
José Tomás
José Francisco Ferreira
Veríssimo António
Diogo José
Manuel José Liorne
Francisco de Oliveira
José R...
José Francisco Ferreira
João Lopes
Manuel José de Sousa
Sebastião Teixeira e Paiva
Gregório José Barreto, o Bernardes
Francisco José
Francisco dos Santos bota pouco
Francisco da Silva Castelo Branco
Manuel José Lioni
Cyrillo Volkmar Machado
José Maria da Silva Castelo Branco
Anacleto Francisco
Jerónimo de Barros Ferreira
Miguel Cosme de Alvigue

Francisco de Oliveira
Manuel da Costa
P.^e João Crisóstomo
Veríssimo António de Sousa
Joaquim Gonçalo de Sousa
António Manuel de Sousa
Joaquim Patrício
Manuel Joaquim Leão Gomes

1781

TESOUREIRO: Manuel Álvares
PROCURADOR: Bento de Sousa Campelo

1782

JUIZ: Veríssimo António
PRIMEIRO ASSISTENTE: José António Narciso
SEGUNDO ASSISTENTE: Luís Baptista
SECRETÁRIO: Vicente Ribeiro
SEGUNDO SECRETÁRIO: Luís Pedro de Almeida
PROCURADOR DA IRMANDADE: Jerónimo Gomes Teixeira
PROCURADOR DA MESA: Apolinário de Almeida e Cruz
TESOUREIRO: Pedro Alexandrino
ENFERMEIRO: Francisco Gomes Teixeira
MORDOMOS DA CAPELA
PRIMEIRO: José Joaquim Lobo
SEGUNDO: José Joaquim Gomes
TERCEIRO: Manuel Carvalho
QUARTO: Timóteo
APONTADOR: Simão Caetano Nunes¹³⁵

1788-1789

JUIZ: Pedro Alexandrino de Carvalho
PRIMEIRO ASSISTENTE: Cyrillo Volkmar Machado

SEGUNDO ASSISTENTE: Francisco José da Rocha
SECRETÁRIO: José Francisco del Cuoco
SEGUNDO SECRETÁRIO: Felisberto António Botelho
PROCURADOR DA MESA: Jerónimo Gomes Teixeira
SEGUNDO PROCURADOR: Joaquim António Marques
TESOUREIRO: José António Narciso
SEGUNDO TESOUREIRO: Francisco Gomes Teixeira
APONTADOR: Domingos da Rosa
MORDOMOS
PRIMEIRO: José Joaquim Gomes
SEGUNDO: João de Deus Moreira
TERCEIRO: Gaspar Fróis Machado
QUARTO: Vicente Ribeiro Alves
QUINTO: Luís Pedro de Almeida
SEXTO: Vicente de Paula
SÉTIMO: Eusébio de Oliveira
OITAVO: Jerónimo de Andrade
NONO: Anacleto José Narciso¹³⁶

1789-1790

JUIZ: Pedro Alexandrino de Carvalho
PRIMEIRO ASSISTENTE: Cyrillo Volkmar Machado
SEGUNDO ASSISTENTE: Francisco José da Rocha
SECRETÁRIO: José Francisco del Cuoco
SEGUNDO SECRETÁRIO: Felisberto António Botelho
PROCURADOR DA MESA: Joaquim António Marques
SEGUNDO PROCURADOR: Manuel Ribeiro

¹³⁵ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

¹³⁶ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*.

PROCURADOR POR DEVOÇÃO: Jerónimo Gomes Teixeira
TESOUREIRO: José António Narciso
SEGUNDO TESOUREIRO: Vicente Ribeiro Alves
APONTADOR: Domingos da Rosa
MORDOMOS
PRIMEIRO: José Joaquim Lobo
SEGUNDO: Eleutério Manuel de Barros
TERCEIRO: José Conrado Rosa
QUARTO: Francisco José de Oliveira
QUINTO: Vicente de Paula
SEXTO: Pedro José
SÉTIMO: Eusébio Lopes
OITAVO: José Joaquim Gomes
NONO: José Alves
DÉCIMO: Miguel Rodrigo del Cuoco
DÉCIMO PRIMEIRO: Anacleto José Narciso
DÉCIMO SEGUNDO: Manuel Ribeiro
DÉCIMO TERCEIRO: António José Rodrigues
DÉCIMO QUARTO: Manuel Macário
DÉCIMO QUINTO: José Tomás
DÉCIMO SEXTO: Teles de Almeida e Cruz
DÉCIMO SÉTIMO: João da Silva
DÉCIMO OITAVO: Paulo José¹³⁷

1792

Pauta onde se referem, entre outros, os de Gaspar José Raposo e José António Narciso

1793

DIRECTOR PRIMEIRO: Pedro Alexandrino Carvalho
JUIZ, DIRECTOR SECRETÁRIO: Cyrillo Volkmar Machado
SECRETÁRIO: José António Narciso
ASSISTENTE DO JUIZ: Gaspar José Raposo
ASSISTENTE DO SECRETÁRIO: João de Deus Moreira de Loureiro
TESOUREIRO: Manuel da Costa
PROCURADOR DA IRMANDADE: Jerónimo Gomes Teixeira
PROCURADOR DA MESA: Eusébio Lopes Baptista
MORDOMOS:
 José Francisco del Cuoco
 Domingos da Costa Barreto
 João da Silva Barbosa
 Francisco de Matos Gastão
 Simão Cardoso Osório Barroce

¹³⁷ Informação retirada do Livro n.º 7 do *Livro original de todas as memórias (1637-1790)*. Por ocasião da festa de S. Lucas, José António Narciso despendeu 63 775 rs.

Registo das entradas na Irmandade de S. Lucas

LIVRO DOS ASSENTOS DOS IRMÃOS, QUE PROMETERÃO
GUARDAR OS ESTATUTOS DESTA IRMANDADE DE SÃO LUCAS,
SITA NA IGREJA DA ANUNCIADA, DESTA CIDADE DE LISBOA,
TRANSFERIDOS OS QUE ACHARÃO ESTAR VIVOS DO LIVRO
VELHO, A ESTE NOVO ERA 1712

NOTA

O *Livro dos Assentos dos Irmãos, que prometerão guardar os Estatutos desta Irmandade de Sam Lucas; sita na Igreja da Anunciada, desta Cidade de Lixboa. Transferidos os que acharão estar viuos, do Liuro velho, a este nouo Era 1712* foi transcrito por Garcez Teixeira e está apresentado em tabela para maior facilidade de entendimento da informação nela contida. Juntámos a essa tabela os registos constantes do *Livro das Entradas* de 1791, pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal (Cód. 1591).

Na primeira coluna, indica-se a data do assento na Irmandade; na segunda coluna, regista-se o nome do Irmão. Neste campo, foi possível inserir a informação relativa à indicação do matrimónio e/ou da data de falecimento. A terceira coluna arrola-se a morada de residência, à data do assento, e a esmola entregue. A informação recolhida dos Canhenhos dos Bairros foi incluída também nesta coluna, considerando as datas de 1733 (Alfama), 1750 (Bairro Alto) e 1781 (Mouraria). Dados biográficos externos aos inscritos no fundo documental da ANBA não foram inseridos/acrescentados. Por fim, na quarta coluna, encontra-se o nome do escrivão/secretário que efectuou o registo da entrada na Irmandade.

Infelizmente, nem todos os assentos estão completos, pelo que apenas nos limitámos a indicar a informação disponível, mesmo quando a mesma não se inclui no *Livro dos Assentos* ou *Livro das Entradas* mas existe no *Livro original*.

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
22/06/1656	João de la Penha*	Castelo	António de Freitas
12/01/1671	Manuel Soares	—	Manuel do Souto
07/02/1671	Amaro Pinheiro	ao Arco de S. Vicente	António Tomás
02/06/1671	Paulo de Bella Luz	em Vila Franca	António Tomás
04/06/1671	José de Sousa (fal. 1719) – o óbito é assinado por Paz	a São João da Praça	António Tomás
18/10/1672	Francisco da Mata	Coimbra	—
14/06/1673	Miguel da Silva	—	António de Paiva
18/10/1673	Domingos do Rego	—	Ant.º de Paiva de Oliv. ^{ra}
18/10/1673	Francisco Alberto	—	Ant.º de Paiva de Oliv. ^{ra}
18/10/1673	José de Freitas	Alfama	Ant.º de Paiva de Oliv. ^{ra}
18/10/1673	P.º M. ^{el} Monteiro Moreira	—	António de Paiva
31/12/1673	Luís Gomes Falcato	Rua Formosa	Francisco Ferr. ^a Araújo
15/01/1674	D. ^a Joana Coutinho	Correio mor	Francisco Ferr. ^a Araújo
14/10/1674	D. ^a M. ^a Manuel de Castro		António de Paiva
20/10/1674	Belchior da Fonseca	à Bica	Francisco Ferr. ^a Araújo
11/11/1674	M. ^{el} da Paz e Silva (fal. 12/03/1714) – o óbito é assinado por Paz	ao Terreirinho	Francisco Ferr. ^a Araújo
11/11/1674	Félix da Costa Meesen (fal. 1712) – o óbito é assinado por Paz	Rua das Gáveas	Francisco Ferr. ^a Araújo
06/01/1675	P.º Ant.º Madeira Monteiro (fal. 09/03/1712) – o óbito é assinado por Paz	Anunciada	Francisco Ferr. ^a Araújo
26/05/1676	Domingo Gomes Rebelo	—	Gabriel Pereira
18/10/1676	José Mendes	—	Francisco Ferr. ^a Araújo
18/10/1677	Manuel Frutuoso	—	Domingos Nogueira

* O conteúdo dos assentos é o seguinte no início: «Aos 22 dias do mez de Junho do anno de 1656 se assentou por nosso irmão da Irmandade de S. Lucas, sita nesta igreja de Nossa Senhora da Annunciada, João de la Penha que consta do liu. velho deu de assento esmola. E prometteo de guardar os estatutos, & assinou aqui comigo escrivão. a) António de Freitas.» [no índice refere-se como morador ao Castelo].

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
1677	Salvador Coelho	—	Domingos Nogueira
1677	Feliciano de Almeida	—	Domingos Nogueira
1677	Luís de Freitas	—	Domingos Nogueira
19/06/1678	Agostinho da Costa	—	M. ^{el} Coelho Valadares
19/06/1678	António de Freitas	—	M. ^{el} Coelho Valadares
17/07/1678	Francisco de Freitas (fal. 1722) – o óbito é assinado por Paz	Calç. de Santa Ana	M. ^{el} Coelho Valadares
18/10/1678	Manuel Pereira	—	M. ^{el} Coelho Valadares
18/10/1679	Tomás de Aquino (fal. 1721?) – o óbito é assinado por T. Manuel Pereira dos Santos	—	Bento Coelho
27/06/1680	Francisco de Torres	—	José Mendes
27/06/1680	João Esteves	a N. Sra. do Alecrim	José Mendes
18/10/1680	S. ^{or} Inês da Encarnação	Anunciada	Lourenço Nunes
18/10/1680	S. ^{or} Mónica de S. Agostinho	Anunciada	Lourenço Nunes
18/10/1683	Pascoal da Silva	Rua do Norte	Ant. ^o Oliveira de Louredo
1683	Gabriel del Barco	—	Ant. ^o Oliveira de Louredo
18/10/1684	S. ^{or} Antónia do Sacramento (fal. 27/01/1729)	Anunciada	Feliciano de Almeida
07/08/1684	Ant. ^o de Oliveira Bernardes	a Santa Catarina	Luís Gomes Falcato
27/01/1687	José Borges	—	António de Sousa
02/02/1687	Manuel Soares	—	António de Sousa
06/03/1687	João de Abreu	—	António de Sousa
18/10/1687	José da Silva (fal. fora da terra) – o óbito é assinado por Paz	—	António de Sousa
18/10/1688	António Francisco Carv. ^o (?) fal. 1746 – o óbito é assinado por Mesq. ^{1a}	—	António Pereira
18/10/1688	Gonçalo de Mesquita (fal. 29/01/1727) – o óbito é assinado por Manuel Pereira dos Santos	—	António Pereira
18/10/1688	Jerónimo da Costa	Jogo da Pela	António Pereira
18/10/1688	António da Serra (cas. Vicência de Almeida) Fal. em Nov. 1728	Rua do Álamo	António Pereira

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
18/10/1688	Francisco Correia (fal. 1723) – o óbito é assinado por Paz	Rua Nova da Palma	António Pereira
18/10/1688	Simão de Brito	detrás de S. Domingos	António Pereira
18/10/1688	Diogo Simões	—	António Pereira
18/10/1688	Manuel Esteves	—	António Pereira
27/06/1691	Baltazar dos Reis Franco	—	Miguel dos Santos
18/10/1691	Lourenço de Sousa	—	Félix da Costa Meesen
21/10/1691	Manuel de Andrade	Rua do Álamo	Félix da Costa Meesen
21/10/1691	José Antunes	Rua da Condessa	Miguel dos Santos
05/08/1692	António Ferreira	—	Fran. ^{co} Coelho Gouveia
05/08/1692	Manuel Nunes Pacheco	—	Fran. ^{co} Coelho Gouveia
05/08/1692	Francisco Lopes	—	Fran. ^{co} Coelho Gouveia
16/11/1692	Amaro de Cerqueira	—	Fran. ^{co} Coelho Gouveia
17/06/1694	Agostinho Mendes	—	Ant. ^o Oliv. Bernardes
17/06/1694	Manuel Gomes da Silva	—	Ant. ^o Oliv. Bernardes
05/06/1697	José de Sequeira Freire (fal. 1718) – o óbito é assinado por Paz	—	António Gomes Leitão
15/06/1697	Manuel dos Reis (Escultor)	à Boa Hora	António Gomes Leitão
18/10/1697	João de Araújo	em Vila Franca	Félix da Costa Meesen
12/06/1698	Pedro de Oliveira	—	António Gomes Leitão
25/06/1699	Vicente Ferreira	—	Manuel Pereira
25/06/1699	Caetano de Almeida (fal. 1719) – o óbito é assinado por Paz	—	Manuel Pereira
03/01/1700	Manuel Francisco (fal. 21/08/1720) – o óbito é assinado por Paz	—	António da Serra
03/01/1700	Mateus Ribeiro	—	António da Serra
03/01/1700	Pascoal de Sousa	—	António da Serra
03/01/1700	Manuel Rodrigues	—	António da Serra
03/01/1700	António Dias	—	António da Serra
03/06/1700	Manuel de Sousa Pereira	—	António da Serra

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
17/06/1700	Teotónio da Costa	—	António da Serra
17/06/1700	António Nunes	—	António da Serra
17/06/1700	Ilário Franco	—	António da Serra
24/10/1700	Henrique Ferreira	—	António da Serra
23/01/1701	Domingos Francisco	—	Pascoal de Sousa
10/02/1701	José de Sousa	—	Pascoal de Sousa
03/04/1701	Vicente de Sousa (cas. Luzia Maria de Jesus; fal. 1746) – o óbito é assinado por Mesq. ^{1a}	—	Pascoal de Sousa
03/08/1701	José da Silva	—	Pascoal de Sousa
23/10/1701	José da Cruz	—	Pascoal de Sousa
23/10/1701	António da Cunha Cidrão (fal. Jan. 1728)	—	Pascoal de Sousa
1701	José Teixeira	—	Pascoal de Sousa
1701	Manuel de Jesus	—	Pascoal de Sousa
22/10/1702	Manuel dos Santos	—	João de Araújo
23/10/1703	Pedro da Silva	morador dentro do Castelo, dentro no pátio das casas em que viveu Francisco Mendes (1733)	Raimundo do Couto
26/10/1704	Manuel João Pinheiro	morador na rua direita que vai de NS dos Remédios para as Portas da Cruz (1733)	Manuel de Andrade
23/12/1704	António Machado (fal. 24/06/1740)	ao Socorro	Manuel de Andrade
27/12/1704	Pedro Peixoto	—	Félix da Costa Meesen
28/12/1704	Luís Travaços (no ano de 1717) – o óbito é assinado por Sousa	—	Manuel de Andrade
28/12/1704	Lourenço da Silva Paz (fal. 10/03/1718)	no Rossio	Manuel de Andrade
18/05/1705	Pedro Baptista de Oliveira	—	Manuel de Andrade
18/05/1705	João Tavares	—	Manuel de Andrade
18/05/1705	Julião Ferreira (fal. 27/07/1722) – o óbito é assinado por Sousa	—	Manuel de Andrade
17/10/1705	Manuel Peixoto (fal. 1719) – o óbito é assinado por Paz	—	

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
18/10/1705	André de Castro	no adro do Castelo (1733)	como Irmão André de Castro
18/10/1705	António da Cunha	—	—
18/10/1705	Amaro Álvares	—	—
18/10/1705	António Ferreira	—	—
18/10/1705	Bernardo de Sequeira (fal. 1721) – o óbito é assinado por Sousa	—	—
18/10/1705	Francisco Coelho	—	—
18/10/1705	Francisco da Costa	—	—
18/10/1705	João Pereira Pegado (fal. 1719) – o óbito é assinado por Paz; deu esmola de 9600 rs a S. Lucas	—	João Pereira Pegado
18/10/1705	José Ferreira de Araújo	—	José Ferr. ^{ra} de Araújo
18/10/1705	José Baptista	—	—
18/10/1705	José Gonçalves (cas. com a Irmã D. ^a Joana Fróis, serve na Mesa de Apontador)	na Rua do Sol a Sta. Catarina (1750)	—
19/10/1705	Manuel Machado	—	—
18/10/1706	Manuel de Jesus	—	—
18/10/1706	Manuel de la Penha (fal. 1740)	dentro do Castelo (1733)	—
18/10/1706	Manuel da Silva	—	—
18/10/1706	Manuel de Sousa	—	—
18/10/1707	Gabriel da Cunha	—	João Pereira Pegado
11/10/1711	Manuel dos Reis	—	António da Serra
11/10/1711	António Lobo (fal. 1719) – (o óbito é assinado por Paz)	a Mouraria	António da Serra
11/10/1711	Manuel da Fonseca	ao Marco Salgado (1733)	António da Serra
11/10/1711	Raimundo Gomes de Faro enviou em Julho de 1722	—	António da Serra
11/10/1711	Juliano Barbosa Leitão	Rua do Trombeta (1750)	António da Serra
11/10/1711	João Carvalho (fal. 08/05/1712)	—	António da Serra
11/10/1711	António Ferreira	—	António da Serra

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
11/10/1711	Tomé de Sousa Vilar (fal. 17/01/1754), cas. M.ª Teotónia Guedes	—	António da Serra
11/10/1711	Jerónimo da Silva	—	António da Serra
18/10/1711	José de Campos (fal. 1728)	Rua do Vigário (1733)	António da Serra
18/10/1711	Manuel de Sequeira Mendes (casado com M.ª Valentina de Sá e correu até 1740)	morador no Beco do Bugio a S. Jorge (1733)	António da Serra
18/10/1711	Manuel Rodrigues	—	António da Serra
18/10/1711	Manuel Galvão	Rua dos Douradores	António da Serra
01/11/1711	André Gonçalves (cas. 1.ª vez com Francisca Maria Cuuier) – fal. 15/06/1762, com 75 anos, 6 m. e 15 dias e sepult. nos Marianos	morador na Rua de S. Boaventura (1750)	António da Serra
01/11/1711	Mateus de Sousa	a N. Sra. do Alecrim	António da Serra
05/05/1712	P.º Pedro Paulo e Pinho	ao Paraíso (deu 600 rs)	António Lobo
05/05/1712	P.º Fr. Manuel da Encarnação Dominico	deu 600 rs	António Lobo
09/05/1712	P.º Capelão P.º Francisco de Miranda Teixeira	riscado da mesa deu 720 rs	António Lobo
15/05/1712	Fulgêncio Ferreira	—	António Lobo
19/06/1712	João de Mesquita de Miranda	Socorro deu 480 rs	sem indicação do escrivão
06/11/1712	Doutor Pedro Monteiro	deu 720 rs	Pedro Monteiro
30/04/1713	Manuel Caetano Pereira (cas. Joana Maria dos Santos)	a Santos-o-Velho (1750) deu 600 rs	Manuel Caetano Pereira
08/10/1713	Manuel Dias, escultor (cas. Eugénia Maria) fal. 1734?	deu 600 rs	Manuel Dias
08/10/1713	Francisco Paulo Abril	deu 480 rs	Francisco Paulo Abril
22/10/1713	José Ferreira	deu 480 rs	José Ferreira
22/10/1713	Brás de Oliveira Velho	deu 480 rs	Brás de Oliveira Velho
7/10/1714	Francisco de Barros	deu 480 rs	Manuel Cerqueira Mendes
21/10/1714	Tomás José	deu 480 rs	Manuel Cerqueira
21/10/1714	Silvestre de Araújo	deu 480 rs	Manuel Cerqueira

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
21/10/1714	Manuel da Costa (cas. Joana Maria)	ao Poço dos Negros (1750) deu 480 rs	Manuel Cerqueira
05/08/1715	António Pimenta Rolim (fal. 23/03/1751) (cas. Maria Roiz – 1750)	morador a Chagas (1750) deu 480 rs	Manuel Cerqueira Mendes
05/08/1715	Julião Ferreira (fal. 27/07/1722)	deu 480 rs	Manuel Cerqueira Mendes
05/08/1715	Manuel Pereira	deu 480 rs	Manuel Cerqueira Mendes
05/08/1715	Manuel Antunes (fal. 12/06/1733) – óbito é assinado por Abreu	atrás de S. Domingos	Manuel Cerqueira Mendes
20/10/1715	Filipe Gomes	deu 480 rs	Manuel Cerqueira
20/10/1715	António Pereira (cas. Bernarda M. ^a da Assunção e cas. Margarida Micaela em 1750)	morador na Rua do Norte (1750) deu 480 rs	Manuel Cerqueira
20/10/1715	D. Manuel dos Santos	deu 480 rs	Manuel Cerqueira
31/10/1717	Vicente Nunes	a S. Julião	André Gonçalves
31/10/1717	Pascoal Ferreira, (referido tb. morador na Rua do Sol a Santa Catarina em 1750)	Rua do Caldeira, deu 480 rs	André Gonçalves
31/10/1717	Valentim de Almeida (cas. Teodora M. ^a em 1750, serve na mesa de 2. ^o assist. do Perfeito)	Rua Suja, deu 480 rs, em 1750 morador defronte do Conde de Vila Nova	André Gonçalves
31/10/1717	Manuel Coelho da Costa	ao Chiado, deu 480 rs	André Gonçalves
31/10/1717	Silvestre Ribeiro	Rua dos Douradores, deu 600 rs	André Gonçalves
31/10/1717	Esteves Ferreira	a portaria do carro do Colégio, deu 480 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Teodoro Ferreira Henriques	na Bica de Duarte Belo, deu 480 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Manuel da Silveira Ávila	Rua do Mestre Gonçalo deu 600 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Domingos dos Santos da Veiga (fal. 1771)	ao Mocambo, deu 720 rs, o óbito foi assente por Sousa	André Gonçalves
16/01/1718	António Simões Ribeiro	à Mouraria, deu 480 rs	André Gonçalves
16/01/1718	António de Sousa de Macedo	na Barroca, deu 480 rs	André Gonçalves
16/01/1718	D. Lourenço Esopoletto (ass. Lourenzo Esopoletto)	na Calçada para os Remolares, deu 1200 rs	André Gonçalves

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
16/01/1718	Francisco Roiz da Costa	junto ao Núncio, deu 960 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Cipriano de Almeida (cas. Micaela Maria)	Rua dos Vinagreiros, deu 480 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Manuel de Sousa	ao Alecrim, deu 720 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Teodoro da Silva Paz	ao Rossio, deu 960 rs	André Gonçalves
16/01/1718	José Nogueira	Rua da Oliveira, deu 1200 rs	André Gonçalves
16/01/1718	António Pereira da Silva (cas. M.ª Madalena)	Rua dos Vinagreiros, deu 600 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Inácio de Oliveira Bernardes (cas. Anastácia Teresa Romanet 1750)	a Santa Catarina, (tb. em 1750) – deu 480 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Henrique de Sousa de Miranda	ao Jogo da Pela, deu 960 rs	André Gonçalves
16/01/1718	Francisco Xavier (fal. 10/06/1727 – ass. M. ^{el.} Per.º S. ^{tos})	ao Borratém, deu 960 rs	André Gonçalves
23/01/1718	Agostinho Ferreira (cas. Isabel Inácia Baptista)	Beco da Amendoeira deu 480 rs	André Gonçalves
23/01/1718	José Bernardes (cas. M.ª Josefa, fal. 17/04/1754, ass. Nunes), a habilitação da mulher é feita a 20/05/1754 e ass. Ant.º Caetano da Silva	Rua dos Vinagreiros deu 480 rs	André Gonçalves
23/01/1718	Vitorino Manuel da Serra (cas. Ant.º M.ª dos Santos, fal. Abril 1747, sepult. freg.ª NS Socorro, ass. Mesqtª)	Rua dos Vinagreiros deu 480 rs	André Gonçalves
23/01/1718	Francisco Xavier de Sousa	ao Alecrim deu 600 rs	André Gonçalves
23/01/1718	Pedro Ferreira	à Mouraria deu 600 rs	André Gonçalves
23/01/1718	Caetano Nunes Pacheco	à Rua Nova deu 720 rs	André Gonçalves
29/01/1718	P.º Fr. Luís de Bastos, religioso de NS.ª do Carmo	deu 480 rs	André Gonçalves
06/02/1718	João da Silva	ao Terreirinho do Chimenes, deu 480 rs	André Gonçalves
06/02/1718	Félix José	à Encarnação, deu 480 rs	André Gonçalves
06/02/1718	António Francisco	Rua das Arcas, deu 480 rs	André Gonçalves
12/02/1718	Teotónio dos Santos	aos Poiais de S. Bento, deu 480 rs	André Gonçalves

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
13/02/1718	António Carvalho	na Bica de Duarte Belo	André Gonçalves
25/04/1718	Jorge da Costa (cas. Joana Bernardina)	a S. Pedro de Alfama; morador em 1733 a S. Miguel de Alfama em um largo ao lado direito da igreja – deu 720 rs	André Gonçalves
23/10/1718	Inácio António da Cruz (cas. M. ^a dos Reis)	na Rua da Paz; morador em 1750 na Travessa de Sta. Catarina, deu 960 rs	André Gonçalves
23/10/1718	António Pereira Farinha	Rua dos Álamos, deu 600 rs	André Gonçalves
23/10/1718	João de Deus Nobre	Rua dos Vinagreiros, deu 720 rs	André Gonçalves
06/02/1719	João Pedro Sardinha	às Convertidas, deu 480 rs	André Gonçalves
05/08/1719	Inácio Vieira	a S. José, deu 1200 rs	Teodoro da Silva Paz
18/10/1719	Francisco Vieira de Matos	a S. José, deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	Domenico Duprà	nas varandas do Terreiro do Paço, deu 1200 rs	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	João Nunes de Abreu (fal. 1738)	no Castelo; dentro do Castelo em 1733, deu 1200 rs	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	Domingos Rodrigues	na Adiça (em 1733 mora ao Salvador por baixo das casas do Conde de Arcos em casa de um marceneiro seu irmão ao pé do <i>seryayro</i>) deu 720 rs	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	Manuel Pinto (cas. Catarina Josefa)	às Portas de Sto. Antão; em 1750 na Rua de São Boaventura deu 960 rs	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	Bernardo José (cas. Josefa Madalena)	na Bica de Duarte Belo; morador aos Caetanos em 1750 – deu 1200	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	António Ferreira	à Rua da Atalaia deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
22/10/1719	Catarina M. ^a do Bom Sucesso	a S. José deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
15/04/1720	João Duarte	Rua dos Douradores deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz
15/04/1720	Manuel Carvalho	Rua do Loureiro em Alfama; (morador na Rua do Loureiro a Sto. Estêvão, junto à Cruz do Mau em 1733) – deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
15/04/1720	Eusébio Correia	Arroios deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
15/04/1720	Manuel Lopes	Rua dos Cavaleiros deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
15/04/1720	Caetano Brandão da Silva	Moinho de Vento, o campo deu 720 rs	Teodoro da Silva Paz
15/04/1720	Filipe Néri (cas. Josefa Maria)	à Calçada de Sta. Ana; em 1750 morador ao Moinho de Vento – deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz
15/04/1720	Domingos da Fonseca	Arroios deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Guilherme da Costa Campos? (cas. com Teresa de Aguiar)	a São José deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	José Correia Plácido (cas. Catarina Maria)	Beco do Munette deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Sebastião da Silva Franco (cas. Joana Maria, ele fal. 13/06/1752)	ao Boi Formoso deu 600 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Elias José da Costa	ao Jogo da Péla deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	José António	ao Jogo da Péla deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Cristóvão da Silva	Rua Direita da Mouraria deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Francisco Alves	em Alfama deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Luís da Silva	Rua Direita da Mouraria deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Clemente de Matos Teixeira	às Olarias deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Estêvão de Freitas	em Alfama, às Portas da Cruz em 1733 deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
13/05/1720	Manuel Freire de Mesquita	à Vitória deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
20/10/1720	João Antunes (fal. 15/10/1754)	a Santa Justa, deu 600 rs; assinou o fal. António Caetano	Teodoro da Silva Paz
27/10/1720	Manuel da Costa	Rua Direita da Esperança deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
27/10/1720	Francisco Pinto (cas. Isabel Maria, ela fal. 27/10/1752)	Rua dos Calafates deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
27/10/1720	João Crisóstomo Ribeiro (cas. Tomásia Maria)	na Bica Duarte Belo deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
27/10/1720	Matias Soares	na Bica Duarte Belo deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz
28/10/1720	D. Júlio César di Temine	a São Francisco deu 480 rs	Teodoro da Silva Paz

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
07/09/1723	Bernardo Alves (cas. Ana Maria Joaquina e fal. 1755)	ao Socorro deu 480 rs	Brás de Oliveira Velho
24/10/1723	António Vital Rifarto (assina Antonio Vital Roffrato)	deu 960 rs	Brás de Oliveira Velho
24/10/1723	António Gonçalves (cas. D. Isabel já defunta)	morador ao Poço dos Negros (1750) deu 960 rs	Brás de Oliveira Velho
24/10/1723	Manuel Francisco	deu 960 rs	Brás de Oliveira Velho
18/10/1726	Nicolau de Freitas (cas. Joana Catarina Rosa, referido tb. como morador aos Anjos na Travessa dos Curas)	Travessa da Bica dos Anjos, deu 1240 rs	João Nunes de Abreu
18/10/1726	Manuel Gonçalves	morador ao Cunhal das Bolas deu 480 rs	João Nunes de Abreu
06/01/1727	Domingos Álvares	morador às Cruzes da Sé (ainda em 1733) deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
06/01/1727	José de Matos	morador a São Miguel de Alfama deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
06/01/1727	Francisco Xavier	morador à Calçada Velha deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
09/02/1727	António de Sousa (fal. a mulher em Abril de 1727; cas. depois com Antónia Teresa)	morador a São Miguel de Alfama deu 900 rs	Manuel Pereira dos Santos
16/10/1727	Bernardo da Costa Saradas (fal. 20/08/1747 e nunca pagou os anuais)	morador a Vila Galega deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
19/10/1727	Manuel de Almeida	morador ao Arco do Caranguejo deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
19/10/1727	Rodrigo António de Mesquita (cas. Ana Joaquina de Miranda)	morador no Socorro deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
19/10/1727	José Vicente de Freitas	morador no Socorro deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
19/10/1727	António Vieira	morador no Beco de Gaspar Trigo deu 480 rs	Manuel Pereira dos Santos
19/10/1728	Policarpo de Oliveira (ass. Policarpo de Oliveira Bernardes, cas. D. Tomásia Maria Baptista Travassos)	à Bica de Duarte Belo (tb. referido como morador a Sta. Catarina na Rua do Sol) deu 1200 rs	João Nunes de Abreu

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
14/11/1728	António da Silva de Melo (cas. Joana M.ª da Conceição)	morador na Rua dos Cegos deu 720 rs	João Nunes de Abreu
23/10/1729	José Freire de Andrade (cas. Maria Teresa)	morador na Rua dos Vinagreiros deu 480 rs	João Nunes de Abreu
24/02/1730	Cipriano Gomes, solt; cas. Joana Maria da Graça	morador na Rua da Palmeira deu 480 rs	João Nunes de Abreu, segundo assist. Francisco de Barros
05/11/1730	João dos Santos	morador ao Castelo; morador na Rua das Parreiras a Jesus deu 800 rs	João Nunes de Abreu
05/11/1730	José de Sousa (cas. Engrácia Maria Teresa)	morador na Rua Direita da Mouraria deu 800 rs	João Nunes de Abreu
05/11/1730	João Teixeira	morador à Mouraria deu 480 rs	João Nunes de Abreu
21/10/1731	José de Oliveira (tomou o hábito na religião da Ordem de Cristo – Tomar)	morador na Rua da Atalaia ao Bairro Alto	João Nunes de Abreu
21/10/1731	Orasio Ferreira (Ego Horatius de Ferri nomine dicor)	deu 480 rs	João Nunes de Abreu
19/10/1732	José Esteves da Silva	deu 480 rs	João Nunes de Abreu
19/10/1732	Feliciano Narciso da Silva (foi desarriscado para sempre, termo 29/09/1749)**	morador no fim da Rua das Arcas a S. Nicolau deu 480 rs	João Nunes de Abreu
18/10/1733	José Baptista	deu 1200 rs	João Nunes de Abreu
31/10/1734	Januário José de Almada	ao Paço do Boi Formoso; mora no Terreirinho ao pé do Coleginho dos Padres da Graça (ausente em 1736) deu 480 rs	João Nunes de Abreu
23/10/1735	Berardo (Bernardo) Pereira Pegado (cas. Sebastiana Maria de Faria)	deu 480 rs	João Nunes de Abreu
30/10/1735	José Francisco (cas. Eugénia dos Santos; cas. Joana Teresa)	deu 800 rs	João Nunes de Abreu

** Sobre o assento de Feliciano Narciso da Silva, esclarece-se que o pintor foi «desarriscado para sempre por mandar huma carta a menza dezaforada em resposta de huma que a menso lhe mandou atencioza. Este seruia na menza de segundo asistente do prefeito p.º o que se conuocou a definição e nella se procedeu contra elle de que se fez hum termo o qual se acha no Livro dos acordãos feito em 29 de setembro de 1749. O sacratr.º Manoel Glz Vital.» (Este registo foi riscado, uma vez que Feliciano Narciso voltará mais tarde a pertencer à Irmandade.)

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
18/08/1740	Alberto de Oliveira	Bica de Duarte Belo (em 1750 é morador à Bica Grande) deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/08/1740	Vicente Ferreira	Rua do Mestre Gonçalves deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/08/1740	Bernardo de Sousa Duarte	morador ao Borratém; morador aos Anjos em 1781 deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/08/1740	José António da Rosa	às Portas de Santo Antão deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/08/1740	Francisco Lopes (não poder servir)	Rua dos Cavaleiros; morador no torreão da mesa censória em 1781 deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
23/10/1740	Manuel dos Santos (cas. com Catarina Maria)	morador no Largo do Socorro deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
29/10/1740	João Pedro de Andrade (este Irmão ausentou-se para o Brasil na era de 1725(?))	morador no Beco da Póvoa deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
29/10/1740	António Garcia de Lima	morador em Vila Galega deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
29/10/1740	Vitorino Silva (este irmão faleceu na ig. de NS Penha de França no terramoto de 1755)	morador ao Campo Grande deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
29/10/1740	António José	morador na Rua do Carvalho deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
22/10/1741	Domingos António Simões (fal. aos 26/08/1754), foi casado com Anastácia Antónia Teresa	morador ao Poço do Borratém deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
22/10/1741	Salvador Colonele (Salvatore Colonnelli); cas. Rosa Gualtieri; não deu nada e já é falecido	morador à Barroca do Rossio? deu 160 rs	Vitorino Manuel da Serra
21/10/1742	Álvaro José (cas. Bernarda Teresa); fal. 26/02/1749	morador na Calçada de Santa Anta deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/10/1744	José da Costa Cadaval fal. 01/04/1754	morador na Rua Nova deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/10/1744	Inácio Pereira da Silva	morador ao Arco do Marquês do Alegrete deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/10/1744	José da Cruz	deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
18/10/1744	Diogo José (cas. Domingas Maria da Conceição, tb. habilitada a 16/11/1749)	morador na Rua da Metade (tb. em 1750) deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/10/1744	Félix Pereira da Silva (cas. Joana Coutinha do Rosário); fal. 06/11/1746	morador na Rua Direita da Mouraria deu 800 rs	Vitorino Manuel da Serra
18/10/1744	António Marques	morador na Travessa de D. Bernardo deu 800 rs	Vitorino Manuel da Serra
25/10/1744	Lourenço da Cunha (cas. Jacinta Inês)	morador na Rua do Ferreiro; morador na Rua dos Galegos em 1750 deu 800 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/10/1744	António Caetano da Silva (cas. Ana Vitorina e morador na Rua do Carrião, fal. 07/05/1775)	Rua dos Espingardeiros deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/10/1744	Francisco Nunes da Silva (cas. Ana Micaela)	Rua da Paz deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/10/1744	José Carvalho Rosa (cas. Francisca Maria, morador a Santa Catarina)	Rua da Portuguesa deu 800 rs	Vitorino Manuel da Serra
14/11/1744	Inácio da Silva (cas. Eugénia Maria, este irmão he falecido no ano de 1753)	morador na Rua da Amendoeira deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/11/1744	Manuel Alves (cas. Luzia dos Santos, serve na Mesa de tesoureiro em 1750)	Rua Direita do Poço dos Negros deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/11/1744	Caetano Brandão (cas.)	morador ao Senhor Jesus a Boa Morte (tb. em 1750) deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/11/1744	Joaquim de Almeida (cas. Francisca Inácia, fal. 26/06/1745)	Rua dos Vinagres deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/11/1744	Manuel Ribeiro (cas. Marcelina Teresa Rosa, fal. no ano de 1748)	morador nas Cruzes da Sé deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/11/1744	Manuel Francisco	Rua da Rigeira (sic) Regueira? deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
30/11/1744	António José Gomes (cas. Vicência da Conceição, é já falecida esta nossa irmã)	Rua Direita da Mouraria deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
30/11/1744	Luís António (cas. Helena Rosa, fal. a N. irmã, e foi admitida sua mulher 2. ^a Joana Maria em 18/07/1753)	Rua dos Vinagres deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
02/12/1744	Joaquim José Gomes (fal. em 1756)	morador a São José na Rua da Caridade deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
04/07/1745	Manuel Denis (cas. Luísa Maria Rosa)	Rua do Varão deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
14/07/1745	Manuel Gualdino Garcia (Graça) (cas. Josefa dos Santos)	morador à horta do Palagem deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
14/07/1745	Manuel dos Santos Coimbra (cas. Doroteia Tomásia)	morador à Cordoaria; em 1750 morador na Rua das Gáveas	Vitorino Manuel da Serra
13/09/1745	Luís Carvalho de Campos (solt=habilitada a N. irmã Inácia Teresa em mesa aos 25/03/1749, o sec. Vital)	Rua do Vigário deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	António Francisco (cas. Maria Jacinta)	morador às Olarias deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	José da Costa Negreiros (solt=habilitada a N. irmã Teresa Maria de Jesus em Mesa, o sec. Vital)	na Rua do Carvalho deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	Manuel da Costa Negreiros (cas. Teresa Maria de Jesus, fal. ele 1750)	na Rua de João de Outeiro deu 720 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	José dos Santos Carvalho (cas. Maria Ângela da Conceição)	Rua do Sol deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	Bento de Sousa Campelo (cas. Damásia Caetana); viúvo em 1781	Calçada de Santo André; em 1781 morador na Trav. da Encarnação das Freiras, serve na Mesa de procurador) deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	João José	morador a São José deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
24/10/1745	Manuel de Melo (cas. D. Maria Rosa da Silveira); o Capitão D. Manuel de Melo César de Menezes)	morador às Chagas deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
04/07/1746	Simão Caetano Nunes (sol. no registo e cas. Ana Joaquina em 1781)	aos Inglesinhos; (em 1750 morador defronte do monteiro-mor; em 1781 morador na Praça da Alegria na Travessa da Mãe d'Água, serve na Mesa de prefeito) deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
06/07/1746	João Baptista de Freitas (cas. Maria Caetana)	Poiais de S. Bento deu 480 rs	Vitorino Manuel da Serra
06/07/1746	Eugénio dos Santos e Carvalho (cas. D. Francisco Teresa de Jesus) este irmão faleceu em 1760	morador nas casas do Conde de Soure; em 175, morador na Rua do Carvalho deu 600 rs	Feliciano Narciso
06/07/1746	Elias Sebastião Popullo (Pope) cas. Dona Helena Micaela Queiroz	morador ao Borratém, freg. de Sta. Justa deu 600 rs	Feliciano Narciso
13/07/1746	Feliciano da Silva (cas. Josefa Caetana)	Rua do Varão deu 480 rs	Feliciano Narciso
03/08/1746	André Lucas Soares	Travessa das Olarias; morador na Rua Nova do Almada em 1750 deu 600 rs	Feliciano Narciso
18/09/1746	Inácio Meireles (cas. Tomásia Maria do Monte Sion.sic)	morador defronte Inglesinhos; morador a São Pedro de Alcântara em 1750, serve na Mesa de procurador deu 1600 rs	Vitorino Manuel da Serra
23/10/1746	Jerónimo de Andrade	Calçada de Agostinho Carvalho deu 600 rs	Vitorino Manuel da Serra
23/10/1746	Félix Morais (cas. Catarina Felicia)	Rua dos Cavaleiros deu 600 rs	Vitorino Manuel da Serra
04/11/1746	Caetano da Silva	Rua do Capelão deu 480 rs	Mesquita
04/11/1746	António José (cas. Maria Teresa)	morador nas Olarias no largo deu 480 rs	Mesquita
04/11/1746	José António Neves (cas. Joana Jacinta Rosa)	Beco dos Ramos deu 480 rs	Mesquita
04/11/1746	António dos Santos Joaquim (cas. Maria Teresa)	morador ao Coleginho deu 480 rs	Mesquita
04/11/1746	Francisco Dionísio	Bica de Duarte Belo; morador na Rua da Barroca em 1750 deu 480 rs	Mesquita
04/11/1746	Francisco de Moura (cas. Joana Teresa de Jesus)	Rua dos Canos; em 1781 morador no fim da Carreira dos Cavalos, serve na Mesa de assistente) deu 480 rs	Mesquita
04/11/1746	Francisco Mendes Preto (cas. Francisca Xavier)	morador ao Socorro deu 480 rs	Mesquita

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
19/03/1747	Vicente Ferreira	ao Terreirinho da Cruz na freg. ^a Sta. Catarina; (mor. na Rua do Caldeira em 1750 e tb. referido como morador na Rua da Inveja em 1781) deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Francisco Lopes da Silva (cas. Inácia Maria)	Rua da Amendoeira deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Francisco Antônio	Rua da Cruz, freg. ^a Sta. Catarina deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	João Eusébio de Carvalho (solt. morador em 1750 na casa de seu pai José Antônio de Carvalho, morador na Bica)	Rua do Cabral, freg. ^a Sta. Catarina deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Manuel Francisco Barroso (cas. Ana Teresa Josefa) serve na Mesa de Procurador	morada ilegível deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Tomás de Aquino (cas. Engrácia Leocádia)	Calçada de Sta. Ana deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Ricardo Antônio	Rua dos Cavaleiros deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	João Ricardo de Oliveira (cas. Isabel Margarida de Sousa), fal. 1749	Rua dos Cavaleiros deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	José Antônio de Carvalho (cas. Teresa Antônia de Sena)	Rua do Cabral na Bica deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Sebastião de Oliveira	morador às Janelas Verdes; em 1750 mor. à Pampulha deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	João Pereira (cas. Dionísia Teresa)	Rua Larga das Olarias; mor. Rua da Oliveira atrás do Passo do Bom Feroso em 1781 deu 480 rs	Mesquita
19/03/1747	Manuel da Silva (cas. Ana Teresa de Mendonça)	Rua das Gaivotas deu 480 rs	Mesquita
10/10/1747	Pedro de Alcântara (cas. Mariana Teresa)	morador ao Poço do Borratém deu 480 rs	Lourenço da Cunha
10/10/1747	Martinho Ferreira	morador ao Hospital do Carmo deu 480 rs	Lourenço da Cunha
10/10/1747	Antônio Gonçalves do Nascimento	Rua dos Mestros deu 480 rs	Lourenço da Cunha

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
10/10/1747	Manuel Gonçalves Vital (cas. Inês Micaela. Cas. Ana Joaquina Rosa), serve na Mesa de secretário	morador na Cutelaria; em 1781 na Rua dos Canos com 2. ^a m. deu 480 rs	Lourenço da Cunha
10/10/1747	José António da Silva (cas. Ana Maria)	morador à Mouraria deu 480 rs	Lourenço da Cunha
01/02/1748	Gregório Madeira (cas. Leonor Rosa)	morador às Escadinhas do Carmo; em 1781 viúvo, mor. atrás de S. Domingos, serve na Mesa de 2.º secretário deu 480 rs	António Caetano da Silva
01/02/1748	António Vilela dos Santos (cas. Isabel Pimenta)	Rua das Atafonas deu 480 rs	António Caetano da Silva
13/10/1748	Simião Gomes dos Reis (fal. 1758)	Rua de S. José deu 480 rs	António Caetano da Silva
13/10/1748	Manuel José (cas. Mariana Teresa, habilitada em Mesa a 21/12/1750); solteiro, morador em 1750 em casa de seu pai o nosso irmão <u>André Gonçalves</u> na Rua de São Boa Ventura	Rua do Sol deu 480 rs	António Caetano da Silva / Vital fez o assento da esposa
13/10/1748	Manuel António Fidio (cas. Margarida Josefa de Santa Ana) fal. 1749	morador a São José deu 480 rs	António Caetano da Silva / Vital fez o assento de óbito
28/10/1748	Nicolau de Sousa (cas. Vitorina Maria, mor. à Bemposta pequena, serve na Mesa de mordomo)	morador ao Salitre deu 480 rs	António Caetano da Silva
23/11/1749	Jerónimo Gomes (cas. Joaquina Teresa de Jesus)	morador às obras do Conde (...) mor. em 1781 adiante da Igreja de S. José, serve na Mesa de assistente deu 480 rs	Manuel Gonçalves Vital
22/10/1752	Joaquim Manuel da Rocha (sol.)	a Jesus, deu 600 rs	Gregório Madeira
22/10/1752	Joaquim José Lobo (fal. 01/11/1755)	Travessa do Açougue Velho a S. José deu 600 rs	Gregório Madeira
22/10/1752	Jerónimo de Andrade	Beco da Póvoa, freg. St. Justa; em 1781 Calçada de Agostinho Carvalho, serve na Mesa de mordomo deu 600 rs	Gregório Madeira
28/06/1753	João de Freitas Leitão	Rua dos Cabides, freg. ^a de NS dos Mártires deu 600 rs	António Caetano da Silva
28/06/1753	António Francisco (cas. Mónica Jacinta)	Rua do Sol, freg. ^a Sta. Catarina deu 600 rs	António Caetano da Silva

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
28/06/1753	Manuel da Silva	à Cordoaria Velha, freg. ^a NS dos Mártires deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
28/06/1753	Manuel Pereira	na Cordoaria, freg. ^a NS dos Mártires deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
28/06/1753	Manuel José de Matos (cas. D. Joana Joaquina)	ao painel do Anjo freg. ^a São Julião deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
08/07/1753	Francisco Gomes Teixeira (cas. Joana Joaquina Rosa)	mor. ao Mariscal em casa de seu irmão Jerônimo Gomes, freg. ^a S. João da Praça; mor. Rua Direita de S. José, serve na Mesa de enfermeiro) deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
08/07/1753	Marcelino Francisco José Nobre	Calçada do Combro, freg. ^a NS das Mercês deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
08/07/1753	Francisco Antônio Lima (cas. Maria Inácia)	Rua do Sol, freg. ^a Sta. Catarina deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
08/07/1753	Tomás de Brito Sousa	Rua Nova da Palma, freg. NS do Socorro; em 1781 a São Lázaro deu 600 rs	Antônio Caetano da Silva
26/07/1753	Roque Vicente (cas. Cecília Caetana Quitéria)	Rua do Salitre, freg. ^a São José deu 600 rs	Simão Caetano Nunes
26/07/1753	Manuel José de Vasconcelos (cas. Joana Maria da Silva)	Rua do Carvalho, freg. ^a NS das Mercês deu 600 rs	Simão Caetano Nunes
26/07/1753	Joaquim Vicente de Almeida	Rua do Mestre Gonçalo, freg. ^a Sta. Justa deu 600 rs	Simão Caetano Nunes
15/08/1753	Francisco Xavier Lobo (cas. Ana)	Rua dos Cavaleiros, freg. NS do Socorro; morador na Rua da Inveja em 1781	Simão Caetano Nunes
15/08/1753	Domingos da Costa Barreto	ao Arco da Graça deu 600 rs e 200 rs para os pobres	Simão Caetano Nunes
24/08/1753	Joaquim José da Costa (cas. Joaquina Vitória)	Travessa da Verónica à Vila Galega, freg. ^a Sta. Engrácia deu 600 rs	Simão Caetano Nunes
26/08/1753	Paulo da Costa Furtado (cas. ... Maria)	ao Poço do Borratém, freg. ^a Socorro	Simão Caetano Nunes
26/08/1753	Francisco Antônio da Silva (cas. D. Rosária Xavier)	morador à Cruz do Mau, freg. ^a do Salvador deu 600 rs	Simão Caetano Nunes

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
26/08/1753	José Gonçalves (cas. Felícia Teresa) fal. e sua mulher 01/11/1755	Beco do Cura às Portas da Cruz, freg. ^a Sto. Estêvão deu 600 rs	Simão Caetano Nunes
26/08/1753	Luís de Brito Lima	ao pé de S. Tomé deu 600 rs	Simão Caetano Nunes
21/10/1753	D. Mariana Isabel das Montanhas Soares	moradora a São José em casa de Joaquim Manuel	António Caetano da Silva
21/10/1753	D. Luísa Joaquina Lucas de Menezes	moradora a São José em casa de Joaquim Manuel	António Caetano da Silva
21/10/1753	Caetano Francisco de Sousa (fal. depois do Terramoto)	Rua Direita da Mouraria deu 480 rs	António Caetano da Silva
14/04/1754	Francisco José (cas. Teresa Feliciano Inocência da Conceição)	Rua Direita do Loreto deu 480 rs	António Caetano da Silva
14/04/1754	Pedro de Almeida (cas. Joana Maria)	Rua da Oliveirinha à Porta do Carro do Colégio; em 1781 morador a Santa Ana deu 480 rs	António Caetano da Silva
14/04/1754	Silvério Manuel Duarte (cas. Custódia Xavier)	Rua de João do Outeiro, freg. ^a Socorro deu 480 rs	António Caetano da Silva
22/04/1754	Domingos da Rosa	casado com Crispiniana Joaquina	Simão Caetano Nunes
28/04/1754	Miguel António do Amaral (cas. Catarina Clara do Sacramento)	defronte da Ig. de Sta. Justa, freg. da dita sra. deu nada	Simão Caetano Nunes
15/12/1754	Caetano José (cas. Maria Inácia)	morador no fim da Rua do Sol (freg. Sta. Catarina) deu 600 rs	António Caetano da Silva
15/12/1754	Agostinho Pereira de Araújo	morador em casa de seu pai Gabriel Pereira de Araújo na Barroca à Calçada de Santana ao Mosteiro da Encarnação, freg. ^a NS da Pena, deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Manuel Carvalho	morador a São Lázaro, freg. ^a NS da Pena; em 1781 mor. à portaria do Hospital Real deu 480 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Manuel dos Santos Lima cas. Teodora Margarida de Almeida	morador na Rua das Parreiras; em 1781 mor. defronte dos Meninos Órfãos deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Inácio Pedro cas. Lucrécia Teresa)	Travessa dos Fiéis de Deus, freg. ^a Encarnação	(todo o assento está riscado)

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
07/03/1755	António Ferreira Tinoco (cas. Teresa de Jesus)	morador a São Lázaro no Beco da Barbadela, freg. ^a da Pena deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	António Vieira	morador à Rua da Salgadeira, freg. ^a da Encarnação em casa de seu pai Antonio Vieira, deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Manuel da Fonseca Valente (cas. Ana Teotónia do Espírito Santo)	morador à Rua da Rosa das Partilhas, freg. ^a da Encarnação deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Domingos Nunes (cas. Bernarda Maria Teresa)	Rua de S. Pedro Mártir, freg. ^a Sta. Justa; mor. Rua dos Cavaleiros deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	João Baptista	morador ao Colégio em casa do nosso Irmão Bernardo Alves Ferreira do Socorro deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Henrique José	morador a São Lázaro em casa de sua mãe Maria Francisca deu 600 rs	António Caetano da Silva
03/1755	José de Barros de Macedo (cas. Cecília Maria Joaquina)	Rua Direita do Campo do Curral; em 1781 mor. a Santa Marta, numa travessa deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	Roberto Vicente (freg. ^a Santa Justa)	em casa de seu pai a Valverde, deu 600 rs	António Caetano da Silva
07/03/1755	João Manuel Ataíde (cas. Gertrudes Teresa)	morador na Rua do Varão freg. ^a da Sua presidência da Sé deu 600 rs	António Caetano da Silva
09/03/1755	Manuel Caetano	morador à Calçada de Santo André em casa de seu pai Bento de Sousa, casado com Maria Rosa Joaquina de Jesus deu 600 rs	António Caetano da Silva
14/09/1755	João Francisco (cas. Ana Joaquina)	morador a São Bartolomeu deu 600 rs	António Caetano da Silva
14/09/1755	João de Oliveira e Silva	morador na Pampulha deu 600 rs	António Caetano da Silva

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
14/09/1755	João Domingues Estrada (ausentou-se desta cidade para a de Roma depois do terramoto de 1755)	Rua de S. Bento deu 600 rs	António Caetano da Silva
28/10/1756	Simão	deu 480 rs	António Caetano da Silva
20/05/1757	Duarte Francisco	morador à Pampulha deu 600 rs	
02/01/1767	Manuel dos Santos	Rua do Carvalho deu 480 rs	António Caetano da Silva
04/06/1781	Manuel da Fonseca Baroca (cas. Maria Teresa de Jesus) ***	deu 1200 rs para o Santo deu 400 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	José Francisco Ferreira (cas. Constância Jacinta de Freitas)	deu 600 rs para o Santo deu 350 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	João Lopes	deu 600 rs para o Santo deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Manuel José de Sousa	morador ao Beco do Jordão às Olarias deu 600 rs para o Santo deu 400 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Sebastião Teixeira e Paiva	deu 600 rs para o Santo deu 220 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Gregório José Barreto	deu 600 rs para o Santo deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Francisco José (cas. Mécia Teresa)	morador na entrada da Calçada de Agostinho Carvalho deu 600 rs para o Santo deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Francisco dos Santos Botapouco e Cortesão (cas. Bernarda Isabel de Santa Teresa)	deu 600 rs para o Santo deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Francisco da Silva Castelo Branco (cas. Ana Engrácia Maria de Jesus)	deu 600 rs para o Santo deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Manuel José Leoni (cas. Maria Eugénia Clara)	deu 600 rs para o Santo deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital

*** O conteúdo dos assentos é o seguinte a partir desta data: «Aos 4 dias do mez de junho do ano de 1781 se assentou por nosso Irmão da Irmandade de S. Lucas, sita nesta Igreja de Nossa Senhora da Anunciada, novamente em Santa Justa nesta cidade de Lisboa, deu de seu assento para o Santo 1200 e para pobres 400. E prometteo de guardar os estatutos, & assinou aqui commigo Escrivão aa) Manuel da Fonseca Baroca – o Secretário Manuel Gonsalves Vital» (à margem) cazado com Maria Theresa de Jesus.

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
04/06/1781	José Gonçalves (cas. Ana Maria da Assunção)	morador na Rua de Santo António defronte de D. Dinis não deu entrada	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Cyrillo Volkmar Machado	morador adiante da Ig. de São José deu 600 rs para o Santo e 200 rs para os pobres (can. 81)	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Luís Pedro de Almeida e Cruz	não deu entrada para o Santo e deu 200 rs para os pobres	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Veríssimo António de Sousa	Rua Direita da Mouraria deu 1200 rs e para os pobres 450 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Joaquim Gonçalo de Sousa	morador na Rua Direita da Mouraria, em casa de seu irmão Veríssimo António de Sousa deu 900 rs e para os pobres 300 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	António Manuel de Sousa	morador na Rua Direita da Mouraria, em casa de seu irmão Veríssimo António de Sousa deu 900 rs e para os pobres 300 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	José Maria da Silva Castelo Branco	deu de entrada 600 rs e para os pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	José Lúcio da Costa	morador na Rua do Norte	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Anacleto Francisco	deu para o Santo 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Jerónimo de Barros Ferreira	deu para o Santo 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Miguel Cosme Daluigue (Daluigue)	deu para o Santo 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Francisco de Oliveira (cas. Margarida Josefa)	deu somente 600 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	Manuel da Costa	para os pobres deu 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
04/06/1781	P.º João Crisóstomo	deu 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
15/07/1781	António José da Silva	—	Manuel Gonçalves Vital
15/06/1781	Joaquim Patrício	assiste na ajuda no Pátio das Cozinhas deu 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
15/06/1781	Manuel Joaquim Leão Gomes (na Calçada de Santa Ana)	morador na Rua de São Pedro Mártir deu 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
15/06/1781	José Antunes (cas. Isabel Maria Morata, morador na rua da ...)	este irmão estofou o Santo sem levar nada do trabalho e pretende o que lhe prometi ser irmão sem pagar entrada; eu dei o ouro para o estofado do Santo e conserto de uma mão nova que mandei fazer por devoção; deu boa entrada que merecia uma moeda de ouro o trabalho que fez	Jerónimo Gomes Teixeira
15/06/1781	Simpliciano José (cas. Margarida Rosa Firme)	deu 600 rs e para pobres 200 rs	Manuel Gonçalves Vital
1781(?)	Filisberto António Botelho (cas. Vicência Maria Brizia)	Rua do Vigário deu 600 rs e para pobres 200 rs	—
15/09/1788	José Joaquim Gomes	assiste à Calçada de S. Cristóvão	—
15/09/1788	João de Deus Moreira de Lour.º	assiste na Rua dos Canos	—
15/09/1788	Vicente Paulo da Rocha (cas. com Maria Baluina)	assistente na Rua da Rosa	—
16/09/1788	João Baptista de S. José (cas. Maria Janoefa(?))	assistente à Calçada de Forte detrás da Fundação	—
16/09/1788	Joaquim Manuel de Almeida (cas. Maria Josefa)	assistente à Calçada de S. Vicente	—
16/09/1788	Vicente Ribeiro Alves (cas. Joaquina Maria)	assistente ao Campo de Santa Clara da parte do Paraíso	—
18/09/1788	Cláudio Ribeiro do Carmo e Silva	—	—
22/09/1788	Vicente Correia Lage	—	—
30/09/1788	Alberto Magno Ferrel (?) (cas. Ana Maria)	assiste indo da Mouraria para o Socorro à esquina são as casas aonde assiste	—
03/10/1788	Pedro Alexandrino de Carvalho (solt.)	assiste adiante de S. José na Travessa Larga dos Cobertos	—

Daqui em diante os termos do livro têm apenas as assinaturas dos irmãos:
Carlos Gomes Teixeira, João da Silva Barbosa, Francisco de Rodes, José
Francisco del Cuoco, José António Narciso, Joaquim José de S. Payo.

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
30/01/1791	Pedro Alexandrino de Carvalho (cas. D. Teresa Rosa)	morador na Rua do Passadiço, freg. ^a S. José. Deu entrada 2400 rs	Cyrillo Volkmar Machado
30/01/1791	José António Narciso (cas. D. Ana Teresa de Jesus)	morador na Rua do Colégio dos Nobres, freg. ^a da Encarnação. Deu 2400 rs	Cyrillo Volkmar Machado
30/01/1791	José Francisco del Cuoco, casado com Helena Leonor	Rua do Arco das Águas Livres	
30/01/1791	Cyrillo Volkmar Machado (solt.)	à Anunciada, freg. ^a S. José. Deu 2400 rs	Cyrillo Volkmar Machado
30/01/1791	Felisberto António Botelho (cas. D. Vicência Maria Brízida)	moradores na Rua do Vigário, freg. ^a S. Vicente. Deu 2400 rs	Cyrillo Volkmar Machado
30/01/1791	Jerónimo Gomes Teixeira (cas. D. Maria Joaquina)	a S. Cristóvão, freg. ^a S. Cristóvão. Deu 2400 rs	Cyrillo Volkmar Machado
30/01/1791	José Joaquim Lobo	morador ao Passadiço, freg. ^a do Coração de Jesus. Deu 2400 rs	José António Narciso
30/01/1791	Manuel Caetano de Sousa, Sargento-Mor (cas. D. Mariana Joaquina Angélica de Sousa)	moradores à Patriarcal Queimada, freg. ^a das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
06/02/1791	Manuel da Costa (cas. D. Antónia Henriqueta Lima)	moradores à Anunciada, freg. ^a D. José. Deu 2400 rs	José António Narciso
25/02/1791	Joaquim da Costa	Praça da Alegria. Deu 2400 rs	José António Narciso
05/06/1791	Vicente Correia Lage	morador ao Campo de Sta. Clara. Deu 2400 rs	José António Narciso
15/05/1792	D. Henriqueta de Menezes, Duquesa de Lafões e amadora de pintura, por beneficiar e proteger a nossa confraria quis assentar neste livro	deu de entrada 2400 rs	—
15/05/1792	D. João de Bragança, Duque de Lafões e amador de pintura, por beneficiar e proteger a nossa confraria quis assentar neste livro	deu de entrada 2400 rs	—

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
25/11/1792	Gaspar José Raposo	morador no Salitre, freg. ^a Coração de Jesus. Deu 2400 rs	Cyrillo Volkmar Machado
09/12/1792	Vicente Paulo Rocha (cas. Maria Balbina da Silva)	mor. Travessa da Queimada, freg. ^a NS da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Manuel Macário	morador na Barroca, freg. ^a NS da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António Ferreira (cas. D. Mariana Josefa de Sousa)	moradores na Rua dos Anjos, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José António (cas. Ana Balbina de Sousa)	moradores na Rua dos Anjos freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Félix José Ferreira	Rua dos Anjos, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Francisco de Paula	morador na Freg. ^a Pena, na Calçada do Moinho de Vento. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José da Cruz	Calçada do Lavra, freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Luís António de Carvalho	morador na Bemposta, freg. ^a Anjos. deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Francisco Gomes de Carvalho	morador no Paço da Rainha, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António José de Carvalho	morador no Paço da Rainha, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António Ansardi	morador em Campolide, freg. ^a S. Sebastião. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Francisco João (cas. Maria Bárbara de S. José)	moradores a S. Lázaro, freg. ^a Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Miguel José (cas. Úrsula Josefa)	moradores na Rua das Tendas, freg. ^a Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Bento António (cas. Maria Teresa)	moradores ao Resgate, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Joaquim da Silva	morador na freg. ^a de S. José. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José Gonçalves (cas. Ana Maria da Assunção)	moradores na Calçada do Moinho de Vento, freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
16/12/1792	João António	morador na Rua do Sol, freg. ^a de Sta. Isabel. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José de Sousa Duarte	morador na Barroca, freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António Martins (cas. Inácia Margarida dos Santos)	moradores na Rua dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Gregório Nunes da Silva (cas. Ana Vitorina Rosa)	moradores no Largo das Olarias, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António Joaquim (cas. D. Maria de Jesus)	Calçada do Monte, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Matias José Paulino	morador na Rua das Bernardas, freg. ^a de Santos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Joaquim José Poizão	Travessa do Moínho de Vento, freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	João Severino da Silva (cas. Severiana Inácia do Carmo)	Praça das Flores, freg. ^a de NS das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José Camilo de Alcântara	à Mouraria, freg. ^a Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António José de Araújo	Travessa da SS Trindade, freg. ^a de Santos. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António José Inácio (cas. Maria Claudina Xavier)	Rua da Mouraria, freg. ^a do Socorro. Deu 2400 rs.	José António Narciso
16/12/1792	Narciso José Diniz	Rua Formosa, freg. ^a das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José Narciso	Rua da Inveja, freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António Martins Campos (cas. Maria Josefa da Conceição)	Beco da Estopa, freg. ^a da Ajuda. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	António José do Vale (cas. Antónia Joaquina de Oliveira)	Rua da Rosa, freg. ^a das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Paulo Freire Correia Lage (cas. Maria da Piedade)	Rua Direita de S. João da Praça, freg. ^a S. João da Praça. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	José Roberto	morador na Calçada do Monte, freg. ^a dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
16/12/1792	Luís Manuel (cas. Ana Joaquina Rosa)	Calçada de Santana, freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Félix José do Carmo	Rua dos Cavaleiros, freg. ^a do Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Joaquim José Henriques (viúvo)	morador no lugar de Sacavém, freg. ^a NS da Purificação. Deu 2400 rs	José António Narciso
16/12/1792	Luís Baptista	morador na Barroca, freg. ^a de NS da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
17/12/1792	Martinho António da Fonseca de Coito	morador na freg. ^a de Sta. Catarina. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Jerónimo de Andrade (viúvo)	Beco de S. Marçal, Calçada de Agostinho de Carvalho. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	António José de Azevedo (cas. Teodora Teresa)	assistente na Calçada da Boa Hora, freg. ^a de NS da Ajuda. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Bernardo de Azevedo	morador na Calçada da Boa Hora, freg. ^a de NS da Ajuda. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Manuel Monteiro (cas. Margarida Jacinta)	morador às Portas de Sta. Catarina, freg. ^a de NS dos Mártires. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	José António Mesquita (cas. Teresa Antónia)	morador na Rua da Mouraria freg. ^a de NS do Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Sebastião Clemente	morador a Santos, freguesia de Sta. Engrácia. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Manuel Gomes	ao Poço do Borratém, freg. ^a de Sta. Justa. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Miguel Rodrigues del Cuoco	morador ao Monserrate, freg. ^a Sta. Isabel. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	Malaquias Amado Sanches (cas. Josefa Maria)	Rua das Parreiras, freg. ^a NS do Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
23/12/1792	João Mendes Dias	Travessa da Cara, freg. ^a NS da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Manuel Gregório (cas. Isidora Joaquina Rosa)	morador na Rua dos Prazeres. Deu 2400 rs	José António Narciso

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
26/12/1792	Jacinto de Almeida Cabral	morador na Bemposta, freg. ^a NS dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Francisco José Joaquim	Praça das Flores, freg. ^a de NS das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Simão Caetano da Cunha (cas. D. Catarina de Brito)	Rua da Praga, freg. ^a S. José. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	António Inácio	Rua das Taipas, freg. ^a S. José. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Ricardo José	Calçada de Agostinho de Carvalho, freg. ^a de NS dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	João da Silva Barbosa (cas. D. Josefa Valentina Salazar)	Trav. do Poço, freg. ^a NS da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Vicente Ribeiro Alves (cas. Joaquina Maria)	Campo de Sta. Clara, freg. ^a Santa Engrácia. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Manuel Inácio de Lima (cas. Ana Rita Joaquina)	Rua do Salitre, freg. ^a S. José. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Eusébio Lopes Baptista (cas. Maria Rosa)	na Barroca, freg. ^a NS da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
26/12/1792	Joaquim José Caetano Saraiva (cas. Simpliciana Josefa de Castro)	morador à Bica do Sapato, freg. ^a Sta. Engrácia. Deu 2400 rs	José António Narciso
30/12/1792	Domingos da Costa Barreto	ao Arco da Graça, freg. ^a NS do Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
30/12/1792	Manuel Fialho	morador ao Colégio dos Nobres, freg. ^a de S. Mamede	
20/01/1793	José Tomás Gomes	morador à Mouraria, Rua de S. Pedro Mártir, freg. ^a Sta. Justa. Deu 2400 rs	José António Narciso
20/02/1793	João Valentim (cas. Luzia da Conceição)	Rua de S. Marçal, freg. ^a NS das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	João Tomás (cas. D. Maria Inácia)	morador na freg. ^a de Sta. Isabel. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	José António Parodi (cas. Arcângela Rosa)	Calçada de Santa Ana, freg. ^a NS da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	Bruno José da Cruz Lisboa	Rua dos Mouros, freg. ^a NS da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
24/02/1793	João Baptista (cas. D. Maria Genoveva de Azevedo)	morador na freg. ^a do Paraíso. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	Guilherme Bernardo Pereira (cas. Caetana Maria Joana)	morador na freg. ^a das Mercês. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	Joaquim António	morador na freg. ^a Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	Ventura Duarte (viúvo)	morador na freg. ^a do Socorro. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	José Maria	morador na freg. ^a da Pena. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	Francisco Apolinário	morador na freg. ^a de Sta. Isabel. Deu 2400 rs	José António Narciso
24/02/1793	Salvador Francisco	morador na Rua da Barroca, freg. ^a da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso
21/07/1793	Pedro António Gomes (cas. D. Maria Rosa)	morador às Olarias, freg. ^a NS dos Anjos. Deu 2400 rs	José António Narciso
21/07/1793	Joaquim Marques (viúvo)	morador no Salitre, freg. ^a S. José. Deu 2400 rs	José António Narciso
21/07/1793	José Carlos Binhete	ao Menino Deus, freg. ^a St. André. Deu 2400 rs	José António Narciso
21/07/1793	Joaquim Romão (cas. D. Maria Perpétua)	morador na freguesia de NS da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso
21/07/1793	José Caetano Siriolo (cas. D. Ana Efigénia de Jesus)	Rua dos Mouros, freg. ^a NS da Encarnação. Deu 2400 rs	José António Narciso
13/09/1793	Francisco da Costa (cas.)	morador às Janelas Verdes. Deu 2400 rs	José António Narciso
17/11/1793	Manuel dos Santos Freitas (cas. D. Joaquina Gertrudes)	morador na freg. ^a de Santos. Deu 2400 rs	Manuel da Costa
17/11/1793	André Monteiro	Rua do Vale, freg. ^a NS das Mercês	—
17/11/1793	Sebastião José Ferreira	morador ao Rato, freg. ^a de S. Mamede	—

DATA	NOME	MORADA	ESCRIVÃO
17/11/1793	José Joaquim Pereira (cas. D. Luíza Leocádia de Jesus)	freg. ^a de NS das Mercês	—
24/11/1793	Eugénio Joaquim Alves	Rua de São Vicente	Manuel da Costa
24/11/1793	Joaquim José de Barros	Rua das Parreiras, freg. ^a S. José	—
24/11/1793	José António Valente (cas.)	morador em Alfama	—
09/03/1794	António José da Silva (cas. D. Fortunata Maria do Carmo)	Rua Nova d'El-Rei, freg. ^a Conceição Nova. Deu 2400 rs	Manuel da Costa

Notas sobre alguns pintores da Irmandade de S. Lucas

AMARO PINHEIRO (act. 1671-1720) – pintor de têmpera e dourador, destacou-se sobretudo na pintura de brutesco. É dado como morador ao Arco de S. Vicente no registo de entrada na Irmandade de S. Lucas, mantendo-se na freguesia de S. Vicente pelo menos entre 1682 e 1686, desta vez na Rua do Postigo. Casado com Joana Baptista e com quem teve pelo menos três filhos (AHPL). Tem obra quase toda desaparecida mas documentada em Lisboa nas igrejas de Santo Estêvão (1676), na Capela das Almas da igreja do Convento de Santo Elói (1687), na de São Miguel de Alfama (1699-1700), na de São Cristóvão (1700) e também na de São Pedro (1704-05). Colaborou ao longo da carreira com vários pintores, de que destacamos Nicolau Antunes, Miguel dos Santos, Lourenço Nunes Varela, José de Campos (Serrão, 2001: 82,131 e Ferreira, 2010, vol. II: 586-593). Esteve envolvido com José de Matos numa campanha de obras de douramento e de brutesco na Igreja de São Pedro de Palmela em 1686 (Serrão e Meco, 2007: 463-464). Foi nomeado pintor da Casa da Rainha D. Maria Francisca de Sabóia em 1674 (Marçal, 1999: 100). Surge referenciado por diversas vezes na Irmandade desempenhando as funções de mordomo (1672-73, 1682-83, 1698 e 1711) e de juiz (1720). O nome de um Amaro Pinheiro surge ainda relacionado com a Irmandade em 1733, mas não conseguimos confirmar tratar-se do mesmo.

ANDRÉ GONÇALVES (1685-1762) – pintor particularmente activo e prestigiado na Irmandade de S. Lucas, como se pode comprovar pelos vários cargos desempenhados entre 1711, data do assento da entrada: mordomo em 1712, 1721, 1722, 1724-25; mordomo por devoção em 1715-16; escrivão em 1716-17, 1718; procurador em 1719, 1720, 1726 e 1728; apontador em 1745-46, 1747-48; primeiro assistente do juiz em 1752-53 e 1753-54; e por último como juiz nos anos de 1723-24 e 1746-47.

Foi ainda eleito presidente da circunscrição do Bairro Alto nos anos de 1750 (em conjunto com o pintor Valentim de Almeida) e 1751 (em conjunto com o pintor António Pereira que dera entrada em 1715). Realizou a aprendizagem na oficina do pintor de cavalete e de azulejo António de Oliveira Bernardes na freguesia de Santa Catarina (Casas Caídas) entre os anos de 1701 e 1704 (AHPL). De acordo com as fontes setecentistas, integrou depois a oficina do pintor genovês D. Julio Cesare Temine, aprofundando a formação inicial. Ao longo da carreira, contactou com os pintores mais relevantes da sua geração, a saber, Francisco Vieira Lusitano e Inácio de Oliveira Bernardes, filho do seu primeiro mestre. Jerónimo da Silva e João Nunes de Abreu, pintores de quadratura colaboraram igualmente com ele, por exemplo na empreitada da Igreja de Nossa Senhora da Pena (1729). Executou trabalhos para Camarate (1714), Mafra (c. 1730) e Brasil (1730); para os Paulistas (1731), Menino Deus (1730-40), Madre de Deus (1746-50 e 1759), Hospital de Todos-os-Santos (c. 1750), Misericórdia (1761), tudo em Lisboa; Palácio de Queluz (1752); Convento de Castelo Viegas, Colégio de Santo Agostinho e Misericórdia em Coimbra (c. 1750-60); capela do Palácio dos Condes de Oeiras (c. 1760-61) (Machado, 1995; Saldanha, 1995; Gonçalves, 2002; Raggi, 2004: 1370; Isidro, 2015).

ANTÓNIO DE LASTROSA (act. 1659-1686) – pintor e retratista; mordomo da Irmandade nos anos de 1659 e 1685-1686. Foi casado por duas vezes com Luísa Soares e Margarida da Fonseca, habitando a Rua da Esperança na banda de Jesus e a Calçada do Combro, também na banda de Jesus, sempre na freguesia de Santa Catarina, nos anos de 1669-71-78 e 1684 (AHPL). Em Setembro de 1686, é dado como falecido no registo de baptismo do filho José. A crónica teatina assevera que Lastrosa foi o pintor responsável por dois retratos (um deles *post-mortem*) do P.^e Alberto Maria Ambiveri em 1651, numa fase da carreira em que ainda realizava o aprendizado, junto de mestre desconhecido (Ferro, 1705: vol. II-180). Sabemos ainda ter contactado com o pintor Fernão Álvares de Paiva e com a Duquesa de Aveiro, Maria Guadalupe de Lencastre Cardenas Manrique de Lara (1630-1715), também ela pintora e membro da Irmandade de S. Lucas, onde ocupou o importante cargo de juíza, justamente em 1659, ano em que Lastrosa surge como mordomo (Sobral, 2009: 65).

ANTÓNIO LOBO (1711-1718) – pintor quadraturista e um dos mais importantes discípulos de Vincenzo Bacherelli. Foi pai dos pintores Francisco Xavier Lobo e Joaquim José Lobo (act. 1752-55) e avô de José Joaquim Lobo (act. 1782-91) de acordo com Cyrillo (Machado: 1823). Deu entrada na Irmandade de S. Lucas

em 1711, desempenhando logo nesse ano funções de mordomo. No registo do assento, diz-se que António Lobo habitava à Mouraria. Participou, em conjunto com Manuel Galvão, dourador (act. 1711-26), nas obras de redecoração artística da capela da Irmandade na Anunciada de 1712, certamente o tecto de quadratura. Em 1711-13, António Lobo está documentado na empreitada barroca da Igreja dos Anjos em Lisboa, sob o auspício da Irmandade do Santíssimo Sacramento, na companhia de Gonçalo de Mesquita, para a realização das pinturas sobre tela do tecto da igreja e a quadratura da capela-mor (Pinto, 2015). António Lobo foi escrivão da Irmandade em 1712 e chegou a ser eleito juiz da mesma nos anos de 1716-17 e 1718. Neste ano realizou o primitivo tecto da Igreja da Pena pouco antes de ter falecido em 1719. Na sua oficina aprenderam pintores como António Pimenta Rolim, Brás de Oliveira e António Simões, todos responsáveis por obra de quadratura. Faleceu em 1719 (Mello: 1998). Não conseguimos apurar se António Lobo pertence à família do pintor Filipe Lobo.

ANTÓNIO DE OLIVEIRA BERNARDES (1662-1732) – pintor de óleo, de têmpera (e de azulejo), é um artista que ao longo da carreira soube explorar as várias valências da arte da pintura. Natural de Beja e filho do pintor Pedro Figueira (act. 1679-1693), com quem aprendeu o ofício. Chegado a Lisboa, terá porventura colaborado na oficina de Marcos da Cruz, na empreitada da Madre de Deus (c. 1680-83) (Flor, 2002). Em 1684, integra a Irmandade de S. Lucas, aí desempenhando várias funções ao longo do período de actividade: mordomo em 1685-86 e 1698, 1705-06; escrivão em 1693-94, 1694-95; assistente do juiz (o cunhado José Ferreira de Araújo) em 1712; juiz em 1696-97. Começou por morar no Vale das Chagas, banda de Santa Catarina, na companhia de um criado, João Vidal, em 1686, tendo depois mudado o domicílio (c. 1694) para a freguesia de São Paulo e, em época incerta, para as Casas Caídas (na Boavista) a Santa Catarina, onde figuram já em 1696 (AHPL). António de Oliveira Bernardes, a mulher e a prole irão habitar esta morada, onde funcionava também a oficina, até ao final da vida (1732). Registe-se que nos últimos anos (a partir de 1729, surge como «entrevado» nos róis de confessados, acabando por falecer três anos depois (AHPL). A abundância de olarias na freguesia de Santa Catarina, a proximidade com o rio Tejo e os meios de comunicação com o exterior da cidade e a presença de parte da comunidade mercantil holandesa nas imediações faziam das Casas Caídas uma zona propícia à produção artística e, no caso de Bernardes, ao fabrico e transporte dos azulejos (Flor e Flor, 2016). Na sua oficina passaram nomes maiores da arte da pintura setecentista como o *fa presto*

André Gonçalves (entre 1701 e 1704), Teotónio dos Santos (entre 1707 e 1711) e Nicolau de Freitas (entre 1719-24) todos sem interrupção e os dois últimos importantes pintores de azulejo do período joanino (AHPL). Conta-se ainda Joaquim Coelho na lista de aprendizes da oficina de Bernardes (Correia, 1918: 206-207). Autor de vasta obra atribuída de pintura de telas, de brutesco e de azulejo, a presença artística de António de Oliveira Bernardes é detectável, entre outros lugares, na tribuna e paredes da capela-mor em São Lourenço de Azeitão (1689-94); na Misericórdia de Moura; na campanha de pintura (em colaboração com o pai) na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja (c. 1695-98); na Capela do Senhor dos Passos na igreja do Mosteiro dos Jerónimos (c. 1702); na capela da Igreja de Santa Clara de Évora (c. 1703); nos azulejos da igreja do Convento dos Lóios em Évora (1711), na Casa de Santa Maria de Cascais (conjunto azulejar proveniente da Quinta da Ramada – Frielas); no Convento de Jesus (Mercês) em c. 1714; na Misericórdia de Viana do Castelo (1719); na Sé de Braga e na de Faro, no Convento de S. Paulo da Serra d'Ossa (Redondo) (Franco, 1993: 206-207; Serrão, 2007: 27-95; Simões, 1979: 32-34).

ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE LOUREDO (act. 1674-1704) – também referido como António de Oliveira e Louredo. Pintor que se destacou como retratista no último quartel do século XVII e início do século XVIII, cuja actividade se desenvolveu em Portugal, trabalhando também para o Brasil, onde tinha família instalada. Está registado na Irmandade de S. Lucas na Mesa de 1674-1675 como mordomo; na de 1682-1683 como escrivão; na de 1683-1684 como mordomo por devoção (não sendo esta uma referência a António de Oliveira Bernardes). Existem dúvidas quanto à sua autoria dos retratos dos reis D. Afonso VI (Recife) e D. Pedro II (citado por Sousa Viterbo); de Aires de Sousa e Castro, Governador de Pernambuco e do P.^e António Vieira para o antigo Colégio da Companhia de Jesus, Salvador (Serrão, 2000: 9 e Gonçalves, 2012: 166). Os retratos das rainhas D. Maria Francisca de Sabóia e D. Maria Sofia de Neuburgo do Museu Nacional dos Coches também não são certos de que sejam do seu pincel. Certa é a autoria de um retrato (c. 1682?), ainda não detectado e que apenas conhecemos através de gravura (BNP), do 2.^o Conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, pela inscrição na moldura oval: *Antonius ab oliva et Loredó ad vivum fecit*. Foi nomeado em 1697 no cargo de pintor de retratos da Casa da Rainha D. Maria Sofia de Neuburgo (Viterbo, 1903-11: 119 e 126). Está documentado o envio de pinturas para Pernambuco e a Bahia (1682-97), permitindo-lhe esta actividade alargar o mercado de venda das suas obras, através do pai, Gonçalo Vaz, que aí morava (Serrão, 1998: 81-82).

ANTÓNIO MACHADO SAPEIRO (act. 1701-1740) – Cyrillo diz-nos que Sapeiro quis imitar o estilo de Bento Coelho, não o superando na execução. Entre outras obras (algumas dadas por Cyrillo: 1823, 69-70), destaque particular para o tecto da sacristia da Igreja do Loreto (1703-05), realizado na época da presença de Bacherelli; as telas de São Pedro de Torres Novas (c. 1710), as da igreja matriz de Camarate (1710-12), as da sacristia do colégio jesuítico do Funchal ou das presentes na Igreja dos Anjos em altares e coro do templo (c. 1717-18), por ocasião da empreitada barroca que contara já, em 1711-13, com a intervenção dos pintores Gonçalo de Mesquita e António Lobo no tecto da igreja e no da capela-mor (Serrão, 2012: 170-172 e Pinto, 2015). Além de pintura religiosa, executou também retratos, um dos quais de D. João V, muito louvado ao tempo (1708). Em 1701, António Machado contribui para a Irmandade com 480 rs e encontra-se arrolado no Bairro da circunscrição do Rossio. Sabemos hoje que António Machado Sapeiro desde 1696 até 1698 habitava já a freguesia de Santa Justa, justamente integrada nesta circunscrição, em conjunto com a mulher Inês Antónia, alguns criados e um aprendiz Manuel de Sousa, já referido como oficial em 1698 (AHPL). Nesta zona urbana de Lisboa, habitavam entre outros os pintores António da Serra, Jerónimo da Costa, João Pereira Pegado, Pascoal de Sousa ou Vincenzo Bacherelli que terão facilitado a circulação de técnicas e de modelos entre oficinas vizinhas. O assento de entrada na Irmandade data do final de 1704, vivendo na época ao Socorro. Serviu de mordomo na Mesa em 1703-04, 1712 e de procurador em 1705-06. Registam-se várias esmolas concedidas nos anos de 1721 e 1727. Faleceu a 26 de Junho de 1740 na freguesia da Pena.

ANTÓNIO PEREIRA RAVASCO (act. 1683-1712) – também referido na documentação e nas assinaturas do *Livro original* como «António Pereira». Pintor de óleo e de têmpera, sendo responsável por pintura de azulejos (Serrão, 2001: 129-134). Personalidade distinta do homónimo referido na Irmandade nos anos de 1637-46; de um outro que nos aparece na Irmandade em 1715 ou ainda de outro cujo assento data de 1718, por razões de ordem cronológica. António Pereira Ravasco surge sim a primeira vez na Irmandade em 1683, participando na constituição da Mesa como mordomo em 1683-84, 1684-85, 1688-89, 1689-90; escrivão em 1686-87; procurador em 1694-95 e 1695-96; juiz em 1693-94. Registou-se ainda a missa de sufrágio de 1712, dado coincidente com o óbito averbado nesse ano, na freguesia de Santa Catarina. Nas Mesas em que rubricou a presença, o pintor assinou indistintamente «António Pereira», «António Pr.^a», «António Pereira Ravasco» e por último «António Pr.^a Ravasco». Isto significa que utilizou com arbitrariedade o nome que possuía,

talvez pela falta de estabilidade onomástica que se verificava ao tempo. O mesmo já se tinha verificado nos róis de confessados da freguesia de Santa Catarina, onde surge ora como «António Pereira», ora como «António Pereira Ravasco». A título de exemplo, o pintor assinou os painéis de azulejo na Misericórdia da Vidigueira ou na Capela Dourada da Ordem Terceira do Recife (1703) sob a forma de Ant.^o P.^{ra} e em actos notariais utiliza «António P.^{ra} Ravasco», todas elas constantes no *Livro original* da Irmandade. Por seu turno, os elos que estabeleceu por via de empréstimos (ou de fiado) com pintores de azulejo e ladrilhadores parecem reforçar a identidade do pintor António Pereira (Ravasco) com a do autor dos conjuntos azulejares assinados. A oficina de António Pereira Ravasco funcionou certamente nas casas *com dois sobrados, logeas e cisterna* (Serrão, 2001: 133 e Carvalho, 2012: 182) que possuía na Rua do Lambas na freguesia de Santa Catarina e que foi habitar por volta de 1689 e onde constituiu família. Entre os anos de 1690 e 1712, data da morte, está identificado nos róis de confessados da paróquia, acompanhado da mulher, filhos e alguns criados. No ano de 1694, discrimina-se em casa de Ravasco um aprendiz de pintor, Bento de Barros, que será membro mordomo da Irmandade de S. Lucas na Mesa de 1701 (AHPL). O desafio económico em que parece ter vivido permitiu-lhe não só servir de fiador em várias ocasiões, como também adquirir propriedades nos arredores de Lisboa (Colares), vila para onde terá trabalhado. O *corpus* da obra pictórica ainda não se encontra estabilizado, mas a série de vinte telas para a igreja de S. Miguel de Alfama, executadas por Ravasco em 1699-1700, poderá constituir uma base de atribuição segura para as restantes (Serrão, 2001: 131). Além destas realizou também as telas (e seu douramento) para o Convento das Bernardas de Lisboa em 1696; as obras de pintura e de brutesco da Igreja de Santa Catarina em 1698; a reforma do tecto e frontispício da capela-mor do Convento da Anunciada; a decoração azulejar da sacristia da Igreja do Loreto; e parte dos azulejos da igreja conventual de São Domingos de Benfica (1711-12). Com ecos da lição de Marcos da Cruz, os conjuntos pictóricos (telas ou azulejos) que andam atribuídos a António Pereira Ravasco incluem temas religiosos e cenas de batalhas e distribuem-se por Lisboa (São Pedro de Alcântara), Alverca, Montijo, Colares, Portalegre, Alvito, Faro e Salvador da Bahia (Serrão, 2001: 129-134 e Simões, 1979: 36).

ANTÓNIO PIMENTA ROLIM (act. 1715-1751) – foi considerado por Cyrillo um pintor pouco inovador no modo como compunha e ornamentava as suas obras. Discípulo de Vincenzo Bacherelli e de António Lobo, de acordo com o parecer do mesmo autor. Foi provável responsável pelo tecto da Capela-Mor dos Paulistas em Lisboa (ou Vitorino Manuel da Serra?), mais tarde repintado por Simão Baptista e

Jerónimo de Barros (1770). Esteve envolvido na obra de pintura na igreja matriz de Castro Verde (em colaboração com José Pereira Galvão, Manuel Pereira Galvão e José Soares) pelo ano de 1726 (Raggi, 2004: 1371-72); realizou o tecto da igreja da Aldeia Galega da Merceana (Alenquer) nos anos de 1745-46, com a colaboração do retratista Francisco Pinto Pereira. Fez parte da Irmandade de S. Lucas desde 1715, data do assento onde se regista também como morador às Chagas (freguesia de Santa Catarina) (Mello, 1998). Contraiu matrimónio com Maria Roiz, talvez depois de 1713, visto que surge entre 1710 (Rua de João Brás) e 1713 como morador sozinho e apenas na companhia de um criado (Rua do Sol, banda do mar) em 1712 e 1713. (AHPL). Serviu na Mesa da Irmandade de S. Lucas nos anos de 1715-1716 como mordomo; em 1727 como primeiro assistente; em 1735-36 como apontador. Faleceu em 1751.

ANTÓNIO DA SERRA (act. 1688-1727) – pintor brutescador e quadraturista, pouco prestigiado por Cyrillo que o considerou sempre um ajudante de mestres maiores (Machado, 1823: 147 e Mello, 1998). Deu entrada na Irmandade de S. Lucas em 1688 como morador na Rua do Álamo, freguesia de Santa Justa. Foi casado com Vicência de Almeida e viveu entre 1698-1702 na Rua dos Vinagreiros nessa mesma freguesia e portanto muito próximo de outros companheiros de ofício que por aí habitavam como António Machado Sapeiro, Jerónimo da Costa, João Pereira Pegado, Pedro Peixoto, Pascoal de Sousa e até Vincenzo Bacherelli (AHPL). Em sua casa recebeu como aprendizes o filho, Vitorino Manuel da Serra, bem como um sobrinho, Caetano de Almeida, que mais tarde integrou a Irmandade de S. Lucas em 1699, vindo a falecer em 1727, de acordo com o registo da missa de sufrágio. António da Serra desempenhou o cargo de mordomo nos anos de 1689-1693, 1699, 1701-1706 e 1721-1722, por vezes por devoção. Foi escrivão em 1700, 1708 e 1711, bem como tesoureiro em 1711, 1719, 1720 e 1726.

ANTÓNIO SIMÕES RIBEIRO (act. 1718-1755) – referido também na Irmandade de S. Lucas como António Simões em 1718, morador à Mouraria, data da entrada. É considerado discípulo de António Lobo e devedor da estética bacherelliana em Portugal. Pintor activo em Portugal entre 1718-27, época correspondente ao desempenho de cargos na referida confraria como mordomo (1719 e 1722) e como segundo assistente (1727). Trabalhou com Vicente Nunes na obra de vários tectos Universidade de Coimbra (1723-24), nomeadamente uma pequena Capela dos Reitores e os três tectos da Biblioteca Joanina. Tem obra em Santarém no subcoro da igreja do Hospital de Jesus Cristo. Viajou para o Brasil (Bahia, Salvador) e aí se manteve entre 1735-45 (Mello, 1996 e Raggi, 2004: 1370).

BENTO COELHO DA SILVEIRA (c. 1620-1708) – artista de grande actividade na arte da pintura (sacra, mitológica, género e retrato), um verdadeiro *fa presto* com obra em Portugal, Brasil e talvez Índia (c. 300 pinturas na totalidade) (Serrão, 2012: 163). Discípulo de Marcos da Cruz com quem terá realizado parte da formação artística. Tinha a sua oficina situada na Calçada de Paio de Novais ao Chiado (freguesia de São Nicolau), desde 1657. Em 1682, é mencionado a viver na Rua Nova do Almada (freguesia de S. Julião). Casou-se por duas vezes. A primeira mulher faleceu em data incerta e a segunda em 1698, de nome Ana de Sousa Pereira, lavrou testamento (Simões, 2002: 99-100). Participou em várias empreitadas pictóricas em Lisboa, de que destacamos: campanha do tecto da igreja do Convento de Madre de Deus (c. 1680); painéis para a Igreja do Socorro (1683-90); Convento da Encarnação das Comendadeiras de Avis; Cardaes; Colégio de Santo Antão; Flamengas do Calvário; Igreja de São Cristóvão (1699-1700) e Grilos de Xabregas (1706) entre muitas outras (Sobral, 1998 e Serrão, 2012: 162-169). Teve vários aprendizes como António Cordeiro e Veríssimo Soares (a. 1701), António Francisco (a. 1682-1746), Leonardo de Oliveira (a. 1698), Francisco Pereira (c. 1698) e Manuel da Silveira. Este último, eventual parente, foi pintor de têmpera das Ordens militares, estofador e dourador. Bento Coelho colaborou (ou contactou) com os mais importantes pintores do seu tempo: a família Silva Paz (em particular Lourenço da Silva Paz), Marcos da Cruz, António Pereira Ravasco, Gabriel del Barco, António de Oliveira Bernardes e Félix da Costa (Serrão, 2001 e Flor, 2002). Satisfaz encomendas para a clientela portuguesa mais esclarecida que inclui nomes como o Marquês de Fronteira ou o Conde de Ericeira ou ainda a Casa Real (Sobral, 1998; Soromenho, 2011; Flor, 2013) Manteve-se muito activo na Irmandade de S. Lucas. Foi mordomo entre 1647-1651; juiz em 1667-68, 1677-78, 1689-90 e 1698; escrivão em 1678-79. Registam-se ainda as esmolas dadas em 1699, 1701 e 1702, estas duas últimas referido como pertencente à circunscrição do Bairro Alto. Foi nomeado pintor régio e dos paços reais em 1678, por morte de Domingos Vieira.

BENTO DE SOUSA CAMPELO (act. 1745-1781) – o registo de entrada na Irmandade de S. Lucas data de 1745 e, no ano seguinte, ocupou o lugar de segundo mordomo até 1747. Em 1747-48, Bento de Sousa Campelo tornou-se o tesoureiro da confraria e em 1753-54 o procurador. Este lugar foi retomado no período pós-terramoto, durante a reactivação da Irmandade: 1777 e 1781, com passagem pelo lugar de mordomo em 1780. É registado como morador à Calçada de Santo André (1745), casado com Damásia Caetana que no ano de 1781 já tinha falecido (Machado, 1823). Morava ainda com Bento de Sousa o filho Manuel Caetano, também pintor. Este deu entrada na Irmandade em Março de 1755 e era casado com Maria Rosa Joa-

quina de Jesus. Bento de Sousa Campelo foi ainda presidente do Bairro de Alfama em 1751 e 1753, sendo ajudado na função por José de Sousa e Martinho José Laureano que julgamos pintores.

BERNARDO DE SEQUEIRA (act. 1701-1721) – o registo de entrada na Irmandade de S. Lucas data de 1705, embora tivesse já contribuído para a referida confraria em 1701, quando se processa a colecta pelo Bairro Alto (onde se incluía também a freguesia de Santa Catarina), ano coincidente ao seu matrimónio com Antónia Maria. É dado como morador aos Poiais de São Bento na banda de Jesus em 1705 (AHPL). Surge em parceria com o pintor Estêvão de Sousa na empreitada de douramento e brutesco da Igreja de Santiago de Palmela (1712), sob fiança do ladrilhador Domingos Duarte (Serrão e Meco, 2007: 475-476).

BRÁS DE OLIVEIRA (act. 1713-1749) – também designado por Brás de Oliveira Velho. Pintor de arquitectura e ornato concorreu com António Simões Ribeiro, que bem conhecia desde o aprendizado junto de António Lobo. Foi igualmente um pintor influenciado pela arte de Bacherelli (Machado, 1823 e Mello, 1998). Serviu na Mesa da Irmandade de S. Lucas como mordomo em 1713, data da entrada, e entre 1718 e 1722; como escrivão em 1723-24 e como primeiro assistente do juiz em 1726; juiz entre 1729 e 1732 e entre 1740 e 1742. No ano de 1748-49, Brás de Oliveira liquida uma antiga dívida à Irmandade no valor de 72 000 rs.

CYRILLO VOLKMAR MACHADO (1748-1823) – a este pintor e tratadista se deve, em conjunto com Pedro Alexandrino de Carvalho, o conhecimento que temos hoje da história da Irmandade de S. Lucas, cujo arquivo salvou e conservou permitindo que chegasse até aos nossos dias (Teixeira, 1931: 5). A recolha de informação contida nos documentos da Irmandade de S. Lucas «foram a sua mais importante fonte manuscrita» (Gomes, 1988: 156) quando exerceu as funções de secretário da mesma entre 1792-93. Descendente de uma família luterana radicada em Portugal e convertida ao catolicismo desde o início do século XVIII, muito cedo se apaixonou pelo mundo artístico «porque o meu génio propendia para a pintura com uma força irresistível» (Machado, 1823: 243). A influência dos tios pintores não terá sido estranha ao desenvolvimento de um talento inato. A sua formação inicial ficou, pois, por conta daqueles familiares, principalmente João Pedro Volkmar, que o introduziu nas técnicas de óleo, têmpera, fresco e aguarela. Mais tarde, frequentou a oficina de Mestre Parodi com quem aprendeu a retratar. No início da década de 70, viajou para Roma tendo estanciado em Sevilha, onde frequentou

a Academia de Desenho, período crucial para a sua formação (Arruda, 1999: 65). Em Roma, cidade «que se pode ver e entender, mas não se sabe explicar» (Machado, 1823: 245), Cyrillo aplicou-se ao estudo do passado clássico. Regressou por falta de apoio financeiro a Lisboa no ano de 1779 e não mais parou de trabalhar em pintura de tectos, painéis, carruagens, cenários de representações teatrais, etc. As casas da nobreza titulada (Angeja, Belas, Lafões, Loulé) e burguesia endinheirada (Domingos Mendes Dias, Jacinto Fernandes Bandeira, Gérard Devisme, Barão de Quintela e Visconde de Santarém) foram também espaços receptores da sua arte. Como reconhecimento, D. João VI elevou-o à condição de pintor régio em 1796. Em paralelo, respondeu a encomendas para fora de Lisboa: Évora, Elvas, Mangualde, Santarém e Mafra, em cujo Palácio investiu tempo para investigar nos livros de arte existentes na Biblioteca em que se apoiou para escrever as suas obras teóricas. No balanço da sua obra plástica poderia ser definido como «artista oscilando entre Rafael e os tardo-barroco classicistas franceses e italianos e com uma vontade de actualização, especialmente com Anton Mengs, com o qual provavelmente Cyrillo, se identifica» (Braga, 2011: 65). Faleceu em Lisboa a 12 de Abril de 1823 deixando vasta obra pictórica e tratadística, fundamentais para o conhecimento cabal da situação artística entre o final do Antigo Regime e inícios do Liberalismo.

ELEUTÉRIO MANUEL DE BARROS (c. 1754-c.1812) – nasceu em Lisboa em data incerta. Foi aluno de Joaquim Carneiro da Silva na aula de Gravura. Esteve em Roma onde estagiou com Ludovico Esterni, mestre de Carneiro da Silva, e contactou com Gaspar Fróis Machado. Exerceu a arte da gravura e da pintura. Está arrolado como mordomo da Irmandade de S. Lucas em 1789-90. Foi director da célebre Academia do Nu, contactando por esses anos com Pedro Alexandrino de Carvalho e Henrique José da Silva (Cyrillo, 1823: 235-236). Em 1810, assumiu funções de professor da aula régia de Desenho de História e Arquitectura Civil, por morte de Joaquim Manuel da Rocha (Faria, 2005).

ESTÊVÃO DE SOUSA (act. 1697-1712) – artista responsável por obra de pintura de têmpera e de óleo no Palácio dos Barões da Ilha Grande de Joanes (mais tarde Mesquitela) no final da Calçada do Combro (1708) e na Igreja de Santiago de Palmela (1712), esta obra em parceria com o pintor Bernardo de Sequeira, sob fiança do ladrihador Domingos Duarte (Serrão e Meco, 2007: 475-476 e Gonçalves, 2013). Casou-se com Antónia Maria na Igreja de Santa Catarina em 1697 e está arrolado na mesma freguesia como pintor a viver no Vale das Chagas (banda das Chagas) entre 1702 e 1712, onde se identifica também um aprendiz de nome Teodósio (ou Teodoro) (APHL).

FELICIANO DE ALMEIDA (1635-1694) – pintor da modalidade de óleo, examinador, retratista e um dos mais procurados copiadore da época, atingindo grande fama por pintar ao natural. Assentou como irmão na confraria de S. Lucas no ano de 1677 sob a presidência de Bartolomeu de Sousa. Desempenhou funções de escrivão entre 1683 e 1685. Em 1683-1684, chegou a substituir Francisco Ferreira de Araújo no lugar de juiz. Deixou por saldar uma dívida à Irmandade, quicá paga mais tarde por seu irmão, José de Almeida, também ele mordomo entre 1701 e 1703. Nasceu em Achém, na actual Guiné, por volta de 1635 (Flor, 2016c) e era filho natural de Filipa da Silva e do Capitão Pascoal de Almeida (Serrão, 1992: 31-32). A sua formação artística ainda hoje nos é desconhecida, mas a influência do pai, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, decerto facilitou a aprendizagem junto ao círculo da corte. Compreende-se assim que seja pintor da Casa de D. Afonso VI em 1669 (Troni, 2012: 129). Na sua obra, Félix da Costa Meesen, que conviveu com o pintor na Irmandade, é muito crítico em relação à arte de Feliciano, acusando-o de falta de perspectiva e de pintar à maneira «gótica» (Kubler/Costa, 1967: 109v). A sua actividade está documentada a partir de 1653 e é dado como morador na Rua do Boi Formoso, na freguesia dos Anjos (Serrão, 2001b: 128). Em 1665, continuava a morar nesta freguesia, mas na Rua Direita dos Anjos, no importante Bairro das Olarias, onde viviam artistas que se dedicavam à pintura de óleo, têmpera, azulejo e louça. Registe-se ainda o envolvimento pessoal que se conhece do pintor com uma oleira, Vicência de Faria (Gonçalves, 2012: 150), que vem, de novo, esbater a fronteira social entre os executantes da pintura a óleo e os envolvidos na arte da pintura de azulejo. Paralelamente ao trabalho destinado à Coroa, Feliciano cumpriu encomendas para alguma nobreza importante de Seiscentos como D. João Rolim, 17.º Senhor da Azambuja; D. Joana Madalena de Castro, 1.ª Marquesa de Fronteira; D. Catarina Maria de Menezes, 1.ª Condessa de Mesquitela, etc. De destacar ainda a execução do retrato de Edward Montagu, Earl of Sandwich, embaixador inglês em Portugal, pela época da celebração do Tratado de Paz entre Portugal e Espanha (Azevedo, 1956), bem como a encomenda de quinze retratos de generais portugueses para a galeria de pintura nos Uffizzi do Grão-Duque da Toscana, Cosme de Medici (Flor, 2016c). Na década de 80, residia à Carreira dos Cavalos, perto das casas do Bispo do Algarve, D. José de Menezes, cuja colecção foi inventariada por Feliciano. Ainda nesse ano pintou o retrato de D. Luís de Sousa, embaixador de Portugal em Roma, para a Galeria dos Arcebispos do Paço Episcopal de Braga (Serrão, 2001b: 130 e Soromenho, 2001: 31). Feliciano de Almeida faleceu a 7 de Outubro de 1694 e foi sepultado na Igreja dos Anjos. A obra talvez mais importante da carreira ainda hoje subsiste no Museu dos Uffizzi em Florença.

FELICIANO NARCISO (act. 1732-1776/77) – também designado por Feliciano Narciso da Silva, pintor de arquitecturas e ornatos, influenciado pelo Mestre João Nunes de Abreu e Vincenzo Bacherelli, segundo Cyrillo (Machado, 1823: 155-156). A actividade na Irmandade de S. Lucas remonta ao ano de 1732 e, na ocasião, é dado como morador no fim da Rua das Arcas a S. Nicolau. Ocupou o cargo de primeiro mordomo entre 1735 e 1737; de segundo assistente do secretário entre 1744 e 1746; de assistente do juiz em 1748-49, numa altura em que um diferendo com a Irmandade o obrigou a abandonar funções, não tendo inclusivamente pago a jóia. Regressaria mais tarde à Irmandade como segundo assistente do juiz em 1753, chegando mesmo a juiz na eleição do ano seguinte de 1753-54. Ainda antes do terramoto de 1755, realizou a pintura do tecto da Sala do Despacho em S. Nicolau (na vizinhança da residência) e dirigiu a actividade pictórica no Teatro Régio, sob direcção e desenhos do italiano Galli-Bibiena. Em 1768, executou em parceria o tecto da Casa das Armas na Fundação em Lisboa com António Caetano da Silva, António dos Santos Joaquim e José Carvalho Rosa, todos eles com trabalho específico na decoração e composição (Ms BA-FCG).

FERNÃO ÁLVARES DE PAIVA (act. 1676-1686) – pintor, mordomo da Irmandade em 1676-77 e possivelmente escrivão em 1681-82. Era morador na Rua do Cabral, freguesia de Santa Catarina. Na mesa freguesia, habitava sua irmã, Clara de Azevedo, mulher do pintor Manuel da Silva Costa. Entre 1682 e 1686 viveu na Rua do Cabral, banda da terra, com a mulher Luísa Ribeira e Pascoal de Abreu seu aprendiz. (*Contributos para o conhecimento...*, 2011: 27). Trabalhou para Luís César de Menezes, Provedor dos Armazéns, António Álvares da Cunha (Simões, 2002: 33), Senhor de Tábua e secretário da Academia dos Generosos; Conde de S. Vicente, Miguel Carlos de Távora (?). A abertura do testamento data de 20 de Outubro de 1686. Neste documento alude-se ao pintor António de Lastrosa com quem se relaciona profissionalmente. Por informação de Edgar Prestage, D. António da Cunha, secretário da Academia dos Generosos, encomendou uma galeria de retratos a óleo dos académicos a um pintor que retrata muito ao natural (Prestage, 1914: 305), tarefa que poderá ter recaído em Paiva pelo facto de D. António «*lhe estar a dever 16 mil réis das obras que lhe fiz*» (Simões, 2002: 2.º vol., 32).

FILIPPE LOBO (act. 1657?-1675) – foi eleito para o lugar de mordomo nas Mesas da Irmandade de S. Lucas nos anos de 1669-70, 1673-74 e para o ano 1675-76 que não chegou a completar por ter falecido logo no início de 1675, de acordo com o registo de óbito (DGLAB/TT). Encontramos Filipe Lobo a morar na freguesia lisboeta de

Santa Catarina, na Rua da Laranjeira, banda da terra (entre 1661 e 1668); na Rua das Convertidas (1669) e na Rua do Cabral, banda do mar (1670-75) (AHPL). Neste bairro, movimentavam-se também ao tempo pintores importantes como Marcos da Cruz, Gabriel del Barco, António de Lastrosa, Domingos Marques (pintor de louça e azulejos) e Francisco Ferreira de Araújo, com os quais poderá ter colaborado. Sobre os filhos registados nos róis de confessados da freguesia (Manuel, Filipe, Serafina, Maria e Francisco) só este último terá prosseguido a carreira do pai, visto ser arrolado um Francisco Lobo como procurador na Irmandade de S. Lucas no ano de 1685-86. A obra que se conhece de Filipe Lobo é uma tela (assinada e datada 1657?) que representa a vista de Belém e encontra-se à guarda do Museu Nacional de Arte Antiga.

FRANCISCO FERREIRA DE ARAÚJO (act. 1657-1701) – pintor régio de têmpera, com actividade identificada na segunda metade do século XVII (Serrão, 1999: 293-294). Filho de João Coelho de Araújo e Jerónima de Carvalho, casou-se com Madalena da Costa em 1657 na Igreja das Mercês. Deverá ter habitado esta freguesia logo após o matrimónio, visto que o baptizado do filho José, em 1658, dá-lo como morador nela e além disso está identificado em 1664 e 1670 nos róis de confessados das Mercês, tanto na Rua das Partilhas, como na Rua Direita da Calçada do Congro respectivamente. A partir de 1671 até 1701, data da morte, passa a habitar a freguesia contígua de Santa Catarina na Rua de Santa Catarina (1671-74, 1677-79), Rua da Igreja (1680-83 e 1686); Rua da Esperança, banda da terra (1684-85); nos Poiais de S. Bento, banda de Jesus, entre 1688 até 1701 (AHPL). Uma das filhas, Francisca Xavier, será mulher do pintor António de Oliveira Bernardes (Correia, 1917: 196-208). Dois dos filhos seguirão a carreira das artes: Jerónimo Ferreira de Araújo (entalhador) e José Ferreira de Araújo (pintor). Estão atribuídas a Francisco Ferreira de Araújo as obras para a Capela Real no Paço da Ribeira (c. 1658-70) o brutesco das abóbadas da capela palatina de Salvaterra de Magos, com a colaboração de Miguel Mateus de Cardenas e o filho José Ferreira de Araújo (Guedes, 1989: 26). A decoração do tecto da Igreja de S. Cristóvão em Lisboa (c. 1672-75); da antiga Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça (c. 1675-80); do tecto da sacristia da Igreja de S. Roque (c. 1690, esta com a colaboração do filho José Ferreira de Araújo) e dos tectos da Capela de S. Miguel da Universidade de Coimbra (1696-97) integram o lote de obras que são devidas à sua arte (Serrão, 1999: 291-294). Na Irmandade de S. Lucas, a referência mais antiga relativa a Francisco Ferreira de Araújo é a de 1665-66, data coincidente com o desempenho do cargo de procurador. Entre 1673-75 e 1688-90, ocupou o lugar de escrivão; o de juiz entre 1683-85; volta a ser procurador entre 1686-89; o de mordomo em 1691-92.

FRANCISCO VIEIRA DE MATOS (1699-1783) – também designado por Vieira Lusitano foi um dos mais importantes artistas do século XVIII, tendo uma carreira preenchida e repleta de experiências, a qual deixou em memória. Na Irmandade de S. Lucas, a sua participação foi breve mas marcante, uma vez que desenhou para a Irmandade um novo emblema da Virgem do Pópulo. Vieira Lusitano nasceu em 1699 e, desde cedo, revelou tendência natural para o debuxo. Por contactos familiares, frequentou meios académicos que lhe granjearam convívio decisivo para sua carreira artística. Aos 10 anos conheceu D. Rodrigo Anes de Sá de Menezes e Almeida, 3.º Marquês de Fontes, futuro embaixador em Roma ao serviço de D. João V. É para lá que parte em 1712 sob a protecção daquele nobre e mecenas. Na cidade papal, esteve ocupado com os estudos ministrados nas oficinas de Benedetto Lutti e Francesco Trevisani e com as encomendas do Marquês de Fontes (Vieira Lusitano, 1780). Regressou a Portugal em 1719 acompanhado do arquitecto Filipe Juvarra e do pintor Domenico Duprà com quem partilhará, um ano depois, a função de mordomo na Irmandade de S. Lucas, sob a presidência de Amaro Pinheiro, que faleceu nesse ano, e de Manuel Francisco seu substituto. Nessa Mesa, conviverá com nomes importantes da pintura de cavalete como seja André Gonçalves e da pintura de tectos de ornatos como José Ferreira de Araújo e António da Serra, entre muitos outros artistas. Em Lisboa, recebeu o mecenato de D. João V (quadros para a sacristia da nova Patriarcal), mas a sua vida afectiva trouxe-lhe instabilidade na profissão. A 5 de Abril 1720 já anunciava o regresso a Roma, partindo no ano seguinte até 1728, onde ficou «cumulado de honrarias» (Saldanha, 2005: 49). A fase compreendida entre 1728-32 corresponde à de menor produção, aliada ao desgosto de ver preterida a sua *Sagrada Família* pintada para a Basílica de Mafra «pelas intrigas dos seus émulos» (Machado, 11823: 102). Os anos de 1731-33 são passados fora do Reino: em Inglaterra, depois Sevilha e Madrid trabalhando, nas últimas cidades, para a corte de Filipe V e Isabel Farnese (Saldanha, 2005: 65). O ano de 1733 surge como reconhecimento do seu talento, uma vez que recebe do Magnânimo a nomeação de pintor régio, razão pela qual irá viver para o Palácio de Mafra, onde executou tectos de temática mitológica. Ao longo dos anos trabalhará para as casas nobres mais importantes (Alegrete, Assumar, Alorna, Penalva e Povolide), e Alto Clero (o retrato de D. Tomás de Almeida e outros para a Galeria dos Arcebispos no Palácio da Mitra, sito em Marvila), igrejas, etc. Esta actividade será mantida sob o reinado de D. José I, cuja família é amplamente retratada pelo mestre. Após o óbito da esposa, Vieira recolheu-se no Convento do Beato António, junto a Xabregas. Antes de falecer, foi nomeado Presidente da Academia do Nu, sinal de que, em Portugal, algo começava a mudar no ocaso da Irmandade de S. Lucas.

GABRIEL DEL BARCO Y MINUSCA (1648-1701?) – pintor de óleo, de têmpera e de azulejos. Nascido em Sigüenza em 1648, veio para Portugal em 1668 com o embaixador Charles Watteville, ao serviço da coroa espanhola. (Simões, 1979: 20; Meco, 1979: 8; Carvalho, 2011: 230). Junto da embaixada de Espanha, as funções do artista foram as de conservar as pinturas da colecção trazida para Lisboa e de decorar as cenografias utilizadas nas comédias representadas ao Campo do Curral, onde Watteville alugara um palácio para o efeito. O embaixador residia na Rua da Horta Seca, defronte das Convertidas, no limite da freguesia da Encarnação, junto às casas do pintor Marcos da Cruz (Flor e Flor, 2016), artista que se tornaria, em 1669, seu cunhado pelo casamento com Agostinha das Neves. Em 1672, um pintor de nome Gabriel del Barco foi detectado em Madrid a trabalhar para a festa de aniversário do Rei Carlos II (Asencio, 2004: 182 cit. Carvalho, 2015). Não sabemos quanto tempo terá permanecido fora e se a presença de um pintor dourador, de nome Manuel del Barco a trabalhar em Sevilha em 1681, terá alguma relação com o nosso artista. Sabemos sim que Gabriel del Barco é arrolado na Páscoa de 1679 na freguesia das Mercês, na Rua do Loureiro, na companhia da mulher Agostinha das Neves e sem qualquer menção a filhos. Ali permanecem até ao ano seguinte, desta feita acompanhados por um criado de nome Simão (Flor e Flor, 2016). Entre 1681-82, dado como morador na Rua Direita que vai da Igreja do Loreto à Cruz de Pau (Rua Direita de Santa Catarina), foi contratado para executar a pintura e douramento do tecto da capela, coro e arco triunfal da Igreja de São Luís dos Franceses em Lisboa (Daupias, 1958: 11 e Simões, 1979: 20). Na mesma época (1682-1683), assentou-se na Irmandade de S. Lucas. Só no ano seguinte de 1683-84, desempenhará funções na Mesa como mordomo, acompanhado nessa eleição de nomes tão relevantes como os de Francisco Ferreira de Araújo (seu vizinho), Feliciano de Almeida, António Pereira Ravasco, António de Oliveira (e Louredo?) e Félix da Costa. As diversas modalidades artísticas exercidas por este conjunto notável de pintores atestam a versatilidade que caracterizava o perfil dos artistas do último terço do século XVII. Entre pintura de azulejo, de brutesco ou de cavalete, os pintores da época deram a Gabriel del Barco o enquadramento social e o âmbito da *praxis* artística, necessários para se afirmar no contexto nacional. Em 1691-92, volta a ser eleito para o lugar de mordomo, assinando a presença com apelido «Minusca», e concede uma esmola de 3260 rs. Em 1694?, terá estado envolvido na empreitada do tecto do coro alto da igreja da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência (Flor e Flor, 2016), facto que vem obrigar a um reequacionamento das leituras artísticas efectuadas sobre a biografia do pintor. Um dos aspectos mais interessantes da carreira de Gabriel del Barco é o facto de, no final da década de 80, habitar várias casas na freguesia de Santa Catarina sempre nas imediações

de olarias e respectivos fornos, detalhe que não deve ser desconsiderado: em 1689, vamos encontrá-lo no Beco do Cipreste; entre 1690 e 1691 na Rua do Secretário; em 1692 nos Poiais de S. Bento, banda de Jesus; em 1693 na Rua da Esperança, banda da terra, acompanhado de Luís de Sousa aprendiz que o acompanhará em 1699, já em Santos-o-Velho (Correia, 1918: 169); em 1694 e 1695 na Rua das Parreiras (acompanhado por Brás da Costa, seu criado). Em todos estes arruamentos existem fornos que, pela proximidade das moradas de Barco, são pormenores indicativos de que em regra os pintores do tempo se deslocavam às olarias para proceder ao seu trabalho, evitando o transporte dos azulejos, os incómodos e os gastos inerentes (Flor e Flor, 2016). Por conseguinte, nesta fase da carreira, tal como os seus contemporâneos, Gabriel del Barco executa alternadamente, num curto espaço de seis anos, obras a têmpera e pintura sobre azulejo: azulejos da Capela-Mor do Espinheiro em Évora (1689) (Carvalho, 2013); painéis da capela da Quinta de Barcarena (1691) (Simões, 1979: 23); revestimento da Igreja de São Vítor em Braga (1691-92) (Flor, 2014); revestimento da Capela de Nossa Senhora da Penha de França – Ílhavo (1694) (Carvalho, 2013) e tecto do coro da Igreja dos Caetanos (c. 1694); e painéis da Quinta de Dantas da Cunha (c. 1695) (Simões, 1959: 33). A partir de 1696, muda-se para Rua do Olival (freguesia de Santos-o-Velho); depois em 1700 para a Rua da Oliveira e, em 1701, para a Travessa das Inglesas, última morada que se conhece. Os últimos anos documentados de Barco são atribulados. Por um lado corresponde à fase da carreira onde parece ter satisfeito maior número de encomendas: Évora, Arraiolos, Redondo, Beja, Portalegre e Lisboa (Simões, 1979: 23-24; Arruda e Coelho, 2004: 77; Carvalho, 2013). De 1698-99, data ainda o «Grande panorama de Lisboa» que ornava a sala maior do palácio dos Ferreira de Macedo a Santiago, para o qual contou com Manuel da Costa (e talvez Manuel dos Santos) (Flor, 2014). Por outro lado, contrai em 1697 uma dívida com a Irmandade de S. Lucas, no valor de 6000 rs e que em 1701 ainda não tinha sido liquidada, o que calculamos ter ocorrido pouco depois, uma vez que o seu nome e respectiva dívida não volta a ser mencionado na escrita da Irmandade. Esta instabilidade financeira poderá estar relacionada com a vida pessoal, uma vez que em 23 de Agosto de 1701 nasceu-lhe um filho, Domingos, cujo um dos padrinhos, Francisco dos Santos, poderá bem ser o oleiro de azulejo da vizinha Travessa do Benedito (Correia, 1918: 178). Se nos recordarmos que Agostinha das Neves faleceu oito meses antes e que Barco contraiu matrimónio em Abril do mesmo ano, temos porventura um contexto explicativo para a inconstância da vida pessoal e para a produção aumentada, esta última para fazer face às exigências de que era alvo. Depois de 1701, não se encontram para já mais notícias sobre este interessante pintor de polivalência firmada, tão característica da prática artística da época.

GASPAR FRÓIS MACHADO (1759-1796) – gravador de curta carreira por ter falecido ainda jovem, foi discípulo de Joaquim Carneiro da Silva na aula da Imprensa Régia, depois de breve passagem pela escola de Giusti em Mafra (Machado, 1823: 229-230). Era irmão do escultor Francisco Leal Garcia, colaborador de Joaquim Machado de Castro. Viajou para Roma onde contactou com Giovanni Volpato e Pompeo Batoni, deste último trazendo as pinturas destinadas ao programa decorativo da Basílica da Estrela em Lisboa, em conjunto com Eleutério Manuel de Barros (Soares, 1971: 302). Está referenciado na Irmandade de S. Lucas, como mordomo na Mesa de 1788-89. Realizou obras para a Coroa e para alguns dos Grandes do Reino: os Marqueses de Angeja, os Duques de Lafões, D. Diogo de Noronha (8.º Conde de Vila Verde, filho dos Marqueses de Angeja, e o seu maior protector em Roma) e D. Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho (Conde de Linhares) (Faria, 2005).

GASPAR JOSÉ RAPOSO (1762-1804) – pintor de perspectivas e arquitectura, discípulo de Simão Caetano Nunes. Foi substituir o seu mestre na direção da pintura do teatro da Rua dos Condes, assumindo em definitivo essa função a partir de 1783, após a sua morte. Foi responsável entre 1783-84 pela pintura do tecto da capela-mor da Igreja da Encarnação de Lisboa, por mando da Irmandade do Santíssimo Sacramento, talvez segundo desenhos deixados por Simão Caetano Nunes (Flor, 2005: 301). Cyrillo dá a Gaspar José Raposo alguns tectos em casa de Jacinto Fernandes Bandeira (à Lapa) e no Teatro de S. Carlos e para o do Salitre que chegou igualmente a dirigir como cenógrafo (Ms BAFCG). Deu entrada na Irmandade de S. Lucas em 1792, ocupando o lugar de assistente do juiz logo no ano seguinte. Nesse ano de 1793, esteve envolvido em desenhos para as festas celebradas por ocasião do nascimento da Princesa D. Maria Teresa (Reis, 2006: 169-170). À época era morador no Salitre (freg. Coração de Jesus), onde também habitavam os pintores Joaquim Marques e Manuel Inácio.

GIORGIO DOMENICO DUPRÀ (1689-1770) – pintor retratista italiano, nascido em Turim, com aprendizagem em Roma. Discípulo de Francesco Trevisani (1656-1746), tal como Vieira Lusitano que lhe facilitaria a vinda para Portugal. Foi pintor muito influenciado pela retratística de gosto francês. Chegou a Lisboa com Juvarra e Vieira Lusitano (1719) por via do Marquês de Fontes (D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes). Estabeleceu-se na corte, tendo obtido por parte do rei D. João V, que retratou em vida tal como aos filhos (1719-1720), aposentos e salas para uma oficina privada «nas varandas do Terreiro do Paço» como *pintor de câmara* (Pimentel, 2013:

44-45). Retratar os filhos do rei (1727) no âmbito das negociações diplomáticas conducentes ao matrimónio de D. José, futuro rei e de D. Maria Bárbara de Bragança com o príncipe de Espanha. Desse ano de 1727 data ainda o retrato do 1.º Duque de Cadaval. Realizara antes a série de retratos da Sala dos Tudescos do Paço Ducal de Vila Viçosa (c. 1721-25) e o retrato de D. João V para a Biblioteca da Universidade de Coimbra (1725). Depois de ter contraído matrimónio com Gervásia Maria Rodrigues (1724), pela época habitava na Rua das Flores onde tinha *atelier*, permaneceu entre nós até 1731, regressando a Roma com avultada quantia de dinheiro oferecida pelo rei (Saldanha e Roca, 1994: 241-243). A presença de Domenico Duprà na Irmandade de S. Lucas estava já identificada (1719). Acrescenta-se agora que foi eleito mordomo em 1720 e segundo assistente do juiz em 1728, dois anos antes da partida. Em Roma, executou ainda obras para Portugal.

GIULIO CESARE DI TEMINE (1660-1734) – nasceu em Génova e era homem letrado e culto. Viajou por Espanha (Cádiz), antes de chegar a Portugal. Foi pintor activo em Lisboa, documentado entre 1712 (frescos da igreja conventual da Anunciada); telas e frescos no Paço da Ribeira e alguns quadros para o Convento da Graça em Lisboa. Há notícia de ter participado em decorações efémeras para as igrejas da Encarnação e São Roque em Lisboa (Gonçalves, 2013: 232) e de ter realizado retratos, um dos quais o da Condessa de Pontével, D. Elvira de Vilhena (Serrão, 2001: 96-236). Foi mordomo da Irmandade de S. Lucas em 1716-17 e juiz em 1721-22, sendo o registo de assento apenas datado de 1720, onde surge a morar a São Francisco. Por estes anos deverá ter contactado com outros pintores italianos, estantes em Lisboa, casos de Vincenzo Bacherelli e Pier Lorenzo Spoleti. O apelido está grafado com a letra «t» e não com «f» como por vezes surge citado. Durante a estada do pintor em Lisboa, retocou (e restaurou) quadros da importante colecção de pinturas do 1.º Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Menezes (1676-1733) (Calado, 1989: 479).

GONÇALO DE MESQUITA (act. 1688-1727) – pintor de têmpera e de tectos. O início da actividade na Irmandade de S. Lucas remete-nos para o ano de 1688, momento em que é mordomo por devoção (1688 até 1690). Durante o tempo em que esteve ligado a esta confraria, Gonçalo Mesquita abraçou as funções de escrivão em 1711; tesoureiro em 1713 e procurador entre 1716 e 1718. Dado como morador no bairro da circunscrição do Rossio em 1701. Esteve envolvido, juntamente com António Lobo, na empreitada artística do tecto da Igreja dos Anjos em Lisboa (1711-13) (Pinto, 2015). Veio a falecer em 1727.

HENRIQUE FERREIRA (act. 1700-1718) – a entrada na Irmandade fez-se em 1700 ainda no reinado de D. Pedro II. Desempenhou funções de mordomo nesse ano e no seguinte, bem como em 1705-06. Foi ainda eleito procurador em 1707. Pintor de modestos recursos no parecer de Cyrillo, foi igualmente retratista. Deixou-nos a série régia da antiga Sala dos Reis do Mosteiro de Santa Maria de Belém, executada em 1718 e hoje na Biblioteca-Museu de Pina Manique (Casa Pia). Existe ainda um retrato de D. João V, em tudo semelhante ao dos Jerónimos, nas colecções do Palácio Nacional de Mafra (Franco, 1993: 320 e Gonçalves, 2012: 190).

INÁCIO DE OLIVEIRA BERNARDES (1697-1781) – pintor, desenhador e cenógrafo setecentista, filho de António de Oliveira Bernardes e irmão de Policarpo de Oliveira Bernardes. Foi bolseiro régio em Roma para estudar na Academia Portuguesa a mando de D. João V, aí trabalhando com Benedetto Lutti e também Paolo Mattei. Em Portugal, viveu com os pais nas Casas Caídas a Santa Catarina (AHPL) até 1720, data da sua partida para a Cidade Eterna, sendo assente na Irmandade de S. Lucas da Anunciada dois anos antes, em 1718, ocupando o lugar de mordomo. Nesta viagem estiveram também os pintores Inácio Xavier, Domingos Nunes, João Glama Stroberle, o miniaturista Félix José da Rocha e o gravador Joaquim Carneiro da Silva, entre outros (Saldanha, 1994: 187-191). Em 1748-49, já regressado ao nosso país, está registada uma dívida à Irmandade de 80 rs, liquidando-a logo de seguida. Veio no final da vida a ocupar o lugar de professor na Academia do Nu, criada por Cyrillo, pelos mesmos anos que Simão Caetano Nunes e Vieira Lusitano. Tem obras de pinturas arroladas no Palácio e Convento de Mafra (c. 1730-35), na Igreja de Santa Isabel, refeitório do Mosteiro de S. Bento, nas Necessidades, em Santa Teresa de Carnide (c. 1740-50), em São Vicente de Fora em Lisboa e na Cartuxa de Laveiras. Como arquitecto e desenhador, identifica-se a colaboração nos projectos da Igreja de S. Francisco de Paula de Lisboa (c. 1760), na primitiva casa de Gérard De Visme em Benfica (c. 1760-75) e no Palácio de Queluz (Cyrillo, 1823: 73-76). Enquanto cenógrafo, destaca-se o contributo prestado para os teatros régios, o Teatro de Queluz (sucendendo a Bibiena), o dos Congregados do Espírito Santo e o da Rua dos Condes (1750-77). Cyrillo identifica três discípulos: Francisco Xavier, natural de Évora; o filho João Pedro Oliveira (Saldanha, 1994: 190) e a miniaturista D. Michaela Arcângela Romanet (n. 1740), filha do casamento com Anastácia Teresa Romanet ocorrido a 16 de Janeiro de 1735 e afilhada do influente Alexandre de Gusmão, embaixador de Portugal junto à Santa Sé (Vale, 2010: 166), que terá igualmente auxiliado o pai durante a estada em Roma.

JERÓNIMO DA SILVA (1687-1753) – nascido em Évora (freguesia de S. Mamede), pintor de têmpera (e retratista), deu entrada na Irmandade de S. Lucas em 1711 (Saldanha, 2007: 109-124). Ocupou vários lugares importantes na Mesa até 1753, momento do falecimento: mordomo em 1713, 1723-24; tesoureiro de 1729 a 1732; primeiro assistente do juiz em 1736-37 e segundo assistente do juiz em 1751. Deu esmola em 1748-49. Habitou na freguesia da Pena (perto do Convento das Comendadeiras da Encarnação), onde viria a contrair matrimónio com Ana Maria (1718) e a baptizar os filhos, embora possuísse à data da morte umas casas no Bairro Alto na Rua da Vinha. Realizou um possível estudo em Roma para aperfeiçoamento do ofício. A obra de Jerónimo da Silva foi identificada por Cyrillo (logo em 1823: 76); na capela-mor o douramento da obra de talha da vizinha igreja conventual das Comendadeiras da Encarnação (1727); no tecto do Menino Deus (1737); no tecto e paredes da capela-mor da Igreja da Pena (c. 1720) ou mais tarde para as pinturas da nave em parceria com André Gonçalves e João Nunes Abreu (1729) (Raggi, 2004). Ainda ligada à Igreja da Pena, está o documento onde o pintor Manuel dos Santos trespassa uma dívida no valor de 200 000 rs de D. Maria Rodrigues do Amaral ao pintor Jerónimo da Silva em 1723, o que pode configurar uma ligação artística, ainda não totalmente explorada (Carvalho, 1973: 66). Outras obras de Jerónimo da Silva estão presentes na entrada da antiga Ermida de São Sebastião da Padaria (1740) e na capela do Palácio das Necessidades de c. 1747-50 (Saldanha, 2007: 117-124). Além de pintura sacra e decorativa (arte efémera por ocasião das festividades da entrada régia em Lisboa em 1729), Jerónimo da Silva executou também retratos para a portaria do Mosteiro de São Vicente de Fora (hoje na Torre do Tombo) e para a Casa do Capítulo do Convento da Graça (em conjunto com André Gonçalves).

JOÃO GRESBANTE (act. 1642-1680?) – segundo Cyrillo, tratava-se de um pintor inglês que se instalou em Lisboa (ANBA, XX-8-6b). Em 1642, executou o conjunto de quatro telas da Paixão de Cristo da igreja matriz de Belas. Ocupou na Irmandade de S. Lucas sob o nome de João Gresband, Grisbante, Gresbante, Nasbranches (sic) o lugar de mordomo em 1650-51 (acompanhado por Bento Coelho), 1652, 1659-60 e 1564-65 e o lugar de escrivão em 1663-64 que partilhou com Marcos da Cruz. Residiu na Rua Formosa da freguesia das Mercês em Lisboa entre 1664 e 1667, com a mulher Antónia da Costa, o filho José Gresbante Gusmão (também pintor) e ainda Agostinho da Costa, um ajudante ou discípulo (AHPL). Além da série de Belas, estão dadas ao pintor João Gresbante obras desaparecidas da Capela Real do Paço da Ribeira (1657-1666); uma Virgem com o Menino (assinada e em colecção particular); a tela da capela da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja

da Madalena, segundo risco do entalhador Marcos de Magalhães (1661-62) (Serrão, 1992: vol. II-271-278). Sobre José Gresbante de Gusmão, aparece na Irmandade de S. Lucas como mordomo no anos de 1675-76 e 1686-87, numa época em que o pai já deveria ter falecido (1680, segundo Cyrillo, 1823: 63).

JOÃO NUNES DE ABREU (act. 1695?-1738) – pintor quadraturista também designado por João Nunes do Castelo em alusão ao local onde vivia em Lisboa. O início da actividade do pintor na Irmandade de S. Lucas data de 1719, momento em que é referido como habitante ao Castelo. No entanto, não sabemos se o pintor não terá morado, primeiro, na freguesia de Santa Justa, na Rua dos Álamos, na companhia da mulher Arcângela Maria, como consta no rol de confessados do ano de 1695, uma vez que poderemos estar perante um homónimo. A comprovar-se esta hipótese, entenderíamos melhor a carreira de pintor de tectos por que enveredou, pois a presença assídua de vários nomes maiores dessa arte na freguesia de Santa Justa (casos de António Serra, João Pereira Pegado e mais tarde Vincenzo Bacherelli) (AHPL). João Nunes de Abreu esteve envolvido nas obras da cobertura da Igreja do Menino Deus e da portaria do Convento da Graça, neste caso com a colaboração de José Bernardes e António Serra. Diz-nos Cyrillo (Machado, 1823: 145-146) que Abreu foi discípulo do pintor Feliciano Narciso, cuja formação também se fez junto de Bacherelli. João Nunes de Abreu serviu na Mesa da Irmandade de S. Lucas como segundo assistente em 1724-25; como secretário em 1726 e 1733 até 1735, pouco antes da morte em 1738.

JOSÉ ANTÓNIO NARCISO (1731-1811) – a entrada deste pintor encontra-se registada em Janeiro de 1791, embora já participasse nela desde 1782. Desempenhou vários cargos nos últimos anos de funcionamento da Irmandade como juiz em 1782, tesoureiro em 1788 até 1790 e secretário em 1793. Foi grande pintor quadraturista, ornamentista e cenógrafo, colaborando habitualmente com Simão Gomes dos Reis, de quem foi discípulo; com Inácio de Oliveira Bernardes no Teatro Real; com Jerónimo Gomes Teixeira e, por último, com Pedro Alexandrino de Carvalho em alguns tectos das igrejas pós-terramoto de Lisboa ou ainda nos da Igreja de Santa Quitéria de Meca em Alenquer (Mello, 1996: vol. II e Reis, 2014: 343). Foi igualmente responsável pela reparação do tecto do Santuário do Cabo Espichel, de autoria de Lourenço da Cunha, por volta de 1770.

JOSÉ DE AVELAR REBELO (act. c. 1627?-1657) – pintor de têmpera e de óleo, activo no segundo quartel do século XVII e início do quartel seguinte. Homem nobre e de *bons parentes* (Viterbo, 1903-11: 57). O registo de casamento entre Joana

de Almeida (e Andrade?) e um José de Avelar em Agosto de 1627 na freguesia da Pena em Lisboa poderá aludir ao pintor. Entre as testemunhas conta-se o importante Conde de Óbidos, Fernão Martins Mascarenhas, facto que poderá caracterizar o meio social em que se inseria (Flor, 2002). No final da década de 30 (1638-39), está arrolado na freguesia dos Anjos, na Rua dos Almocreves (Correia, 1918 e AHPL). Neste último ano, além da esposa D. Joana de Andrade, faz-se acompanhar também de um Manuel (criado) e de Matias Aguiar (eventual aprendiz?). Em 1647, uma devassa na freguesia dos Anjos diz-nos que o pintor José de Avelar, morador à Rua da Palma, vivia amancebado com uma tendeira (Ângela Francisca) (Gonçalves, 2012: 137). Desta união extramatrimonial (ou de outra) poderá ter nascido um filho, não reconhecido pelo pintor quando lavrou o último testamento (1657): Manuel de Avelar de Sousa, filho natural, que surge logo na abertura do testamento do pai (Viterbo, 1903-11: 57). A benesse do hábito da Ordem de Avis e da quantia de 30 000 rs concedida ao pintor por D. João IV, a 14 de Novembro de 1654, foi mais tarde requerida por Manuel de Avelar de Sousa. Só em 1692, D. Pedro II viria a satisfazer tal requerimento que, no entanto, só foi executado em 1701. Nesta última data, pela muita pobreza e idade, acabou por renunciar as benesses em favor de Maria da Conceição (17 000 rs) e de Maria Josefa (13 000 rs), prováveis familiares de José de Avelar Rebelo. Neste contexto, talvez se justifique a insistência do pintor, à hora da morte, em assegurar a subsistência da mulher D. Joana de Andrade, revogando «outro qualquer testamento, sedula aprovasão codesilho que antes deste» tivesse feito. Sobre o percurso artístico de José de Avelar Rebelo, socorremo-nos do testemunho de (Félix da Costa, 1696 [1685-89]), cujo pai, Luís da Costa (act. 1638-1665) privara tanto na Irmandade de S. Lucas, seguramente no ano de 1643-44, como em obras da Capela Real do Paço da Ribeira (1649) (Soromenho, 2000: 262), juntamente com outros colegas do ofício como Simão Ferreira e outros confrades de S. Lucas, casos de António Correia, António de Freitas, Brás Pinheiro e Manuel Roiz. Félix da Costa elogiou o talento e génio do pintor, atribuindo-lhe a tela do *Menino entre os Doutores* da Capela do Menino Perdido da Igreja de São Roque em Lisboa (c. 1635-40) e outras da Sala dos Instrumentos de Música no torreão do Paço da Ribeira. No âmbito da pintura sacra, Avelar dirigiu uma das mais vastas empreitadas de pintura para igrejas de Lisboa, a da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, desenvolvida em duas fases distintas entre 1639-48, onde contou com colaboradores vários para a realização de oitenta telas no total (Flor, 2002: 75-76). Pintor com obra assinada e datada no género do retrato (1641 e 1643), respectivamente na portada do volume *Applausos da Universidade* e na tela do Paço Ducal de Vila Viçosa. O *Repouso na fuga para o Egipto* (col. particular), proveniente do Convento das Chagas de Vila Viçosa,

está igualmente firmada e datada (*Avellar fecit 1643*) (Serrão, 1992: 208). Anos mais tarde, em 1655, numa fase final de carreira por motivos de doença prolongada, Ave-lar volta a assinar e datar uma das quatro telas (*Cristo atado à coluna*) que integra um oratório, executado talvez pelo marceneiro e entalhador do rei, António Vaz de Castro, hoje em colecção particular (Sobral, 2004: 156-161). Por esses anos (1655-56) realizou ainda a série de telas para a nova Igreja dos Caetanos de Lisboa e uma *Assunção da Virgem* para o Mosteiro de São Bento de Lisboa, de acordo com o teste-munho de Cyrillo.

JOSÉ BERNARDES (act. 1718-1753) – foi pintor de arquitecturas e ornatos e discípulo de António da Serra. Foi mestre do genro, Jerónimo Gomes Teixeira, de Francisco Gomes Teixeira e de Bento de Sousa Campelo. O registo de entrada na Irmandade de S. Lucas data de 1718 e testemunha a morada do pintor na Rua dos Vinagreiros a Santa Justa, freguesia que na viragem do século xvii para o século xviii albergava pintores quadraturistas e de brutesco muito activos (p. ex. António da Serra e João Pereira Pegado). Serviu na Mesa como mordomo em 1722; como segundo mordomo entre 1729 e 1732; e como enfermeiro em 1736-37, entre 1746-50 e 1752-53 (Machado, 1823: 156).

JOSÉ FERREIRA DE ARAÚJO (1658-1733) – filho do pintor régio de têmpera Francisco Ferreira de Araújo, herdou a direcção da oficina a partir de 1701. Depois de ter vivido com os pais na freguesia das Mercês, está arrolado como morador em Santa Catarina na Rua de Santa Catarina (1671-74, 1677-79); Rua da Igreja (1680-83 e 1686); Rua da Esperança, banda da terra (1684-85); nos Poiais de S. Bento, banda de Jesus, entre 1688 até 1733, até à data da morte (AHPL). Na oficina de José Ferreira de Araújo, aprenderam o ofício Januário José (de Almada?) e Matias Tomás, este último ficou ao seu serviço como oficial. O registo de entrada na Irmandade de S. Lucas está descrito em 1705, embora já surja o nome de José Ferreira de Araújo desde 1686-87 associado à confraria como mordomo por devoção. Aparece como juiz eleito em 1701, lugar que volta a ocupar em 1712 (apesar de ter sido *destratado*). Foi mordomo entre 1703 e 1706 e no ano de 1720, data a partir da qual não volta a ser detectado. Colaborou na pintura do tecto de caixotões da Igreja de Santos-o-Velho em Lisboa (1697) e de duas telas; em 1701, pinta o tecto da sala de exame privado na Universidade de Coimbra, além de um retrato de D. José de Menezes. Volta a ser referido durante a empreitada decorativa da Igreja de São João Baptista do Lumiar (1706) (Serrão, 1999: 291-294).

JOSÉ DE SOUSA (act. 1671-1719) – pintor, morador na Rua dos Álamos (freguesia de Santa Justa) com a mulher Páscoa do Espírito Santo, os dois filhos pintores Lourenço e Vicente de Sousa, além de um aprendiz de nome Manuel Veloso e dois criados (AHPL). Todos os que professaram a carreira de pintor integraram a Irmandade de S. Lucas. Quando chegou à Irmandade em 1671, José de Sousa (que pensamos ser o mesmo) morava a São João da Praça. Foi mordomo nesta confraria em 1674-75, procurador em 1679-80; tesoureiro (com funções de procurador) em 1682-83; mordomo por devoção em 1683-84; mordomo entre 1688-90 e no ano de 1699; escrivão em 1692-93. Mais tarde, outros homónimos deste pintor tiveram assento na Irmandade em 1701 e 1730 (com actividade durante toda a primeira metade do século XVIII) e não deverão ser confundidos com o presente José de Sousa.

LOURENÇO DA CUNHA (1709-c. 1760) – pintor de óleo, de tectos, arquitecturas e cenografias particularmente activo no segundo terço do século XVIII. Morador na Rua dos Ferreiros (a Santa Catarina) em 1744 e, mais tarde (1750), na Rua dos Galegos (na freguesia de Santa Justa), de acordo com o *Livro dos assentos*, casado com Jacinta Inês desde 1738, bem comprovado por Magno Mello (Saldanha, 1994: 231). Executou várias obras para o Colégio dos Inglesinhos, para o Convento das Trinas do Mocambo para o de S. Domingos de Benfica, além da magistral obra da pintura da abóbada (e algumas telas) do Santuário do Cabo Espichel (c. 1740-43) que infelizmente sofreu alguns danos com o terramoto de 1755 e só reparados por volta de 1770 por José António Narciso (Serrão, 1997: 116-126 e Raggi, 2002: 128-129). Foi membro activo na Irmandade de S. Lucas como mordomo entre 1744-46; secretário em 1746-47; segundo secretário em 1747-48; juiz entre 1748-1750; apontador em 1751; tesoureiro entre 1752 e 1754; cargos estes bem reveladores do estatuto e apreço que gozava no meio dos pintores em Lisboa. Além da pintura de tectos, Lourenço da Cunha manteve importantes contactos com o meio dos pintores-cenógrafos e teatros lisboetas, casos de Inácio de Oliveira Bernardes e Feliciano Narciso nos teatros do Bairro Alto e dos Congregados (Saldanha, 1994: 232-233).

LOURENÇO DE SOUSA (act. 1691-1733) – pintor e membro pertencente à Irmandade de S. Lucas desde 1691. Era filho do pintor José de Sousa e de Páscoa do Espírito Santo e com ele habitava na Rua dos Álamos (freguesia de Santa Justa) em Lisboa, em conjunto com o irmão Vicente de Sousa (act. 1701-1746) e um aprendiz Manuel Veloso. Está identificado como morador no bairro da circunscrição do Rossio em 1701 e 1702. Nesta última data, é dado como habitante na Rua das Portas

da Mouraria na mesma freguesia de Santa Justa com a mulher Joana Maria, a irmã Maria da Assunção e um aprendiz de nome Manuel. Ao longo da carreira, desempenhou funções de mordomo em 1694-95, 1698, 1703-1704, 1705-06 e 1713; e de tesoureiro em 1728. Estão contabilizadas esmolas concedidas nos anos de 1699 e 1711. Faleceu em 1733, ano em que se celebrou a missa de sufrágio.

LUÍS NUNES TINOCO (c. 1642-1719) – artista que se dedicou à arte do desenho e de iluminação; colaborador activo em arte efémera na cidade de Lisboa; neto de Pedro Nunes Tinoco (c. 1604-41) e filho de João Nunes Tinoco (c. 1631-90) (Coutinho, 2013: 176-185 e Coelho, 2014). Entre outras obras, contam-se os *Retratos de Várias Aves (...)* de 1666 da Biblioteca da Ajuda (Faria, 2014); o frontispício dos *Estatutos da Irmandade do Senhor dos Passos do Mosteiro dos Jerónimos* de 1672 (Franco, 1992: 205); o *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Porto Salvo do lugar de Caspolima* de 1675 da Torre do Tombo (Serrão, 2010: 10-11) e a obra *A Pheniz de Portugal prodioza em seus nomes D. Maria Sofia Isabel Raynha Sereníssima & Senhora Nossa* de 1687 da Biblioteca da Ajuda (Leão, 2000: 87-94). Viveu em Lisboa com os pais na Rua do Barão, mudando-se posteriormente para a Rua do Cemitério (freg. de Santa Ana) e depois para a Rua do Adro (freg. da Pena). Casou-se por duas vezes: a primeira (c. 1669) com D. Adeodata Teresa Sottomayor e a segunda (1683) com D. Maria de Aguiar de Miranda. Por ocasião dos baptismos dos filhos, Luís Nunes Tinoco elege por padrinhos homens influentes como o 4.º Conde de Ericeira (D. Francisco de Menezes) e o 2.º Marquês de Cascais (D. Luís Álvares Pires de Castro) (Coutinho, 2013: 177), reveladores dos meios sociais e culturais (p. ex. a Academia dos Generosos) em que se movimentou no último quartel do século XVII e início do seguinte (Hatherly e Sobral, 1991). Por estes anos também (1688-89) data a sua entrada na Irmandade de S. Lucas, ocupando o lugar de mordomo, sinal igualmente relevante do estatuto então granjeado, reforçado com a recente nomeação de escrivão de serventia nos Contos do Reino e Casa, bem como de Escudeiro-Fidalgo por D. Pedro II em 1688 (Coelho, 2014: 46-479).

MANUEL PEREIRA DOS SANTOS (act. 1715-1735) – pintor, membro da Irmandade de S. Lucas, cuja entrada se fez em 1715. Desempenhou funções de secretário desta confraria em 1727 e foi mordomo em 1733 e apontador em 1734-35. Pertenceu também à Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina da Igreja de São Roque em Lisboa, em 1724 (Coutinho e Ferreira, 2014: 216), onde se regista também o óbito em 1735. Neste assento, é mencionado como sendo casado com Teresa de Jesus e como morador na rua atrás de Santa Justa. Isto significa que o pintor Manuel Pereira, arro-

lado na Páscoa de 1693 nessa freguesia, pode bem ser o Manuel Pereira dos Santos aqui revelado. É certo que o nome Manuel Pereira aparece várias vezes na Irmandade de S. Lucas como aquele que deu entrada em 1678; ou o que servia como escrivão em 1699, ou o outro que pagou a cobrança do Bairro do Rossio nos anos de 1701 e 1702. Qual a ligação entre todos estes «Manuel Pereira» e a compatibilidade com a personalidade de «Manuel Pereira dos Santos» ainda não foi possível estabelecer, visto que o problema dos homónimos é sério e mais frequente do que podemos imaginar. A banalidade do nome em causa também não ajuda ao esclarecimento da questão. Por outro lado, se a identidade do enigmático pintor de azulejos, o Mestre PMP (Meco, 1986 e Simões, 1979: 36-37), poderá ser associada a este Manuel Pereira dos Santos (ou a outro dos «Manuel Pereira» listados na Irmandade de S. Lucas por via de siglas e conjugando-se com a palavra «pintou» ou «pinxit») é tarefa que não cabe neste verbete, deixando por ora esta pista para futuras indagações.

D. MANUEL DOS SANTOS (act. 1715-1742) – pintor espanhol que entrou na Irmandade de S. Lucas em 1715, ocupando vários lugares nas Mesas como mordomo em 1715-16, 1723-24; escrivão em 1721 e 1722; segundo assistente do juiz em 1729, 1731 e 1732 e primeiro assistente do juiz em 1730, 1740-41 e 1741-42. A proposta tentadora de associar esta personalidade ao pintor de azulejos, Manuel dos Santos, foi rejeitada por motivos de ordem cronológica, uma vez que a obra deste pintor se situa no início do século XVIII e o labor de D. Manuel dos Santos ultrapassa em muito a actividade do homónimo (Meco, 1980: 78-79). Todavia o problema parece ser de maior complexidade. A assinatura de D. Manuel dos Santos no *Livro original*, com a inclusão de «Don» antes do nome e a designação de «Manuel», não coincide nem na forma nem na caligrafia com a firma de Manuel dos Santos nos painéis de azulejo da Capela do Senhor Morto do Convento do Espinheiro de Évora (c. 1700) (Carvalho, 2013) e da Misericórdia de Olivença (1723), assinando «Manoel» (Meco, 1980: 98-102). No entanto, a simples comparação de assinaturas não é suficiente para determinar, por si, a identidade de um pintor, tal como acontece com António Pereira Ravasco. A verdadeira personalidade do Mestre do Espinheiro e de Olivença não é detectável de imediato na Irmandade de S. Lucas (por falta de rubricas comparáveis), uma vez que um certo Manuel dos Santos, cuja assinatura no *Livro original* em 1690 muito se assemelha à do pintor homónimo no recibo de pagamento para a obra efectuada no Palácio Azevedo Coutinho em 1709, revela ser o pintor que, em 1707, é dado como falecido, inviabilizando-se por isso a associação. De resto, este «Manoel dos Santos» parece ser o mesmo que desde 1662 desempenhava funções nas Mesas da Irmandade de

S. Lucas, sendo procurador entre 1662-64 e 1676-77 e mordomo nos anos de 1689-90 e 1701-02 e dado como falecido em 1707. Estaremos perante vários «Manuel dos Santos»? Por conseguinte, os vários pintores com o mesmo nome, activos na segunda metade do século XVII e primeira do século XVIII, colocam-nos problemas de sobreposição de carreiras e a falta, por ora, de mais elementos biográficos sobre cada uma delas impedem-nos de retirar conclusões mais robustas. Além disso, o reconhecimento de vários homónimos pintores (douradores e até de louça) em actividade pelos mesmos anos do pintor do Espinheiro e Olivença e de D. Manuel dos Santos poderá condenar o processo de apuramento das identidades destes artistas, tendo consciência de que muitos exercitavam em simultâneo diversas modalidades. Para finalizar, e demonstrar que a problemática está longe de ficar resolvida, registe-se uma coincidência (ou não) que volta a colocar problemas de associação entre os diversos «Manuel dos Santos». Sabemos pelo trespassse de dívida de D. Maria Rodrigues do Amaral por parte do pintor Jerónimo da Silva que D. Manuel dos Santos, agora o credor, é pintor espanhol e que habita na Calçada de Santa Ana (Carvalho, 1973: 66). A circunstância do painel de azulejos de temática franciscana que reveste a «Sala de D. Manuel» do antigo Convento da Madre de Deus ser proveniente do Convento de Santa Ana de Lisboa, na proximidade da morada de D. Manuel dos Santos, poderá obrigar, no futuro, a uma releitura artística e cronológica da obra atribuída ao pintor Manuel dos Santos, autor dos conjuntos do Espinheiro e Olivença.

MARCOS DA CRUZ (c. 1610?-1683) – pintor de óleo muito activo no terceiro quartel do século XVII e início do seguinte, foi ainda responsável pela formação estética de pintores da geração seguinte casos de António Pereira Ravasco, António de Oliveira Bernardes e Gabriel del Barco. A formação artística de Marcos da Cruz não é certa mas parece ter recebido a lição de Brás Pereira de Miranda, talvez o *mestre de somenos* a quem se referia Félix da Costa (Flor, 2016d). À semelhança do que acontece com outros pintores seus contemporâneos, além de obra sobre tela, terá igualmente pintado decorações efémeras por ocasião de festividades régias ou religiosas e cedido desenhos (ou *padronios*) para aplicação de pintura sobre azulejo, práticas bem demonstrativas da sua polivalência artística (Flor, 2010). Morou na freguesia da Encarnação (1655) na Rua Larga de S. Roque, e posteriormente é detectado na freguesia vizinha de Santa Catarina na Cruz de Pau (entre 1660-67), na Rua de S. Bento banda da terra em 1668; na Rua do Cabral nos anos de 1672-75; nas Escadinhas banda do mar entre 1676-1683, data do falecimento (AHPL). A participação no quotidiano da Irmandade de S. Lucas caracterizou parte da vida de

Marcos da Cruz. Surge a primeira vez referido em 1648, por ocasião da festa do Santo patrono e em conjunto com Bento Coelho e outros pintores. Chegou a ocupar os lugares de juiz em 1656-57; o de escrivão entre 1662 até 1664; o de procurador em 1669-70 e o de eleitor (categoria especial) em 1673-74. Em sua casa (e oficina) estão documentados vários aprendizes: os seus filhos António da Silva e Luís da Silva (este último talvez o mordomo homónimo da Irmandade de S. Lucas documentado entre os anos de 1677-81); João Coelho e Francisco Coelho (1660-61), José de Matos (1672-73) e José Guterres de Lima seu genro. Sobre Francisco Coelho, de notar que poderá ser talvez o pintor que surge na Irmandade de S. Lucas (Francisco Coelho de Gouveia) como mordomo em 1677-78; escrivão em 1691-93; sendo ainda eleito para o lugar de juiz em 1699. Registe-se ainda a coincidência de um outro pintor homónimo (sem apelido Gouveia) activo na freguesia de Santa Justa com oficina em funcionamento entre 1693-1702 na Rua dos Álamos (AHPL). Marcos da Cruz foi artista muito requisitado pela Coroa e pela clientela lisboeta mais esclarecida: os Condes da Torre, futuros Marqueses de Fronteira (anterior a 1670?); os Condes de Ericeira (c. 1671-72), obra executada em parceria com Bento Coelho; os Marqueses do Alegrete (por via do quadro identificado na antiga colecção do Marquês de Penalva). O Paço Ducal de Vila Viçosa possui uma série de dez tábuas de sua mão, uma delas assinada *Marcus a Croce fecit*, que datará talvez da década de 1640. As principais igrejas de Lisboa e conventos também contaram com obras de Marcos da Cruz, a saber Igreja de São Nicolau (1652), Capela do Santíssimo Sacramento do claustro da Sé de Lisboa (1656); Capela Real do Paço da Ribeira (c. 1658-70); igreja do antigo Convento de S. Bento da Saúde (c. 1668?); retábulos-mores das Igrejas de São Sebastião da Pedreira (1670-71) e Santo Estêvão de Alfama (1674-75) e ainda painéis de brutesco para o tecto da sacristia da Igreja do Loreto (1675-76). Subsistem ainda as telas da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Purificação de Bucelas (1663-64) (Serrão, 2001); uma tábua proveniente do Convento do Carmo (1672?); seis telas da Capela da Fraternidade da Ordem Terceira de Jesus (1673-74); na Sé de Faro (1676-79); o conjunto de quarenta e cinco telas colocadas no tecto da igreja e coro alto do Convento da Madre de Deus (c. 1675-80) (Sobral, 1998); um retábulo da Igreja de S. João Baptista em Alcochete e várias pinturas para o oratório dos Lencastre no Palácio de Santos-o-Velho em Lisboa (1680-83) (Flor, 2016d).

NICOLAU DE FREITAS (1703-1765) – pintor de azulejos, discípulo de António de Oliveira Bernardes, com quem aprendeu o ofício, entre os anos de 1719-24 (AHPL). Deu entrada na Irmandade de S. Lucas em 1726 e foi dado como morador na Travessa da Bica aos Anjos. Mais tarde, já casado com Joana Catarina Rosa, filha

de Bartolomeu Antunes (1668-1753), o conhecido mestre ladrilhador do Paço e não pintor, Nicolau de Freitas encontra-se a morar na Travessa dos Curas na mesma freguesia. É um dos artistas mais representativos da geração da «Grande produção joanina» e usufrui do estatuto do sogro (e da sua capacidade produtiva) para captar parte importante das encomendas azulejares da época, sendo ainda seu credor como se vê pelo processo da partilha da herança (Mangucci, 2003). Neste âmbito destacamos as de uma primeira fase, ainda muito influenciada pelos modelos do Mestre Bernardes: Capela-Mor de Santiago de Almada – c. 1724; Colégio do Espírito Santo em Évora – c. 1725 e nártex dos Capuchos de Lisboa (c. 1725-30); Igreja dos Terceiros de São Francisco em Braga (1734); a Capela das Almas da igreja conventual de Vilar de Frades (1736); registo na fachada da Capela-Mor do Recolhimento do Bom Jesus do Funchal (1744) e no Palácio Galvão Mexia ao Campo Grande em Lisboa (1744). Segundo José Meco, deverão ser tributados ainda a Nicolau de Freitas (e sua oficina) os conjuntos da Ermida de Nossa Senhora do Porto Seguro em Cascais; capela-mor do Convento de S. Francisco de Portalegre; portaria do Colégio de Santo Antão em Lisboa; nave da igreja matriz de Odivelas (Meco, 1989). Numa segunda fase de produção (c. 1750 em diante), Nicolau de Freitas aborda o rococó, introduzindo nas obras algumas citações desse estilo, casos dos azulejos da sacristia da Madre de Deus; do Palácio da Mitra (Marvila), na Quinta dos Arcebispos (Loures) ou do Palácio Cabral em Lisboa e ainda o Palácio do Correio-Mor (Loures); da Misericórdia de Torres Vedras, do claustro de S. Francisco em Salvador (Bahia) entre outros exemplos (Meco, 1986).

PEDRO ALEXANDRINO DE CARVALHO (1729-1810) – pintor *fa presto* da segunda metade do século XVIII, atingindo ainda a primeira década do século XIX, comparável a Bento Coelho (c. 1620-1708) na intensidade de trabalho abraçado ao longo da carreira (Machado, 1823: 95-98). Foi aprendiz dos pintores de têmpera e ornato João de Mesquita de Miranda (act. 1712-42) e Bernardo Pereira Pegado (act. 1735-75), filho de João Pereira Pegado, pintor de tectos e de têmpera (act. 1690-1719). O convívio com o experiente André Gonçalves (1685-1762) permitiu-lhe desenvolver a arte da pintura «em pequeno, por estampas, pelo natural e de prática», no dizer de Cyrillo (Machado, 1823: 96). A influência de Gonçalves é particularmente visível em pintores da geração seguinte, a saber José da Costa Negreiros, Joaquim Manuel da Rocha e Pedro Alexandrino. Pintou a óleo, a têmpera e a fresco e igualmente painéis para carruagens, panos decorativos e cenografias. Foi um dos directores da Academia do Nu (1785-90). Teve vários discípulos, entre eles José António Parodi, Henrique José da Silva e Felisberto António Botelho. Foi um dos responsáveis pela

reactivação da Irmandade de S. Lucas no período pós-terramoto (1777). Ocupou o lugar de tesoureiro em 1782 e o de juiz entre 1788-1790. Surge em 1793 com a designação de Director Primeiro, equivalente ao de juiz. No registo de entrada de 1788 (quando se procedeu à renovação dos assentos), é dado como solteiro e morador na Travessa Larga dos Cobertos adiante de São José. No de 1791, aparece já casado (com D. Teresa Rosa) e morador na Rua do Passadiço na mesma freguesia. Entre variados trabalhos executados pelo próprio ou em regime de parceria, destacamos os da Sé de Lisboa (1778); Igreja da Memória (1785); Igreja de Santo António (1787-88); na capela do Palácio de Queluz (c. 1789-91); na capela do Paço da Bemposta (c. 1793); Igreja do Sacramento (1798) e Igreja dos Mártires em Lisboa (1798-1805); Igreja da Madalena em 1807 (Gonçalves-Fonseca, 2008 e Saldanha, 2010: 43-48).

PIER LORENZO SPOLETI (1680-1726) – referido na Irmandade de S. Lucas como Lourenço Espoleto (ass. Lourenzo Spoleto), é um pintor nascido em Finale (Génova) que veio para Portugal, após ter estado na corte de Madrid e para lá ter regressado depois da estância no nosso país. Terá realizado a aprendizagem junto de Domenico Piola (1627-1703) em Génova. Viajou para Cádiz em busca de oportunidades de trabalho e foi acolhido pelo governador local (Duque de Brancaccio?) que, sendo mais tarde nomeado Tesoureiro do Rei, passou a Madrid, levando Spoleti consigo. Aí aprofundou a formação artística, como copiador de obras de Rubens e Ticiano, além de ter igualmente praticado a arte do retrato. Oito anos depois veio para Portugal permanecendo entre nós quatro anos de acordo com fontes setecentistas (Ratti, 1797: 273). Conseguimos agora precisar a cronologia da estada de Spoleti em Lisboa, onde surge documentado entre 1715 e 1718, tendo porventura contactado através da Irmandade com artistas seus compatriotas como Giulio Cesare de Temine ou Vincenzo Bacherelli. É pago pela Rainha D. Maria Ana de Áustria por três retratos (da família real) em 1715 (Marçal, 1999: 413 e Bocardo *et alii*, 2006: 228) e tem o assento de entrada na Irmandade de S. Lucas em 1718, aparecendo como mordomo nesse ano e como morador na Calçada para os Remolares, não voltando a surgir nos registos. Regressou a Madrid e, anos mais tarde, em 1726 viria a falecer na terra natal. Da sua passagem por Lisboa, ficou registada uma curiosidade pelo médico João Curvo Semedo (1635-1719) que afirma ter conhecido o pintor e de lhe ter diagnosticado *o reumatismo mais teymoso* que vira em toda a sua carreira (Semedo, 1720: 567).

POLICARPO DE OLIVEIRA BERNARDES (1695-1778) – irmão do pintor e cenógrafo Inácio de Oliveira Bernardes, ao invés foi associado à pintura de azulejo e artista formado junto do pai, António de Oliveira Bernardes, desenvolvendo a sua

arte num dos períodos áureos da azulejaria portuguesa: entre o Ciclo dos Mestres e a «Grande produção joanina» (Meco, 1989). Casou em 1726 com Tomásia Maria Travaços, irmã do pintor João Baptista Carvalho e filha de Pascoal de Carvalho e de Antónia da Assunção, moradora na mesma freguesia do cônjuge (Casas Caídas). Mais tarde, mudou-se para a Rua do Sol, a Rua da Portuguesa (até 1734) e depois para a Rua da Paz (até 1737), sempre na freguesia de Santa Catarina onde existiam vários fornos importantes para a produção dos azulejos (AHPL e Flor e Flor, 2016). Na sua oficina, foram detectados, Domingos e Eugénio Alves (aprendizes/criados? em 1729), Dionísio da Costa (entre 1730-34) e um de nome Teodoro (1737), além do cunhado João Baptista Carvalho (Correia, 1917: 204-208 e Simões, 1979: 35). Apesar do registo de entrada na Irmandade de S. Lucas datar de Outubro de 1728, Policarpo de Oliveira Bernardes já participava na vida activa da confraria, em particular na Mesa de 1716-17 como mordomo. Por conseguinte, cedo terá participado em campanhas de obras com o pai, ao lado dos aprendizes que frequentavam a oficina, casos de Teotónio dos Santos e Nicolau de Freitas. No final de vida de António de Oliveira Bernardes, Policarpo parece assumir a dianteira da oficina. Na década de 30 (1734-35), surge como assistente do juiz da Irmandade de S. Lucas, a saber o pintor retratista Francisco Pinto Pereira. Há notícia que em 1738 se teria mudado para Loures (Serrão, 2003). Existem vários trabalhos de Policarpo Oliveira Bernardes em vários templos portugueses de que destacamos a Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo (c. 1719-20), a de São Lourenço de Almancil (1730), a Ermida de Porto Salvo em Paço de Arcos (1734), a capela do Forte de São Filipe (1736). Andam-lhe atribuídos a pintura dos azulejos em vários locais no Alentejo (Arraiolos, Beja, Estremoz, Fronteira, Portalegre e Santo Aleixo da Restauração), Lisboa, Setúbal e Abrantes (Meco, 1989).

RAIMUNDO DO COUTO (act. 1684-1711) – pintor de têmpera e de azulejos. Surge pela primeira vez integrado na Irmandade de S. Lucas a exercer o cargo de mordomo da Mesa no ano de 1684-85, a par de nomes tão importantes na modalidade de têmpera como o pintor das obras da Capela Real Francisco Ferreira de Araújo, Luís Gomes Falcato, Feliciano de Almeida e Félix da Costa Meesen. Sob a presidência de Luís Gomes Falcato, voltará a exercer o cargo de mordomo (1692-93). Em 1702-03 foi o escrivão da Mesa, presidida pelo Cónego Manuel Martins da Rocha. Na Mesa de 1705-06 regressou à condição de mordomo, juntamente com António de Oliveira Bernardes. Deu esmola em vários anos à instituição de S. Lucas (1684-85 e 1692-93 e 1699) devendo a primeira corresponder ao do seu assentamento. Terá vivido sempre no Bairro Alto, conforme se indica no canhenho da colecta de esmolas nos anos de 1701 e 1702, e não ao Castelo (pátio das casas de Francisco Mendes), uma vez que

esta última morada diz respeito ao registo de entrada na Irmandade de Pedro da Silva que se assentou em 1703, cujo escrivão era Raimundo do Couto. Está assinada a sua participação na empreitada azulejar para as casas à Mouraria de D. Luís Manuel de Távora (1646-1706), 4.º Conde de Atalaia (Simões, 1979: 30). No final do século XVII, mais concretamente a partir de 1697, o Conde firmou um contrato com o arquitecto régio João Antunes para as obras «do assento de casas» (Gomes: 2007, 38), estando os 4.ºs Condes de Atalaia a residir em 1698 na freguesia dos Mártires, devido justamente às obras no palácio da Mouraria (Miguel, 2012: vol. II, 71). Ressalte-se que Raimundo do Couto, tal como outros pintores ao tempo, trabalha concomitantemente em pintura de têmpera e em pintura de azulejo. Exemplo disso é a sua presença na Igreja de S. Lourenço da Mouraria (Serrão, 2003: 58) e, em 1708, nas obras do Loreto (Carvalho, 2012: I.º vol. 173). Esteve envolvido na decoração promovida por ocasião das festividades da entrada régia de D. Maria Ana de Áustria, mulher do Rei D. João V, em 1708, na companhia dos pintores António Carvalho, Mateus de Sousa, Vicente Nunes, Caetano de Almeida (sobrinho de António da Serra), Francisco Paulo Abril, Manuel Ribeiro e Manuel da Penha, entre outros (Raggi, 2004: 1135). Veio a falecer em 1711, conforme despesa efectuada por missa de sufrágio.

SANTOS MARQUES (act. 1656-1706) – pintor de têmpera, morador na circunscrição da Irmandade de S. Lucas do Bairro de Alfama em 1701. Interveio na empreitada de obras da Capela Real do Paço da Ribeira (1656-70). Foi mordomo na Irmandade de S. Lucas em 1682-83 e 1691-92. Foi responsável pelo douramento da talha das telas pintadas por António de Oliveira Bernardes e retábulo para a Igreja de São Lourenço de Azeitão, executadas entre 1689-94. Em 1695, está documentado a pintar de brutesco e ouro o arco e tecto da capela-mor da Sé de Évora (em parceria com Francisco de Sousa). Em 1703, ocupou o lugar de pintor de têmpera da Mesa da Consciência e Ordens por falecimento de Lucas de Andrade, por ordem de D. João José da Costa e Sousa, Conde de Soure e provedor das obras reais. Está ainda envolvido um ano depois em trabalhos no Paço Real (Sala dos Tudescos e Quarto do Forte – 1703-04) e em parceria com Lourenço da Silva Paz no Paço de Alcântara. Em 1706, temos a última notícia onde é designado como pintor de têmpera dos Paços Reais (Serrão, 2001: 239).

SIMÃO CAETANO NUNES (1719-1783) – pintor de arquitecturas, quadraturas, paisagens e ornatos. Sucedeu a Lourenço da Cunha e Silvério Manuel na direcção de alguns teatros em Lisboa (Condes, Bairro Alto e Salitre). Entre outras obras são da responsabilidade do pintor os tectos e paredes do antigo palácio de Gérard

Devisme em Benfica e a do Marquês de Castelo Melhor em Lisboa. Em 1781, pintou o tecto da sacristia da Igreja da Encarnação ao Chiado (Flor, 2005: 293-309) com a colaboração de outros pintores. Segundo Cyrillo, ministrou lições públicas de Geometria Prática e de Perspectiva na Academia de Desenho de Gregório Barros e Vasconcelos até 1782 (Machado, 1823: 161-163 e Ms BAFCG). Entre outros discípulos, conta-se Gaspar José Raposo. Foi membro activo na Irmandade de S. Lucas, sendo um dos impulsionadores da confraria no pós-terramoto. Deu entrada em 1746. Foi companheiro do secretário em 1753; segundo assistente do juiz em 1753-54; juiz em 1777 e em 1780; e apontador em 1782. Em 1781, é referido como sendo casado com D. Ana Joaquina. Ao longo da vida habitou aos Inglesinhos (1746), defronte do Monteiro-Mor (1750) e na Praça da Alegria na Travessa da Mãe d'Água (1781).

TEOTÓNIO DOS SANTOS (act. 1707-1730) – também referido como Teotónio dos Santos da Fonseca, pintor de azulejos, formado na oficina de António de Oliveira Bernardes a Santa Catarina em Lisboa. Esteve como aprendiz entre os anos de 1707 e 1711 sem qualquer interrupção. Deu entrada na Irmandade de S. Lucas em 1718 e está referido como morador aos Poiais de S. Bento, zona de grande concentração de olarias (p. ex. Travessa do Benedito), onde pôde desenvolver a sua arte. Paredes-meias com o entalhador Santos Pacheco e na mesma rua do pintor José Ferreira de Araújo, Teotónio dos Santos reside nos Poiais de S. Bento entre 1713-24, acompanhado de sua mulher Francisca Teresa e de seus filhos Francisco Marques, Inácio Marques, Cipriano e Vicente, os quais não sabemos se continuaram o ofício do pai (AHPL). Em 1726, pintou painéis do gabinete do antigo Palácio de Santos-o-Velho dos Condes de Vila Nova de Portimão, a mando de D. Pedro de Lencastre, obra infelizmente desaparecida (Flor, 2002: 160). Assinou dois conjuntos azulejares, a saber, o do convento beneditino de Viana do Castelo e o do Santuário de Nossa Senhora da Esperança (S. Miguel de Vila-Boa – Sátão). Estão-lhe atribuídas as séries presentes no antigo Colégio de Santo Antão e outros no Palácio Almada em Lisboa; na igreja matriz de Figueiró dos Vinhos; no Convento de Nossa Senhora das Neves (Olinda); na Igreja de S. Francisco de Guimarães; na matriz de Alcácer do Sal, entre outros lugares. Se numa primeira fase, Teotónio dos Santos acusa a influência de António de Oliveira Bernardes e do Mestre PMP, numa segunda prepara o fulgor decorativista e mais elaborado do ciclo da «Grande produção joanina» (Meco, 1989: 442).

TOMÉ DA COSTA (RESENDE) (1594-1666) – pintor de óleo e imaginária. Pintor régio de têmpera. Em 1636, recebeu de Filipe III de Portugal um alvará que o dispensou de servir a bandeira de S. Jorge (Viterbo, 1903: 133). Segundo o Padre

António Franco, foi discípulo do pintor Domingos da Cunha, o *Cabrinha* (1598-1644). Esteve em Madrid ao serviço do secretário de Estado Diogo Soares, de cuja casa regressou no final da década de 30. Em Lisboa, ficou livre de suspeitas de espionagem e «*se lhe restituiu hum officio, que tinha nos fornos de el-Rey antes de ir pera Castella*» (Franco, 1717: 545). Está documentada vasta obra nas modalidades de têmpera, dourado e estofado (Serrão, 1992: vol. II, 46). Faleceu a 15 de Agosto de 1666, deixando viúva Paula Henriques que, em testamento, declarou ter em Vila Galega (Campo de Santa Clara) «*humas casas com suas atafonas e também são foreiras ao Senhor Conde de Avintes. Tenho mais outras cazas digo cazinhas com seu forno que tudo rende cinco mil réis estão místicas com as outras das atafonas e também são foreiras ao mesmo conde de Avintes*». No testamento, refere ainda que deixava o forno a uma sobrinha Antónia (?) casada com António Roiz e deixava duas talhas (uma vidrada) no valor de cinco mil rs (RGT, Livro 52, fl. 107, 1675), factos que poderão indiciar que Tomé da Costa Resende gerisse uma olaria. Na Irmandade de S. Lucas, há registo de ter servido como mordomo em 1652 e 1654; escrivão em 1660 e atingido o lugar de juiz em 1665.

VALENTIM DE ALMEIDA (1692-1779) – um dos principais pintores do século XVIII em Portugal, responsável por vários conjuntos azulejares da «Grande produção joanina». Natural da freguesia do Socorro, onde ainda permaneceu durante a juventude, mudou-se mais tarde para a freguesia de Santos-o-Velho. Deu entrada na Irmandade de S. Lucas e desempenhou de imediato funções de mordomo na mesa de 1716-17, época em que vivia na Rua Suja, defronte das casas do Conde de Vila Nova de Portimão (em Santos). Ao longo dos anos, foi eleito também mordomo em 1722; tesoureiro em 1723-24; procurador em 1724-25; primeiro assistente do juiz em 1729 e 1731-32; segundo assistente do juiz em 1739. Deu esmolas à referida confraria os anos de 1733 e 1748-49. Desempenhou o cargo de presidente da circunscrição do Bairro Alto, ao lado do pintor André Gonçalves, em 1750. Na década de 20 do século XVIII (1727), Valentim de Almeida é dado como morador aos Anjos, por ocasião do baptismo do filho Sebastião Inácio de Almeida (1727-79) que viria a seguir também o officio do pai. Foi responsável pela pintura de azulejos para o claustro da Sé do Porto (1729-31), numa fase em que se muda, em definitivo, para Santos-o-Velho (Mocambo) (Simões, 1979: 26). Por esses anos (1733), está registado o nome de Sebastião Gomes Ferreira como aprendiz na oficina de Valentim de Almeida que viria a tornar-se seu genro e colaborador (Mangucci, 1998-99). Dirigiu várias encomendas de pintura de azulejos para o vizinho Palácio dos Condes de Vila Nova de Portimão (1738) e para a Quinta da Piedade em Vila Franca de Xira (1746-58).

Estão atribuídos à sua oficina vários painéis do antigo Colégio de Santo Antão de Lisboa (em particular os do Salão Nobre); capela-mor do Convento do Varatojo; refeitório do Convento da Graça, Comendadeiras de Santos-o-Novo ambos em Lisboa; o revestimento da Igreja de São Pedro de Sintra; e outros ainda em Salvador e no Rio de Janeiro, além dos mais tardios (período rococó) em Cachoeira, Bahia, Paraíba e Olinda (Meco, 1989: 27-28). Foi sepultado na Igreja de Nossa Senhora da Lapa em Lisboa em 1779.

VICENTE DE SOUSA (act. 1693-1746) – pintor, filho de José de Sousa e irmão de Pascoal de Sousa (AHPL), casado com Luzia Maria de Jesus (fal. 1726), deu entrada na Irmandade de S. Lucas em 1701. Foi mordomo em 1713; tesoureiro em 1727; secretário em 1735-36; assistente de secretário em 1736-37 e segundo assistente do juiz em 1744-45, tendo falecido um ano mais tarde. Este artista pode bem ser o pintor com o mesmo nome das obras da cavaliça da Rainha D. Maria Ana de Áustria (mulher de D. João V), conforme a nomeação da mesma em 1718 (Marçal, 1999: 414).

VINCENZO BACHERELLI (1682-1745) – pintor florentino, quadraturista e cenógrafo, foi aluno de Antonio Domenico Gabbiani e Alessandro Gherardini e especializou-se na pintura de quadratura, recebendo influência de artistas como Mitelli e Colonna (Mello, 1998 e Raggi, 2013). Esteve em Portugal entre os anos de 1701 e 1719 (Raggi, 2004: 845-847 e Saldanha, 2010: 159). É referido em 1702 como morador ao Poço do Borratém, próximo de pintores relevantes ao tempo, como os Serra, António Machado Sapeiro, Jerónimo da Costa e João Pereira Pegado, o que decerto facilitou a integração no meio pictórico lisboeta e os contactos artísticos e aprendizagens entre eles (AHPL). Serviu como mordomo na Mesa da Irmandade de S. Lucas em 1715-1716, tendo regressado a Florença c. 1721. Realizou várias obras na cidade de Lisboa, de que destacamos as do subcoro da Igreja do Loreto; do retábulo da Capela dos Pretos do Convento da Trindade; do tecto do coro da igreja do Convento de São Francisco (incendiado em 1741); do tecto da escadaria do palácio da Quinta dos Marquês de Távora ao Campo Pequeno. Há notícia ainda de ter pintado o tecto da Câmara do Palácio dos Condes de Povolide, além de ter participado na decoração dos cenários de festividades no Paço da Ribeira(?), nas casas do Conde de S. Vicente (1713), para os Capuchinhos italianos (1713) e no Colégio jesuítico de Santo Antão em 1709 (Raggi, 2013). Subsiste ainda o tecto da portaria do Mosteiro de São Vicente de Fora (1710), que contou com a colaboração de Vitorino Manuel da Serra e José Bernardes. Neste cenóbio, esteve contratada a obra da pintura do tecto da capela-mor e do coro da igreja (1719), o que motivaria um aceso pleito entre o

pintor e os Cónegos Regrantes (Raggi, 2004) . Está-lhe atribuída a tela da tribuna do retábulo da capela-mor do Convento do Varatojo (Torres Vedras) e os tectos de duas salas do antigo Palácio dos Condes de Alvor às Janelas Verdes (da família Távora ligada à obra do Campo Pequeno e à do Conde de S. Vicente mencionadas) e ainda sem datação precisa, hoje integradas no Museu Nacional de Arte Antiga (Raggi, 2013).

VITORINO MANUEL DA SERRA (1692-1747) – filho de António da Serra, pintor de quadraturas e ornatos e dado como morador em Lisboa na Rua dos Vinagreiros (freguesia de Santa Justa), certamente junto do pai (AHPL e Mello, 1996). Casou-se com Antónia Maria dos Santos. Foi mordomo na Irmandade de S. Lucas em 1716-17, dando entrada na mesma apenas em 1718, quando se indica também a morada. Foi primeiro mordomo em 1728; apontador entre 1729 e 1732; secretário de 1740 a 1746, vindo a falecer em 1747 (Mello, 2002 e Raggi, 2004). Colaborou com Vincenzo Bacherelli na empreitada do tecto da portaria do Mosteiro de S. Vicente de Fora (com José Bernardes também) e na empreitada do tecto da Capela-Mor dos Paulistas em Lisboa (Machado, 1823: 147).

Regimentos da Irmandade de S. Lucas de 1681 e 1706

REGIMENTO DE 1681

Todo o irmão que for eleito por escrivão da Irmandade do senhor São Lucas terá particular cuidado antes de escrever neste livro de ler este regimento e observado para que em nenhum tempo se ache erro como até agora se viu nos livros que serviram, nos quais se não pode acertar nem tirar formação alguma por cuja causa fizemos estes livros novos nos quais não escreverá outra pessoa alguma que não seja escrivão da dita Irmandade.

E por que este livro somente é um memorial dos Irmãos que servem na mesa porque uns aceitam e outros não se farão as eleições em um papel de fora e depois de aceitarem todos se lançarão então neste livro pelo escrivão, o qual terá cuidado de os lançar na forma seguinte.

Dobrará a folha pelo meio na primeira metade escreverá os nomes dos eleitos e na outra metade as promessas que fizerem e acabado eles seguira todo o dinheiro que rendeu em todo o ano para somar com o que os Irmãos da Mesa dão. E nas costas da eleição se fará a despesa de todo o ano de que se dará junta a despesa com a receita o que seja líquido para o cofre e se lançará no livro da receita na forma ordenada nele.

O escrivão se não for muito corrente no escrever elegerá o que melhor na mesa escrever para o fazer isto pedimos observem inviolavelmente para que os livros andem asseados e sem confusão como até agora houve e este regimento se mandou fazer pelo Juis mordomos e mais oficiais da mesa em que todos concordaram Lix.^a 12 de outubro de 1681

Fr.^{co} Pereira de Barbuda

REGIMENTO DE 1706-07

Todo o irmão que for eleito por escrivão da Irmandade do senhor São Lucas terá particular cuidado antes de escrever neste livro de ler este regimento e observado para que em nenhum tempo se ache erro como até agora se viu nos livros que serviram, nos quais se não pode acertar nem tirar formação alguma por cuja causa fizemos estes livros novos nos quais não escreverá outra pessoa alguma que não seja escrivão da dita Irmandade e se escrever mal não será escrivão.

E por que este livro somente é um memorial dos Irmãos que servem na mesa porque uns aceitam e outros não se farão as eleições em um papel de fora e depois de aceitarem todos se lançarão então neste livro pelo escrivão, o qual terá cuidado de os lançar na forma seguinte.

.....

O escrivão se não for muito corrente no escrever elegerá pessoa que mais clara e inteligivelmente lhe possa fazer as suas contas e lançar as suas receitas e despesas com mais clareza e o dito escrivão sobescreverá todos os termos e os escreverá digo os assinará de sua letra própria; isto pedimos observem com muito amor e serviço do nosso Santo Irmão e que os livros andem sempre claros sem equivocação e asseio: este regimento se mandou fazer por ser todo serviço do nosso glorioso Santo.

[1706-07]

ANEXO 5

Registo da colecta de esmolos nos Bairros da Irmandade de S. Lucas

1677

- o de Alfama – 5400 rs
- o do Rossio – 13 400 rs
- o do Chiado – 6250 rs
- o do Bairro Alto – 9700 rs

1691

- o de Alfama e Castelo 2620 rs
- o do Rossio 2500 rs
- o do Bairro Alto 2290 rs

1693

- do canhenho de Simão de Brito
(pelo Bairro de Alfama?)
- do canhenho de Manuel Nunes
(pelo Bairro do Rossio?)
- do canhenho de Francisco Ferreira
(pelo Bairro Alto?)

1701

Pelo de Alfama

- Amaro Alves a composição 480 rs
- André de Castro 370 rs
- Manuel da Penha 420 rs
- José Baptista 240 rs
- Lázaro da Penha 240 rs
- Miguel da Silva 240 rs
- Santos Marques a composição 960 rs

Pelo do Rossio

- António de Freitas 500 rs
- António da Serra 240 rs
- António Machado 480 rs
- Caetano de Almeida 320 rs
- Francisco de Freitas 320 rs
- Francisco Coelho 240 rs
- Francisco Correia a composição 480 rs
- Gonçalo de Mesquita a composição 480 rs
- Jerónimo da Costa 240 rs
- João Pereira 240 rs
- Lourenço de Sousa 240 rs
- Manuel Roiz 240 rs
- Manuel Pereira 240 rs
- Manuel de Andrade 480 rs
- Manuel Nunes 240 rs
- Manuel Gomes da Silva 240 rs
- Silvestre de Arvelos 120 rs
- José de Sousa 240 rs
- Francisco da Costa 240 rs
- Francisco Martins 60 rs
- Agostinho Mendes a composição 960 rs
- Manuel do Monte 240 rs

Pelo Bairro Alto

- Bento Coelho 240 rs
- Félix da Costa 240 rs

- Bernardo Sequeira 240 rs
- Luís Gomes 150 rs
- João de Araújo 240 rs
- Luís Bladem 240 rs
- Miguel dos Santos 480 rs
- Manuel Francisco 240 rs
- Mateus Ribeiro 240 rs
- Raimundo do Couto 360 rs
- José da Silva 360 rs
- António de Oliveira Bernardes 240 rs
- António Pereira por composição 720 rs

1702

Pelo de Alfama

- Damião Matoso 120 rs
- Amaro Alves 240 rs
- André de Castro 240 rs
- Manuel da Penha 240 rs
- José Baptista 240 rs
- Miguel da Silva 240 rs

Pelo do Rossio

- Manuel Pereira 240 rs
- Manuel de Andrade 250 rs
- Lourenço de Sousa 240 rs
- José de Sousa 240 rs
- Francisco Coelho 240 rs
- Francisco de Freitas 240 rs
- António Dias 240 rs
- Pascoal de Sousa 240 rs
- Manuel de Jesus 240 rs
- João Pereira 220 rs

- Manuel do Monte 240 rs
- Manuel Nunes 240 rs
- Silvestre Arvelos 360 rs
- Francisco da Costa 240 rs

Pelo Bairro Alto

- Bento Coelho 240 rs
- Félix da Costa 270 rs
- Diogo Simões 480 rs
- Henrique Ferreira 200 rs
- Luís Bladem 240 rs
- Manuel Francisco 180 rs
- Mateus Ribeiro 120 rs
- Raimundo do Couto 360 rs
- José da Silva 240 rs
- António de Oliveira Bernardes 120 rs
- António Pereira Rabasquo (Ravasco) 240 rs
- José Teixeira 240 rs

1705-06

cobrou-se dos canhenhos 12 100 rs

1714

- presidência de Manuel Caetano
- das religiosas
- Tomé de Sousa

1716

Presidente Manuel Caetano

Presidente Tomé de Sousa

Miguel de Aveles Carneiro que mora no
Campo do Curral a conta do ano de 1716

1719

Presidente António da Cunha do Bairro de Alfama

Presidente Manuel Roiz do Bairro do Rossio

Presidente Mateus Ribeiro do Bairro Alto

1720

Presidente António da Cunha Bairro de Alfama

Presidente Manuel Roiz do Bairro do Rossio

Presidente Mateus Ribeiro do Bairro Alto

1721

Presidente do Bairro de Alfama – 14 880 rs

1728

Presidência do Rossio – José António Rosa

Presidência do Bairro Alto – José Carvalho Rosa

1732

Presidente João Crisóstomo

Presidente José Vicente

1733

Presidência do Rossio – José António

Presidência do Bairro Alto – José Carvalho Rosa

1733 – Registo do Canhenho (Bairro de Alfama)

André de Crasto no adro do Castelo deve 9 anos até ao ano de 1732

Amaro Pinheiro

António de Sousa, morador a S. Miguel, deve o ano 1728, até 1732

Bernardo da Costa Barradas, morador a Vila Galega, deve o ano 1727 até 1732.

Domingos Roiz (deve 9 anos até 1732) mora ao Salvador por baixo das Casas do Conde de Arcos em casa de um Marceneiro seu irmão, deve 10 anos de 1732, recebi 1200 rs (de 1733-35).

Domingos Alves, morador às cruces da Sé deve o ano de 1728, até 1732, 4 anos, deu a conta (pagou tudo) e 1733-35 está tudo pago.

Estêvão de Freitas às Portas da Cruz, deve 5 meses de 1720 e deve até o ano de 1732.

José de Campos na Rua do Vigário, deve 7 anos até 1732 é falecido este irmão (em 1733).

João Nunes de Abreu morador dentro do Castelo, serve na mesa em 1733.

José da Costa morador a S. Miguel de Alfama em um largo, ao lado direito da igreja, deve 6 meses do ano de 1722 e mais 10 anos até 1732, compôs-se de 1600 (1733).

José Baptista morador ao Passo do Boi Formoso 1734 (pagou em Agosto e Setembro).

Manuel Cerqueira Mendes morador no Beco do Bugio a S. Jorge, deve do ano 1729 até 1732 que são 3 anos recebi a conta de 480 rs; recebi a conta de 480 rs.

Manuel da Penha, morador dentro do Castelo, deve o ano de 1726 até 1732, que são 6 anos.

Manuel Carvalho, morador na Rua do Loureiro a Sto. Estêvão, junto à Cruz do Mau, do ano de 1728 até 1732, 5 anos, deu 960 rs pelo que devia.

Manuel João, morador na rua direita que vai de N. Sra. dos Remédios para as Portas da Cruz, deve 5 meses do ano de 1721 e mais 11 anos até 1732.

Manuel de Sousa, morador ..., deve o ano de 1722 até 1732, dez anos, é falecido.

Manuel da Fonseca morador ao Marco Salgado, deve do ano de 1714 até 1732.

Pedro da Silva morador dentro do Castelo, dentro do pátio das casas em que viveu Francisco Mendes, deve do ano 1719 até 1732.

- estes irmãos estavam em falta

Manuel de Sequeira Mendes a S. Jorge. casado com Maria Valentina de Sá (dessa), deu 800 rs

João Nunes de Abreu ao Castelo – faleceu, pagou em 1736-37

André de Crasto no Castelo deve

Jorge da Costa a S. Miguel

Domingos Alves as Cruzes da Sé deu 800 rs junto até o de 1740

Domingos Roiz ao Salvador ao pé do Serieiro, 1736-37

João Baptista mora no Terreirinho para ao pé do Coleginho dos padres da Graça – ausente, pagou o ano de 1736

Bernardo Pereira Pegado pagou o ano de 1737-38

- estes irmãos estão em dia

1734/35

Presidência de Alfama – José Baptista

Bairro da Mouraria – José António

Rossio – José António

1735/1736

Presidência de Alfama – José Baptista

Presidência do Bairro da Mouraria – José António

Presidência do Bairro Alto – José Carvalho

1740/1741

Presidência da Mouraria – 17440 rs

Presidência do Bairro Alto – 9240 rs

Recebeu mais das presidências 3200 rs

1741/1742

Presidência do Bairro da Mouraria

1742/1743

Presidências – 1920 rs

1745

Presidência da Mouraria – 24 820 rs

Presidência do Bairro Alto – 11 940 rs

Das duas presidências do ano passado – 30 360 rs

1746

Presidência da Mouraria de que era presidente Inácio Pereira da Silva

Presidência do Bairro Alto de que era presidente Vicente Ferreira

1747

Presidência do Bairro Alto – 6460 rs

Presidência da Mouraria – 10 080 rs

Presidência do Bairro Alto – 2880 rs

1748

Presidência da Mouraria – 10 800 rs

Presidência do Bairro Alto – 6000 rs

1748/1749

Presidência de Cipriano de Almeida – 240 rs

Presidente de Alfama, Jerónimo de
Andrade – 4560 rs

Presidente da Mouraria, Luís António –
5640 rs

Presidente do Bairro Alto, Diogo José –
7440 rs

1748/1749

Presidência do Bairro Alto – António Pereira

Presidência de Julião Barbosa Leitão

Presidência de Manuel José Gonçalves

Presidência da Mouraria, Félix José Travaços

Presidência de Tomé de Sousa Vilar

Presidência de Sebastião da Silva Franco

1750

Presidência de Manuel da Costa Negreiros
que tem de ser anterior a 1750, data da sua
morte

recebeu mais do presidente de Alfama,
José António Neves – 3580 rs

recebeu mais do presidente da Mouraria,
Francisco de Moura – 8150 rs

recebeu mais do presidente do Bairro Alto,
Diogo José – 5020 rs

pauta dos irmãos presidentes que servem
o ano de **1750**

Presidência de Alfama, o irmão José
António Neves

Presidência da Mouraria, o irmão Francisco
de Moura

Presidência do Bairro Alto, o irmão Diogo
José

pauta dos nossos irmãos eleitores que
ficam servindo de definidores
e *emformadores* neste ano de **1750**

Presidência de Alfama o nosso irmão
Joseph de Sousa

o o nosso irmão Bento de Sousa Campelo

Presidência da Mouraria o nosso irmão
Félix José Travaços

o nosso irmão Cipriano Gomes

Presidência do Bairro Alto o nosso irmão
André Gonçalves

o nosso irmão Valentim de Almeida

1750 – Registo do Canhenho (Bairro Alto)

António Pimenta Rolim, casado com
a irmã Maria Roiz morador às Chagas –
deve 1280 rs

André Gonçalves casado com a Irmã
Francisca Maria Xavier morador
na Rua de São Boaventura

António Pereira casado com a irmã
Margarida Micaela morador na
Rua do Norte

António Gonçalves, viúvo morador ao
Poço dos Negros deve 80 rs

Alberto de Oliveira, solteiro, morador a Bica Grande deve 320 rs

Bernardo José, casado com irmã Josefa Madalena morador aos Caetanos deve 80 rs

Caetano Brandão, morador ao Sr. Jesus da Boa Morte deve 80 rs

Diogo José casado com a irmã Domingas Maria da Conceição morador na Rua da Metade, serve na mesa da presidência

Eugénio dos Santos, casado com a irmã D. Francisca Teresa de Jesus, morador na Rua do Carvalho

Francisco Nunes da Silva casado com a irma Ana Michaela, morador na Rua da Paz, deve 80 rs

Julião Barbosa Leitão morador na Rua da Trombeta deve 1040 rs

Francisco Pinto casado com a irmã Isabel Maria morador na Rua das Salgadeiras deve 80 rs

O P.^e Félix da Costa Pinto, morador na Rua da Arrochela

João Crisóstomo casado com a irmã Tomásia Maria, morador à Bica deve 80 rs

Ignacio António da Cruz casado com a irmã Maria dos Reis, morador na Travessa de Santa Catarina

Inácio de Oliveira Bernardes casado com a irmã Anastácia Teresa Romanete morador a Santa Catarina deve 80 rs

José Carvalho Rosa, casado com a irmã Francisca Maria morador a Santa Catarina deve 320 rs

José Gonçalves casado com a irmã D. Joana Fróis morador na Rua do Sol a Santa Catarina, serve na mesa de apontador

José António Carvalho, casado com a irmã Teresa Antónia morador à Bica, deve 80 rs

João Euzebio solteiro morador em casa de seu pai José António de Carvalho morador na Bica deve 80 rs

José dos Santos, solteiro, morador na Rua do Sol a Santa Catarina serve na mesa de companheiro do secretário

Lourenço da Cunha, casado com a irmã Jacinta Inês, morador na Rua dos Galegos, serve na mesa de prefeito

Manuel Caetano casado com a irmã Joana Maria dos Santos morador a Santos-o-Velho deve 2000 rs

Manuel da Costa, casado com a irmã Joana Maria morador ao Poço dos Negros

Manuel José, solteiro, morador em casa de seu pai o nosso irmão André Gonçalves, na Rua de São Boaventura

Manuel Alves casado com a irmã Luzia dos Santos morador ao Poço dos Negros, serve na mesa de tesoureiro

Inácio de Meireles casado com a irmã Tomásia Maria ao Monte Sion e morador a São Pedro de Alcântara, serve na mesa de procurador da Irmandade

Manuel da Silva, casado com a irmã Ana Teresa de Mendonça, morador na Rua das Gaivotas, deve 700 rs

Manuel Francisco Barroso, casado com a irmã Anta Teresa Josefa, morador na Rua do Sol a Santa Catarina, serve na mesa de procurador dela

Francisco Dionísio morador na Rua da Barroca 560 rs

Pascoal Ferreira, morador na Rua do Sol, a Santa Catarina

António Gonçalves solteiro morador na Rua dos Mastos

Francisco António solteiro, morador na Rua da Cruz, deve 80 rs

Felipe Neri casado com a irmã Josefa Maria morador ao Moinho de Vento

Gregório Madeira casado com a irmã Leonor Rosa morador às Escadinhas do Carmo

Manuel Pinto, casado com a irmã Catarina Josefa morador na Rua de São Boaventura

Manuel dos Santos Coimbra casado com a irmã Doroteia Tomásia morador na Rua das Gáveas

Manuel da Costa Negreiros casado com a irmã Teresa Maria de Jesus, morador na Rua do Carvalho

Manuel José, solteiro, morador na Rua do Sol a Santa Catarina, em casa de nosso irmão José Gonçalves, deve 80 rs

Simão Caetano Nunes, solteiro, morador defronte do Monteiro-Mor, deve 80 rs, desconta 60 rs

Sebastião de Oliveira, solteiro, morador à Pampulha, deve 80 rs

Vicente Ferreira, solteiro, morador na Rua do Caldeira, deve 560 rs

Valentim de Almeida, casado com Teodora Maria morador defronte ao Conde de Vila Nova, deve 80 rs, serve na mesa de 2.º assistente do prefeito —· a lápis à margem das horas 6480 fora as que deve atrasadas

André Lucas Soares, solteiro, morador na Rua Nova do Almada, deve 800 rs

1751

recebeu do nosso irmão presidente Manuel dos Santos Coimbra a sua jóia 800 rs

recebeu do nosso irmão presidente Francisco Mendes Preto a sua jóia 800 rs

recebeu do nosso irmão presidente Manuel Francisco a sua jóia 800 rs

recebeu a presidência do Bairro Alto que entregou o presidente Manuel dos Santos Coimbra 9480 rs

depois de saldadas as contas apareceram os nossos irmãos das Presidências da Mouraria e de Alfama: entregou o irmão Francisco Mendes preto a quantia de 3760 rs; entregou o irmão Manuel Francisco a quantia 3440 rs

presidência de Alfama
o irmão Manuel Francisco

presidência da Mouraria
o irmão Francisco Mendes Preto

presidência do Bairro Alto
O irmão Manuel dos Santos Coimbra

pauta dos nossos irmãos eleitores que ficam servindo de definidores e *emformadores* neste ano de **1751**
presidência de Alfama

o nosso irmão Bento de Sousa Campelo
o nosso irmão Joseph de Sousa

presidência da Mouraria
o nosso irmão Félix José Travaços
o nosso irmão Cipriano Gomes

presidência do Bairro Alto
o nosso irmão André Gonçalves
o nosso irmão António Pereira

pauta dos eleitores que andem fazer
a mesa nova do Evangelista São Lucas
o ano que vem de **1751**

Presidência de Alfama
primeiro lugar o nosso irmão Bento
de Sousa 7 votos
segundo lugar o nosso irmão José de Sousa
4 votos
terceiro lugar o nosso irmão João dos
Santos 0 votos
quarto lugar o nosso irmão Julião Barbosa
4 votos

Presidência da Mouraria
primeiro lugar o nosso irmão Félix José
Travaços 7 votos
segundo lugar o nosso irmão Cipriano
Gomes 7 votos
terceiro lugar o nosso irmão António
Pereira Farinha 0 votos
quarto lugar o nosso irmão José Freire
0 votos

Presidência do Bairro Alto
primeiro lugar o nosso irmão André
Gonçalves 6 votos

segundo lugar o nosso irmão Manuel
Joseph Gonçalves 1 voto

terceiro lugar o nosso irmão António
Pereira 6 votos

quarto lugar o nosso irmão Francisco Pinto
1 voto

1752

recebeu do nosso irmão presidente do
Bairro Alto, Manuel dos Santos – 5820 rs
recebeu do nosso irmão Presidente da
Mouraria, António José – 6600 rs
recebeu mais do irmão Presidente de
Alfama, Manuel Francisco – 3740 rs

1753

- cobrou da provisão de Alfama – 4590 rs
- provisão da Mouraria – 0240 rs
- provisão do Bairro Alto – 7340 rs

Maio de 1753

- presidente de Alfama, Manuel Francisco
por conta do livro da sua presidência
- presidência do Bairro Alto, Inácio
António
- o nosso irmão Manuel Francisco Barroso
- presidência da Mouraria
- o nosso irmão José Correia Plácido
(nota – na falta do nosso irmão serviu
José da Costa)
- o nosso irmão Bernardino Alves

- presidência de Alfama
- o nosso irmão Bento de Sousa Campelo
- o nosso irmão José António Neves
- nota – na falta do nosso irmão José António, serviu Martinho José Laureano

1754

- entregou o presidente do Bairro Alto, Manuel dos Santos Coimbra por conta da sua presidência mesa dia dito de 1754
- carregou 9300 rs que tanto recebeu do nosso irmão de Nicolau de Sousa, presidente de Santa Justa
- carregou de forma de 440 rs que deu o presidente de Alfama, Manuel Francisco para esmolos dos irmãos pobres

1754

5 de Maio de 1754 presidente da Mouraria, Nicolau de Sousa 940 rs

5 de Maio de 1754 – carregou ao nosso irmão tesoureiro Lourenço da Cunha 480 rs que tanto entregou o nosso irmão presidente do Bairro Alto, Manuel dos Santos Coimbra

1755

- 22 de Junho de 1755 em mesa se cobrou 11 600 rs que tanto entregou o irmão presidente da Mouraria
- cobrou mais no dito dia 8320 rs que tanto entregou o irmão presidente do Bairro Alto; entregou mais o dito 9840 rs que tanto entregou de entradas de irmãos em cuja quantia entram 2400 rs das esmolos dos pobres cujos levou o irmão enfermeiro Vitorino José e o restante o irmão tesoureiro António Vilela

1755

- recebeu mais o nosso irmão tesoureiro, António Vilela em mesa que fez 2400 rs que deu o irmão presidente da Mouraria, Nicolau de Sousa por conta da presidência
- e recebeu mais 800 rs que deu o irmão presidente, Jerónimo Gomes por conta da presidência do seu livro e como recebeu assinou comigo

1781 – Registo do Canhenho (Parte da Mouraria)

Parte do Evangelista S. Lucas – Mouraria, 1781

António Manuel de Sousa – Rua Direita da Mouraria, em casa de Veríssimo António de Sousa

António Ferreira Tinoco, morador no Beco da Barbaleta ao Socorro

Bento de Sousa Campelo, viuvo, morador na Travessa da Encarnação das Freiras

Bernardo de Sousa Duarte, morador aos Anjos

Cyrillo Volkmar Machado, morador adiante da Igreja de S. José, solteiro

Domingos Nunes, morador na Rua dos Cavaleiros

Domingos da Costa Barreto, morador no Arco da Graça

Francisco Lopes, morador no torreão da Mesa Censória

Francisco Xavier Lobo, morador na Rua da Inveja (tem livros de memórias)

Francisco de Moura, morador no fim da Carreira dos Cavalos, serve na mesa de assistente

Francisco Gomes Teixeira, morador na Rua Direita de S. José

Francisco José, morador na entrada da Calçada de Agostinho Carvalho, casado com Mécia Teresa

Gregório Madeira, viúvo, morador na Rua de S. Domingos, serve na mesa de secretário

José de Barros, morador a Santa Marta, em uma travessa

João Pereira, morador na Rua da Oliveira atrás do Passo do Bom Famoso

Jeronimo Gomes, morador adiante da Igreja de S. José, serve na mesa de assistente

Joaquim Gonçalo de Sousa, solteiro, Rua Direita da Mouraria, casa de seu irmão Verissimo

Jerónimo de Andrade, morador na Calçada de Agostinho Carvalho

José Gonçalves, morador na Rua de Santo António defronte de D. Dinis, casado com Ana Maria da Assunção

Luís Pedro de Almeida e Cruz

Manuel Gonçalves Vital e sua mulher Ana Joaquina Rosa, Rua dos Canos, serve na mesa de secretário

Manuel dos Santos Lima, morador defronte dos Meninos Órfãos

Manuel Carvalho, morador à portaria do Hospital Real

Manuel José de Sousa, solteiro, morador no Beco do Jordão às Olarias

Nicolau de Sousa, morador à Bemposta pequena, serve na mesa de mordomo

Pedro de Almeida, morador a Santa Ana

Simão Caetano Nunes, morador na Praça da Alegria, na Travessa da Mãe d'Água, casado com (riscado), serve na mesa de prefeito

Tomás de Brito, morador a S. Lázaro

Veríssimo António de Sousa, solteiro, Rua Direita da Mouraria

Vicente Ferreira, morador na Rua da Inveja

1782

Presidentes

na Ajuda, o nosso irmão António Manuel José Esteves

no Bairro Alto, o nosso irmão Francisco da Silva

em Alfama, Francisco José Gamboa

Conselheiros

1 o nosso irmão Manuel Gonçalves

2 o nosso irmão Manuel Alves

3 o nosso irmão Gregório Madeira

4 o nosso irmão Francisco de Moura

**c. 1788-1792 – Registo do Canhenho
(Bairro do Meio)**

Presidência da Irmandade de S. Lucas –
Bairro do Meio

Passadiço

Pedro Alexandrino
José Joaquim Lobo

Rua da Fé

Cyrillo Volkmar Machado

Salitre

Gaspar José Raposo
Joaquim Marques
Manuel Ignacio

Praça da Alegria

Joaquim da Costa

Barroca

Manuel Macário
José de Sousa Duarte
Luís Baptista
Eusébio Lopes Baptista
Salvador Franco Francisco (?)

Mouraria

José Thomas
José Camilo de Alcântara
António José Ignacio

Rua dos Anjos

António Ferreira
José António
Félix José Ferreira
António Martins

Pena

Francisco de Paula
José Maria

Paço da Rainha

Luís António de Carvalho
Francisco Gomes de Carvalho
António José de Carvalho

Calçada do Lavra

Manuel José da Cruz

S. Lázaro

Francisco João

Este índice foi realizado com base em toda a informação constante do *Livro original*, do *Livro dos Assentos e dos Canhenhos*, além do que incluímos na introdução à leitura da documentação. Nem sempre os nomes pertencentes à Irmandade se encontram lançados pelo escrivão do mesmo modo. Optámos por isso por nos mantermos fiéis ao original e discriminar as várias formas, tendo a consciência que alguns pintores deverão ser os mesmos. Recomendamos a leitura das entradas no contexto em que surgem na documentação para que o investigador possa conferir e determinar com outros dados a verdadeira identidade de cada pintor.

Abreu, António de – 81
 Abreu, João Antunes de – 90
 Abreu, João de – 71, 75, 83, 98
 Abreu, João Nunes de – 48, 85, 87, 105, 107, 108, 129, 139, 148, 168, 169
 Abreu, Luís de – 33
 Abreu, Pascoal de – 139
 Abril, Francisco Paulo – 81, 102, 159
 Afonso VI (D.) – 131, 138
 Aguiar, Agostinho de – 32, 33, 66
 Aguiar, Jerónimo de – 32, 33, 66, 67
 Aguiar, Matias – 149
 Aguiar, Teresa de – 106
 Ala, João dos Santos – 90
 Alberto, Cardeal-Arquiduque – 27
 Alberto, Francisco – 97
 Alcântara, José Camilo de – 123, 176
 Alcântara, Pedro de – 113
 Alfama, António dos Santos – 93
 Almada, Januário José de – 87, 108
 Almeida, Brás de – 72, 76, 77, 80
 Almeida, Caetano de – 50, 79, 99, 134, 159, 166
 Almeida, Cipriano de – 81, 104, 170
 Almeida, Estanislau de – 93
 Almeida, Feliciano de – 38, 44, 73, 74, 77, 78, 98, 138, 142, 158
 Almeida, D. Francisca Teresa de – 63
 Almeida, D. Joana de (tb. D. Joana de Almeida e Andrade) - 149
 Almeida, Joaquim de – 110
 Almeida, Joaquim Manuel de – 120
 Almeida, Joaquim Vicente de – 115
 Almeida, José de – 50, 79, 138
 Almeida, Luís Pedro de – 94
 Almeida, Manuel de – 107
 Almeida, Pascoal de (Capitão) – 138
 Almeida, Pedro de – 116, 175
 Almeida, D. Rodrigo Anes de Sá de Menezes e (3.º Marquês de Fontes) – 141, 144, 145
 Almeida, Sebastião Inácio de – 161
 Almeida, Teodora Margarida de – 116
 Almeida, D. Tomás de (Patriarca de Lisboa) – 141
 Almeida, Valentim de – 51, 59, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 103, 129, 161, 170, 172
 Almeida, Vicência de – 98, 134
 Alonço, Joaquim – 93
 Álvares, Amaro – 76, 101
 Álvares, António – 33
 Álvares, Bernardino – 87, 88, 89
 Álvares, Bernardo – 88
 Álvares, Diogo – 72
 Álvares, Domingos – 70, 72, 107
 Álvares, Fernando – 74
 Álvares, José – 87
 Álvares, Manuel – 33, 66, 67, 69, 72, 74, 92, 93, 94
 Alvenis, Agostinho – 71
 Alves, Amaro – 77, 166, 167
 Alves, Bernardino – 89, 173
 Alves, Bernardo – 107
 Alves, Domingos – 88, 91, 168, 169
 Alves, Eugénio – 158
 Alves, Eugénio Joaquim – 127
 Alves, Francisco – 106
 Alves, João – 73
 Alves, José – 84, 95
 Alves, Manuel – 90, 92, 110, 171, 175
 Alves, Vicente Ribeiro – 94, 95, 120, 125
 Alvigie, Miguel Cosme de (tb. Daluigue ou Daluique) – 93, 119
 Amaral, D. Maria Rodrigues do – 147, 154
 Amaral, Miguel António do – 116
 Ambiveri, P.º Alberto Maria – 129
 Andrade, Álvaro Peres de – 26
 Andrade, Alfredo de – 21
 Andrade, António José de – 93
 Andrade, Fernão Álvares de – 26, 29
 Andrade, P.º Frei Francisco de – 80
 Andrade, D. Joana de (tb. D. Joana de Almeida e Andrade) – 149
 Andrade, Jerónimo de – 90, 91, 92, 93, 94, 112, 114, 124, 170, 175
 Andrade, Luís Álvares de – 31, 33, 66, 67
 Andrade, João Pedro de – 109
 Andrade, José Freire de – 87, 88, 92, 108

Andrade, Manuel de – 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 99, 100, 166, 167
 Andrade, D. Violante de – 26
 André, António – 32
 Ângelo Buonarroti, Miguel – 46, 47
 Ansardi, António (Ansaldi?) – 122
 Antónia, Inês – 132
 Antónia, Teresa – 124, 171
 António, Bento – 122
 António, Francisco – 90, 113, 172
 António, Inácio – 82, 84, 85, 88, 89, 173
 António, Joaquim – 93, 126
 António, João – 123
 António, José – 82, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 106, 122, 168, 169, 174, 176
 António, Luís – 90, 111, 170
 António, Ricardo – 113
 António, Veríssimo – 93, 94
 Antunes, Bastião – 33, 66
 Antunes, Bartolomeu – 156
 Antunes, Diogo – 70
 Antunes, Domingos – 70
 Antunes, Francisco – 33, 66
 Antunes, Gregório – 31, 32, 33, 66
 Antunes, João – 84, 88, 106, 159
 Antunes, José – 77, 78, 84, 99, 120
 Antunes, Manuel – 87, 103
 Antunes, Nicolau – 73, 128
 Antunes, Sebastião – 33, 66
 Anunciada, Madre Brites da – 25, 26
 Apolinário, Francisco – 126
 Aquino, Tomás de – 74, 98, 113
 Aranha, Simão Nunes – 68
 Aranha, Frei Tomás de – 35, 36, 43, 47
 Araújo, Agostinho Pereira de – 116
 Araújo, António José de – 123
 Araújo, Francisco Ferreira de – 55, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 138, 140, 142, 150, 158
 Araújo, Jerónimo Ferreira de – 140
 Araújo, João de – 76, 78, 79, 99, 100, 167
 Araújo, João Coelho de – 140
 Araújo, João Pereira de – 71, 73, 77
 Araújo, José Ferreira de – 49, 55, 60, 75, 78, 79, 80, 81, 83, 101, 130, 140, 141, 150, 160
 Araújo, Pascoal de – 75, 77, 78
 Araújo, Silvestre de – 81, 102
 Arvelos, Silvestre de (tb. Silvestre de Alvelos ou dalvelos) – 69, 70, 71, 75, 77, 78, 166
 Assunção, Ana Maria da – 119, 122, 175
 Assunção, Antónia da – 158
 Assunção, Maria – 152
 Ataíde, João Manuel – 117
 Ataíde, Tristão da Cunha de – 37
 Avelar, Álvaro de – 67
 Aviburgo, Pascoal de – 82
 Ávila, José dos Santos – 92
 Ávila, Manuel da Silveira – 103
 Azevedo, António Correia de – 42
 Azevedo, António José de – 124
 Azevedo, Bernardo de – 124
 Azevedo, Clara de – 139
 Azevedo, D. Maria Genoveva de – 126
 Bacherelli, Vincenzo (tb. Vicente Bacarele) – 82, 129, 132, 133, 134, 139, 145, 148, 157, 162, 163
 Baldem, Luís (tb. Luís Bladem) – 78, 80, 167
 Baluína, Maria – 120
 Bandeira, Jacinto Fernandes – 137, 144
 Banha, André Mendes – 67
 Baptista, Eusébio Lopes – 95, 125, 176
 Baptista, Isabel Inácia – 104
 Baptista, João – 53, 72, 90, 117, 126, 169
 Baptista, Joana – 128
 Baptista, José – 78, 82, 84, 87, 88, 101, 108, 166, 167, 168, 169
 Baptista, Luís – 93, 94, 124, 176
 Baptista, Pedro – 84
 Baptista, Simão – 133
 Barbosa, Elias – 88
 Barbosa, João da Silva – 95, 121, 125
 Barbosa, Julião – 49, 80, 87, 173
 Barbuda, Francisco Pereira de – 73, 164
 Barco, Gabriel del (tb. Gabriel del Barco y Minusca) – 57, 74, 76, 77, 78, 79, 98, 135, 140, 142, 143, 154
 Barco, Manuel del – 142

- Barradas, Bernardo da Costa – 168
 Barreto, Domingos da Costa – 93, 95, 115, 125, 174
 Barreto, Gregório José (o Bernardes) – 93, 118
 Barroca, Manuel da Fonseca – 93
 Barroce, Simão Cardoso Osório – 95
 Barros, Bento de (tb. Bento de Bairós) – 78, 133
 Barros, Eleutério Manuel de – 53, 95, 137, 144
 Barros, Francisco de – 49, 81, 84, 86, 88, 102, 108
 Barros, Joaquim José de – 127
 Barros, José de – 175
 Barros, Pedro de – 83
 Barroso, Manuel Francisco – 90, 91, 92, 113, 171, 173
 Bartolomeu, Afonso – 66
 Bartolomeu, António – 33
 Bastos, P.^e Frei Luís de – 104
 Batoni, Pompeo – 144
 Bernardes, António de Oliveira – 49, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 129, 130, 131, 135, 140, 146, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 167
 Bernardes, José – 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 148, 150, 162, 163
 Bernardes, Inácio de Oliveira – 83, 104, 129, 146, 148, 151, 157, 171
 Bernardes, Policarpo de Oliveira – 82, 107, 146, 157, 158
 Bernardes, Diogo – 31, 33, 66, 67
 Bernardina, Joana – 105
 Bernardo, José – 81, 88, 91
 Binhete, José Carlos – 126
 Borges, José – 98
 Botelho, Felisberto António – 94, 121, 156
 Bragança, D. Catarina de – 41
 Bragança, D. Duarte de – 41
 Brancaccio, Duque de – 157
 Branco, Francisco da Silva Castelo – 93, 118
 Branco, José Maria da Silva Castelo – 93, 119
 Brandão, Caetano – 83, 110, 171
 Brito, D. Catarina de – 125
 Brito, Dr. Diogo de – 47
 Brito, Simão de – 76, 77, 78, 99, 166
 Brito, Tomás de – 93, 175
 Brízida, Vicência Maria – 121
 Cabral, Jacinto de Almeida – 125
 Cadaval, José da Costa – 89, 91, 109
 Caetana, Damásia – 111, 135
 Caetana, Josefa – 112
 Caetana, Maria – 112
 Caetano, Manuel – 81, 117, 135, 167, 171
 Cam, Guilherme da Costa – 85
 Câmara, D. Francisco de Melo Manuel da – 37, 62
 Camões, Luís de – 27, 29
 Campelo, Bento de Sousa – 89, 92, 94, 111, 135, 136, 150, 170, 172, 174
 Campelo, Dionísio – 74
 Campos, António Martins – 123
 Campos, Guilherme da Costa – 106
 Campos, José de – 84, 102, 128, 168
 Campos, Luís Carvalho de – 111
 Caravaggio, Miguel Ângelo da – 47
 Cardenas, Manuel de – 76
 Cardenas, Miguel Mateus de – 58, 74, 75, 140
 Cardoso, Diogo Pereira – 43, 69
 Cardoso, Diogo – 69
 Cardoso, P.^e António – 78
 Cardoso, P.^e Jorge – 53, 68, 72
 Carlos II (Rei de Espanha) – 142
 Carlos V – 26
 Carmo, Félix José do – 124
 Carmo, D. Fortunata Maria do – 127
 Carmo, Severiana Inácia do – 123
 Carneiro, Manuel Velez – 81
 Carneiro, Miguel Avelles – 81, 82, 83, 167
 Carvalho, António Francisco – 80
 Carvalho, António José de – 122, 176
 Carvalho, Eugénio dos Santos de – 53, 89
 Carvalho, Francisco Gomes de – 122, 176
 Carvalho, Jerónima de – 140
 Carvalho, João – 74, 77, 79, 80, 81, 101
 Carvalho, João Baptista – 158
 Carvalho, João Eusébio de – 113
 Carvalho, José António de – 113, 171
 Carvalho, José dos Santos de – 90, 92
 Carvalho, Luís António de – 122, 176
 Carvalho, Manuel – 80, 82, 94, 105, 116, 169, 175
 Carvalho, Mateus – 68

Carvalho, Pascoal de – 158
 Carvalho, Pedro Alexandrino de – 52, 94, 95,
 120, 121, 136, 137, 148, 156
 Castro, Aires de Sousa e – 131
 Castro, André (tb. André de Crasto) – 76, 78, 81,
 82, 85, 101, 166, 167, 168, 169
 Castro, António Ferreira de – 69
 Castro, António Serrão de – 43, 69, 71
 Castro, António Vaz de – 150
 Castro, D. Isabel de – 26
 Castro, Joaquim Machado de – 144
 Castro, D. Joana Madalena de (1.^a Marquesa
 de Fronteira) – 138
 Castro, D. Luís Álvares Pires de (2.^a Marquês
 de Cascais) – 152
 Castro, D. Maria Manuel de – 97
 Castro, D. Miguel de – 31
 Castro, Simpliciana Josefa de – 125
 Catarina de Áustria (D.) – 30
 Cavide, Brás de Pina – 33, 67, 69
 Cerqueira, Amaro de – 99
 Chagas, Fr. Filipe das (tb. Filipe Nunes) – 33
 Chagas, Madre Maria das – 30
 Chaves, João Baptista – 47
 Cidrão, António da Cunha – 78, 100
 Clara, Maria Eugénia – 118
 Clemente, Sebastião – 124
 Coelho, Bento da (tb. Bento Coelho da Silveira) –
 23, 37, 39, 40, 41, 43, 61, 68, 69, 71, 73, 76, 77,
 78, 98, 132, 135, 147, 155, 156, 166, 167
 Coelho, Francisco – 45, 80, 101, 155, 166, 167
 Coelho, João – 74, 155
 Coelho, Joaquim – 131
 Coelho, José – 84
 Coelho, Manuel – 72, 84
 Coelho, Pedro – 74, 75
 Coelho, Salvador – 73, 98
 Coimbra, Francisco de – 72
 Coimbra, Manuel dos Santos – 90, 111, 12, 174
 Coito, Martinho António da Fonseca de – 124
 Colonna, Angel Michele – 162
 Colonnelli (Sciarra?), Salvatore (tb. Salvador
 Colonele) – 109
 Conceição, Domingas Maria da – 110, 171
 Conceição, Luzia da – 125
 Conceição, Maria da – 149 n
 Conceição, Maria Ângela da – 111
 Conceição, Maria Josefa da – 123
 Conceição, Teresa Feliciana Inocência da – 116
 Conceição, Vicência da – 110
 Conrado, João – 66
 Cordeiro, António – 135
 Cordeiro, Pedro – 33, 67
 Correia, António – 68, 149
 Correia, Bernardo – 70
 Correia, Cristóvão – 73
 Correia, Dionísio – 82
 Correia, Eusébio – 105
 Correia, Francisco – 84, 85, 99, 166
 Correia, João – 67, 68, 71
 Correia, José – 82
 Correia, Manuel – 58, 70, 73
 Correia, Matias – 93
 Correia, Pedro – 33
 Cortesão, Francisco dos Santos Botapouco –
 93, 118
 Costa, Agostinho da – 73, 75, 98
 Costa, Antónia da – 147
 Costa, António da – 32, 66, 93
 Costa, António Ferreira da – 85
 Costa, Brás da – 143
 Costa, Domingos da – 79, 82, 84
 Costa, Elias da – 82, 84
 Costa, Elias José da – 106
 Costa, Francisco da – 78, 101, 126, 166, 167
 Costa, Francisco Roiz da – 104
 Costa, Gaspar da – 33
 Costa, Guilherme da – 82, 90
 Costa, Jerónimo da – 76, 78, 79, 85, 98, 132,
 134, 162, 166
 Costa, Joaquim da – 121, 176
 Costa, Joaquim José da – 115
 Costa, Jorge da – 83, 90, 105, 169
 Costa, José Antunes da (Arcediago) – 53, 84
 Costa, José Lúcio da – 119
 Costa, Luís da – 45, 67, 68, 69, 70, 149

- Costa, Madalena da – 140
- Costa, Manuel Coelho da – 82, 103
- Costa, Manuel da – 33, 53, 66, 67, 69, 71, 72, 74, 81, 93, 94, 95, 103, 106, 119, 121, 126, 127, 143, 171
- Costa, Manuel da Silva – 139
- Costa, Sebastião da – 69
- Costa, Teotónio da – 78, 100
- Costa, Tomé da – 69, 71, 160
- Coutinho, D. Joana – 97
- Coutinho, D. Rodrigo Domingos de Sousa (1.º Conde de Linhares) – 144
- Couto, Raimundo do – 50, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 100, 158, 159, 167
- Craesbeeck, Pedro – 28
- Crisóstomo, João – 91, 93, 168, 171
- Crisóstomo, P.º João – 119
- Cruz, Apolinário de Almeida e – 94
- Cruz, Félix da – 83
- Cruz, Francisco da – 33, 66
- Cruz, Inácio António da – 92, 105
- Cruz, José da – 76, 78, 81, 100, 109, 122
- Cruz, Luís Pedro de Almeida e – 119, 175
- Cruz, Manuel José da – 176
- Cruz, Marcos da – 23, 37, 39, 40, 58, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 130, 133, 135, 140, 142, 147, 154, 155
- Cruz, Teles de Almeida e – 95
- Cunha, D. António Álvares da – 44, 139,
- Cunha, António da – 78, 101, 168
- Cunha, Domingos da (tb. Domingos da Cunha, o *Cabrinha*) – 161
- Cunha, Lourenço da – 51, 59, 89, 90, 91, 92, 110, 113, 114, 148, 151, 158, 171, 174
- Cunha, Gabriel da – 101
- Cunha, Salvador Ribeiro da – 71
- Cunha, Simão Caetano da – 125
- Cuoco, José Francisco del – 94, 121
- Cuoco, Miguel Rodrigo del – 95, 124
- Cuquier, Francisca Maria – 102
- Delgado, Francisco Bezerra – 75
- Denis, Francisco Xavier – 92
- Denis, Manuel – 111
- Deus, Soror Brites da Madre de – 27
- Devisme, Gérard (tb. Gérard De Visme) – 137, 146, 160
- Dias, António – 76, 78, 79, 80, 99, 167
- Dias, Domingos Mendes – 137
- Dias, Gaspar – 61
- Dias, João Mendes – 124
- Dias, Joaquim José – 93
- Dias, Manuel – 81, 85, 88, 89, 91, 102
- Diniz, João – 71
- Diniz, Narciso José – 123
- Diogo, António – 92
- Dionísio, Francisco – 91, 112, 171
- Duarte, Bernardo de Sousa – 109, 174
- Duarte, Domingos – 136, 137
- Duarte, João – 105
- Duarte, José de Sousa – 123, 176
- Duarte, Manuel – 70
- Duarte, Silvério Manuel – 116
- Duarte, Simão – 33, 67, 68,
- Duarte, Ventura – 92, 126
- Duprà, Giorgio Domenico (tb. Domingos do Pra) – 83, 86, 105, 141, 144, 145,
- Encarnação, Soror Inês da – 98
- Encarnação, Josefa Maria da – 85
- Encarnação, Manuel da – 87
- Encarnação, P.º Fr. Manuel da – 81, 102
- Esterni, Ludovico – 137
- Esteves, António Manuel José – 175
- Esteves, João – 74, 76, 80, 98
- Esteves, Manuel – 99
- Esteves, Paulo – 70, 71
- Estrada, João Domingues – 118
- Estrela, P.º Fr. Manuel da – 83
- Eusébio, João – 171
- Évora, João Pereira de – 75
- Falcato, Luís Gomes – 55, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 97, 98, 158
- Faria, Aleixo de – 71, 72
- Faria, André Leitão de – 43, 76
- Faria, Sebastiana Maria – 108
- Faria, Vicência de – 138
- Farinha, António Pereira – 84, 85, 89, 105, 173
- Faro, Raimundo Gomes de – 80, 101

Felícia, Catarina – 112
 Fernandes, Bartolomeu – 67
 Fernandes, João Baptista – 69, 72, 76
 Fernando II (D.) – 21
 Ferraz, Francisco – 33
 Ferreira, Agostinho – 85, 104
 Ferreira, António – 33, 67, 80, 81, 84, 93, 99, 101, 105, 122, 176
 Ferreira, Domingos – 58, 69, 70, 71, 72
 Ferreira, Estêvão – 82, 84
 Ferreira, Esteves – 103
 Ferreira, Francisco – 73, 77, 166
 Ferreira, Félix José – 122, 176
 Ferreira, Fulgêncio – 102
 Ferreira, Henrique – 78, 79, 80, 100, 146, 167
 Ferreira, Jerónimo de Barros – 93, 119
 Ferreira, João – 73
 Ferreira, José Francisco – 93, 118
 Ferreira, Julião – 100, 103
 Ferreira, Manuel – 83, 84
 Ferreira, Martinho – 113
 Ferreira, Pascoal – 82, 90, 103, 171
 Ferreira, Pedro – 104
 Ferreira, Roque – 68, 69, 70
 Ferreira, Sebastião Gomes – 161
 Ferreira, Sebastião José – 126
 Ferreira, Simão – 149
 Ferreira, Teodoro – 82, 84
 Ferreira, Vicente – 78, 99, 109, 113, 169, 172, 175
 Ferrel, Alberto Magno – 120
 Ferri, Orazio (tb. Orasio Ferreira) – 108
 Fialho, Manuel – 125
 Fidie, Manuel António – 114
 Figueira, Pedro – 130
 Figueiredo, Manuel de – 32
 Filipe II de Portugal (D.) – 54, 66
 Filipe V (Rei de Espanha) – 141
 Firme, Margarida Rosa – 120
 Flores, Manuel de Lima – 55, 70, 71
 Floriano, Agostinho Soares – 42
 Fonseca, António Pereira da – 85
 Fonseca, António Tomás da – 21
 Fonseca, Belchior da – 72, 73, 74, 75, 97
 Fonseca, Domingos da – 106
 Fonseca, João – 79, 81
 Fonseca, Manuel da – 79, 80, 101, 169
 Fonseca, Margarida da – 129
 Fonseca, Miguel da – 54
 França, João Baptista de – 58, 68
 França, Luís Travaços – 79
 Francisca, Ângela – 149
 Francisco, Anacleto – 93, 119
 Francisco, André – 33, 66
 Francisco, António – 68, 77, 78, 83, 92, 104, 111, 114, 135
 Francisco, Domingos – 78, 100
 Francisco, Duarte – 118
 Francisco, João – 117
 Francisco, José – 108
 Francisco, Manuel – 49, 50, 78, 80, 81, 83, 84, 99, 107, 110, 141, 167, 172, 173, 174
 Francisco, Salvador – 126
 Francisco, Salvador Franco – 176
 Francisco, Simão – 33
 Franco, P.^e António – 161
 Franco, António de Freitas – 71
 Franco, Baltazar dos Reis – 99
 Franco, Hilário – 100
 Franco, Manuel – 75, 77, 78
 Franco, Sebastião da Silva – 86, 87, 90, 91, 106, 170
 Freire, Francisco José – 44
 Freire, José – 173
 Freire, José de Sequeira – 81, 99
 Freire, Manuel – 78
 Freitas, António de – 69, 70, 74, 78, 80, 97, 98, 149, 166
 Freitas, Constância Jacinta de – 118
 Freitas, Estêvão de – 79, 106, 168
 Freitas, Francisco de – 73, 74, 77, 81, 98, 166, 167
 Freitas, João Baptista de – 90, 112
 Freitas, José de – 97
 Freitas, José Vicente de – 107
 Freitas, Luís de – 73, 98
 Freitas, Manuel dos Santos – 126
 Freitas, Nicolau de – 107, 131, 155, 156, 158

Freitas, Pedro de – 72
 Frias, Luís de – 33, 67
 Frio, Pedro de Monte – 69
 Fróis, D. Joana – 101, 171
 Frutuoso, Manuel – 97
 Furtado, Paulo da Costa – 115
 Gabbiani, Antonio Domenico – 162
 Galli-Bibiena, Giovanni Carlo Sicinio – 139
 Galvão, José Pereira – 134
 Galvão, Manuel – 49, 80, 81, 84, 102, 130
 Galvão, Manuel Pereira – 85, 134
 Gamboa, Francisco José – 175
 Garcia, Agostinho Ferreira – 89
 Garcia, Francisco Leal – 144
 Garcia, Manuel Gualdino (tb. Graça) – 111
 Gastão, Francisco de Matos – 95
 Gelhoz, Estêvão (tb. Estêvão Gellos) – 73, 76
 Gertrudes, D. Joaquina – 126
 Gherardini, Alessandro – 162
 Giusti, Alessandro – 144
 Gomes, António – 33, 67, 69
 Gomes, António José – 90, 110
 Gomes, Cipriano – 87, 88, 89, 92, 108, 170, 173
 Gomes, Fernão – 28, 29, 32, 61, 66
 Gomes, Filipe – 82, 85, 103
 Gomes, Jerónimo – 51, 90, 91, 114, 115, 174
 Gomes, Joaquim José – 89, 111
 Gomes, José Joaquim – 94, 95, 120
 Gomes, José Tomás – 125
 Gomes, Luís – 71, 77, 167
 Gomes, Manuel – 124
 Gomes, Manuel Joaquim Leão – 93, 94, 120
 Gomes, Pedro – 78
 Gomes, Pedro António – 126
 Gonçalves, André – 49, 51, 61, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 102, 103, 104, 105, 114, 128, 141, 147, 156, 161, 170, 171, 173
 Gonçalves, António – 66, 74, 83, 92, 170, 172
 Gonçalves, Francisco – 93
 Gonçalves, João – 68, 69
 Gonçalves, José – 49, 81, 85, 91, 101, 116, 122, 171, 172, 175
 Gonçalves, Manuel – 87, 107, 175
 Gonçalves, Manuel José – 90, 170
 Gonçalves, Simão – 72
 Gouveia, Francisco Coelho de – 49, 73, 76, 77, 78, 155
 Gouveia, Leonardo de – 85, 87
 Graça, Joana Maria da – 108
 Gregório, Manuel – 124
 Gresbante, João – 23, 68, 69, 70, 147
 Gualtieri, Rosa – 109
 Guedes, Agostinho José – 93
 Guedes, Delfim – 21
 Guilherme, João – 93
 Gusmão, Alexandre de – 146
 Gusmão, José Gresbante de – 72, 75, 147, 148
 Henriques, Francisco Xavier Vieira – 52
 Henriques, Joaquim José – 124
 Henriques, Julião – 71, 72, 73
 Henriques, Manuel – 78
 Henriques, Matias (Grande) – 72
 Henriques, Paula – 161
 Henriques, Teodoro Ferreira – 86, 103
 Holstein, Marquês de Sousa – 21
 Isabel Farnese (Rainha de Espanha) – 141
 Isabel Luísa Josefa (D.) – 38, 41
 Inácia, Francisca – 110
 Inácia, Maria – 115, 116, 125
 Inácio, António – 125
 Inácio, António José – 123
 Inácio, Manuel – 93, 144
 Inês, Jacinta – 110, 151, 171
 Jacinta, Margarida – 124
 Jacinta, Maria – 111
 Jacinta, Mónica – 114
 Janoefa, Maria – 120
 Jesus, D. Ana Efigénia de – 126
 Jesus, Ana Engrácia Maria de – 118
 Jesus, Ana Teresa de – 121
 Jesus, Francisca Teresa de – 171
 Jesus, Joana Teresa de – 112
 Jesus, Joaquina Teresa de – 114
 Jesus, D. Luísa Leocádia de – 127
 Jesus, Luzia Maria de – 100, 162
 Jesus, Madre Soror Maria de – 26

Jesus, Manuel de – 78, 100, 101, 167
 Jesus, D. Maria de – 123
 Jesus, Maria Rosa Joaquina de – 117b
 Jesus, Maria Teresa de – 118
 Jesus, Teresa de – 117, 152
 Jesus, Teresa Maria de – 111, 172
 Joana, Caetana Maria – 126
 João III (D.) – 25, 26, 46
 João IV (D.) – 35, 41, 42, 43, 55, 149
 João V (D.) – 18, 51, 62, 132, 141, 144, 145, 146, 159, 162
 João VI (D.) – 17, 137
 João, Francisco – 122
 João, Salvador – 67, 68
 Joaquim, António – 123
 Joaquim, António dos Santos – 92, 112, 139
 Joaquim, Francisco José – 125
 Joaquina, Ana – 111, 117, 160
 Joaquina, Ana Maria – 107
 Joaquina, Ana Rita – 125
 Joaquina, Cecília Maria – 117
 Joaquina, D. Joana – 115
 Joaquina, D. Maria – 121
 Jorge, João – 72
 José I (D.) – 141
 José, Álvaro – 90, 109
 José, António – 109, 112, 173
 José, Bernardo – 105, 171
 José, Caetano – 116
 José, Constâncio – 93
 José, Diogo – 93, 110, 170, 171
 José, Félix – 104
 José, Francisco – 92, 116, 118, 175
 José, Henrique – 117
 José, João – 111
 José, Manuel – 91, 114, 171, 172
 José, Martinho – 92
 José, Miguel – 122
 José, Paulo – 95
 José, Pedro – 95
 José, Ricardo – 125
 José, Simpliciano – 120
 José, Tomás – 81, 84, 85, 102
 Josefa, Ana Teresa – 113, 171
 Josefa, Catarina – 105
 Josefa, Margarida – 119
 Josefa, Maria – 120, 149
 Josefa, Úrsula – 122
 Juarra, Filippo – 141, 144
 Lage, Paulo Freire Correia – 123
 Lage, Vicente Correia – 120, 121
 Lago, António Pereira do – 75
 Lago, António Pinheiro do – 77
 Lara, D. Maria Guadalupe de Lencastre Cardenas Manrique de (6.^a Duquesa de Aveiro) – 53, 70, 129
 Lastrosa, António de (tb. António de Lastrosas) – 70, 75, 129, 139, 140
 Laureano, Martinho José – 91, 136, 174
 Le Brun, Charles – 39
 Le Fabure, Jean – 39
 Leitão, António Gomes – 72, 73, 74, 75, 77, 99
 Leitão, João de Freitas – 114
 Leitão, Julião Barbosa – 80, 84, 86, 88, 101, 170, 171
 Leocádia, Engrácia – 113
 Leocádio, José – 93
 Leoni, Manuel José – 93, 118
 Leonor, Helena – 121
 Lencastre, D. Pedro de (5.^a Conde de Vila Nova de Portimão) – 160
 Le Seur, Hubert – 39
 Liorne, Manuel José – 93
 Lima, D. Antónia Henriqueta – 121
 Lima, António Garcia de – 109
 Lima, António Roiz de – 78, 79, 80
 Lima, Francisco António – 93, 115
 Lima, José Guterres de – 155
 Lima, Luís de Brito – 116
 Lima, Manuel – 50
 Lima, Manuel Inácio de – 125
 Lima, Manuel dos Santos – 116, 175
 Lima, D. Margarida de – 37
 Lisboa, Bruno José da Cruz – 125
 Lobato, António – 32, 33, 66
 Lobo, António – 49, 55, 59, 80, 81, 82, 101, 102, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 145

- Lobo, Filipe – 71, 72, 130, 139, 140
 Lobo, Francisco – 75, 140
 Lobo, Francisco Xavier – 93, 115, 129, 174
 Lobo, Joaquim José – 91, 92, 114, 129
 Lobo, José Joaquim – 94, 95, 121, 129, 176
 Lobo, Miguel – 50
 Lopes, António Gonçalves – 86
 Lopes, Eusébio – 93, 95
 Lopes, Francisco – 83, 84, 99, 109, 174
 Lopes, Gaspar – 69
 Lopes, João – 93, 118
 Lopes, Manuel – 79, 83, 106
 Louredo, António de Oliveira de – 74, 98, 131, 142
 Loureiro, João de Deus Moreira de – 95
 Ludovice, João Frederico – 53, 82
 Luís XIV – 39
 Luís, António – 33, 67
 Luís, Manuel – 66
 Lutti, Benedetto – 141, 146
 Luz, Paulo da Bella – 73, 74, 97
 Macário, Manuel – 95, 122, 176
 Macedo, Amaro de Freitas de – 80
 Macedo, António de Sousa de – 84, 103
 Macedo, Duarte Ribeiro de – 38, 39
 Macedo, José de Barros de – 117
 Machado, António – 79, 84, 85, 100, 132, 166
 Machado, Cyrillo Volkmar – 17, 18, 19, 20, 21, 44,
 48, 51, 52, 64, 93, 94, 95, 121, 122, 129, 132, 133,
 134, 136, 137, 139, 144, 146, 147, 148, 150, 156,
 160, 174, 176
 Machado, Diogo – 33, 66
 Machado, Francisco – 74
 Machado, Gaspar Fróis de – 53, 94, 137, 144
 Machado, Manuel – 49, 78, 101
 Machado, Vicente – 66
 Madalena, Josefa – 105, 171
 Madalena, Maria – 104
 Madeira, Gregório – 51, 90, 91, 92, 93, 114,
 172, 175
 Madeira, P.^e António – 53, 73, 75, 81
 Magalhães, João Monteiro de – 67
 Manuel I (D.) – 25
 Manuel, Luís – 124
 Manuel, Silvério – 159
 Maria Ana de Áustria (D.) – 50, 157, 159, 162
 Maria Bárbara de Bragança (D.) – 145
 Maria Francisca de Sabóia (D.) – 128, 131
 Maria Sofia de Neuburgo (D.) – 75, 131
 Maria Teresa (D.) Infanta – 144
 Maria, Ana – 114, 120, 147
 Maria, Antónia – 137
 Maria, Arcângela – 148
 Maria, Catarina – 106, 109
 Maria, Eugénia – 102, 110
 Maria, Francisca – 171
 Maria, Inácia – 113
 Maria, Isabel – 106, 171
 Maria, Joana – 103, 106, 111, 116, 152, 171
 Maria, Joaquina – 120, 125
 Maria, José – 126, 176
 Maria, Josefa – 106, 124, 172
 Maria, Teodora – 172
 Maria, Tomásia – 106, 171
 Maria, Vitorina – 114
 Marques, António – 90, 94, 110
 Marques, Domingos – 140
 Marques, Francisco – 160
 Marques, Inácio – 160
 Marques, Januário – 93
 Marques, Joaquim – 126, 144, 176
 Marques, Joaquim António – 94
 Marques, Santos – 74, 76, 159, 166
 Martins, António – 123, 176
 Martins, Francisco – 166
 Martins, Pedro – 66
 Mascarenhas, Fernão Martins (2.^o Conde
 de Óbidos) – 149
 Mascarenhas, D. João (1.^o Marquês de Fronteira) –
 62, 135, 155
 Mata, Duarte de Sousa Correia da – 72
 Mata, Francisco da – 53, 71, 78, 97
 Mateus, Miguel – 71
 Matos, André de – 74
 Matos, Francisco Vieira de (tb. Vieira Lusitano) –
 44, 61, 63, 105, 129, 141, 144, 146
 Matos, José de – 87, 107, 128, 155

- Matos, José Teixeira de – 71
- Matos, Manuel José de – 115
- Matos, Miguel de – 33, 66
- Matoso, Damião – 76, 77, 78, 167
- Matoso, Francisco Xavier – 93
- Mattei, Paolo – 146
- Medici, Cosme de (Grão-Duque da Toscana) – 138
- Meesen, Félix da Costa (tb. Félix da Costa de Almeida e Félix da Costa) – 18, 45, 46, 47, 49, 55, 58, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 97, 99, 100, 135, 138, 142, 149, 154, 158, 166, 167
- Meireles, Inácio – 89, 90, 92, 93, 112
- Melhor, Marquês de Castelo – 160
- Melo, António da Silva de – 108
- Melo, D. Garcia de (Monteiro-mor) – 47
- Melo, José de – 49
- Melo, Tomás de Aquino e – 74
- Mendes, Agostinho – 99, 166
- Mendes, Cristóvão – 76
- Mendes, Francisco – 90, 91, 100, 112, 158, 169, 172
- Mendes, Gaspar – 33
- Mendes, José – 67, 72, 73, 75, 97, 98
- Mendes, Manuel de Sequeira – 80, 81, 102, 169
- Mendes, Romão – 33, 67
- Mendes, Salvador – 33
- Mendonça, Ana Teresa – 113, 171
- Menezes, D. Brites de – 25
- Menezes, D. Catarina Maria de (1.ª Condessa de Mesquitela) – 138
- Menezes, D. Fernando de (2.º Conde de Ericeira) – 25
- Menezes, D. Francisco Xavier de (4.º Conde de Ericeira) – 38, 152
- Menezes, D. Henrique de (5.º Senhor do Lourical) – 26
- Menezes, D. Henriqueta Júlia Lorena e (2.ª Duquesa de Lafões) – 121
- Menezes, D. João de – 25
- Menezes, D. Joana de – 37
- Menezes, D. José de (Bispo do Algarve) – 139, 151
- Menezes, Luís César (Provedor dos Armazéns) – 139
- Menezes, D. Luís de (3.º Conde de Ericeira) – 26, 37, 38, 39, 43
- Menezes, D. Luísa Joaquina Lucas de – 116
- Menezes, Capitão D. Manuel de Melo César de – 111
- Mengs, Anton – 137
- Mesquita, Gonçalo de – 75, 76, 80, 81, 82, 98, 130, 132, 145, 166
- Mesquita, José António – 124
- Mesquita, Manuel Freire de – 106
- Mesquita, Rodrigo António de – 88, 89, 107
- Micaela, Ana – 110
- Micaela, Inês – 114
- Micaela, Margarida – 103
- Miranda, Ana de – 87
- Miranda, Ana Joaquina de – 107
- Miranda, Brás Pereira de – 154
- Miranda, Henrique de Sousa de – 88, 104
- Miranda, João de Mesquita de – 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 102, 156
- Miranda, Manuel de – 73, 75
- Miranda, D. Maria de Aguiar de – 152
- Mitelli, Agostino – 162
- Moniz, Francisco – 93
- Montagu, Edward (Earl of Sandwich) – 138
- Monte, Manuel do – 76, 77, 78, 80, 166, 167
- Monteiro, André – 126
- Monteiro, P.º António Madeira – 80, 97,
- Monteiro, Clara – 81
- Monteiro, Manuel – 50, 124
- Monteiro, Doutor Pedro – 102
- Morais, Belchior de – 73
- Morais, Félix – 112
- Morais, Francisco de – 72
- Morais, João de – 71
- Morales, André de – 66
- Morata, Isabel Maria – 120
- Moreira, Bastião – 33, 66
- Moreira, João de Deus – 94, 95
- Moreira, Pedro – 70
- Moreira, P.º Manuel Monteiro – 97
- Mota, João da – 73
- Moura, António de – 32

Moura, Francisco de – 90, 92, 112, 170, 174, 175
 Nápoles, D. Tomás de Noronha (pai) – 47, 75
 Nápoles, D. Tomás de Noronha (filho) – 47
 Narciso, Anacleto José – 94, 95
 Narciso, José – 95, 123
 Narciso, José António – 94, 95, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 148, 151
 Narciso, Feliciano (tb. Feliciano Narciso da Silva) – 60, 88, 89, 90, 91, 108, 112, 139, 148, 151
 Nascimento, António Gonçalves do – 113
 Negreiros, José da Costa – 92, 111, 156
 Negreiros, Manuel da Costa – 90, 170, 172
 Néri, Filipe – 84, 106, 172
 Neto, José – 76
 Neves, Agostinha das – 142, 143
 Neves, Domingos das – 50
 Neves, José António – 91, 112, 170, 174
 Nobre, João de Deus – 105
 Nobre, Luís – 93
 Nobre, Marcelino Francisco José – 115
 Nogueira, Domingos – 33, 72, 97, 98
 Nogueira, José – 81, 82, 86, 104
 Noronha, D. António de – 29
 Noronha, D. Brites de – 27
 Noronha, D. Catarina de – 27
 Noronha, D. Diogo de (8.º Conde de Vila Verde) – 144
 Noronha, D. Francisco de (2.º Conde de Linhares) – 27, 29
 Noronha, D. Joana de – 28
 Noronha, D. Margarida de – 27, 28
 Noronha, D. Maria de – 27
 Nunes, Amaro – 74
 Nunes, António – 78, 100
 Nunes, Caetano – 82
 Nunes, Domingos – 93, 117, 146, 174
 Nunes, Filipe (tb. Filipe das Chagas) – 33, 34
 Nunes, Francisco – 68, 91
 Nunes, Lourenço – 59, 71, 76, 77, 98
 Nunes, Luís – 67
 Nunes, Manuel – 72, 76, 77, 78, 80, 85, 166, 167
 Nunes, Pedro – 33
 Nunes, Simão Caetano – 59, 89, 91, 92, 111, 115, 116, 144, 146, 159, 172, 175
 Nunes, Vicente – 50, 81, 82, 103, 134, 159
 Oliveira, Alberto de – 84, 109, 171
 Oliveira, Antónia Joaquina de – 123
 Oliveira, António de – 72
 Oliveira, Brás de (tb. Brás de Oliveira Velho) – 51, 55, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 102, 107, 130, 136
 Oliveira, Fernando José de – 93
 Oliveira, Francisco de – 93, 94, 119
 Oliveira, Leonardo de – 135
 Oliveira, Luís de – 74
 Oliveira, João Pedro – 146
 Oliveira, João Ricardo de – 113
 Oliveira, José de – 93, 108
 Oliveira, Manuel Roiz de – 85, 88
 Oliveira, Pedro de – 99
 Oliveira, Pedro Baptista de – 100
 Oliveira, Sebastião de – 113, 172
 Pacheco, Caetano Nunes – 84, 104
 Pacheco, Domingos – 31, 32, 33, 66
 Pacheco, Leonardo – 73
 Pacheco, Manuel Nunes – 99
 Pacheco, Santos – 160
 Pais, Francisco – 93
 Paiva, António de – 69, 71, 72, 73, 76, 97
 Paiva, Fernão Álvares de – 38, 44, 73, 129, 139
 Paiva, Isabel de – 26
 Paiva, João de – 68
 Paiva, Miguel de – 31, 32, 33, 66
 Paiva, Sebastião Teixeira e – 93
 Paixão, Manuel da – 93
 Palma, Estêvão da – 82
 Parodi, José António – 125, 156
 Patrício, Joaquim – 94
 Paula, Francisco de – 122, 176
 Paula, Vicente de – 94, 95
 Paulino, Matias José – 123
 Paulo, Francisco – 50, 81, 84
 Paz, Gabriel da Silva – 69, 70
 Paz, Lourenço da Silva – 49, 79, 80, 81, 100, 135, 159

Paz, Manuel da Silva (tb. Manuel da Paz e Silva) – 72, 97
 Paz, Teodoro da Silva – 48, 82, 83, 84, 85, 104, 105, 106
 Pedro II (D.) – 37, 47, 63, 131, 146, 149, 152
 Pedro, Inácio – 116
 Pedro, Luís – 93
 Pegado, Bernardo Pereira – 90, 108, 156, 169
 Pegado, João Pereira – 80, 82, 101, 132, 134, 148, 150, 162
 Peixoto, Manuel – 77, 100
 Peixoto, Pedro – 79, 100, 134
 Penha, Jerónimo da – 73
 Penha, João de la – 97
 Penha, Lázaro da – 76
 Penha, Manuel da (tb. Manuel de la Penha) – 50, 75, 76, 78, 81, 159, 166, 167, 168
 Pereira, Ana de Sousa – 135
 Pereira, António – 33, 55, 67, 68, 74, 75, 82, 89, 98, 99, 103, 129, 132, 133, 167, 170, 173
 Pereira, António Bernardo – 92
 Pereira, Fernão Roiz de Brito – 40
 Pereira, Florêncio – 75
 Pereira, Francisco – 91, 135
 Pereira, Francisco Pinto – 84, 85, 87, 90, 92, 134
 Pereira, Gabriel – 23, 37, 69, 71, 72, 73, 97
 Pereira, Guilherme Bernardo – 126
 Pereira, João – 76, 78, 79, 93, 113, 166, 167, 175
 Pereira, José Joaquim – 127
 Pereira, José da Silva – 75
 Pereira, Luzia – 79, 81
 Pereira, Manuel – 33, 74, 76, 77, 80, 81, 84, 87, 98, 99, 103, 115, 152, 153, 166, 167
 Pereira, Manuel Caetano – 86, 102
 Pereira, Manuel Paz – 80
 Pereira, Manuel de Sousa – 81, 99
 Pereira, Mateus – 71
 Peres, André – 32
 Peres, Francisco – 33
 Peres, Gonçalo – 68
 Perpétua, D. Maria – 126
 Pestana, Francisco – 70
 Piedade, P.º Fr. Francisco da – 78
 Piedade, Maria da – 123
 Pimenta, António – 82, 84
 Pimenta, Isabel – 114
 Pina, Brás de – 23, 68
 Pinheiro, Amaro – 58, 59, 74, 77, 80, 83, 97, 128, 141, 168
 Pinheiro, André – 32
 Pinheiro, Brás – 67, 149
 Pinheiro, José – 68
 Pinheiro, Manuel João – 100
 Pinho, P.º Pedro Paulo e – 102
 Pinto, P.º Félix da Costa – 171
 Pinto, Francisco – 83, 84, 106, 171, 173
 Pinto, Manuel – 83, 91, 105, 172
 Pinto, Nicolau Correia – 89
 Piola, Domenico – 157
 Pires, José Patrício – 93
 Pires, Manuel – 71
 Plácido, Francisco Correia – 76
 Plácido, José Correia – 84, 86, 87, 88, 89, 106, 173
 Poizão, Joaquim José – 123
 Pontes, Nicolau de – 32, 33, 66
 Poppe, Elias Sebastião (Capitão) (tb. Sebastião Elias Pope) – 53, 89, 112, 189
 Portugal, D. Isabel de – 26, 27
 Portugal, D. Lucas de – 44
 PMP, Mestre – 153, 160
 Pretti, Mattia – 47
 Queiroz, D. Helena Micaela – 112
 Quintela, Barão de – 137
 Quitéria, Cecília Caetana – 115
 R., José – 93
 Ramalho, José António – 92
 Ramos, António – 32, 33, 66, 67, 68, 69, 72
 Ramos, Domingos Roiz – 83
 Rangel, António – 74
 Raposo, Gaspar José – 95, 122, 144, 160, 176
 Ravasco, António Pereira – 50, 76, 77, 81, 132, 133, 135, 142, 153, 154, 167
 Rebelo, Domingos Gomes – 97
 Rebelo, José de Avelar – 35, 42, 43, 55, 68, 148, 149
 Rêgo, Domingos do – 73, 74, 97

Reinoso, André – 55, 67
 Reis, Gaspar dos – 67
 Reis, Manuel dos – 49, 77, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 99, 101
 Reis, Maria dos – 171
 Reis, Simeão Gomes dos (tb. Simão Gomes dos Reis) – 114, 148
 Resende, Tomé da Costa (tb. Tomé da Costa) – 43, 55, 161
 Ressurreição, Páscoa da – 79
 Ribeira, Luísa – 139
 Ribeiro, António – 69
 Ribeiro, António Simões – 85, 103, 134, 136
 Ribeiro, João – 33, 66
 Ribeiro, João Crisóstomo – 87, 106
 Ribeiro, José – 72
 Ribeiro, Luís – 71
 Ribeiro, Fr. Luís – 73
 Ribeiro, Manuel – 50, 68, 78, 91, 94, 95, 110, 159
 Ribeiro, Mateus – 78, 81, 85, 99, 167, 168
 Ribeiro, Salvador – 69
 Ribeiro, Sebastião – 33, 66
 Ribeiro, Silvestre – 82, 85, 103
 Ribeiro, Vicente – 94
 Ricardo, Francisco José – 93
 Rifarto, António Vital – 107
 Rinha, António da – 50
 Roberto, José – 123
 Robinson, John Charles – 20, 21
 Rocha, Félix José da – 146
 Rocha, Francisco José da – 94
 Rocha, Joaquim Manuel da – 91, 92, 114, 137, 156
 Rocha, Manuel Martins da (Cónego) – 53, 79, 158
 Rocha, Vicente Paulo da – 120
 Rodes, Francisco de – 121
 Rodes, João – 93
 Rodrigues, António – 33, 50, 71
 Rodrigues, Domingos – 70, 105
 Rodrigues, Francisco – 50, 69, 84
 Rodrigues, Gervásia Maria – 145
 Rodrigues, João – 71, 78
 Rodrigues, Manuel – 50, 70, 80, 99, 102
 Rodrigues, Miguel – 93

Rodrigues, Pedro – 68, 70
 Roiz, António (tb. António Rodrigues) – 33, 66, 161
 Roiz, Domingos – 168, 169
 Roiz, Francisco – 78, 81, 82, 83, 85, 86
 Roiz, Manuel – 80, 81, 82, 83, 88, 92, 149, 166, 168
 Roiz, Maria – 103, 134, 170
 Roiz, Simão (tb. Simão Rodrigues) – 33, 66
 Rolim, António Pimenta – 85, 88, 103, 130, 133, 170
 Rolim, D. João (17.ª Senhor de Azambuja) – 138
 Romanet, Anastácia Teresa – 104, 171
 Romanet, Michaela Arcângela – 146
 Romão, Joaquim – 126
 Rosa, Ana Joaquina – 114, 124, 175
 Rosa, Ana Vitorina – 123
 Rosa, Arcângela – 125
 Rosa, Domingos da – 91, 93, 94, 95, 116
 Rosa, Domingos Lopes – 35
 Rosa, Helena – 111
 Rosa, Isidora Joaquina – 124
 Rosa, Joana Catarina – 107, 155
 Rosa, Joana Jacinta – 112
 Rosa, Joana Joaquina – 115
 Rosa, José António da – 109
 Rosa, José Carvalho – 110, 139, 168, 171
 Rosa, José Conrado – 95
 Rosa, Luísa Maria – 111
 Rosa, Marcelina Teresa – 110
 Rosa, Maria – 125, 126
 Rosa, Teresa – 121, 157
 Rosário, Joana Coutinha do – 110
 Rubens, Peter Paul – 157
 S. Agostinho, Soror Mónica de – 98
 S. Ana, Margarida Josefa de – 114
 S. Boaventura, José de – 93
 S. João, Madre Catarina de – 27, 28
 S. José, João Baptista de – 120
 S. José, Maria Bárbara – 122
 S. Paulo, Soror Margarida de – 27
 S. Payo, Joaquim José de – 121
 S. Teresa, Bernarda Isabel de – 118
 Sacramento, Soror Antónia do – 98

Sacramento, Catarina Clara do – 116
 Salazar, Josefa Valentina – 125
 Saldanha, D. Manuel de – 42
 Sanches, Malaquias Amado – 124
 Santarém, Visconde de – 137
 Santo, Ana Teotónia do Espírito – 117
 Santo, Páscoa do Espírito – 151
 Santos, Antónia Maria dos – 163
 Santos, António dos – 73, 90, 92
 Santos, António Vilela dos – 91, 92, 114
 Santos, Eugénia dos – 108
 Santos, Francisco dos – 93, 118
 Santos, Inácia Margarida dos – 123
 Santos, Joana Maria dos – 102, 171
 Santos, João dos – 76, 87, 88, 108, 173
 Santos, José dos – 171
 Santos, Josefa dos – 111
 Santos, Luzia dos – 110, 171
 Santos, Manuel dos – 50, 70, 72, 76, 79, 80, 100, 109, 118, 143, 152, 153, 154, 173
 Santos, Don Manuel dos – 82, 83, 84, 86, 87, 103, 153, 154
 Santos, Manuel Pereira dos – 85, 87, 98, 107, 153
 Santos, Miguel dos – 58, 59, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 99, 128, 167
 Santos, Teotónio dos (tb. Teotónio dos Santos da Fonseca) – 83, 104, 131, 158, 160
 Santos, Vitorino dos – 93
 Sanzio, Rafael – 47
 Sapeiro, António Machado – 59, 79, 81, 132, 134, 162
 Saradas, Bernardo da Costa – 107
 Saraiva, Joaquim José Caetano – 125
 Sardinha, João Pedro – 105
 Sequeira, Bernardo de – 101, 136, 137
 Sequeira, Manuel de – 85
 Semedo, João Curvo – 157
 Sena, Bernardo Alves de – 86, 87
 Sena, Teresa Antónia de – 113
 Sepúlveda, Manuel Antunes – 85
 Sereno, José Álvares – 87, 88
 Sereno, José Alves – 87
 Serra, António da – 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 98, 99, 100, 101, 102, 132, 134, 141, 150, 159, 163, 166
 Serra, Vitorino Manuel da – 59, 61, 62, 82, 86, 88, 89, 104, 109, 110, 111, 112, 133, 134, 162, 163
 Serrão, António – 71
 Serrão, Domingos Vieira – 19, 31, 33, 50, 66
 Serrão, Eugénio de Frias – 19, 20
 Setúbal, João Roiz de – 33, 66
 Silva, António da – 83, 155
 Silva, António Caetano da – 89, 91, 92, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 139
 Silva, António José da – 119, 127
 Silva, António Pereira da – 83, 84, 89, 92, 104
 Silva, António Pereira da (Capitão) – 90, 91
 Silva, António Simões da – 31, 66
 Silva, Caetano da – 104, 112
 Silva, Caetano Brandão da – 106
 Silva, Cláudio Ribeiro do Carmo e – 120
 Silva, Cristiano José da – 93
 Silva, Cristóvão da – 83, 106
 Silva, Dionísio da – 72
 Silva, Estêvão da – 33, 66
 Silva, Feliciano da – 112
 Silva, Feliciano Narciso da (tb. Feliciano Narciso) – 60, 88, 89, 90, 91, 108, 112, 138, 148, 151
 Silva, Félix Pereira da – 110
 Silva, Filipa da – 138
 Silva, Francisco da – 93, 175
 Silva, Francisco António da – 115
 Silva, Francisco Lopes da – 113
 Silva, Francisco Nunes da – 110, 171
 Silva, Gabriel da – 68, 72
 Silva, Gregório Nunes da – 123
 Silva, Henrique José da – 137, 156
 Silva, Inácio da – 84, 110
 Silva, Inácio Pereira da – 90, 92, 109, 169
 Silva, Jerónimo da – 59, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 88, 90, 91, 102, 129, 147, 154
 Silva, D. Joana da – 25
 Silva, João da – 93, 95, 104,

Silva, D. João Carlos de Bragança Sousa
 e Ligne Tavares Mascarenhas da (2.º Duque
 de Lafões) – 44, 121
 Silva, João Gomes da (4.º Conde de Tarouca) – 62
 Silva, João Severino da – 123
 Silva, Joana Maria da – 115
 Silva, Joaquim da – 122
 Silva, Joaquim Carneiro da – 137, 144, 146
 Silva, José António da – 114
 Silva, José Esteves da – 83, 108
 Silva, José da – 75, 76, 78, 98, 100, 167
 Silva, José da Costa e – 83
 Silva, Luís da – 50, 73, 81, 83, 84, 86, 87, 88,
 106, 155
 Silva, Manuel da – 68, 73, 74, 75, 101, 113, 115, 171
 Silva, Manuel Gomes da – 78, 79, 80, 99, 166
 Silva, D. Manuel Teles da (1.º Marquês do
 Alegrete) – 40
 Silva, Marcos da – 78
 Silva, Maria Balbina da – 122
 Silva, Miguel da – 77, 78, 97, 166, 167
 Silva, Pascoal da – 45, 53, 75, 80, 81, 82, 84, 98
 Silva, Pedro da – 79, 100, 159, 169
 Silva, Vitorino – 109
 Silva, Vitorino José da – 92
 Silveira, Brás da – 84
 Silveira, Manuel da – 38, 71, 72, 82, 135
 Silveira, D. Maria Rosa da – 111
 Simão – 118, 142
 Simão, Diogo – 76
 Simões, André – 75
 Simões, António – 31, 32, 33, 66, 83, 84, 130
 Simões, Diogo – 78, 79, 99, 167
 Simões, Domingos António – 109
 Simões, Manuel – 50
 Sion, Tomásia Maria do Monte – 112, 171
 Siriolo, José Caetano – 126
 Soares, André Lucas – 112, 172
 Soares, António – 31, 33, 66
 Soares, Diogo – 161
 Soares, Jorge – 67
 Soares, José – 134
 Soares, José Gonçalves – 49, 89
 Soares, Manuel – 62, 74, 75, 77, 97, 98
 Soares, D. Mariana Isabel das Montanhas – 116
 Soares, Matias – 84, 106
 Soares, Veríssimo – 135
 Sonier, António – 93
 Sottomayor, D. Adeodata Teresa – 152
 Sousa, Ana Balbina de – 122
 Sousa, António de – 69, 70, 71, 72, 73, 75, 83,
 90, 98, 107, 168
 Sousa, António Manuel de – 94, 119, 174
 Sousa, Bartolomeu de – 72, 138
 Sousa, Bento de – 117, 173
 Sousa, Caetano Francisco de – 92, 116
 Sousa, Estêvão de – 79, 136, 137
 Sousa, Filipe de – 62
 Sousa, Francisco de – 76, 159
 Sousa, Francisco Gomes de – 33, 66
 Sousa, Francisco Xavier de – 104
 Sousa, Isabel Margarida de – 113
 Sousa, D. João José da Costa e (3.º Conde
 de Soure) – 159
 Sousa, Joaquim Gonçalo de – 94, 119, 175
 Sousa, José de – 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 87, 91,
 93, 97, 100, 108, 136, 151, 162, 166, 167, 173
 Sousa, Lourenço de – 77, 78, 79, 80, 81, 86, 87, 99,
 151, 166, 167
 Sousa, D. Luís de (Arcebispo de Braga) – 138
 Sousa, Luís de – 143
 Sousa, Manuel de – 50, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 87,
 101, 104, 132, 169
 Sousa, Manuel de Avelar de – 149
 Sousa, Manuel Caetano de – 121
 Sousa, Manuel José de – 93, 118, 175
 Sousa, Manuel Roiz de – 85
 Sousa, D. Mariana Joaquina Angélica de – 121
 Sousa, Mariana Josefa de – 122
 Sousa, Mateus de – 49, 50, 80, 81, 102, 159
 Sousa, Nicolau de – 92, 114, 174, 175
 Sousa, Pascoal de – 78, 82, 99, 100, 132, 134,
 162, 167
 Sousa, Simão de – 74
 Sousa, Tomás de Brito – 115
 Sousa, Tomé de – 49, 81, 83, 167

Sousa, Veríssimo António de – 94, 119, 174, 175
 Sousa, Vicente de – 78, 85, 88, 89, 100, 150, 151, 162
 Souto, Manuel do – 23, 69, 70, 71, 80, 97
 Spoleti, Pier Lorenzo (tb. Lourenço Espoleto) – 82, 103, 145, 157
 Stroberle, João Glama – 146
 Sucesso, Catarina Maria do Bom – 105
 Tavares, António de Sousa – 69
 Tavares, João – 80, 81, 100
 Távora, Luís Álvares de (1.º Marquês de Távora) – 41, 43
 Távora, D. Luís Manuel de (4.º Conde de Atalaia) – 159
 Távora, Miguel Carlos de (5.º Conde de S. Vicente) – 139
 Teixelo, António Carvalho – 33, 66
 Teixeira, Clemente de Matos – 106
 Teixeira, P.º Francisco de Miranda – 53, 83, 102
 Teixeira, Carlos Gomes – 121
 Teixeira, Francisco Gomes – 94, 115, 150, 175
 Teixeira, Jerónimo Gomes – 51, 92, 94, 95, 148, 150
 Teixeira, João – 79, 87, 108
 Teixeira, José – 49, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 100, 167
 Teles, António Gomes – 90
 Temine, Giulio Cesare – 49, 82, 83, 84, 106, 129, 145, 157
 Teresa, Anastácia Antónia – 109
 Teresa, Antónia – 107
 Teresa, Bernarda – 109
 Teresa, Bernarda Maria – 117
 Teresa, Dionísia – 113
 Teresa, Engrácia Maria – 108
 Teresa, Felícia – 116
 Teresa, Francisca – 160
 Teresa, Gertrudes – 117
 Teresa, Inácia – 111
 Teresa, Joana – 108
 Teresa, Lucrécia – 116
 Teresa, Maria – 108, 112, 122
 Teresa, Mariana – 113, 114
 Teresa, Mécia – 118, 175
 Teresa, Paula – 79
 Teresa, Teodora – 124
 Themudo, Diogo Marchão – 47
 Ticiano – 157
 Timóteo – 94
 Tinoco, António Ferreira – 117, 174
 Tinoco, João Nunes – 152
 Tinoco, Luís Nunes – 53, 75, 152
 Tinoco, Pedro Nunes – 152
 Tomás, António – 71, 72, 97
 Tomás, João – 125
 Tomás, José – 93, 95
 Tomás, Sebastião – 84
 Tomásia, Doroteia – 111, 172
 Torres, Francisco de – 74, 75, 98
 Travaços, Félix – 50, 81
 Travaços, Félix José – 83, 87, 89, 90, 92, 170, 173
 Travaços, Luís – 79, 81, 100
 Travaços, D. Tomásia Maria Baptista – 107
 Trevisani, Francesco – 141, 144
 Valadares, Manuel Coelho – 70, 73, 98
 Vale, Amaro do – 51, 52
 Vale, António José do – 123
 Vale, Manuel do – 79
 Valente, José António – 127
 Valente, Manuel da Fonseca – 117
 Valentim, João – 125
 Vanvassem, João – 40
 Varela, Lourenço Nunes – 58, 73, 75, 128
 Vasari, Giorgio – 18
 Vasco, Grão – 21
 Vasconcelos, Gregório Barros e – 160
 Vasconcelos, Manuel José de – 92, 115
 Vaz, Gonçalo – 131
 Vaz, Manuel – 50
 Veiga, Domingos dos Santos da – 103
 Veloso, Manuel – 151
 Vicente, João – 49

- Vicente, Manuel – 57, 77, 79, 81
 Vicente, Roberto – 117
 Vicente, Roque – 115
 Vidal, João – 130
 Vieira, P.^e António – 131
 Vieira, António – 107, 117
 Vieira, Domingos (o escuro) – 44, 135
 Vieira, Francisco – 83
 Vieira, Inácio – 83, 105
 Vieira, Mateus – 33, 67, 69, 71
 Vieira, Matias – 69
 Vieira, Pedro – 46, 47
 Vilar, Tomé de Sousa – 80, 81, 83, 84, 85, 88, 91, 102, 170
 Vilela, António – 174
 Vilhena, D. Elvira de (1.^a Condessa de Pontével) – 145
 Vinhati, António – 84
 Vital, Manuel Gonçalves – 90, 92, 108, 111, 114, 118, 119, 120, 175
 Vítor Amadeo II (Duque de Sabóia) – 38
 Vitória, Joaquina – 115
 Vitorina, Ana – 110
 Volkmar, João Pedro – 136
 Volpato, Giovanni – 144
 Watteville, Charles – 142
 Xavier, Custódia – 116
 Xavier, Francisca – 112, 140
 Xavier, Francisca Maria – 170
 Xavier, Francisco – 81, 82, 83, 84, 85, 104, 107, 146
 Xavier, Inácio – 146
 Xavier, Maria Claudina – 123
 Xavier, D. Rosária – 115

ARQUIVO HISTÓRICO DO PATRIARCADO
DE LISBOA

Róis de Confessados das Freguesias dos
Anjos, Mercês, Santa Catarina, Santa
Justa e São Vicente

DIRECÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS
E DAS BIBLIOTECAS / TORRE DO TOMBO

Registos Paroquiais de Lisboa: freguesias
da Ajuda, Alcântara, Ameixoeira, Anjos,
Benfica, Carnide, Castelo, Charneca,
Conceição Nova, Encarnação, Loreto,
Mercês, Pena, Sacramento, Salvador,
Santa Catarina, Santa Engrácia, Santa
Justa, Santiago, Santo André, Santo
Estêvão, Santos-o-Velho, Socorro,
São Cristóvão, São Jorge de Arroios,
São Martinho, São Miguel, São Sebastião
da Pedreira, São Tomé, São Vicente,
Sé – Livros diversos de Baptismo,
Casamento, Óbito e Mistos (séculos XVII
e XVIII).

Registo Geral de Testamentos

Mosteiro da Anunciada (Ex-Arquivo
Histórico das Finanças): Cartório dos
Conventos, Mosteiro de Nossa Senhora
da Anunciada, cx. n.º 76 e 77.

BIBLIOTECA DA ACADEMIA NACIONAL
DE BELAS-ARTES

Fundo da Irmandade de S. Lucas

Cód. XX/8/6a – Presidência da Irmandade
de São Lucas

Cód. XX/8/6b – Presidência da Irmandade
de São Lucas (Parte do Bairro Alto)

Cód. XX/8/6c – Presidência da Irmandade
de São Lucas (Parte de Alfama)

Cód. XX/8/6d – Presidência da Irmandade
de São Lucas (Parte da Mouraria)

Cód. XX/8/13 – *Rezumo do velho compromisso
e das memorias que existem da Irmandade
de São Lucas desde o anno de 1602 até 1790.*

Cód. XX/8/14 – *Livro original de todas as
memórias da Irmandade de S. Lucas, desde
1637 até 1790.*

*Livro dos assentos dos irmãos que prometerão
guardar os estatutos desta Irmandade de
S. Lucas; sita na Igreja da Anunciada desta
cidade de Lisboa. Transferidos os que se
acharão estar vivos do livro velho a este
novo. Era de 1712.*

BIBLIOTECA DA AJUDA

Cód. 51-IX-3

Cód. 49-X-21

BIBLIOTECA DE ARTE DA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Reservados, Arquivo Reis Santos, Caixa
n.º 173 – RS173/1 (32), «Manuscrito Cyrillo
Volkmar Machado»

BIBLIOTECA DO MUSEU NACIONAL
DE ARTE ANTIGA

Compromisso da Irmandade de S. Lucas
(1609), n.º inv. – 23 Ilum

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Cód. 1591 – *Livro de Assentos da Irmandade
de S. Lucas (1791-1794)*

Cód. 4711 – António Ribeiro dos SANTOS,
*Apontamentos sobre a origem da Pintura
neste Reino*

FONTES IMPRESSAS

- ARANHA, Frei Tomás de, *Sermão que pregou o P. Fr. Thomas Aranha Religiosos da Ordem dos Pregadores e Mestre em Sancta Theologia na Igreja D'Anunciada de Lisboa. Dia do Glorioso Evangelista S. Lucas no anno de 1644 estando o Divinissimo Sacramento Exposto. Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa na Officina de Domingos Lopes Rosa. Ano 1646. Impresso à custa de Joseph do Avellar irmão da Confraria do Sancto fundada na mesma Igreja.*
- BLUTEAU, P.° Raphael, *Vocabulario Portuguez & Latino*, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28.
- COSTA, P.° António Carvalho da, *Corographia portuguesa e descripçam topographica...*, vol. III, Lisboa, Of. Deslandesiana, 1712.
- COSTA, Félix da, *The Antiquity of the art of Painting by Félix da Costa* [1696], Introdução e Notas de KUBLER, George, New Haven and London, Yale University Press, 1967.
- FERRO, P.° Bartolomeo Ferro, *Istoria delle Missioni de' Chierici Regolari Teatini*, vol. II, Roma, Gio. Francesco Buagni, 1705.
- GUARIENTI, Pietro, *Abecedario Pittorico del Pellegrino Orlandi* [...], Veneza, 1753.
- LIMA, Durval Pires de (ed.), *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa na qual se dá a notícia da fundação...*, tomo II, Lisboa, na Imprensa Municipal de Lisboa, 1972.
- LUSITANO, Francisco Vieira, *Inventário das Pinturas que em 1758 possuía a Casa dos Marqueses de Penalva*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Arte e Museologia, 1945.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana, História, Crítica e Cronologica*, T. III, Lisboa, na Oficina de Ignacio Rodrigues, 1752.
- MACHADO, Cyrillo Volkmar, *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, e esculptores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverao em Portugal* [1823], (notas de Teixeira Carvalho e Vergílio Correia), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922.
- IDEM, *Tratado de Architectura & Pintura*, transcrição, prefácio e notas de BERGER, Francisco Gentil, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- MACHADO, Inácio Barbosa de, *História Critico-Cronologica de Instituiçam da Festa, Procissam, e Officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucharastia*, Lisboa, Oficina Patriarcal de São Francisco Luiz Ameno, 1759.
- NUNES, Filipe, *Arte da Pintura. Symmetria, e perspectiva* [1615], VENTURA, Leontina (ed.), Porto, Editorial Paisagem, 1982.
- PADILHA, Pedro Norberto d'Aucourt, *Memórias da Sereníssima Senhora D. Isabel Luiza Josefa que foy jurada Princeza destes Reynos de Portugal...*, por Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha, Lisboa, na Oficina de Francisco da Silva, 1748.
- PERIM, Damião de Froes, *Theatro Heroino, Abecedário Histórico e catalogo das mulheres ilustres em armas, acções heróicas e Artes Liberais*, tomo II, Lisboa, na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1740.
- RACZYNSKY, Le Comte A., *Les Arts en Portugal: Lettres adressées a la Société Artistique et Scientifique de Berlin*, Paris, Jules Renouard et Cie., Libraires – Éditeurs, 1846.
- IDEM, *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal-Les Arts en Portugal*, Paris, Jules Renouard et Cie, Libraires-Éditeurs, 1847.
- SARAIVA, Cardeal (Fr. Francisco de S. Luís), *Obras Completas*, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1839.
- SEMEDO, João Curvo, *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte*, Lisboa Ocidental, Ferreyrenciana, 1720.

SOUSA, Dom António Caetano de, *Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Lisboa Ocidental, na Oficina Sylviana da Academia Real, tomo v, 1738.

SOUSA, Fr. Luís de, *Terceira parte da História de S. Domingo [1623-1678]*, 3.^a ed., Lisboa, Typo do Panorama, 1866.

TABORDA, José da Cunha, *Regras da Arte da Pintura. Acresce memoria dos mais famosos Pintores Portuguezes, e dos melhores quadros seus*, [1815] Imprensa da Universidade, Coimbra, 1922.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BENEZIT, E., *Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs*, 11 vols., Lib. Gründ, 1966.

BLUTEAU, Raphael, *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico* (...), Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720.

CHICÓ, Mário Tavares, SANTOS, Armando Vieira, FRANÇA, José-Augusto (coord.), *Dicionário da Pintura Portuguesa*, Lisboa, Estúdios Cor, 1973.

PAMPLONA, Fernando (dir.), *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses que trabalharam em Portugal*, 4 vols., Lisboa, Oficina Gráfica, 1954-59.

PEREIRA, José Esteves (dir.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Ed. Presença, 1989.

RÉAU, Louis, *Iconografia del Arte cristiano*, (trad. espanhola), 6 vols., Barcelona, Ediciones del Serbal, 1997.

SERRÃO, Vítor, *História da Arte em Portugal – o Barroco*, Lisboa, Ed. Presença, 2003.

SILVA, Innocencio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.

SOARES, Ernesto, *História da Gravura Artística em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971.

IDEM e LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *Dicionário de Iconografia Portuguesa*, 5 vols., Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1948-1958.

TABORDA, José da Cunha, *Regras da Arte da Pintura de Prunetti* (apêndice), Lisboa, 1815.

VITERBO, Francisco de Sousa, *Artes e artistas em Portugal*, Lisboa, 1892.

IDEM, *Diccionario historico e documental dos Architectos. Engenheiros e Constructores portuguezes...*, 3 vols. I, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1899-1922.

IDEM, *Notícia de alguns pintores Portugueses que, sendo estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal*, 3 séries, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1903-1913.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

ARRUDA, Luísa, Cirillo Volkmar Machado. *Cultura Artística. A Academia. A Obra Gráfica*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, 1999.

IDEM, Francisco Vieira Lusitano (1699-1783): *Uma época de desenho*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, 1999.

IDEM e COELHO, Teresa Campos, *Convento de S. Paulo da Serra de Ossa*, Lisboa, Ed. Inapa, 2004.

AZEVEDO, Carlos de, «Um retrato Português em Inglaterra», sep. da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Tomo XXII, 2.^a série, n.º 1, 1956.

BOCCARDO, Piero, DI FABIO, Clario e AMERI, Gianluca, *Genova e l'Europa atlantica: opere, artisti, committenti, collezionisti: Inghilterra, Fiandre, Portogallo*, Ed. Silvana 2006.

BRAGA, Helena Sofia, *Contributos para o estudo da Pintura Mural na Architectura Palatina Lisboeta entre o Tardo-Barroco e o Neoclassicismo (1775.-c. 1820)*, Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro, Lisboa, FLUL, 2011.

- IDEM, «*Ut pictura poesis* – a alegoria à pintura de Cyrillo Volkmar Machado na sala da Academia do Palácio do Duque de Lafões (Lisboa)», in *Artis – Revista de História da Arte e Ciências do Património*, n.º 3, 2015, pp. 60-69.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, «O azulejo e a encomenda no século XVIII», *Revista de Artes Decorativas*, 5, UCE/CITAR, Porto, 2011, pp. 279-283.
- CARVALHO, Ayres de, «Documentário Artístico do Primeiro Quartel de setecentos, exarado nas notas dos Tabeliães de Lisboa», actas do Congresso «A Arte em Portugal no Século XVIII», in *Bracara Augusta*, vol. XXVII, tomo II, 1974.
- IDEM, *A Galeria de Pintura da Ajuda e as Galerias do século XIX*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1982.
- CARVALHO, Rosário Salema de, «Gabriel del Barco: La influencia de un pintor español en la azulejería portuguesa (1669-1701)», in *Archivo Español de Arte*, LXXXIV, n.º 335, 2011, pp. 227-244.
- IDEM, *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma*, tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.
- IDEM, «Revestimento assinado por Gabriel del Barco e datado de 1694 identificado em Ílhavo» e «Identificadas assinaturas de Gabriel del Barco e Manuel dos Santos» – *Az Infinitum*, 2013 (24 de Abril e 1 de Julho).
- IDEM, «How engravings were used by azulejo painters. The example of Gabriel del Barco» in *European network for Baroque Cultural Heritage*, 2015. (on line).
- COELHO, Teresa Campos, *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVII e XVIII*, tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014.
- CORREIA, Vergílio, «A Família Oliveira Bernardes», in *Revista Águia*, n.º 71-72, 1917, pp. 198-208.
- IDEM, «Azulejadores e Pintores de Azulejos de Lisboa – Olarias de Santa Catarina e Santos», in *A Águia*, 1918, n.º 77/78, II série, pp.167-178.
- COSTA, J.C. Rodrigues da, «João Baptista gravador português do século XVII (1628-1680)», in *Contribuição para a História da gravura em Portugal*, Coimbra, Subsídios para a História da Arte Portuguesa XIX, Imprensa da Universidade, 1925.
- COSTA, Luís Xavier da, *As Belas-Artes Plásticas em Portugal durante o século XVIII*, Lisboa, J. Rodrigues & Cª. Editores, 1935.
- COUTINHO, Maria João Pereira, «Lisboa pelas mãos de João e Luís Nunes Tinoco», in *Revista Rossio*, n.º 2, Câmara Municipal de Lisboa, 2013, pp. 176-185.
- IDEM e FERREIRA, Sílvia, *Artistas e Artífices da Lisboa Barroca*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014.
- CRUZ, António João, *Da Sombra para a Luz – Materiais e Técnicas da Pintura de Bento Coelho da Silveira*, n.º 3, Lisboa, Ministério da Cultura/IPPAR, col. Cadernos, 1999.
- DACOS, Nicole, SERRÃO, Vítor, «Des grotesques à la peinture de «brutesques»», in *Portugal et Flandre*, Europália 91, Bruxelles, MRBAB, 1991, pp. 41-55.
- FARIA, Miguel Figueira de, *O Ensino das Belas-Artes em Portugal nas vésperas da Fundação da Academia*, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, 2001.
- IDEM, *A Imagem Impressa: produção, consumo de gravura no final do Antigo Regime*, tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

- IDEM, «A Coleção de retratos de Diogo Barbosa Machado», in *Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, n.º 7-8, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009, pp. 361-384.
- IDEM, «O manuscrito Retratos de varias Aves tirados ao Natural de Luís Nunes Tinoco (1666)», *FIGURA – Studi sull’immagine nella tradizione classica*, Univ. Estadual de Campinas, 2014, pp. 1-9.
- FERREIRA, Emília, «Building on the London 1881 pretext: the birth of the Portuguese National Fine Arts Museum», in *The Museum is Open – Towards a transnational history of Museums 1750-1940*, Andrea Meyer e Bénédicte Saboy (eds.), Berlin/Boston, Walter de Gruyter, 2014, pp. 221-232.
- FERREIRA, Sílvia, *A talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as Obras*, 2 vols., tese de doutoramento em História – Ramo em Arte Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- IDEM, «Dourar e Pintar: a polivalência artística dos mestres douradores de Lisboa na época barroca», in *Conservar Património*, n.º 22, 2015 (no prelo).
- FRANÇA, José-Augusto, *O Retrato na Arte Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- IDEM, «Os Pintores de D. João V e a Invenção do Retrato de Corte», in *O Retrato – Revista do Instituto de História da Arte*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, n.º 5, 2008, pp. 133-151.
- FRANCO, Anísio (et alii), *Jerónimos – 4 Séculos de Pintura*, catálogo da exposição, 2 vols., Lisboa, IPPAR, 1992.
- IDEM, *Miniaturas Portuguesa – Coleção do Museu Nacional de Arte Antiga*, IPM, 2003.
- IDEM et alii (coord.), *Josefa de Óbidos e a invenção do Barroco Português*, Lisboa, MNAA/INCM, 2015.
- FLOR, Pedro, *A Arte do Retrato em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2010.
- IDEM, COUTINHO, Maria João Pereira, FERREIRA, Sílvia, FLOR, Susana Varela, «Grande Panorama de Lisboa em Azulejo: novos contributos para a fixação da data, encomenda e autoria», in *Estudos de Lisboa – Revista de História da Arte – Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*, Lisboa, n.º 11, 2014, pp. 86-107.
- FLOR, Susana Varela, *Do seu tempo fazia parêlha aos mais: Marcos da Cruz e a Pintura Portuguesa do Século XVII*, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002.
- IDEM, «Barroco e Neoclássico nos tectos da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação em Lisboa», *Artis – Revista de História da Arte*, n.º 4, Lisboa, FLUL, 2005, pp. 293-309.
- IDEM, «As relações artísticas entre pintores a óleo e de azulejos perspectivadas a partir da oficina de Marcos da Cruz», in *ARTIS – Revista do IHA*. Lisboa, *Artis/IHAFLUL*, n.º 9/10, 2010-2011, pp. 291-307.
- IDEM, ‘*Aurum Reginae or the Queen Gold*’ – *Retratos de D. Catarina de Bragança entre Portugal e a Inglaterra de Seiscentos*, Caxias, Fundação da Casa de Bragança, 2012.
- IDEM, «D. Francisco de Melo Manuel da Câmara (1626-1678): Biografia, Património, Estatuto Social e Fidelidades», in *Análise Social*, 215, L (2.º), 2015, pp. 356-381.
- IDEM, «Destes Claros escuros se compõe a Pintura de Portugal: O ciclo Eucarístico de Nossa Senhora da Purificação e o medo do ‘Perdão Geral’», in *Igreja matriz de Bucelas: o património artístico*, FERNANDES, Carla Varela (coord.), Lisboa, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016 (no prelo).

- IDEM, «Na rota do sal: a azulejaria holandesa em território português – encomenda e recepção», in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, FLOR, Susana Varela (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto de I&D [PTDC/EAT/EAT/117315/2010], Lisboa, 2016b (no prelo).
- IDEM, «Portraits by Feliciano de Almeida (1635-1695) in Cosimo III de Medici's Gallery», in *RIHA Journal*, 2016c (no prelo).
- IDEM, *Marcos da Cruz: o pintor Seiscentista que fazia parelha aos mais*, SILDANHA, Sandra Costa (coord.), Lisboa, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, Col. Mestres Portugueses da Arte Cristã, 2016d (no prelo).
- IDEM e FLOR, Pedro – «Gabriel del Barco y Minusca, pintor: elementos para uma visão prosopográfica», in *Lisboa em Azulejos Antes do Terramoto*, FLOR, Pedro (coord.), site do projecto de investigação PTDC/EAT-EAT/099160/2008, 2016 (no prelo).
- GOMES, Paulo Varela, *A Cultura Arquitectónica e Artística em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988.
- IDEM, «Obra crespa e relevante», in *14,5 Ensaios de História e Arquitectura*, Lisboa, Almedina, 2007.
- GONÇALVES, Susana Cavaleiro Ferreira, *A Arte do Retrato em Portugal no Tempo do Barroco (1683-1750) – conceitos, tipologias e protagonistas*. Doutoramento no ramo da História especialidade de arte, património e restauro, apresentado à FLUL, Lisboa, 2012.
- GONÇALVES-FONSECA, Anne Louise, *Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810) et la peinture d`histoire à Lisbonne: cycles religieux et cycles profanes*, 2 vols., Thèse de doctorat, Université de Montréal, 2008.
- GUEDES, Natália Correia e CORREIA, Joaquim Manuel da Silva, *O Paço Real de Salvaterra de Magos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.
- HATHERLY, Ana e SOBRAL, Luís de Moura, *Elogio da Pintura – Luís Nunes Tinoco*, Lisboa, IPPC, 1991.
- LANGHANS, Franz-Paul, *As Corporações dos ofícios mecânicos*, 2 vols. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa (estudo introdutório de Marcelo Caetano), 1943.
- LOURENÇO, Maria Paula Marçal, *Casa, Corte e Património das Rainhas de Portugal (1640-1754): Poderes, Instituições e Relações Sociais*, Lisboa, vol. III, Universidade de Lisboa, 1999.
- MATHIAS, Elze Vonk, *Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1980.
- MACHADO, José Alberto Gomes, *Um colecionador português do século das Luzes. D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, Publicação Ciência e Vida Ld.ª, Col. Novos temas de Arte Portuguesa, n.º 1, Évora, 1987.
- IDEM, André Gonçalves *Pintura do Barroco Português*, Lisboa, Editorial Estampa, Col. Teoria da Arte, 1995.
- MANGUCCI, Celso, «A Estratégia de Bartolomeu Antunes, mestre ladrilhador do Paço (1688-1753)», in *Revista Al-Madan*, II série, n.º 12, 2003, pp. 134-148.
- IDEM, *Quinta de Nossa Senhora da Piedade – História do seu Palácio, Jardins e Azulejos*, Vila Franca de Xira, Edições do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, 1998.
- IDEM, «A manufactura e a pintura de azulejo em Portugal: da produção das primeiras faianças à grande indústria oitocentista», *O Revestimento Cerâmico na Arquitectura em Portugal*, FERREIRA, Jorge Rodrigues (ed.), Lisboa, Estar Editora, 1998, pp. 19-64.

- IDEM, «Olarias de louça e azulejo da freguesia de Santos-o-Velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII», *Revista Al-Madan*, II série, n.º 5, Out 1996, pp. 155-168.
- MARKL, Dabogerto, «Triunfo da Obediência», in *Arte Efêmera em Portugal*, João Castel-Branco PEREIRA; Ana Paula Rebelo CORREIA (coord. científica), Lisboa, Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 16.
- MATOS, Maria Antónia Pinto de (coord.), *Um gosto Português – o uso do azulejo no século XVII*, Lisboa, Babel/Museu Nacional do Azulejo, 2012.
- MECO, José, «Azulejos de Gabriel del Barco na região de Lisboa, período inicial até cerca de 1691», in *Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III série, n.º 85, 1979.
- IDEM, «O pintor de azulejos Manuel dos Santos – definição e análise da obra», in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III série, n.º 86, 1980, pp. 75-158.
- IDEM, *Azulejaria Portuguesa*, Lisboa, Bertrand Editora, 1985.
- IDEM, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1986.
- IDEM, «Policarpo Oliveira Bernardes», «Nicolau de Freitas», «Teotónio dos Santos» e «Valentim de Almeida», in PEREIRA, José Esteves (dir.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Ed. Presença, 1989, pp. 83-84, 198, 442 e 27-28.
- MELLO, Magno Moraes, *A Pintura de Tectos em Perspectiva, no Portugal de D. João V*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.
- IDEM, *Perspectiva Pictorum. As architecturas illusórias nos tectos pintados em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Doutoramento em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, 2002.
- IDEM, *Tectos barrocos em Évora – Espaço lúdico e decoração*, Évora, CHA-UE, 2004.
- MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho, «Brás de Almeida (1649-c 1707). Sete desenhos inéditos e algumas notícias sobre a família do artista», in *Monumentos*, n.º 24, Lisboa, DGEMN, 2006, pp. 218-227.
- MIGUEL, Pedro Lopes Madureira Silva, *Descobrir a dimensão Palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a Corte, Vivências e Sociabilidades*, 2 vols., Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.
- NETO, Maria João Baptista, «Coleccionadores e Connaisseurs de obras de arte: Francis Cook (1817-1901) e John Charles Robinson (1824-1913) em Portugal», in *Artis – Revista de História da Arte*, n.º 6, Lisboa, IHA-FLUL, 2007, pp. 403-442.
- PAIS, Alexandre Nobre et alii, *O Presépio da Madre de Deus*, Lisboa, IMC, 2003.
- IDEM, «Fabricado no Reino Lusitano o que antes nos vendeu tão caro a China: a produção de faiança em Lisboa, entre os reinados de Filipe II e D. João V», tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- QUEIRÓS, José, *Cerâmica Portuguesa e outros estudos* [1907], GARCIA, José Manuel e PINTO, Orlando da Rocha (org.), Lisboa, Ed. Presença, 4.ª ed., 2002.
- PALMA-FEREIRA, João, *Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional, (série Estudos e ensaios), Lisboa, 1982.
- PIMENTEL, António Filipe, «Os Pintores de D. João V e a invenção do Retrato de Corte», in *O Retrato – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa*, n.º 5, Lisboa, 2008, pp. 133-151.

- PIMENTEL, António Filipe (coord.), *A Encomenda Prodigiosa – da Patriarcal à Capela Real de São João Baptista*, catálogo da exposição, Lisboa, MNAA/INCM, 2013.
- PRESTAGE, Edgar, *D. Francisco de Melo Manuel – esboço biográfico*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1914 (ed. Fenda, 1996).
- RAGGI, Giuseppina, «Dados técnico-documentais e análise crítica: reflexões em torno de um restauro», in *Monumentos*, n.º 16, 2002, pp. 128-129.
- IDEM, *Arquitecturas do engano: a longa conjuntura da ilusão – A influência emiliana na pintura de quadratura luso-brasileira do século*, 2 vols., tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004.
- IDEM e GARCIA CUETO, David, *Ilusionismos – A quadratura no mundo ibérico*, Lisboa, MNAA, 2013.
- REIS, Vítor dos, *O Rapto do Observador: Invenção, Representação e Percepção do Espaço Celestial na Pintura de Tectos em Portugal no século XVIII*, vol. 1., Lisboa, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2006.
- RIBEIRO, Vítor, «Algumas notas documentaes de Arte e Archeologia», in *Archivo Historico Portuguez*, vol. v, Lisboa, 1907, pp. 26-38.
- SALDANHA, António Vasconcelos; RADULET, Carmen M., «Portugal, Lisboa e a Corte nos reinados de D. Pedro e de D. João V – introdução», in *Memórias Históricas do Primeiro Conde de Povolide (1633-1728)*, Lisboa, Chaves Ferreira-Publicações S.A., 1990.
- SALDANHA, Nuno, «António de Sousa Macedo na teoria artística do Barroco seiscentista. Contributo para o estudo das ideias estéticas no Portugal do século XVII», in *Cultura História e Filosofia – publicação anual do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa*, Lisboa, FCSH/NOVA, 1990, pp. 113-155.
- IDEM (coord.), *Joanni V Magnifico – A Pintura em Portugal ao tempo de D. João V*, catálogo da exposição, Lisboa, IPPAR, 1994.
- IDEM, *Artistas, Imagens e Ideias na Pintura do Século XVIII*, Lisboa, Livros Horizonte, 1995.
- IDEM, *Tesouro das Imagens*, Colecção Museu – Escola de Artes Decorativas Portuguesas, Lisboa, Fundação Ricardo Espírito Santo, 1996.
- IDEM, «A muda Poesia – as Poéticas da Pintura no Portugal de Seiscentos», in *Bento Coelho da Silveira: 1620 -1708 e a Cultura do seu Tempo* [Luís de Moura SOBRAL, coord.]. Catálogo da exposição, Lisboa, IPPAR, 1998, pp. 85-105.
- IDEM, «O rei ergueu-se de Pedro Alexandrino – a pintura do altar-mor da Igreja da Memória», *Revista Invenire*, n.º 5, 2010, pp. 43-48.
- SANTOS, Clarinda, *O Académico Ambicioso: D. António Álvares da Cunha e o aparecimento das Academias*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2012.
- SANTOS, Reynaldo dos, *Retratos de Personagens Portugueses do século XVII – Exposição de Arte e Iconografia*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1942.
- IDEM, «A Pintura Portuguesa no século XVII», *Conferências de Arte*, Lisboa, 1943, pp. 37-56.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha e SERRÃO, Vítor, *Sesimbra Monumental e Artística*, Câmara Municipal de Sesimbra, 1997.
- SERRÃO, Vítor, «O arquitecto maneirista Pedro Nunes Tinoco – novos documentos e obras (1616-1636)», *Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, III Série, n.º LXXXIII, 1977, pp. 3-61.
- IDEM, *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*, Lisboa, INCM, Col. Arte e Artistas, 1983.

- IDEM, *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca*, Lisboa, Edições Caminho, Col. Universitária, 1989.
- IDEM, *A Pintura Protobarroca em Portugal 1612-1657: O Triunfo do Naturalismo e do Tenebrismo*, 2 vols., Coimbra, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992.
- IDEM (coord.), *Josefa de Óbidos e o Tempo Barroco*, catálogo da exposição, 2.ª ed., Lisboa, Printer Portuguesa, 1993.
- IDEM, *A Lenda de São Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Lisboa, Quetzal Editores e Santa Casa da Misericórdia, col. Património Artístico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1993.
- IDEM (coord.), *A Pintura Maneirista em Portugal – Arte no Tempo de Camões*, catálogo da exposição, Lisboa, CNCDP, 1995.
- IDEM, «A cultura artística portuguesa dos séculos XVI e XVII e a sua expressão nas Américas: alguns testemunhos plásticos», in *O Barroco e o Mundo Ibero-Atlântico*, Lisboa, Ed. Colibri, 1998, pp. 71-83.
- IDEM, «Francisco Nunes Varela e as oficinas de pintura em Évora no século XVII», in *A Cidade de Évora*, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, II série, n.º 3, Évora, 1998-1999, pp.85-171.
- IDEM, «O desvario do ornamento de brutesco na pintura de tectos do mundo português – 1580-1720», in *Struggle for Synthesis – a obra de arte total nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, IPPAR, 1999, pp. 283-302.
- IDEM, *A Cripto-História de Arte – análise de obras de arte inexistentes*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.
- IDEM, «Retrato de D. Luís de Sousa», in *Antiga Coleção Palmela – Uma Família de Coleccionadores – Poder e Cultura*, Maria Antónia Pinto de MATOS; Maria de Sousa e Holstein CAMPILHO (coord.), IPM, Lisboa, 2001b, p. 128.
- IDEM, *O Fresco Maneirista do Paço de Vila Viçosa (1540-1640 – Parnaso dos Duques de Bragança)*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança, 2008.
- IDEM, «O compromisso da Irmandade de NS de Porto Salva de Caspolima (1675)», in Boletim da Direcção-Geral de Arquivos, n.º 12, Março 2010, pp. 10-11.
- IDEM, «O que a necessidade aplaudia: A Pintura Portuguesa no tempo de Josefa de Óbidos, 1630-1684», in *Josefa de Óbidos e a Invenção do Barroco Português*. Lisboa, MNAA/INCM, 2015, pp. 13-24.
- IDEM e MOURA, Vasco Graça, *Fernão Gomes e o Retrato de Camões*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- SILVA, Nuno Vassalo e, *As colecções de D. João IV no Paço da Ribeira*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003.
- SILVA, Raquel Henriques da, e LEANDRO, Sandra (coord.), *Mulheres Pintoras em Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos, 2013.
- SIMÕES, João Miguel Ferreira Antunes, *Arte e Sociedade na Lisboa de D. Pedro II: ambientes de trabalho e mecânica do mecenato*, 2 vols., tese de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Carreaux Céramiques Hollandais au Portugal et en Espagne*, Haia, Martinus Nijhoff, 1959.
- IDEM, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979 (edição revista e actualizada sob coordenação de Maria Alexandra Gago da CÂMARA em 2010).
- SOBRAL, Luís de Moura, «Os Retratos de D. João V e a Tradição do Retrato de Corte», in *Claro-Escuro – Revista de Estudos Barrocos*, n.º 2-3, Lisboa, Ed. Quimera, 1989, pp. 19-35.
- IDEM, *Pintura e Poesia na Época Barroca*, Lisboa, Editorial Estampa, Col. Teoria da Arte, 1994.

- IDEM, *Do Sentido das Imagens*, Lisboa, Editorial Estampa, Col. Teoria da Arte, 1996.
- IDEM (coord.), *Bento Coelho da Silveira: 1620-1708 e a Cultura do seu Tempo*, catálogo da exposição, Lisboa, IPPAR, 1998.
- IDEM, «Os Desposórios da Virgem, Pintura de Bento Coelho da Silveira na Quinta da Suberra», in *Cira – Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*, n.º 8, Ed. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, 1999, pp. 35-43.
- IDEM, «La redécouverte de Marcos da Cruz (vers 1610-1683)», in *Revue de L'Art*, n.º 133, Paris, 3/2001.
- IDEM (coord.), *Pintura Portuguesa do século XVII – histórias, lendas, narrativas*, catálogo da exposição, Lisboa, IPM/MNAA, 2004.
- IDEM, «D. Maria Guadalupe de Lencastre (1630-1715), a cultura literária e artística de uma Duquesa luso-espanhola da época da Restauração (achegas)», *Siglo de Oro – Relações hispano-portuguesas do século XVII – suplemento de Colóquio Letras*, Lisboa, Set. 2011, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 139-145.
- SOROMENHO, «Perfil de um dos lados da Igreja e Capela Real de S.M...», in *Arte Efémera em Portugal*, João Castel-Branco PEREIRA; Ana Paula Rebelo CORREIA (coord. científica), Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, 2000, p. 262.
- IDEM, «D. Luís de Sousa – o gosto de um mecenas», in *Antiga Coleção Palmela – Uma Família de Coleccionadores – Poder e Cultura*, Maria Antónia Pinto de MATOS; Maria de Sousa e Holstein CAMPILHO (coord.), IPM, Lisboa, 2001, p. 30.
- IDEM, «Novos dados sobre as encomendas artísticas do 2.º Marquês de Fronteira D. João de Mascarenhas. Decorações, colecções e arquitectura nos palácios de Lisboa na segunda metade do século XVII», in *Revista de Artes Decorativas*, 5, UCE/CITAR, Porto, 2011, pp. 39-56.
- SOUSA, Abade de Castro e, *Notícia de alguns livros illuminados, que se guardam no Archivo Real, ou cartorio de todo o reino, dos illuminadores portuguezes ate ao seculo 18 e do estabelecimento em Portugal da Torre do Tombo*, Lisboa, 1860.
- O Tecto da Igreja de São Roque – História Conservação e Restauro, Lisboa, Museu de São Roque, Col. Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2002.
- TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez, *A Irmandade de São Lucas, Corporação de Artistas. Estudo do seu Arquivo*, Lisboa, Imprensa Beleza, 1931.
- TRONI, Joana Leandro Pinheiro de Almeida, *A Casa Real Portuguesa no Tempo de D. Pedro II (1668-1706)*, tese para obtenção do grau de Doutor em História moderna, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.
- VALE, Teresa Leonor M., *Escultura Italiana em Portugal no século XVII*, Lisboa, Caleidoscópio, 2004.

SUSANA VARELA FLOR é doutorada em História, especialidade Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2010, com a tese intitulada «Aurum Reginae or Queen-Gold: a Iconografia de D. Catarina de Bragança entre Portugal e Inglaterra de Seiscentos» (Fundação da Casa de Bragança 2012). Entre 2006 e 2012, foi coordenadora da Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo sido responsável pela inventariação do seu espólio e pela sua transferência para o Museu Nacional do Azulejo. Colaborou com o Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa e com a Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva ministrando unidades curriculares na área da História da Arte e do Património. Tem participado em encontros de carácter científico nacionais e estrangeiros e é autora de várias publicações na área de especialidade. Foi investigadora responsável do projecto «Biblioteca DigiTile: Tiles and Ceramic on line» (PTDC/EAT-EAT/117315/2010) financiado por fundos nacionais através da FCT/MCTES (PIDDAC), em parceria com a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. É actualmente investigadora integrada no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve o projecto de pós-doutoramento intitulado «O Retrato Barroco em Portugal (1612-1706): história, arte e laboratório» (SFRH/BPD/101741/2014), em parceria com o Laboratório HERCULES da Universidade de Évora.

PEDRO FLOR é doutorado em História da Arte Moderna pela Universidade Aberta em 2006 com a tese intitulada «A Arte do Retrato em Portugal – entre o fim da Idade Média e o Renascimento» (Assírio & Alvim, 2010; Prémio de Cultura da Sociedade de Geografia de Lisboa 2012). Desde 1998, lecciona várias unidades curriculares na área da História da Arte e da Museologia nos Cursos de 1.º, 2.º e 3.º Ciclos de História, especialidade Estudos do Património (área de História da Arte) na Universidade Aberta. Colabora também em actividade docente com o Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É subdirector e investigador integrado do Instituto de História da Arte desta Faculdade, onde coordena o grupo de investigação «Early Modern Art Studies». Foi investigador responsável dos projectos intitulados «Lisbon in Tiles before the 1755 Earthquake» (PTDC/EAT-EAT/099180/2008) e «ROBBIANA – The Della Robbia sculptures in Portugal: History, Art and Laboratory» (PTDC/HIS-HEC/116742/2010), aprovados para financiamento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tem desenvolvido diversos trabalhos de investigação no âmbito da arte da Época Moderna e dos Estudos Olisiponenses, participando em encontros de carácter científico nacionais e internacionais e publicando variados artigos sobre o período considerado. É Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História. É actualmente o presidente da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte.

